

SUMÁRIO

RESUMO .	3
SUMMARY	4
INTRODUÇÃO	5

CAPÍTULO 1

1 A dessacralização do jogo: a secularização e a perpetuação simbólica no esporte moderno	21
1.1 A gênese do esporte moderno: o jogo transformado em esporte	23
1.2 Inglaterra do século XX: dos jogos populares para o esporte moderno	30
1.3 O campo da sociologia: prólogo das teorias do esporte e a explicação marxista do esporte moderno como construção burguesa	41
1.4 Marco introdutório da modernidade: a instrumentalidade no esporte	48
1.4.1 Esporte moderno: marco para distinguirmos a racionalidade no esporte	50
1.4.2 Igualdade no esporte moderno: a participação universal – motivo das singularidades	53
1.4.3 A especialização de papéis , burocracia e a racionalização: a fragmentação dos espaços do esporte moderno	58
1.4.4 A quantificação e o mundo dos records: marco entre a provocação do tempo e a ousadia científica - e o homem?	69

CAPÍTULO 2

2 O tradicional e o moderno: a gênese e espaço da convivência da razão e da emoção no futebol brasileiro	74
2.1 O futebol no Brasil e sua inserção sociopolítica	77
2.1.1 Futebol e literatura: discursos e interpretações acerca do futebol brasileiro	92
2.2 O futebol e a reafirmação das classes populares	104
2.2.1 O Futebol no Rio Grande do Sul no início do século XX	105
2.2.2 O “popular” no futebol do interior de São Paulo	114

CAPÍTULO 3

3 A identificação das características <i>moderna e tradicional</i>:	127
3.1 O modelo tradicional: falas e discursos dos agentes de sua continuidade	129
3.2 O moderno e seus discursos de poder	156
3.3 O popular entra no jogo: resistência de tradições e o mundo <i>mágico</i> do futebol ..	172
3.3.1 A superstição e a fé não jogam mas entram em campo	186
CONCLUSÃO: reflexão para continuarmos jogando	216
REFERÊNCIAS	226
BIBLIOGRAFIAS	232

QUADROS:

Quadro 1: Categorias do esporte, p. 53

Quadro 2: Características e conceitos dos elementos tradicionais e modernos, p. 128

ANEXOS

Anexos da tese e anexos de ilustrações no corpo do texto:

ANEXO A e B – Corpo do roteiro das entrevistas

ANEXO C (Bar do Elídio) *O Estado de São Paulo* de 4.8.2002. Local onde há continuidade do “jogo de futebol”.

ANEXO D *Jornal Zero Hora*, de Porto Alegre de 16.6.1954 e *O Estado de São Paulo* de 9.6.1954, que denota a devoção popular religiosa no Brasil.

ANEXO E Pia de *água-benta* instalada no vestiário do *E. C. XV de Novembro de Piracicaba* e Capela da *A. A. Ponte Preta*.

ANEXO F Bandeira com imagem da *Padroeira do Brasil*, estendida no campo Palestra Itália, pelos torcedores do Palmeiras. *Jornal Diário de São Paulo* de 27.9.2002.

RESUMO

O estudo analisa as manifestações da cultura popular brasileira no interior do futebol profissional praticado no Brasil. Analisa os discursos das informações colhidas com os atores (jogadores, dirigentes, técnicos e jornalistas) de equipes de futebol que disputam os campeonatos regionais e nacionais. Introduce a discussão em torno das características propostas por A. Guttmann, consubstanciado na teoria de Max Weber. Para contrapor a racionalidade dos conhecimentos científicos, que lentamente estão sendo introduzidos no futebol brasileiro, o estudo busca em Georges Balandier suportes teóricos que demarquem olhares antropológicos, quando os rituais de fé, crença e superstições existentes no cotidiano popular brasileiro afloram nos atores do futebol, sendo a racionalidade insuficiente para explicar as manifestações que ocorrem nesse espaço. Busca introduzir uma discussão em torno da formação de clubes de futebol identificando dois contextos geográficos: a Região Sul, do início do século XX até meados de 1930, e a região do interior de São Paulo, detendo-se na fundação dos clubes, logo no início do século XX. Nos dois momentos, o estudo procurou abordar e identificar contextos populares na formação dos clubes de futebol, introduzindo uma discussão de resistência cultural no Sul e de manutenção de uma família de sentimentos mútuos na formação dos clubes do interior de São Paulo. Como tradicional, no futebol, o estudo aponta a identificação de crenças, fé, superstições e discursos de ex-jogadores de futebol que sinalizam uma possível volta ao futebol sem os superlativos da modernidade.

Unitermos: 1. moderno e tradicional; 2. fé, crenças e superstição; 3. futebol.

SUMMARY

The study analyses the manifestations of Brazilian Popular Culture inside professional Soccer, played in Brazil. The researches are connected to the analysis of information obtained with the key players in soccer game (actual players, directors, technicians and journalists) and teams that dispute regional and national contests. Introduces the discussion around the characteristics proposed by A. Guttman based on Max Weber's theory. To counterpose the rationality of scientific knowledge that is little by little being introduced in the Brazilian Soccer. The study searches in George Balandier, theoretical supports that delimit anthropological looks, when the rituals of faith, creed and superstition present in the daily life of Brazilian population emerge in the players of soccer game, being the rationality insufficient to explain manifestations that happen in this space. It tries to introduce a discussion around the formation of soccer clubs identifying two geographical contexts: the Southern Region, in the beginning of the 20th century until mid 1930's and the inner State of São Paulo, in the formation of clubs, in the beginning of the 20th century. In both moments, the study tried to approach and identify popular contexts in the formation of soccer clubs, introducing a discussion of cultural resistance in the south and the maintenance of a family of mutual feelings in the formation of clubs in the inner state of São Paulo. As it is already a tradition, in soccer, the study points out the identification of creeds, faith, superstitions and speeches of ex soccer players that signalize a possible return to soccer without the superlative of modernity.

Uniterms: 1, modern and traditional; 2, faith, creeds and superstition; 3, soccer.

O TRADICIONAL E O MODERNO:

faces da cultura popular no futebol brasileiro

Introdução

Falar dos meandros para a elaboração de uma pesquisa é tarefa desafiadora. Algo incomoda e nos leva a um impasse na escolha dos caminhos a seguir: se devemos optar pelos detalhes, correndo o risco de pecar pelo excesso, num só tema ou assunto, ou abordar vários aspectos, de forma sucinta e universal, mas sem nos aprofundar no tema. Uma outra opção seria caminhar pela trilha dos conceitos, das definições. Pela tese ser de fácil leitura, pode parecer que o autor não se aprofundou no tema, que não lhe deu o devido valor. Entre essas e outras opções, optamos por deixar que o texto se justifique e que o leitor faça sua interpretação.

Considerando as necessidades de elaboração de uma tese, procuramos, de um lado, delimitar cada tema apresentado, preocupação presente em todas as etapas do trabalho; de outro lado, por se tratar de um tema amplo, mesmo limitando-o, sempre nos parecia estar faltando algo, o que poderia colocar em xeque todo o nosso texto/estudo. Essa preocupação aumenta quando o tema é o futebol e a inserção nele da cultura popular, pois, em toda parte, encontramos “doutores” em condições de opinar. Citamos dois exemplos. O cineasta Ugo Giorgetti disse-nos em entrevista que, ao dirigir o filme “Boleiros”, tinha receio de ser abordado na rua e ouvir que quem produziu o filme conhecia muito pouco sobre futebol. Outro exemplo é o do colunista Armando Nogueira, que num artigo da Folha, desfia toda uma crítica aos que escrevem, falam e constroem obras literárias e artísticas sobre o futebol:

... os Sociólogos – finalmente eles – gostam de tentar. Não fosse esse um dever de ofício. Mas tudo que conseguem é cair no vazio, comparar um jogo a uma religião (as pessoas se integrando em torno de uma mesma crença, no caso de um time ou a seleção), ou dizer que quem não gosta de bola bom sujeito não é. Mas há os poetas. Estes, ao menos, são mais singelos. Se não explicam nada, são contudo mais sensíveis à arte dos craques (Folha de São Paulo, 26-5-1990. Suplemento Especial).

A quem, por fim, seria dado o privilégio de criticar, ou de quem se recebe aval para contestar as pessoas que tratam do futebol, abordando as diversas faces desse esporte? Talvez os homens do Rádio e da TV queiram esse privilégio, que ainda não lhes foi dado.

Um outro fator de preocupação durante os estudos foi o de nos deparar com uma bibliografia que suscitasse outras interpretações, colocando por terra todo o trabalho construído. Alguns exemplos merecem destaque. Das quatro mesas de discussão sobre futebol, num seminário promovido por uma universidade privada no Sul do País (2002), duas não chegaram ao final, pois tomaram rumos diferentes dos objetivos traçados. Na plenária, eram visíveis duas forças paralelas encobrando as regras do debate acadêmico: de um lado, estavam torcedores de um clube de futebol e de outro, seus aqui-rivais...

A universalidade do futebol realmente preocupa. Atualmente, o futebol está plantado nas terminações nervosas do homem ocidental. O imaginário dos povos ocidentais, antes ocupado por nomes como Napoleão Bonaparte, Júlio César e Alexandre, o Grande, agora abriga Pelé, Zidane ou Beckham – a tal ponto que, em 4 de junho de 2002, a contusão na coxa de Zidane, jogador da seleção francesa e ídolo mundial, foi manchete nos principais jornais do mundo ocidental, em detrimento de fatos mais graves, no mesmo dia em que Paquistão e Índia se ameaçavam de guerra com o uso de armas nucleares.

Para apresentar o campo de estudo, nesta introdução, faremos três questionamentos, que vão balizar o contexto da pesquisa. Esperamos, ao final da tese, ter respostas para a seguinte problemática: ***a “introdução” de novos recursos técnicos e científicos no futebol brasileiro conflita com as faces tradicionais existentes nessa prática? Há faces da cultura brasileira reveladas pelos atores nesse contexto? E, como pergunta final: quais são as tradições e faces culturais populares que persistem e mais sobressaem em meio à modernização do futebol?***

Num quadro mais amplo, analisaremos as características do *esporte moderno* e em seguida, agruparemos essas características para interpretar e analisar o que tipificam e enunciam os discursos de apologia dos modelos tradicional e moderno. Ao ordenar as características, procuraremos elaborar distinções e antagonismos, conforme as fontes bibliográficas utilizadas. Para tanto, nosso trabalho implica um conjunto de cenários,

resultando em análises mais detalhadas das características de cada modelo. São exemplos: a organização administrativa dos clubes de futebol e a singularidade marcante no futebol brasileiro - a religiosidade, ainda que dissimulada, mas que configura como uma das faces da cultura popular nesse contexto. Quanto ao *moderno*, trataremos de analisar os novos conhecimentos/recursos científicos que chegaram/chegam ao futebol.

Com referência ao *objetivo específico*, analisaremos as características *tradicionais* e *modernas* que mais sobressaem da fala dos informantes, permitindo compreender por que elementos da *cultura tradicional* subsistem no futebol brasileiro. A partir das falas dos informantes, será possível identificar situações que promovem conflitos, ou que se harmonizam. Para isso, será particularmente proveitosa a *Análise do discurso*, conforme Greimas & Landowski (1986) e Bardin (1992).

Quanto à bibliografia, cabe observar que dela constam autores da sociologia brasileira que tematizam o futebol e a sua inserção na cultura brasileira; entre esses, particularmente úteis foram as obras de Roberto DaMatta e, um pouco mais distante, a máxima criação de Mário Filho, *O Negro no futebol brasileiro*, nas versões de 1947 e 1964. O trabalho de Mário Filho é fonte de muitas versões e interpretações acerca do futebol, na literatura brasileira. Em outros autores, identificamos certas similaridades de assuntos – o que foi um estímulo para a continuidade e o aprofundamento deste estudo, cuja perspectiva entendemos ser inédita no meio acadêmico. Por esses motivos, não seria possível inflacionar a redação com muitos autores, privilegiando, afinal, Max Weber (*La Ciencia como vocación*, 1975), Georges Balandier (*O Contorno: poder e modernidade*, 1997) e Allen Guttman (*From ritual to Record*, 1994, e *Games & Empires*, 1978), que foram referências do suporte teórico.

O texto procura consubstanciar as teorias do antropólogo norte-americano Allen Guttman sobre o esporte moderno com o pensamento de Max Weber sobre a relação unilateral da ciência, escondendo e eliminando a subjetividade dos homens. Em seus livros, Guttman descreve a influência britânica nos esportes exportados para a América, África e Ásia, principalmente o futebol e o *cricket*. Guttman questiona se o esporte moderno é o mais legítimo representante cultural deixado pelo imperialismo britânico. O autor procura explorar o *esporte moderno*, a força do esporte britânico e, ao mesmo tempo, a resistência de algumas

sociedades que promoveram adaptações e variações regionais, permitindo, inclusive, a formação de associações, ligas e federações com faces burocráticas distintas. Georges Balandier, antropólogo francês, africanista e etnólogo, nos faculta promover o contraste da certeza da modernidade. O autor argumenta que, numa época que poderia ser a do desaparecimento das crises, das ilusões e das incertezas, ocorre o enfraquecimento das instituições, revelando a necessidade de novos sinais e promovendo rupturas no seio da modernidade.

Na escolha desses autores, não consideramos linhas ou cores epistemológicas. Embora Max Weber e G. Balandier abordem temas distintos, procuramos articulá-los, durante todo o processo de interpretação, opondo os modelos racionais de caráter instrumental e a possibilidade do surgimento das forças tradicionais confrontando com os novos instrumentos da modernidade. Na discussão dos contextos apresentados, elaboramos configurações para as quais buscamos em M. Foucault referências que nos possibilitam indicar as disputas dos “novos campos de força”, dos mecanismos que envolvem e ocupam os espaços dos cenários na garantia de domínio do corpo/ator. No texto, denominamos de atores os jogadores, técnicos, massagistas e profissionais, pois esses compõem um espaço que se transforma num cenário com múltiplos efeitos influenciadores.

O conteúdo e as discussões da pesquisa originaram-se de fontes distintas, a saber: a) reportagens da imprensa jornalística publicadas nas colunas diárias ou periódicas de futebol de distintas regiões brasileiras; b) bibliografias que nos trouxeram suporte teórico acerca da discussão dos conceitos utilizados: tradicional e moderno; c) entrevistas orais abertas; d) fontes bibliográficas acerca do tema futebol.

Quanto à redação e à apresentação estética da *Tese*, temos a seguinte estrutura, para melhor agrupar temas e assuntos articulados:

No Capítulo 1, buscamos uma abordagem que permitisse identificar o *jogo* se transformando em *esporte*, ao longo do século XVIII. Em finais desse período, devido à formação urbana que aceleradamente construía novos cenários nas metrópoles europeias, criando vínculos e apontando novas relações sociais, o jogo foi ganhando contornos seculares,

despindo-se de sua indumentária religiosa e de sua identificação sagrada, vindo a conter as características do mundo moderno pós-Revolução. No entanto, muitas das faces culturais/religiosas antes identificadas no *jogo popular* permaneceram, não em seu contexto secular, que identifica o jogo como esporte, mas em seus praticantes, persistindo até os dias atuais. Esse é um dos aspectos principais de nossos estudos.

Para esta análise, sentimos a necessidade de abordar o jogo transformando-se em esporte e estabelecendo-se como cultura na sociedade em que ocorre. Tanto quanto é lícito identificar certas características, foi possível visualizá-las como práticas de rituais que alimentam tradições significativas para praticantes e sociedade na qual se constituem. Assim, o *sumô* no Japão, o *müay thây* na Tailândia e a *tourada* na Espanha são exemplos da presença de rituais e de substâncias sagradas que permaneceram em práticas esportivas, mesmo tendo recebido e incorporado elementos do mundo moderno e apesar da forte secularização. Esse caráter ritualístico se encontra ora no executante, ora no próprio grupo coletivo que o pratica.

Nesse mesmo primeiro capítulo, abordamos *a gênese do esporte moderno*, estruturando a discussão em torno da adaptação do jogo religioso, influenciado pelas idéias da *sociedade industrial* nos centros de grandes desenvolvimentos, com destaque para a sociedade britânica. Servimo-nos de exemplos que demonstram a entrada de conhecimentos e características modernas em jogos tipicamente culturais. Tais exemplos mostram que, em sua dessacralização, muito se perdeu, embora seus praticantes continuem a buscar o campo religioso, em vivas identificações, para suprir suas forças nos momentos da competição.

Servimo-nos de autores como Hobsbawm (1989), Bordieu (1990 e 1993) e de brasileiros como Bracht (1997) e Proni (1999), tentando conceituar o *esporte moderno*. Destacando sua historicidade na Europa e atribuindo-lhe uma força imperativa de difusão, o esporte moderno se originou nas escolas britânicas para a burguesia da época, tendo reflexos em outras classes sociais, conforme assinala o sociólogo francês J. Defrance (1995).

Com base em Defrance, procuramos periodizar e explicar a difusão do *esporte moderno* na Europa. Esse autor entende que a prática esportiva nas sociedades colonizadas e administradas pelas metrópoles se deu devido a questões de dominação colonial, o que não

fica distante da teoria de Guttman, que, ao explicar a difusão do *esporte moderno*, atribui também ao imperialismo político a contribuição para que esse fenômeno ocorresse, independentemente de as sociedades manterem ou não relação de domínio político e econômico entre si. Contudo, Guttman (1994) e Defrance (1995) não explicam por que os esportes foram apropriados e reapropriados pela sociedade colonizada. Embora Guttman observasse ter havido resistência em determinadas sociedades e regiões, não se aprofunda nas discussões. Como quer que seja, fica a pergunta: se alguns esportes tiveram sua difusão facilitada pelo fenômeno colonialista, por que o futebol não seguiu esse roteiro?

Ainda sobre o *esporte moderno*, procuramos enriquecer a discussão elaborando críticas às teorias de certos autores marxistas, que entendem o esporte como construção eminentemente burguesa, e o que ocorre em seu interior não mais que planos para a continuação do domínio e da exploração de classe. Para sustentação de nossas idéias, buscamos referências nos sociólogos G. Vinnai (1978) e J. M. Bröhm (1976).

Vinnai reconhece o esporte moderno como adaptação do jogo, servindo-se de características culturais/religiosas, quando existentes nas sociedades tradicionais. Em sua crítica, Vinnai toma duas direções: a *primeira* trata da exploração do corpo no esporte. Na mesma perspectiva, haveria uma segunda exploração, quando a imagem do ídolo se transforma em fonte/instrumento de *dominação* das grandes *massas*. Pela *segunda*, embora reconhecesse que o esporte tenha servido de instrumento ritualístico nas sociedades tradicionais, o autor entende que as “práticas mágicas” das quais os jogadores se servem para vencer, são ilusões plantadas no interior do esporte pela burguesia, como instrumento de dominação na relação *patrão x empregado*; que as verdadeiras causas negativas das derrotas não estão no campo espiritual/metafísico, mas no material.

Para Vinnai, buscar sustentação nas “divagações” é manter a dominação e exploração no interior do futebol. Nesse sentido, podemos indagar: será que no contexto do futebol, a classe dirigente mantém a tradição de práticas religiosas como estratégia para que os atores do futebol não entendam a verdadeira causa dos fracassos que, em certas ocasiões, é de natureza eminentemente material?

Elaborando distinções para compreender os meandros do *esporte moderno*, amparamo-nos em Allen Guttmann, que entende a difusão do esporte como produto do imperialismo do século XX. Esse autor abre a discussão em torno de características do esporte que apontariam a construção de um *tipo ideal* de atleta e de equipe, construção que, por meio dos conhecimentos técnicos e científicos, procura erradicar todo e qualquer aspecto que não possa ser explicado. Guttmann explica o *esporte moderno* inter-relacionando essas características com as práticas corporais em diferentes épocas.

Introduzindo a teoria weberiana, Guttmann explica o esporte atual por suas singularidades, reconhecendo uma relação de domínio das causas que podem ser manipuladas e controladas pela racionalidade que busca construir um *tipo ideal* para chegar a objetivos e propósitos devidamente calculados e idealizados. Idealmente, com esse controle, o sujeito ou a instituição (clube esportivo, no caso), à mercê das considerações e da instrumentalidade dos conhecimentos racionais, atinge o *tipo ideal* proposto dentro de cada característica apresentada.

Entendemos que essa discussão é necessária, uma vez que, em nosso estudo, encontramos oposição entre *moderno e tradicional*, quanto à adoção de medidas, normas e formas de trabalho. No Subcapítulo 1.4, descrevemos a singularidade do *esporte moderno* e, metodologicamente, introduzimos um quadro que possibilita a identificação do *moderno e da secularidade* nas diversas sociedades.

Seguindo Georges Balandier (1999, 1977 e 1977a), ao tematizarmos as conceituações de Guttmann para o esporte moderno, procuramos introduzir possibilidades de rupturas onde a racionalidade não dá conta de explicar e alcançar os objetivos propostos. Destacamos que, embora a *razão* tenha como princípio a crença no desenvolvimento e no progresso, há situações em que as indagações e os fenômenos que ocorrem não podem ser explicados pela racionalidade. Daí a *fragilidade* do homem em abrir “brechas”, nas quais ele busca *forças* para vencer os obstáculos que estão adiante.

No **Capítulo 2**, nosso objetivo é tratar do futebol como instituição cultural da sociedade brasileira. Esse futebol, que no princípio foi de domínio da elite brasileira, em

pouco tempo tomou conotações, características, formas e cenários diferentes em sua execução prática e corporal, construindo novas relações entre classes e grupos distintos.

Para esses objetivos, constituímos os subcapítulos tendo em mente as discussões que primeiramente procuram evidenciar o futebol como cultura e sua influência na sociedade brasileira. Lembramos autores como Dieguez (1985), Ramos (1986) e Nunes (1985) que, no período do regime ditatorial pós-1964, iniciaram uma discussão crítica refletindo o futebol como instrumento de dominação das massas.

Para consubstanciar a discussão acerca do aspecto cultural dos atores do futebol, na redação dos subcapítulos iniciais, procuramos discutir assuntos pertinentes à literatura que traduzem e apresentam o futebol brasileiro em suas singularidades. Amparamo-nos em autores que discutem a simbiose cultural brasileira e narram o *mito* do jogador brasileiro que, em sua resistência em campo ou na absorção da cultura da capoeira “criasse/apresentasse um estilo próprio de jogar futebol”. Embora não identificássemos qualquer relação entre os movimentos corporais, diríamos que futebol, capoeira e carnaval têm muito em comum: a religiosidade popular. Nas três práticas, futebol, capoeira e carnaval, existem interpenetrações factuais e sociais, devido às constituições de classe e ao fato de que os grupos transitam nos mesmos espaços.

Pelo mesmo caminho, procuramos na literatura exposições de fatos que apontam novas construções simbólicas e sociais no início do século XX, tendo o futebol como condutor das relações que se travariam entre as classes sociais. Nessa discussão, abordamos a entrada das camadas populares no futebol, trazendo consigo aspectos que pudessem ser identificados como próprios das camadas periféricas e urbanas dos grandes centros. Nossa discussão privilegia a entrada do negro/mulato nos clubes de futebol. Também fazemos referência ao futebol do Sul do Brasil, aliás pouco mencionado na literatura histórica acerca do futebol brasileiro.

Também no Sul, precisamente em Porto Alegre e em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, como Pelotas e outras, na literatura, o negro aparece como protagonista, fazendo do futebol um espaço de resistência de sua tradição e cultura, amenizando a

perseguição pelo Estado com suas políticas urbanizadoras e higienistas do início do século XX. Assim, não só foram formados guetos, vilas e colônias habitadas pela etnia negra, mas também o espaço do campo de futebol fora apropriado por esses grupos, que constituíram equipes, ligas e associações que os identificavam no cenário dessa resistência. Será possível perceber que, enquanto no Sul os grupos étnicos afro-brasileiros formavam suas ligas, em São Paulo, precisamente no interior do Estado bandeirante, os registros históricos não apontam esse fenômeno, mostrando a formação dos clubes por grupos de operários e trabalhadores.

Tratamos com destaque do futebol do interior de São Paulo, onde encontramos elementos que trazem na sua formação muito das faces populares. Na formação das equipes da A.A. Ponte Preta, de Campinas e do E.C. XV de Novembro de Piracicaba, parte de suas histórias facultam-nos entender e identificar faces tradicionais e populares. De outra forma, percebemos que o futebol do eixo Rio-São Paulo tem sido exaustivamente discutido por autores que quase sempre buscam em Mario Filho suas bases para a interpretação d'*O Negro no Futebol Brasileiro*.

Além dessa abordagem, procuramos localizar, na literatura, o que tipifica o *tradicional* e o *moderno* no futebol brasileiro. Isso foi possível acompanhando colunas periódicas em jornais, revistas e a literatura, tanto acadêmica como jornalística, principalmente de crônicas. Estabelecemos uma metodologia para agrupar as características de cada *modelo*, a qual está explicitada no **terceiro capítulo**.

No modelo *tradicional*, reunimos as questões relacionadas aos aspectos culturais e identificamos as críticas feitas ao futebol atual por ex-jogadores e imprensa. As fontes utilizadas foram jornais e revistas de circulação diária, semanal e mensal, que garantem a manutenção de idéias e reflexões acerca do futebol brasileiro, encontradas em editoriais esportivos conhecidos como “cantinhos esportivos”. Por sua vez, destacamos as características *modernas* expostas de forma cada vez mais generalizada nas mesmas fontes. São exemplos os novos estudos da *Medicina Desportiva, Psicologia e Fisiologia do Exercício*, além de novos paradigmas de administração clubística, que, adicionados a outros conhecimentos técnicos de profissionais que atuam na área, tornam-se coadjuvantes no processo de alcance dos objetivos no futebol.

Nessa discussão, devemos salientar que não se quer dizer que tradicional seja o futebol do passado, velho e arcaico; o tradicional no futebol se sustenta na *tradição*, na defesa e na luta da preservação de seus domínios, quando atores do futebol oriundos de setores populares territorializam/ocupam os espaços na possibilidade de continuar expressando sua originalidade. O *tradicional*, neste estudo, pode ser compreendido como um conjunto de valores; não se trata apenas de conhecimentos que se opõem a outros, mas vai além – *tradicional* é o conhecimento da totalidade do homem que se constitui a partir da garantia obtida pela sua continuidade.

O *tradicional* a ser desvelado por nós é o que preconiza e exige a participação na realidade e funda sua existência na materialidade objetiva do futebol, tendo o coletivo, o grupo ou alguém como reduto para conservar viva uma originalidade que, agora ameaçada pelo *moderno*, desenvolve estratégias para se proteger. Um de nossos objetivos é retratar a dificuldade que o *tradicional* encontra para garantir a continuidade de suas tradições. Nos discursos colhidos, o que se observa é a angústia de não poder continuar com um ato de entrega de valores, de usos e costumes que estão sendo extintos pelo *moderno*.

Assim, passamos a um dos pontos principais deste estudo, o momento em que nos deparamos com a presença forte da religiosidade popular e discutimos a existência do saber e das crenças populares no interior do futebol. Fazendo uso de exemplos/fatos e de fontes bibliográficas dos anos 1950 e 1960, em nossas investigações encontramos *elementos da cultura popular* destacadas em jornais e revistas recentes. Embora uma fonte como Lyra Filho, contrário às manifestações de religiosidade no futebol, seja distante da atualidade, reflexões de mesmo teor podem ser verificadas em discursos modernos que obtivemos de nossos *informantes*. Ao final do Capítulo 3, procuramos, num esforço de síntese, analisar a entrada de instrumentos *modernos* no contexto do futebol brasileiro, oriundos das escolas européias de treinamento desportivo, tendo o ano de 1974 como marco desse novo cenário. Entre esses novos conhecimentos, podemos citar a Medicina, a Psicologia e a Fisiologia Desportiva – esta instrumentalizada pela Educação Física. Esses novos conhecimentos, instrumentos e sofisticados equipamentos confrontam com os *conhecimentos tradicionais*, nos quais o cenário do futebol aponta para uma luta incessante entre modelos que procuram ocupar espaços sendo o corpo (do atleta/jogador) o objeto da disputa.

Na organização da segunda parte do **Capítulo 3**, utilizamos os discursos de nossos *informantes* registrados no âmbito de *entrevistas orais abertas*, norteadas por quatro perguntas primárias para a coleta de informações. Aqui vale explicar que o contato direto com os envolvidos em nossa pesquisa foi um dos nossos pressupostos, porém, seguindo os argumentos de Magnani (2001) nos quais o antropólogo apresenta possíveis opções metodológicas da Antropologia: na pesquisa antropológica etnográfica é comum os pesquisadores “dar voz” aos pesquisados para garantir autenticidade ao relato. No contato, verificamos “o que eles dizem” e aquilo “que eles fazem”, seguindo os próprios argumentos do antropólogo Magnani (ibid.) (**ANEXO A e B**).

Quanto à escolha de nossos informantes, privilegiamos, primeiramente, a região de maior trânsito de atletas de futebol, a Região Sudeste. Servimo-nos também da distinção social e cultural que permeia as demais regiões do Brasil. Sendo assim, escolhemos a Região Sul (os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e a Região Nordeste. Na Região Sudeste, escolhemos três Estados, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Dentro da diversidade e do trânsito de influência maior no futebol, os Estados da Bahia e Pernambuco foram escolhidos na Região Nordeste.

Nossas incursões tinham dois objetivos: primeiramente, verificar nas bibliotecas das Capitais se havia bibliografias pertinentes ao nosso trabalho e depois, realizar uma investigação sobre os possíveis fatos que a nós interessassem. Convém ressaltar que, embora tenhamos visitado as sedes dos clubes das referidas Capitais, só encontramos uma biblioteca pertencente a um clube que dispunha de acervos disponíveis para consulta, que foi a do Internacional de Porto Alegre. Em São Paulo, deparamo-nos com o museu do São Paulo Futebol Clube, mas esse espaço não dispunha de acervos bibliográficos para consulta. Há que se relatar que, nos clubes visitados, todos possuíam minimamente alguma bibliografia histórica que relatasse a fundação e a vida do clube.

No Rio Grande do Sul, programamos uma investigação com os clubes do interior rio-grandense, no entanto ao depararmos com informações pertinentes ao nosso trabalho, colhidas nos clubes visitados (Grêmio, Internacional, Pelotas, Brasil de Pelotas), construímos o

Capítulo 2.2.1, o que fez com que voltássemos em outra oportunidade para conseguirmos mais subsídios.

No período de fevereiro de 2002 a dezembro de 2002, acompanhamos oito jogos do Campeonato Brasileiro da Série A, Série B, Campeonato Rio-São Paulo e Campeonato Paulista Série B2. Nesses jogos, tínhamos como objetivo observar os fenômenos culturais que fossem visíveis. Quanto à escolha das equipes foi aleatória, no entanto, quanto aos jogos, procuramos escolher os iniciais e os últimos dessa mesma equipe. Dos oito jogos por nós acompanhados, em cinco foi possível permanecer no vestiário no momento dos rituais de entrada ao campo de jogo e, em três oportunidades pudemos ter acesso ao vestiário somente após o término do jogo. Nesses jogos, nosso objetivo era acompanhar os rituais das equipes, identificando e anotando o que os atores desenvolviam, ora coletiva, ora individualmente. Somente uma equipe nos autorizou filmar todo o ritual, antes do aquecimento pré-jogo.

Em cinco equipes, Corinthians Paulista, Rio Branco, de Americana, E.C. XV de Novembro, de Piracicaba, A. A. Ponte Preta e Náutico Capibaribe estivemos nos Centros de Treinamentos, ora visitando os locais onde se encontravam os instrumentos e equipamentos de condicionamento físico ora observando os recursos existentes de apoio ao jogador de futebol. Esses recursos que procurávamos eram os equipamentos de tecnologia de ponta ou os já conhecidos do público que a área médica, fisioterápica e a da Educação Física utilizam em seus trabalhos.

Para levantarmos dados e informações acerca dos aspectos moderno e tradicional escolhemos as equipes que nos estados pudessem fazer oposição. Assim, em Minas Gerais, escolhemos Cruzeiro e Atlético Mineiro, na Bahia, Vitória e Bahia, em Pernambuco, Santa Cruz e Náutico, no Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional e, em São Paulo, Palmeiras e Corinthians. Vale lembrar que, no Estado de São Paulo, a investigação nos levou a conhecer o processo de fundação dos clubes existentes no interior.

Um fato interessante deve ser comentado: é que nos defrontamos com relatos de torcedores, os quais queriam dar sua contribuição, falando de situações de nosso interesse para a pesquisa. Entre essas contribuições, podemos mencionar as narrações de velhos

torcedores das equipes do interior de São Paulo que historicizaram as fundações dos clubes. Em Minas Gerais, Belo Horizonte, mantivemos contato, de antemão, com dirigentes das torcidas do Cruzeiro F.C. e do C.A. Mineiro e logramos êxito, no entanto, não foram frutíferos nossos encontros com os dirigentes de ambos os clubes. Não tínhamos como objetivo colher informações dos torcedores, mas ressaltamos que essas informações merecem atenção dos pesquisadores que queiram, para essa mesma área das Ciências Sociais, dirigir seus estudos. Refletimos que, com os torcedores, colhemos muitos dados que merecem ser analisados e investigados por pesquisadores que queiram trilhar pela via da Antropologia.

Quem foram nossos informantes?

Ao todo entrevistamos sessenta atores, os quais denominamos de informantes e no decorrer da exposição de suas falas/informações procuramos ser *fiéis* aos seus nomes, citando no corpo do texto a identificação nominal e do clube que pertencia, no momento da entrevista. Aos que não admitiram serem citados neste estudo, elaboramos o texto de acordo com suas passagens pelo futebol. No decorrer de dois anos, desde abril de 2001 até janeiro de 2003, esses foram nossos informantes, com os quais conversamos, sentamos juntos às mesas de bar, restaurantes, nos muros de alambrados de campos de futebol, nas escadarias dos vestiários, em saguões de hotéis, nas salas e gabinetes de presidentes de clubes ou em ocasiões rápidas mas que nos permitiram algum sucesso. Entretanto, o sucesso alcançado foi o de conseguir o contato com os atores, embora tenhamos sentido que poucos traduziram o que sabiam e sentiram-se reticentes nas respostas. Foram 25 jogadores profissionais atuando; 12 ex-jogadores de futebol; 4 técnicos atuais; 5 dirigentes, presidentes de clubes, diretores de departamento profissional; 4 profissionais das áreas científicas (2 psicólogos desportivos e 2 médicos) e 8 preparadores físicos/professores de educação física e 2 massagistas. Os jogadores informantes fazem parte das equipes que atuam na primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro, Campeonato Paulista, Campeonato Espiritossantense, Campeonato Baiano e Pernambucano. Quanto aos técnicos, escolhemos profissionais das equipes do Estado de São Paulo e do Espírito Santo. Os dirigentes atuais e ex-jogadores são dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Os professores de educação física/preparadores físicos pertencem às equipes de São Paulo (Capital e

Interior), Espírito Santo e Pernambuco. Lembramos que não obtivemos sucesso nas entrevistas com os jogadores que estão atuando.

Para que pudéssemos realizar contato para entrevistas estabelecemos o seguinte critério: a) que o mesmo “n” de jogadores de equipes tidas como *grandes* clubes fossem o mesmo de equipes tidas como *pequenas*. Não levamos em consideração a parte técnica destacada pela imprensa e mídia. Quanto aos dirigentes de Clubes, optamos por aqueles que são dirigidos por Diretores tidos como tradicionais mediante informação antecipada. Assim, ao entrevistarmos o Presidente do *Etti Jundiaí* (equipe do interior de São Paulo) verificamos que, esse clube num período curto havia se tornado um clube empresa. Desta forma fomos levados a procurar um Clube com as mesmas características que regem um clube associativo.

Quanto às nossas entrevistas:

O escopo da entrevista é questionar e descobrir como o informante percebe/observa o futebol brasileiro em seus aspectos sociais, econômicos e políticos. Tratando-se de entrevistas com perguntas abertas, no decorrer da resposta do informante outros questionamentos aconteceram, possibilitando-nos cobrir vários aspectos. Em seguida, questionamos sobre o que o informante mais objetivou em sua resposta, visando ao aprofundamento da entrevista.

No segundo *momento*, temos como eixo fundamental as questões relativas ao próprio informante e sua convivência no contexto do futebol, como as suas relações com diversos grupos sociais. Ao final, o questionamento tem como objetivo saber do informante, dado o tratamento moderno do futebol, quanto às novas tecnologias, se há conflitos com as faces tradicionais de administração.

Não tivemos muita dificuldade para chegar aos nossos informantes, salvo quando se negaram a registrar suas entrevistas, julgando as perguntas e respostas comprometedoras. Isso ocorreu com os que ainda atuam no futebol. Ademais, alguns dos informantes pertencentes a equipes tidas como grandes negaram-se a ser filmados, o que nos levou a utilizar somente o gravador de áudio para a coleta das informações. Exceto por esses incidentes, não encontramos maiores obstáculos para realizar nossa pesquisa. Em alguns momentos as

entrevistas se tornaram informais, o que nos facilitou obter subsídios para nossa interpretação e, em outras, não obtivemos sucesso com os objetivos esperados. Dessa forma nem todas as entrevistas e informações foram utilizadas.

Colhidos os discursos, pretendemos verificar como são preservados ou criticados os aspectos *tradicional e moderno*, na fala dos informantes. Comparando os discursos de nossos informantes com as idéias e posicionamentos que encontramos na literatura acadêmica e jornalística sobre o tema, procuramos convergências e divergências, que serão apontadas no texto deste trabalho. É importante lembrar, entretanto, que, ao realizarmos a crítica às idéias, reflexões e posições que alimentam o *moderno e tradicional*, estamos propondo uma crítica à sociedade e não ao futebol isoladamente. Isso implica dizer que, se o futebol apresenta certos padrões e estruturas, permeados por interesses, também a sociedade é assim regida. Se os atores do futebol manifestam elementos culturais, como *crenças populares, superstições e religiosidade*, isso nos leva a interpretar que o imaginário coletivo está permeado por esses elementos, que interferem no cotidiano.

Para analisar as enunciações dos informantes, seguimos o seguinte roteiro: a) composição do *corpus* de análise; b) destaques dos conceitos; e c) redução do discurso.

Na *composição do corpus de análise*, sendo nosso instrumento uma *entrevista aberta*, trataremos de selecionar partes do texto que fazem referência ao nosso tema e objetivo. Isso implica isolar/separar os argumentos nos quais possamos identificar categorias, conceitos e posicionamentos, para identificar se o discurso é convergente ou divergente do que abordamos no decorrer de nosso estudo. Para isso agrupamos das entrevistas as relações de categorias e conceitos em que aparecem: a) conceitos e categorias do esporte moderno; b) *características do esporte moderno e tradicional*; c) posicionamento do informante sobre o modelo tradicional e moderno, e d) posição quanto aos fatores e fenômenos que traduzem faces da cultura popular no futebol. Havendo necessidade, voltaremos ao texto original/completo para possíveis encadeamentos das interpretações.

Quanto aos *conceitos*, buscaremos convergências com os conceitos dos *modelos tradicional e moderno*, possibilitando entender, nos discursos dos informantes, se a literatura

estudada e analisada está implícita na subjacência dos discursos ou se é apresentada explicitamente na fala dos informantes (Greimas & Landowski, 1986). O *processo de redução* é uma opção interpretativa na redação do texto que reproduz as falas dos informantes. Entendemos a necessidade da redução para que a análise possa tornar-se objetiva – um mesmo texto é passível de ser interpretado sob vários pontos de vista.

Ao final da interpretação, passamos a responder se o *tradicional e o moderno* se conflitam e como se comportam as faces das características no futebol brasileiro.

CAPÍTULO 1

A DESSACRALIZAÇÃO DO JOGO:

a secularização e a perpetuação simbólica no esporte moderno

A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento (E. Morin).

A configuração deste capítulo pretende evidenciar um cenário que permitirá, a partir de três ângulos diferentes, compreender o *esporte moderno* e seus contextos, sociais, políticos e culturais, tendo como objetivo discutir: a) a passagem do jogo tradicional/religioso ao jogo popular e aí identificar a cultura tradicional; b) as características do esporte moderno, sua historicidade na Europa; e c) a difusão e a relação jogo e esporte e sua passagem para o racional burocrático, como conjunto de singularidades que o codificam atualmente. Em nossas intenções, queremos deixar claro que não adotaremos uma via única de conhecimento/estudo que privilegie a discussão a ser construída, uma vez que toda e qualquer via, se amparada em determinado conhecimento e isoladamente, não dá conta de produzir respostas a todas as questões.

Como princípio de nossos estudos, faz-se necessário conceituar o entendimento de cultura e delinear a via pela qual caminharemos no decorrer desta Tese. Geertz, em sua excelente obra *A Interpretação das Culturas* (1989), discute a dificuldade de conceituar idéias no panorama intelectual. Para ele, a cultura “... ***é entendida como uma teia de significados, tecida pelo próprio homem, que os indivíduos ou grupos encontram-se amarrados a seus significados***” (Geertz, 1989, p. 15). Geertz prossegue em sua explicação de cultura: “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [o que eu chamaria símbolos], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível...” (p. 24).

É por meio da cultura que o homem atribui significados e compreensão às coisas, como uma dimensão extrínseca ao seu próprio corpo. Enquanto os animais recebem seus

modelos de comportamentos nos códigos genéticos, o homem recebe seus códigos pela cultura e por intermédio dela o corpo recebe os programas que modelam o comportamento e lhe dão valor simbólico – a cultura faz com que o homem se torne inteligível na leitura das coisas humanas.

Para consubstanciar o entendimento de cultura, recorremos a Balandier, para quem o homem, sendo dependente dos significados simbólicos, não poderá sobreviver sem os sistemas que lhe dêem direção. Por isso, qualquer fato que venha a colocá-lo em situações que afetem ou torne incompreensível o que está diante de seus olhos, ou que ameacem a sua *totalidade*, torna-o angustiado e indefeso. Dada essa fragilidade, por vezes a realidade abre brechas nas construções simbólicas e o homem se depara com sua impotência diante dos fatos – então volta a buscar guarida em seus sistemas simbólicos, condições para enfrentar os desafios. O simbólico une, estabelece correspondências, equipa as práticas em instrumentos de ação geral sobre o mundo; por mais que o *pensamento moderno* procure a mudança e o afastamento do homem dos fenômenos *não-mensuráveis*, trocando-os pelas representações racionais, o simbólico engendra condições capazes de operar rupturas. Diríamos que - o homem não está abandonado diante das turbulências e vicissitudes que o afetam; dispõe de chaves de interpretação e meios de ação; corrige a má sorte ou submete-se a ela com razões para aceitá-la. Num mundo ainda não *demistificado*, o pensamento *dissociativo*, gerador de fissuras, não prevalece (Balandier, 1997).

No enfrentamento dos desafios, o homem nega-se a aceitar o *real*, uma vez que o *real* marca sua fragilidade. Quando o *real* irrompe contra o homem, mostra uma realidade socio-cultural ameaçadora e incontrolável. O que rege o *real* são leis que escapam às explicações simbólicas; nessa situação são colocadas umas contra as outras as explicações *do real* e as *simbólicas*, e é no campo das explicações simbólicas que se manifesta uma realidade diferente das leis sociais. Só é possível preencher as fissuras e brechas das explicações das leis sociais por meio dos *ritos*. Essas brechas/fissuras, quando suturadas/encobertas pelo *rito*, transformam-se em espaços de fortes significações simbólicas. Quanto mais encoberta a fissura/brecha pelo *rito*, mais forte a significação simbólica intermediada por ele. O *rito* tem por função criar códigos por meio dos quais um determinado grupo se relaciona com o mundo à sua volta. O *rito* pode se constituir numa mensagem, numa fala ou num modo como o

homem pode se orientar, e que tenha sentido em frente da possibilidade de novas *construções simbólicas*.

1.1 A gênese do *esporte moderno*: o jogo tradicional transformado em esporte

Reservamos espaço para considerações sobre jogo e esporte moderno. No interior dessas duas instituições, podemos observar a cultura e os valores simbólicos atuando entrelaçados, constituindo-se em fatores preponderantes junto às sociedades.

Entende-se que o *jogo*¹ recebendo elementos da cultura pós-Iluminismo e servindo-se da cultura corporal de movimento já existente nele, adaptou-se, convencionando suas formas de execução. A *sociologia* que estuda a cultura do esporte nos revela que a adaptação dos jogos em *esporte moderno* ocorreu por causa da situação das sociedades nas quais se estabeleciam novas formas de relações sociais e econômicas/contratuais e encontravam em constantes transformações devido os processos de desenvolvimento que se instalavam gradativamente.

O processo de adaptação dos jogos foi influenciado pelo crescimento das relações comerciais e sociais, que exigiam o conhecimento de regras prévias para elaboração dos contratos sociais e econômicos (Defrance, 1995).² Isso influenciou outras relações sociais, como os jogos populares, pois cada vez mais se ampliava a disputa entre regiões, e as regras variavam de local para local. As identificações prévias do jogo permitiam não só o conhecimento da execução como o equilíbrio entre as equipes contendoras.

O processo de transformação dos jogos populares em jogos providos de regras e sistematizados não redundou em situações que pudessem erradicar as manifestações lúdicas do espaço dos jogos. O *jogo popular* ou *tradicional*, ao ser transformado em esporte, não foi

¹ Estamos nos referindo ao *esporte moderno*. O período divisor, que marca a passagem do jogo para o *esporte moderno*, ocorreu na Europa, precisamente na metade do século XIX. Discutiremos sobre isso mais à frente, em nosso trabalho.

² A posição de Defrance (1995) leva-nos a refletir sobre a pergunta que vamos elaborar neste capítulo: o esporte recebeu influências do modo capitalista de produção e das relações que o orientam, com regras antecipadas, efetivação de contratos e clareza ao investir numa determinada situação? Isso abre espaço para defender a tese de que as convenções pioneiras do *esporte moderno* obedeceram às leis e ao funcionamento da sociedade urbana, que se erigia e se consubstanciava na gênese do capital industrial do início do século XIX.

despido das manifestações lúdicas. Essa tese contraria as argumentações de Huizinga (1938); para o autor, nessa transformação, o jogo perdeu o *sagrado*, permanecendo estéril e descaracterizado das interações que aglutinam o homem. Os jogos, ao se transformarem no desporto das elites, tornaram-se atrofiados, estéreis de qualquer criatividade e de ‘inovação lúdica’. Elias & Dunning (1994) contrariam essa tese, afirmando que o jogo, mesmo institucionalizado e recebendo elementos da cultura industrial e da racionalidade, ainda apresenta fortes indícios para a identificação de elementos simbólicos.³ O jogo, já como esporte, continuou com seu aspecto lúdico, embora distinto, devido ao contexto diferente daquele no qual fora praticado anteriormente.

Guttman (1994) observa que a adaptação de uma determinada cultura corporal acarreta a irreparável reversibilidade de uma determinada cultura. Esse autor assinala que “... o processo de modernização pode ser detido e igualmente invertido, como o fundamentalismo islâmico demonstrara no reino político, mas a história do esporte parece – a maior parte – demonstrar o oposto” (1994, p.159). Temos exemplos, identificados por antropólogos em sociedades tradicionais, de jogos que no passado serviram como rituais e hoje continuam a ser praticados, embora com regras, instrumentos e indumentárias trazidos pela cultura de produção do capital moderno. No entanto, isso não significa que as manifestações de rituais pré-competição estejam desarraigadas, tanto na subjetividade como na objetividade.

Guttman apresenta-nos um exemplo típico do *esporte moderno* e sua evolução: o jogo de *stickball* pré-colombiano, jogado em muitas regiões da América do Norte. Esses jogos, em rituais de religião, eram executados para garantir a fertilidade da terra e de seus habitantes e assegurar que as chuvas da primavera chegassem no tempo propício. Entre os *Cherokees* e os *Choctaws* do Sudeste americano, os jogadores de *stickball* eram submetidos a jejuns, escarificação e a outros ritos de purificação. Cantavam e dançavam em cerimônias comuns, antes de iniciarem as competições. O próprio jogo era decidido por encantamentos sacerdotais, como também pela coragem física.

No entanto,

³ Caillouis (1958) e (1990) argumenta nessa mesma direção. O esporte moderno atualmente tem em seu interior fins utilitários: ora usado pelo Estado, ora, e em grande parte, utilizado pelo veio mercadológico capitalista. Mas isso não implica que na essência de sua execução o homem/atleta se liberte de todas as amarras utilitárias e transcenda ao estado lúdico.

... o jogo sobrevive – de certo modo. Os *Choctaws* ainda jogam stickball, mas os rituais pré-colombianos desapareceram, junto com o Grande Espírito que os estimulou. Os times têm uniformes agora, e há os funcionários que aplicam as regras. Há limites, um relógio e um placar. Homens de medicamentos que trabalham com pequenos afazeres no jogo. Sentados nas linhas secundárias, cantando e chamando os encantamentos mágicos, eles procuram se espiritualizar e buscam influenciar o resultado dos jogos, pelo qual não há muito interesse. A pessoa pode perguntar bem se é o mesmo jogo (Guttmann, 1994, p. 159).

Sim, é o mesmo jogo, embora o espaço tradicional já não exista. Mas o jogador Choctaw conserva a dimensão mágica do evento. A extensão cultural do homem coexiste com ele e o leva ao jogo como extensão do seu próprio corpo. Onde quer que o homem exista, a dimensão simbólica o acompanha. É com o jogo, mesmo racionalizado, que os Choctaws acreditam poder interferir na natureza, no clima e nas intempéries sociais. Nesse sentido, no jogo ou no *esporte moderno*, a identificação dessa extensão ocorre, mesmo sendo o jogo constituído substancialmente de estruturas racionais para sua execução. O que Guttmann vem nos mostrar é a “esportivização” do jogo racionalizado incorporado por outras culturas/povos.

É o mesmo autor (1994, p. 160) quem, mais uma vez, oferece condições para se entender o processo de esportivização do jogo. Para ele,

...o mesmo processo de modernização era observável no Afeganistão antes das devastações da guerra civil. O jogo tradicional de *buzkashi*, no qual já ocorreu disputarem com mil membros de tribos, todos montados, que lutam por alcançar e fugir com a carcaça de um bezerro ou cabra decapitado, se tornou um ‘*buzkashi* moderno’, hoje jogado confortavelmente por dois times uniformemente emparelhados de cinco a quinze cavaleiros ante espectadores assentados em um estádio de dezoito mil pessoas em Kabul.

O jogo tradicional consistia em um grupo de cavaleiros decapitar um bezerro e levar a cabeça e a carcaça do animal até a bandeira da equipe oponente. Tal jogo, hoje, é constituído como esporte, administrado pelo Comitê Olímpico Nacional do Afeganistão. Outras situações são exemplificadas por Guttmann. O autor observa que as lutas parecem estar entre os jogos tradicionais mais resistentes às pressões de modernização. Diversos tipos de lutas sobrevivem em meio à modernização, sem perder as suas características ritualísticas.

Tal qual nas passagens de adaptação e transformação dos jogos Orientais ou Europeus, o Brasil pode servir ao exemplo. A capoeira, como jogo/luta, recebeu, a partir de 1930, adaptações quanto ao seu estilo de movimentos e passou de uma cultura corporal proibida para uma cultura legal, hoje permeada no meio urbano, mas que ainda estabelece relações com sua gênese, principalmente com os adeptos étnicos dos quais descende.⁴

Outro exemplo é a *tourada*, que na Antigüidade consistia em um ritual de fertilidade da religião do *mitraísmo*. Legiões romanas a trouxeram para a Espanha, onde tomou corpo como esporte no século XVIII (Guttman, 1994, p. 164).⁵ Em épocas anteriores ao desenvolvimento das técnicas de *entradas e saídas*, que adaptaram e transformaram racionalmente a *tourada* na vitrine da cultura espanhola, antes de entrar na arena, os *matadores* se inspiravam, pedindo a proteção divina, ritual que se observava nesse jogo já antes do século XVIII e que continua nos tempos atuais.

O boxe tailandês, o *Muay Thai*, é um exemplo de esporte que constitui uma identidade nacional. Sua estrutura institucional é ligada ao exército tailandês e suas regras, regidas pelo Ministério da Educação e o Conselho Mundial do *Muay Thai*. A identificação da extensão cultural que o lutador leva consigo é revelada no espaço de luta. Entre chutes e cotoveladas – todos os golpes são permitidos – os boxeadores se concentram e se excitam ouvindo a orquestra de címbalos e flautas de Java, que toca, em ritmo infernal, velhas peças religiosas e militares. Assim, os lutadores acreditam que podem vencer o oponente.

Um dos fenômenos na transformação do jogo em esporte pode ser visto nas estruturas da sociedade que foram se transformando, enquanto o jogo constituía as formas de *ritualizar* a própria sociedade e os grupos que a compunham. O jogo passou a caracterizar os conflitos e os combates, que eram jogados de acordo com as regras que se estabeleciam no campo social.

⁴ Na obra intitulada *Ring of liberation: sports in America since, 1945*, de ROBERTS, Randy & OLSON James, classifica-se a capoeira como um esporte de situações vertiginosas devido aos movimentos rápidos que a caracterizam. Hoje, a capoeira figura como uma luta agonística regida pela esportivização, mas continua com suas tradições ritualísticas e religiosas.

⁵ Guttman (1994) chama a *capoeira* e a *tourada espanhola (bullfigthing)* de esportes. Até o momento, a *Sociologia do Esporte* não classificou essas duas culturas como esporte nem revelou suas características, agrupando-as sistematicamente. No entanto, classificamos a *tourada* como “vertigem adrenal”, devido à sua influência fisiológica súbita em espectador e toureiro.

Para nós, é importante explicar que a racionalização conviveu com a permanência de elementos sagrados, místicos, tradicionais, no esporte.

Como exemplo dessas associações *simbióticas*, lembramos o povo Zulu⁶ da África do Sul, como uma *sociedade que transita entre os bens disponíveis da cultura capitalista paralelamente à cultura tribal existente, sendo sócios de uma cultura entre organização tribal e moderna*. Entre seus jogos, o futebol moderno é o mais atrativo e emparelha suas regras com as da *Associação Internacional de Futebol*. O desejo de executar a técnica para o jogo conduz a comportamentos contrários à cultura milenar desse povo, quebrando tabus inerentes à hierarquia de sua organização. Já os rituais anteriores aos jogos de futebol são imperativos, obedecendo a toda a expressão milenar.

Guttman (1979, p. 8) levanta algumas questões que merecem ser refletidas, como quando pergunta se

...invariavelmente é tida como esporte entre os povos tradicionais uma parte da religião ou há um setor independente onde o jogo esportivo simplesmente é uma parte da vida secular? A pergunta supõe que aqueles povos primitivos têm uma vida secular a qual é negada, pois se discute a vida religiosa primitiva ao invés de tê-la enquanto cultura. A pergunta tem um significado especial levando em conta nosso paradigma preliminar de jogo-competição e de esporte. Se nós decidirmos que entre os povos primitivos o jogo sempre era sagrado, como parte do culto, então nós seremos forçados à conclusão, um pouco curiosa, de que eles não tiveram nenhum esporte, porque as competições físicas eram religiosas em natureza e, assim, era uma sensação utilitária.

Se considerarmos os exemplos do jogo como utilidade, talvez chegaremos à conclusão de que os povos tradicionais não tinham nenhum jogo secular. Contudo, isso não implica dizer que os jogos tradicionais e religiosos não tivessem qualquer relação com a cultura das sociedades tradicionais.

⁶ Guttman explica que o povo zulu faz parte de uma sociedade transitiva, pois os caçadores zulus transitam entre a cultura de consumo do capitalismo (relógios, armas, aparelhos eletrônicos) e conhecimentos e outros instrumentos da produção moderna em paralelo às diversas faces sociais culturais tribais. Vale destacar, conforme faz Guttman, que o jogo de futebol é o único espaço que quebra tabus milenares entre os zulus: é onde o mais jovem pode se opor ao mais velho. Numa jogada, o mais jovem poderá fazer marcação e *roubar-lhe* a bola. Convém mencionar que os zulus têm Pelé como ídolo.

A identificação do *simbólico* nos jogos tradicionais (que também encontramos no *esporte moderno*) se dá no conjunto de significados que fornece vínculos entre os homens e que permite, quando identificado, dar valor e sentido ao coletivo e ao individual.⁷ Embora utilizassem os jogos tradicionais como parte de seus rituais,⁸ as situações envolvidas: vitória, derrota, acertos e duração, levam-nos a refletir que, independentemente do seu caráter utilitário, os jogos existiam imersos no próprio caráter religioso. Por outro lado, o próprio Guttmann vai dizer que não se pode afirmar que os Jogos Olímpicos gregos estivessem totalmente mergulhados na esfera religiosa, pois podem ser encontradas, nos esportes gregos, cenas de secularidade.

Guttmann não contempla esse aspecto em sua teoria de forma mais apurada. Identificamos aí uma certa limitação e não podemos deixar de inferir que, no processo de secularização dos jogos em *esporte moderno*, podemos encontrar rituais tradicionais e, ao mesmo tempo, identificar elementos do esporte sendo ritualizados.⁹

Lembramos que ainda é possível identificar, entre os *Choctaws*, a manifestação do simbólico entre jogadores e espectadores, que se ritualizam para que os *Grandes Espíritos* possam interferir no resultado. Também as lutas de *sumô*, que se caracterizam não pela intervenção de fenômenos metafísicos nos resultados, mas pela reverência, ainda milenar, que simboliza o passado dessa luta. Os *zulus*, todos desnudos antes dos jogos, ainda são depurados com poções mágicas. Outros exemplos podem ser citados para a identificação dessas dimensões do esporte, mesmo após a sua adaptação às regras convencionais e a interferência da *razão científica* em seu contexto.

⁷ *Símbolo* ou *simbólico*, no texto e em todo o trabalho, representa significados de valorização. Em nosso caso, representa as cores do clube e da equipe, o hino do clube, bandeiras e brasões e distintivo, assim como na vitória e na derrota alimentam significados e vínculos pessoais e coletivos, que perpassam o espaço do jogo, indo se alojar na vida cotidiana.

⁸ Se perguntarmos se os rituais eram jogados, podemos afirmar que sim, pois os rituais nas sociedades tradicionais consistiam em: oferendas de cereais, frutos aos deuses; da caça oferecida e da luta entre homens escravos ou livres ou de competições entre grupos.

⁹ Para melhor entendimento, ver TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Editores Associados- ANPOCS, 1996.

O *esporte moderno* traz consigo situações específicas, que podem ser observadas em seus executantes/jogadores. O jogador traz embutido no corpo, nos seus *comportamentos culturais*, muito de sua origem, mesmo recebendo informações e intervenções que vêm desmontar tais tradições, costumes e crenças:¹⁰

“REMÉDIOS CASEIROS CURAM ATACANTE”

“O atacante Viola atribuiu a cura da virose que o deixou abatido nos últimos dias à medicação caseira [...] Chá com limão e mel; suei muito e acordei bem melhor” (OESP, 27-10-2001).

FOLHA DE MANGA E CIDREIRA CURAM JOGADORES

O técnico do Ji-Paraná trouxe consigo folhas de mangas, cidreira e juá, para uma possível crise de gripes em seus jogadores... (*Folha Santista*, 5-2-2002).

Tratar do *esporte moderno* é observar todo o verniz racional que, no brilho da organização, da administração e do conhecimento científico, faz crer no desaparecimento de paradigmas e modelos que outrora fizeram parte dos jogos populares. O *esporte moderno* existe com novas indumentárias, mas a *razão* não foi, ainda, suficiente para erradicar as dimensões da cultura tradicional que afluem no seu maior protagonista: o homem.

Paulatinamente, *procura-se* explicar causas e efeitos do fracasso nas pistas e campos com discursos racionais, tentando detectar os aspectos que não foram devidamente estudados, embora constassem nas planilhas dos técnicos. *Procura-se* extirpar toda e qualquer manifestação que não figure no interior do discurso acadêmico. Os jogos, ao reverterem a cultura contida para uma cultura devidamente racional, adaptam-se a ela, e não convém, para as estruturas racionais, fazer-se equiparar ao que não é mensurável, explicável. No entanto, o simbólico, o cultural, o lado místico e mítico continuam.

¹⁰ Por tradições, costumes, comportamentos culturais e crenças, queremos revelar que os jogadores que se situam no *esporte moderno* permanecem com esses *traços* culturais, em meio às informações das estruturas burocráticas e racionais. Um corredor de maratona brasileiro, recordista mundial, ao se aproximar da época de suas competições, realizava uma dieta alimentar com bacon, farinha, rapadura, mel etc., contrariando totalmente o que o conhecimento científico da área aconselha como próprio para a situação nutricional da exigência física. Algo semelhante ocorreu na disputa da Copa do Mundo de 1994, nos EUA, quando a nutricionista da Seleção Brasileira deixou a Comissão Técnica de Apoio, pois se desentendeu com o Técnico, M. Zagallo, no que se refere ao cardápio dos jogadores, que exigiam uma alimentação diferente da que havia sido estipulada. Isso revela muito da origem e da cultura dos atores envolvidos.

Em síntese, amparando-nos em Weber, podemos dizer que a modernidade ocasionou um certo *desencantamento* dos esportes. Mas permanecem laços que conduzem o homem ao encontro da cultura tradicional, que unem o homem às suas faces tradicionais e religiosas, ou seja, à sua ontogênese cultural, na busca de tradições exógenas ao lado racional do esporte moderno. Na catedral anglicana de São João Apóstolo, em Nova Iorque, há um vitral que representa jogadores de *baseball* americano e outros esportes modernos. Alguns teólogos chegaram até a postular a noção de um *Deus ludens* (Deus que joga), para fundamentar uma ligação entre Deus e os jogos, logo entre o tradicional e o homem (Coleman & Baum, 1989) – um sinal dessa face, entre outras, em meio a toda *tecnogênese* do mundo industrial no futebol brasileiro.

1.2 Inglaterra do século XIX: dos jogos populares para o *esporte moderno*

É comum entre os autores que discutem a gênese do *esporte moderno* citar como ponto de partida as primeiras décadas do século XIX, precedidas pelos acontecimentos e desenvolvimentos dos jogos do século XVIII, em solo europeu. Mais precisamente, esse ponto de partida ocorreu na Inglaterra, principalmente no interior das escolas reservadas à elite britânica.

Diversos autores seguiram por caminhos diferentes para manifestar sua teoria acerca do *esporte moderno*. Entre eles, encontramos clássicos como Guttmann (1978 e 1994), Hobsbawn (1989), Bordieau (1990 e 1983), Ellias & Dunning (1994), Brohm (1976) e Vinnai (1978), nos quais embasamos nossos estudos. De forma mais abrangente, trilhando vias de ângulos diferenciados para compreender o *esporte moderno*, encontramos autores de abordagens metodológicas distintas, como Bracht (1997), Pilatti (2000) e (1997). Embora não construam um estudo matricial teórico, esses autores servem-se dos demais, construindo suas interpretações do esporte moderno. Bracht (1997, p. 10) , por exemplo, entende-o como

...uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII [...], o *esporte moderno* resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de *esportivização* de elementos da *cultura corporal de movimento* das classes populares inglesas, como os jogos populares.

Dunning, seguindo nessa mesma linha, explica o aparecimento do *esporte moderno* com o declínio das formas de jogos populares que se inicia em torno de 1800, quando os jogos parecem ficar paulatinamente fora de uso, pois os processos de industrialização levaram a novos padrões e a novas condições de vida, com os quais aqueles jogos não eram mais compatíveis.

É com Bordieau que cumpre explicar a passagem do jogo ao esporte, com o início das grandes transformações ocorridas na vida social burguesa. Essas transformações vincularam-se ao esporte, proporcionando situações que podem ser explicadas nos âmbitos sociais, de classe, econômicos e culturais – enfim, toda a dimensão social moderna dessas atividades. Bordieau prontifica-se a explicar que

...a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias aristocráticas ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função (1983, p. 139).

Entende-se que, para abrir um divisor entre os jogos populares e que se erigiam em oposição às dimensões culturais do passado, os modernos

...foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos de funções sociais ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola). A escola, lugar da *skhole*, do lazer, é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo são convertidas em exercícios corporais, atividades que constituem fins em si mesmas [...] a ginástica faz um uso do corpo que, como o uso escolar da linguagem, é ele mesmo o seu fim (Bordieau, 1983, p. 139).

Por sua vez, Hobsbawn (1989) destaca a gênese do *esporte moderno* como distinção de classe e assinala que a expansão econômica fez surgir estratos sociais situados entre a classe proletária e a burguesia inglesa, com novas intenções de distinção da classe operária. Uma nova forma de separar as classes era necessária. A educação formal aparece como o *avalizador* principal dessa “distinção”, fazendo surgir no interior das *public schools* “...uma atividade ociosa e especialmente a nova invenção, o esporte...” (Hobsbawn, 1989, p. 245).

Sobre a gênese do *esporte moderno*, vamos propor análises enfocando questões que diversos autores têm proporcionado, buscando na *Sociologia do Esporte* as teorias que abordam esse fenômeno. Privilegiaremos as reflexões de Guttmann (1978 e 1994), para melhor atingir nossos objetivos. Esclarecemos que na *Sociologia do Esporte* há difusão de linhas de pensamento não só para explicar o aparecimento do *esporte moderno*, como também para precisar o seu aparecimento. Certamente, é difícil precisar quando e como os exercícios corporais, sob as formas tradicionais de jogos (populares ou religiosos), passatempos e esporte, tomaram formas complexas de execução, rendimentos físicos e foram, contemporaneamente, denominados de *esporte moderno*. Essa passagem designa, sem dúvida, um fato novo, que se identifica como um processo complexo, diretamente ligado à utilização do tempo e ao capitalismo.

Neste subcapítulo, procuramos: a) detectar a entrada do conhecimento científico no esporte e os motivos que fizeram com que a Europa, especificamente a Inglaterra, ostentasse o privilégio de conduzir o processo de modernização do esporte; b) abordar o agrupamento de classe e o aparato burocrático, procurando verificar a formulação de críticas ao capitalismo pelas teorias marxistas; c) observar como a modernização passou a tratar toda e qualquer proximidade com os fenômenos que não são *calculáveis e objetivos*.

Iniciamos arguindo: os esportes da época contemporânea apresentam características históricas únicas? Tecendo considerações históricas que descrevem a edificação do esporte contemporâneo, a *Sociologia do Esporte* deixa claro que as características da instituição atual do esporte promoveram uma ruptura com as épocas antiga, medieval e clássica.

Quando o esporte competitivo se instituiu no interior da segunda metade do século XIX, a maior parte das atividades físicas praticadas era proveniente da Inglaterra: o futebol, o *rugby*, o atletismo, o remo, o tênis e outros esportes. Esportes como o ciclismo e a natação tiveram origens diferentes, assim como o boxe francês. A natação, por exemplo, fazia parte da cultura educacional e não se prendeu à forma competitiva que se afirmava como modelo da Inglaterra. No geral, porém, mesmo os esportes de origens em outras regiões européias receberam influências inglesas.

Esportes como o atletismo, futebol, *rugby*, tênis, boxe, remo e outros tiveram origem dentro da pujança capitalista industrial, comercial e financeira. Isso implica dizer que esses esportes estão intimamente ligados à história das classes sociais inglesas (a aristocracia e seus clubes, as primeiras formas de classe de trabalhadores industriais e de classes de empregadores). As lutas religiosas e políticas, a cultura vitoriana, as formas de educação próprias das escolas de elite (*public schools*) e a afirmação de um Império colonial desenharam um modo de vida que se interiorizou no esporte.

A instituição esportiva se estendeu rapidamente e teve o seu apogeu nos anos 70 do século XIX. A Inglaterra, por se configurar como uma sociedade democrática e industrial, constituiu-se como exemplo para o mundo ocidental e como autoridade para o mundo colonial. DeFrance (1995) elege alguns fatores que privilegiaram a difusão do esporte nos moldes anglicanos. Entre eles, o fato de que a divulgação se dá principalmente pelas vilas portuárias das capitais da Europa continental e nos grandes centros e províncias de outros continentes. Quanto à difusão do futebol, Bale (*apud* DeFrance, 1995, p. 20) afirma que começou por Copenhague em 1878, depois Hamburgo, em 1887, Gênese em 1893, Marseille em 1901 e também nas grandes cidades na Suíça em 1869, Hanovre em 1878, Viena em 1885, Budapeste em 1886, Paris em 1888. A difusão do futebol por essas cidades era paralela à do tênis e do atletismo. Segundo o autor, o processo econômico favoreceu a propagação do intercâmbio social e cultural, incluída a prática esportiva.

Algumas cidades portuárias e com significativo comércio como Le Havre (1872), na França, Gênova na Itália e Roterdã na Holanda, Bilbao na Espanha e ainda Montevideu, no Uruguai e Buenos Aires na Argentina são exemplos de cidades portuárias que, a partir da influência britânica, tiveram contato com o futebol, sendo pioneiras na organização da prática desse esporte.

Podemos dividir a difusão do esporte em duas faces: uma com características esportivas e de competição, em que alargavam cada vez mais os conhecimentos científicos, com o objetivo de dotar essa prática das características da sociedade moderna. Esse “tipo” de esporte se encontrava na Inglaterra, que o exportava para suas colônias e demais sociedades com as quais mantinha contatos comerciais, como o Brasil. Entre as características do esporte

anglicano, na segunda metade do século XIX, estava a *burocratização*, que já desenvolvia métodos de quantificar os diversos *meetings* esportivos patrocinados pelas Federações e outras instituições esportivas, e a *especialização*, em determinados esportes, principalmente os individuais. Uma outra face do esporte, para o mesmo período, poderia ser identificada na França. Nessa sociedade, o esporte competitivo, pautado pelas regras e pelas burocracias próprias das Federações, teve um desenvolvimento lento, pois o atletismo e a natação eram praticados com o propósito de manutenção da saúde, nas esferas educacionais e de serviço público (Defrance & Pociello, 1993).

Todavia, ressalte-se que tanto na Inglaterra como na França essas práticas corporais receberam influências científicas e tecnológicas (Pociello, 1993). Uma grande distinção entre o esporte da Inglaterra e o esporte francês é que o primeiro foi aceito e interagiu com grupos, povos e sociedades de diferentes estirpes sociais, o que não aconteceu com o modelo francês. A interação com povos africanos, médio-orientais, sul e norte-americanos traduziu-se na possibilidade de diferentes classes praticarem o mesmo esporte, ou que a partir de sua adoção por uma determinada classe, no início, a elite, passou a ser praticado por classes subalternas, num fenômeno de domínio cultural. Segundo o sociólogo Richard Holt (1990), o *cricket*, que na Índia era uma prática da elite mercante, no período entreguerras passou a ser praticado por outras classes, o que aconteceu também com outros esportes. No Brasil, esse roteiro pode ser visivelmente observado no futebol.

A seguir é possível identificar o desenvolvimento e a divulgação do esporte na Inglaterra, na Europa continental e na França, bem como a resistência à aceitação de um modelo de esporte competitivo:

Lllllllllllllllllll

QuadrdaInglaterraq-

Mas quais são exatamente as condições sociais e econômicas dos países que acolhem o esporte inglês?

É justamente essa resposta que esperamos encontrar. Defrance nos responde preferindo outro questionamento: “...por que certos esportes têm uma difusão internacional, como o futebol, enquanto outros esportes têm uma difusão colonial (para a Austrália, Nova Zelândia, África do Sul) tal qual o *rugby* e o *cricket*?” (1985, p. 20).¹¹ Ou, na mesma linha, fazendo-nos voltar ao quadro construído: “...por que, na mesma época, os países da Europa continental se orientam para a elaboração de ginásticas não-competitivas, atividades físicas ‘racionais’ funcionalmente diferentes dos esportes?” (1985, p. 5).¹² A resposta não é de fácil explicação, pois exige detalhados estudos de caso, com a consulta da respectiva documentação para cada região envolvida, o que até o momento desconhecemos.

As argumentações de Defrance são incitantes e nos levam a emitir reflexões sobre o fenômeno da colonização e a aceitação de determinados esportes pelos povos colonizados. Para tanto, seria proveitoso fazer uma crítica preliminar. Parece-nos que tanto Guttman como Defrance apresentam limitações em suas teorias, pois não discutem com ênfase as relações e inserções políticas ocorridas entre os esportes de origens britânicas ou coloniais em diversas sociedades, em meio a uma cultura distinta.

Já Holt (1990) explora um outro lado. Para o sociólogo britânico, o papel de difusão do esporte pelas nações imperialistas seria, de certo modo, o de traduzir as idéias do “poder imperial”, embora o esporte tenha estreitado as relações entre distintas classes sociais (p. 203). Para Holt, o avanço do esporte na Europa permitiu um “certo nacionalismo” (séc. XIX) nas relações entre Gales, Escócia e Inglaterra.

Mais precisamente, determinados esportes, com suas práticas corporais, foram apropriados pelos países e regiões colonizadas e, no decorrer de sua incorporação, a cultura corporal foi reapropriada, produzindo efeitos que vingaram socialmente. Embora seja

¹¹ “Pourquoi certains sports ont-ils une diffusion internationale, comme le football, tandis que d’autres ont une diffusion coloniale (vers l’Australie, la Nouvelle-Zélande, l’Afrique du Sud), tels que le rugby ou le cricket?”

¹² “Pourquoi, à la même époque, les pays d’Europe continentale s’orientent-ils vers l’élaboration de gymnastiques non compétitives, activités physiques ‘rationnelles’ foncièrement différentes des sports?”

incontestável que a difusão de certos esportes tenha sido um fator do domínio britânico, podemos afirmar que, em nenhuma sociedade que tenha adotado o futebol, essa prática se estabeleceu de forma brutal e sistemática. Verificamos que, nas sociedades que apreenderam o futebol, sempre houve uma mudança nos valores, desvinculando-se da força introdutora, mesmo que a sociedade receptora estivesse encoberta pelo manto econômico e cultural da força imperialista.

O esporte moderno, e aqui traduzindo-o para o futebol moderno, constituiu-se como ícone da cultura, amalgamando valores originais, abandonando e deixando cair a história de sua formação, vindo a constituir uma nova História no local onde se originou, pois não interessa a história do outro. Essa disposição antecipada e essa capacidade de mudar de estética, de ser reapropriado, de mesclar e ao mesmo tempo pertencer aos mesmos gostos, embora em culturas diferentes, tornou o futebol um cambiador de identidades. Sendo assim, cabe-nos indagar: por que afinal o futebol, essa prática européia, tornou-se o esporte mais popular do mundo, aceito em diversas sociedades com costumes, religiões e valores diferentes?

A presença da vasta força britânica foi primordial na difusão de suas práticas corporais. É impressionante ainda a questão da linguagem estabelecida pelo esporte, tendo o futebol como exemplo: um vocabulário anglicano próprio e imposto em muitas sociedades, que perdurou por muitas décadas, de acordo com o local estabelecido. De outra forma, era atributo dos que partiam para as colônias britânicas ou em viagem comercial ou em busca de novas fases de colonização, levar e deixar em terras aportadas a prática esportiva nos moldes do esporte inglês.¹³

Mais particularmente devemos indagar: por que, no Brasil, a cultura européia britânica vingou largamente em todo o território nacional e com tamanha intensidade, tendo o futebol na ponta de inserção? No Brasil, o futebol em seus primórdios (início do século XX) foi praticado exclusivamente pela burguesia. Com o tempo, foi apropriado pelas camadas

¹³ O pai do historiador Eric Hobsbawn, quando jovem, no final do século XIX, foi convidado por seu irmão, que trabalhava nos “correios e telégrafos” do Egito, então ocupado pela Grã-Bretanha, a migrar para aquele país, pois ali encontraria excelentes oportunidades, por ser um “esportista versátil” (o pai de E. Hobsbawn era pugilista). Era exatamente o tipo de inglês que encontraria e manteria um cargo num escritório de navegação muito mais facilmente nas “colônias” (Hobsbawn, 1988, p. 15).

populares, recebendo contornos sociais, de prática, de disputa e de lazer, vindo a se constituir como prática das classes subalternas. Esse esporte constituiu uma forma de encontro e reencontro do homem alijado do processo social da época, encontrando no futebol sua autoafirmação e identidade social. É Joel Rufino dos Santos quem nos apresenta algumas hipóteses. Seguindo Santos (1981), o autor observa que a popularização do futebol se deu no início do século XX devido ao elevado índice de exclusão social, porque aos pobres, mal saídos da escravidão e com a restrição das forças estatais à capoeira, restou praticar o futebol, sem serem molestados pela polícia. De modo análogo, na Índia, o pólo e o hóquei de grama, que por influência britânica se tornaram esportes da elite mercantil, acabaram adotados pelas castas inferiores. Na reflexão de Rufino dos Santos, elaboramos uma questão: e se fossem os EUA que tivessem sido a matriz cultural corporal dos brasileiros, teríamos aderido ao futebol ou aos esportes praticados com as mãos conforme se verifica em Cuba, Porto Rico e demais estados ex-colônias dos EUA?

Quanto ao futebol, segundo sociólogos, como Defrance (1995) e Clement (1994), sua dominância ocorreu devido aos fatores de improvisação e criatividade, de espaço, de regras ou de conduta de prática, sem, contudo, excluir sua essência – fato que os autores não identificaram em outro esporte. O fato é que esportes como o *rugby* têm elementos conservadores, principalmente em seus países de origem (Escócia, Nova Zelândia e Inglaterra), aceitando algumas mudanças na Argentina, França e África do Sul. Isso nos leva a refletir que os esportes cuja apropriação pela sociedade implicou possibilidades de mudanças se incorporaram ao imaginário da população. O futebol, com sua característica de adaptação, identificou-se em diversas regiões e sociedades. Nesses casos, embora se tratasse de uma cultura corporal estranha, recebeu contornos antropológicos peculiares.

Outros esportes de influência colonialista sofreram identificações e apropriações em distintas sociedades, vindo a ter uma estética própria. Os esportes praticados junto à natureza foram os que mais se modificaram em sua prática, embora, em competições, obedeam formalmente aos padrões internacionais. Nessa mesma linha, a estética e a improvisação fizeram com que determinados esportes se transformassem em outras práticas corporais, mas sem perderem seu eixo fundamental de execução prática. Um exemplo claro dessa transformação, no Brasil, é o futebol de campo. Reapropriado, deu origem ao *futebol de salão*,

constituído com regras reconhecidas internacionalmente. Na simbiose das relações sociais, o *futebol social* tipifica e traz em seu interior uma outra estética de prática, que por sua vez originou o *futebol de areia*.

Na difusão, o esporte recebeu tratamento diferenciado, não só em sua prática corporal, como no tratamento estratégico de sua execução, para chegar a um padrão de treinamento e competição. Isso só foi possível de acordo com o avanço tecnológico e a política adotada nas sociedades em que o esporte recebeu atenção de órgãos institucionalizados, como Governo, instituições acadêmicas e iniciativas de investimentos privados. Nesse sentido, seria interessante comparar o desenvolvimento do esporte na Europa e no Brasil, considerando os espaços das regiões do desenvolvimento econômico. O desenvolvimento do esporte se configura nas principais cidades européias do final do século XIX, acompanhando o setor econômico e a pujança industrial, estruturando, modelando e construindo características para o esporte.

Os Estados Unidos, graças aos seus conhecimentos no processo de produção e *especialização*, ainda nas décadas finais do século XIX, dominavam os encontros internacionais em certos esportes, como o atletismo. Duas peculiaridades colocam os EUA à frente dos países europeus: a) os EUA possuem o domínio de aperfeiçoar o gesto esportivo, de modo análogo ao *taylorismo* do gesto do trabalho;¹⁴ e b) pela institucionalização, a partir da metade do século XIX, quando o esporte passa a contar com suas próprias bases econômicas. Ainda no decorrer do século XIX, as bases *tayloristas* do trabalho são sistematizadas e repassadas ao esporte, tais como, tempo de treinamento, rendimento e ritmo. O esporte enquanto protótipo da modernidade, naquela época, passou às mãos de especialistas.¹⁵ Embora não desejamos estender essa discussão, o esporte, segundo os historiadores, não apropria ou absorve o “modo de produção capitalista”, mas o próprio

¹⁴ Inicia-se a partir do *taylorismo* o treinamento analítico no atletismo (embora já existisse na ginástica na Europa). Nos EUA, antes do final do século XIX, são levados para os esportes coletivos os núcleos departamentais, constituídos de especialistas. No Brasil, até a década de 50, no futebol, pôde ser observado que muitas equipes de ponta contavam apenas com o técnico, não existindo o preparador físico, psicólogo desportivo ou médico desportivo. Ainda hoje, a presença de alguns departamentos de especialistas no futebol brasileiro é contestada.

¹⁵ Jean M. Brohm teoriza em seu trabalho uma situação diferente para essa questão. Para o autor (1976, p. 141) “.Note-se que Taylor fez seus estudos sobre a racionalização do trabalho produtivo humano a partir do esporte...” (Notons que Taylor fit ses études sur la rationalisation du travail productif humain à partir du sport). Gebara (2000) faz uma breve discussão a esse respeito.

esporte, em seu interior - antecipa elementos sociais (valores, condutas, normas etc.) que em décadas mais tarde seriam firmadas na sociedade. Mostrando outra face, o esporte eleva-se ao mérito de exportar de sua essência conjuntos de características pertinentes ao modo de produção capitalista como, eficiência, especialização de papéis, disciplina, controle e qualidade de produção.

Se considerarmos os avanços da modernidade nos séculos XVIII e XIX, a Inglaterra será o ambiente para o desenvolvimento do esporte moderno. A crescente produção industrial, maior velocidade na produção e, sobretudo, na especialização dos trabalhadores, transpôs para o esporte as mesmas idéias e técnicas de eficiências de produção. Em colaboração com as idéias contagiantes do período revolucionário, as idéias weberianas sobre a *ética protestante*, que valoriza o trabalho e o esforço individual em detrimento da ociosidade e da vida inerme do catolicismo, tiveram repercussão quase direta na dinâmica do desenvolvimento do esporte.

Tendo a Inglaterra como berço revolucionário industrial e tomando o futebol como exemplo, verificamos faces semelhantes ao mundo fabril. As características individuais do jogador, como velocidade, força física, concentração em campo, posição para melhor defender ou atacar e a disciplina são situações que têm similares na linha de montagem. Tanto o trabalhador como o jogador assumem funções individuais, com implicações no coletivo.

A complexificação da divisão do trabalho social desempenhou um papel importante no processo de produção e de comportamentos sociais, aumentando, assim, as relações funcionais entre os grupos e alongando os laços de dependência social. As condições específicas da Inglaterra, criando um modelo em que a vida política é a primeira a se unir a uma forma parlamentar e a permitir uma alternância de poder entre duas oposições, sem recorrer à violência, permitiram compreender por que os esportes se formaram precisamente nesse período e no interior anglicano.¹⁶

Uma interiorização de normas e regras veio modificar as formas de consciência, sob as formas de sensibilidades no mundo social: o autocontrole (*self-control*), que passou a exigir

¹⁶ Valeria ressaltar aqui a seguinte questão: tendo o esporte possibilitado um processo de civilização na Inglaterra e Alemanha e regiões onde a juventude esteve sujeita à prática do esporte (educação física), por que, no final do século XIX e início do século XX, tornaram-se conhecidos como locais de grupos de jovens violentos ligados ao esporte?

nas sociedades industrializadas uma maneira geral de domínio, seja no trabalho, na intimidade, na sexualidade, nos jogos, sendo relativamente igual e completado por controles externos. Essa economia física se aparelha/manifesta com a introdução de regras de civilidade, dentro das elites, regras de polidez e maneiras de fazer, portanto, sobre os gestos cotidianos, sexuais etc.¹⁷

Não só os jogos modernos são pensados como ruptura com os jogos do passado, mas a sociedade moderna, ela mesma, vem repousar sobre uma outra forma de relação social em comparação às sociedades antigas: podemos afirmar que a diferença entre passado e presente é aqui radicalmente assinalada.

1.3 O campo da sociologia: prólogo das teorias do esporte e a explicação marxista do esporte moderno como construção burguesa

...enfin le sport est l'idéologie du corps-machine robotisé et aliéné par le travail capitaliste. Le fantasme du corps sportif, c'est le fantasme du corps 'en forme' et productif (Brohm, 1976, p. 100).

Neste subcapítulo, temos como objetivo resenhar as teorias marxistas, no que nos auxiliam a entender o esporte no interior das sociedades capitalistas.

Para discutirmos a crítica que a teoria marxista faz ao esporte e ao seu mundo imaginário perguntamos: o que é o esporte para a teoria marxista? Como resposta, podemos sugerir que o esporte é produto da cultura de produção do mundo capitalista. Continuando, ouviríamos que o esporte reflete as contradições existentes na manutenção da estrutura que mantém o *status quo* de uma dada sociedade, como parte das instituições que pertencem à

¹⁷ Segundo a análise marxista, o esporte veio cumprir diversas funções, das quais citamos, a título de exemplos: “...le sport scolaire et universitaire est la base de recrutement de masse pour le sport civil d'élite; le sport à l'école prépare l'enfant à devenir une force de travail exploitée sur le marché de l'emploi; le sport est une répression sexuelle systématique qui désérotise le corps et développe le sado-masochisme. Il impose une sexualité génitale sportive ('athétisme sexuel') normalisée, propre à fonctionner au service de la monogamie bourgeoise” e “enfin, le sport est une 'école de caractère' qui vise à créer des structures de personnalité autoritaires, narcissiques, agressives et obéissantes. 'Le sport est un puissant auxiliaire de la morale' écrivait il y a quelquer années M. Herzog...” (Brohm, 1976, p. 101).

superestrutura. Para os autores marxistas, o esporte carrega dentro de si faces que aprisionam o homem, servindo como instrumento os anacronismos culturais dos atores do futebol.

Sem dúvida, essa abordagem não traduz o escopo de nosso estudo. Entretanto, na escolha dos autores e suas teorias, é em termos marxistas que se produz a crítica ao esporte e aos fenômenos da cultura tradicional, como sendo, eminentemente, planos arquitetados pela burguesia para a manutenção de um determinado *status quo*. Desse modo, teoricamente, realçando o poder de síntese, escolhemos dois autores marxistas que teorizam o esporte: G. Vinnai e J. Marie Brohm.

Os trabalhos marxistas encontram relevância teórica em J. M. Brohm (1976) em *Critiques du sport*, embora na *Sociologia do Esporte* outros autores marxistas e neomarxistas tivessem maneiras distintas de teorizar e explicar a gênese do *esporte moderno*. O objetivo de analisar a teoria de Brohm, discípulo do frankfurtiano H. Marcuse, é discutir a abordagem marxista do esporte e nela procurar, quando possível, críticas e oposição ao objeto que estamos considerando. Num segundo momento, iremos citar as reflexões de G. Vinnai (1978), autor que transita no mesmo sentido de Brohm e de forma semelhante lança crítica ao esporte moderno, amparando-se nas teorias marxistas além da denúncia ideológica.

Brohm faz uma análise geral do esporte, por meio da qual acercando-se de uma rede de conceitos e categorias sociológicas, constrói uma multiplicidade de caminhos que permitem entender as estruturas e o funcionamento das instituições esportivas, tendo sempre a denúncia ideológica e o estado histórico como questões de fundo que sustentam suas teorias.

A influência do modelo marxista nas Ciências Sociais teve o seu ápice nos anos sessenta do século XX, quando a *Sociologia dos Esportes* ganhou consistência acadêmica. Existem dois modelos paralelos de teorias. Um procede de uma análise conceitual do esporte e do capitalismo, com certa inclinação pelo trabalho teórico, em que o método é a saída para a reflexão política. Um outro modelo calca suas teorias sobre a história empírica, largamente retratada no interior da filosofia, apontando a história da corrente marxista. Esta entende que o esporte é uma questão política latente na sociedade capitalista, pois a temática cultural é inerente à condução estrutural da sociedade; logo, a potencialização da cultura do esporte

acaba tendo um sentido ideológico nas diversas polaridades sociais do esporte: nacionalismo e internacionalismo, higienismo e saúde, individualismo e coletivismo, educação e civismo etc.¹⁸

Os marxistas se prendem aos contextos econômicos, dentro dos quais se formam os esportes, notadamente quanto às apostas e aos prêmios pelos resultados das competições (*courses cheval/luttes* etc), após o século XVIII, na Inglaterra. Essa corrente sugere que é possível aos concorrentes terem oportunidades iguais, possibilitados por uma organização metódica, subordinada a um objetivo de rendimentos, que permitem desequilíbrio e *desigualdade*. Isso acarreta uma certa proximidade entre competidor e apostador, o que caracteriza uma ação de mecenato, facultando aliar a vitória às cores e ao nome do empreendedor.¹⁹ Certamente, uma análise da relação entre proprietários de clubes e jogadores profissionais pode ser feita segundo uma concepção mais abrangente do ponto de vista marxista, que deu consistência à tese de que o esporte é uma construção burguesa (Brohm, 1976).

É interessante ressaltar que o olhar crítico de Brohm é dirigido por uma economia dogmática, que privilegia as explicações entre os suportes econômicos e os interesses pecuniários para explicar as diversas formas de jogos e de competição que se desenvolveram na vida social. A análise de Brohm é fundada sobre o conceito de que o esporte é um – processo de produção esportivo capitalista, em que historicamente, os produtos advindo do esporte como espetáculos, recordes, competições, ídolos etc., são produtos que nunca correspondem à realidade como ela se manifesta dissimuladamente nos consumidores (torcidas, expectadores, praticantes etc). A *dimensão lúdica* é totalmente descartada nesse viés, pois o esporte seria uma invenção/criação da burguesia como *alienação*, um elemento da superestrutura. Contudo, é possível identificar no esporte uma atividade sem produção direta

¹⁸ Jean Marie Brohm, juntamente com Jean-Michel Damian e Claude Maurin, inicia seus estudos históricos sobre o *esporte moderno* no artigo construído/assinado em outubro de 1972, denominado de *L'opium Olympique*, em: *Critiques du sport*.

¹⁹ Para melhor compreensão, sugerimos a leitura de *Vingt theses sur le sport* de J. M. Brohm (1976), p. 230 e seguintes, em *Critiques du sport*.

e, em geral, sem benefícios. As interferências do nacionalismo são subestimadas, embora o tema seja retomado no período da “guerra fria”.²⁰

Caracterizando as diversas situações que se apóiam na corrente marxista para explicar o esporte como instrumento de distanciamento do homem de suas reais necessidades, os autores marxistas têm-se servido largamente de estudos empíricos, que, porém, podemos considerar prejudicados em sua objetividade por uma situação de dupla exaltação: emotiva e ideológica. Negam qualquer possibilidade de o corpo/homem, no esporte, reger-se autonomamente: as aspirações encontradas no homem não são para suas necessidades, são imaginações *gestadas* no processo de identificação com o estado promissor. É uma inter-relação entre o irreal e o real, entre a ficção e o presente; contudo, na aspiração construída no campo ideológico do esporte, reina o irreal, a ficção que suplanta a realidade e a necessidade humana. É o consumo, o narcisismo e a ostentação individual de um nome/ídolo que criam as situações às quais as explicações marxistas querem se opor: a criação de imagens e lideranças individualistas na figura do ídolo que isola e individualiza o homem em seu *mundo imaginário*.

Inevitavelmente, teríamos como pergunta final: é possível *transcender* pelo esporte, sem que essa manifestação seja produto da ideologização?

Analisando as críticas de Brohm e Vinnai poderemos encontrar hipóteses para algumas respostas. Seria a permanência da cultura tradicional no *esporte moderno*, permanência que os atores do futebol acreditam poder interferir nos resultados do esporte, um processo de mistificação servindo para encobrir as verdadeiras faces materiais das causas e derrotas? Ou os valores da *cultura tradicional* seriam inerentes ao homem, sem conflitos entre as hierarquias do esporte?

²⁰ Há vários outros exemplos. As Olimpíadas de 1936 foram uma oportunidade para o Estado nazista de Hitler se apropriar do esporte. Era por meio dele que Hitler queria mostrar ao mundo a superioridade da “raça ariana”. O intento de Hitler foi bem documentado. No entanto, um atleta negro, Jesse Owens (EUA), quebrou a pretensão do *fuehrer*, ao conquistar quatro medalhas de ouro (Cardoso, 1996). No Brasil, a inauguração do Maracanã, assim como a do Pacaembu, pode, nitidamente, ser arrolada como apropriação do esporte para os interesses de Estado no Governo de Getúlio Vargas. Ver Plínio Labriola Negreiros: *A nação entra em campo: o futebol nos anos 30-40 em São Paulo*, 1988. Tese de Doutorado em História da PUC/SP. Nos países do Leste Europeu, isso pode ser visto com as equipes de ginástica olímpica da Romênia, de natação da China e de atletismo feminino da ex-Alemanha Oriental.

Os autores marxistas negam a possibilidade de o elemento *não-racional* manifesto no homem transcender ao estado de aspiração pura, sem que esteja conduzido pela força das necessidades criadas pela sujeição da repressão e *coisificação* do corpo. Brohm sustenta que o esporte burguês prega uma libertação do *corpo* por meio do esporte. Para tanto o autor, criando um contraponto, declara que o *corpo* oprimido pelo trabalho industrial procura libertar da disciplina do trabalho, mas que no consumo da “produção esportiva” ocorre o reverso. Os espetáculos esportivos, produto do esporte, fornecem um antídoto da catarse do trabalho produzindo aí uma regressão da liberação crítica/emocional e uma *uniformização coletiva de comportamentos*. Esse é um dos pontos fundamentais que observamos e que faz sentido em sua análise, pois na *uniformização coletiva* ocorre uma disgressão/redução intelectual, em que as superstições, credices são expressões coletivas dos praticantes ou da massa de espectadores. É justamente nessa teoria que se baseia a posição de Vinnai (1978), para quem toda e qualquer relação do homem se dá no campo da materialidade. Nesse sentido, toda e qualquer referência ao *campo transcendente* do homem representa laços arquitetados pela burguesia para a manutenção do domínio e da exploração. Essa crítica exagerada ao não admitir a existência de duas faces no homem, o objetivo e o subjetivo, parece ignorar que nem sempre o *fazer corporal* é guiado por suas implicações sociais.

Dadas essas premissas, como interpretar os tão variados fenômenos imateriais do esporte? Vinnai (1978), tendo o futebol como corpo de análise para fundamentar suas posições, chega às seguintes conclusões:

- a) o esporte moderno mantém características de seu passado, quando estava no campo religioso;
- b) o esporte é uma produção cultural de classe, eminentemente burguesa, e os produtos dele derivados são instrumentos de dominação (trabalho, lazer, ídolos, espetáculos, etc.);
- c) nos momentos de tensão em que o homem está posto no esporte, diante de situações que a técnica e as estratégias não são suficientes para vencer, é costume apelar a “práticas mágicas”.

Para o autor, a maior parte dos atletas leva consigo algum tipo de amuleto ou algum talismã. Tal comportamento baseia-se em manifestações de que há uma instância sobre-humana toda-poderosa capaz de dominar o triunfo, diante da qual é insensato comportar-se como um ser autônomo.

Vinnai observa o “...sentimiento mágico como um síntoma de la regresión, socialmente ordenada, bajo las condiciones del capitalismo tardío” (1978, p. 105). Para o autor, os homens condenados à subserviência e à dependência têm o destino como substituto de suas vidas, logo

se apropiam de esse modo experiencial al aprender a sentir al aparato alienado que se les opone em todos los ambitos sociales com una pretensión coercitiva de dominio, como la instancia parental que determina su propia suerte, sin que sea posible resistencia alguna contra ella (1978 p. 105).

Vinnai entende que os *pensamentos mágicos* são criações ideológicas do capitalismo, como no pensamento e ações irracionais que se revelam no desporto, por ser este um produto do capitalismo servindo como instrumento para esconder práticas sociais, dando ao praticante uma falsa imaginação da realidade. Teoriza que o esporte pode conter as contradições sociais, embora as desigualdades entre classes se percam em meio à ludicidade do espetáculo.

Brohm & Vinnai analisam a cultura tradicional no esporte moderno como forma de produção e reprodução de um sistema de dominação. Segundo esses autores, nasce no homem, produzido pela força das idéias burguesas, um estado de inversão da realidade, em que não lhe é possível identificar a realidade das relações sociais. Seguindo o caminho dos autores marxistas, o estado lúdico é a reconstituição de uma imaginação coerente, além do estado real, e que existe para compensar e destruir as contradições reais ou qualquer aproximação das realidades materiais. Em teorias desse viés, os fenômenos da cultura tradicional e o caráter lúdico ou religioso do esporte moderno, embora se constituam parte da ordem das idéias, identificam-se na realidade objetiva, ou seja, no campo da materialidade.

Na interpretação dos autores marxistas da sociologia do esporte, os fenômenos transcendentais ocorrem por força da limitação da capacidade de resolver as contradições

sociais na prática, uma vez que o homem não atingiu ainda um estágio de maturidade que o leve a desvencilhar-se de práticas tradicionais. Aliás, essa é uma das faces principais do Iluminismo que o marxismo retomou. Tratando-se do esporte, a tarefa da racionalidade é proporcionar explicações adequadas, controlar e maximizar as questões que afetam e aparecem, muitas vezes, de forma espontânea aos atores, sem que eles tenham condições de compreendê-las.

E que questões são essas?

Ainda segundo a explicação marxista: o homem, na incapacidade de sanar as contradições sociais, tende a projetar as contradições em forma de consciência/idéias, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas, que ocultam efetivamente ou disfarçam a existência das contradições na vida social. Ocultado-as, o homem as reproduz e passa, portanto, a servir aos interesses de classe.

Os autores marxistas teorizam que a vida social é essencialmente prática e que todos os fatos sociais têm solução racional, não no campo das idéias. Quanto a isso, perguntamos: quando poderão ser superadas as contradições que aparecem na forma de fenômenos que tipificam a *cultura tradicional*, produzidos pelo homem? Refletindo na vertente marxista, poderíamos responder: no momento em que as contradições que lhes derem origem forem resolvidas na prática. No esporte, no momento em que a ciência e a tecnologia/racionalidade maximizarem os meios e tiverem absoluto controle sobre vitórias e derrotas, estarão superados os *fenômenos tradicionais*? Como resposta marxista, ouviríamos que a ciência libertaria o homem da dominação burguesa, pois justamente a racionalidade é que traz ao homem a liberdade e o desamarra dos *mitos, crenças e credences* que o aprisionaram por toda a Idade Média.

Embora para os autores marxistas as questões materiais recebam preponderância em detrimento das idéias, o próprio marxismo abre ao homem possibilidades reais e efetivas de, no *campo das idéias*, adquirir consciência de sua situação e favorecer atitudes concretas para atingir seus objetivos em meio às regras sociais. A partir daí, não podemos deixar de admitir que no desporto o homem revive o seu nicho ontológico, independente de classe ou etnia,

suscitando sua cultura e revelando-se contrário à divisão racional; tampouco se pode sustentar que as *práticas mágicas/divagações* sejam fenômenos de classes, ou criadas pelo homem que está subjugado pela dependência da irracionalidade.²¹

1.4 Marco introdutório da modernidade: a instrumentalidade no esporte

O curso seguido pela história da era planetária desgarrou-se da órbita do tempo reiterativo das civilizações tradicionais, para entrar, não na via garantida do Progresso, mas em uma incerteza insondável (E. Morin).

O princípio da modernidade é a *fé* infinita no avanço do progresso. Talvez seja isso que os *frankfurtianos* chamaram de *razão instrumental*, pela qual no esporte se encaixam, lado a lado, fatores que estão acima de qualquer circunstância que não mereça ser analisada, restaurada e modificada, reparando, assim, as possibilidades do sucesso. Para isso, a ética e os escrúpulos são secundários, no momento em que a importância dada ao alcance dos objetivos ultrapassa a razão humana e as condutas que regem suas relações.

A “fé infinita no progresso” é a *crença* no “mundo moderno”, com o que se pretende indicar o período histórico que vai do século XVIII à contemporaneidade. Tal período é caracterizado por um novo tipo de sociedade, a “civilização industrial”, que transformou a vida humana mais que todas as revoluções precedentes. Assim, o “mundo moderno” indica o conjunto de princípios, idéias, sentimentos e aspirações que guiaram o homem ocidental em seu caminho histórico nos três últimos séculos.

O primeiro e fundamental fluxo de construção na crença do progresso infinito, ou seja, a crença de que a humanidade estivesse em constante e necessário progresso para melhor, foi afirmado pelos pensadores do *Iluminismo*, como Diderot, Voltaire e Condorcet (1792), também por K. Marx no século XIX, em sua concepção da História. Esses pensadores

²¹ A Escola de Frankfurt possui bases marxistas de teorizações, no entanto adota uma via emancipatória para entender o uso da racionalidade na vida social. Embora a Escola de Frankfurt pretenda superar as limitações da racionalidade teorizando acerca de sua instrumentalidade, isso não significa que procure resgatar a religiosidade e as práticas culturais tradicionais.

afirmaram que o espírito humano, depois de afastado o “jugo da religião” e de ter conseguido a “luz da razão”, atinge o caminho do progresso sem fim. E com qual instrumento? Com a ciência, que ilumina a mente do homem e afasta os monstros do sentimento e da superstição, que de agora em diante não poderão mais fazer sombra à História humana.

Com a vitória da ciência sobre a *superstição*, sobre a religião e sobre a teologia, a humanidade teria chegado a uma época de felicidade e de progresso. No entanto, ao nos aproximarmos da intenção de analisar a racionalidade no esporte moderno, perguntamos se, no mundo atual, essa “fé infinita” na ciência não tem sido alvo de uma oposição que se origina em seu próprio interior, por sua incapacidade de dar respostas a muitos fenômenos inexplicáveis.

Poderíamos responder usando concepções de Weber, que crítica o excesso de confiança na ciência, no mundo moderno. Para Weber, dentre as missões que não cabem à ciência, está a de traçar caminhos para os homens. Ele recusa o otimismo dos que louvam a ciência, isto é, a técnica de controlar a vida baseada na ciência como o caminho para a felicidade (Weber, 1975). Quando a ciência veio dar suporte à *Razão*, quem ganhou não foi o homem, a pessoa real e vivente, e tampouco foi vencedor o saber, “a verdade”. Ao contrário, a associação do saber científico com o poder, de alguma classe ou setor social, sempre veio associada ao perigoso discurso cientificista e a razão servindo como instrumento de dominação. Por sua vez, a *Escola de Frankfurt* propõe o resgate da ciência mediado pela ação comunicativa.

Esse mundo sem a superstição, apregoado pelo Iluminismo, tentou apagar as últimas vias e as antigas crenças, sem jamais ter se detido para pensar que o “saber” e essas vias eram as únicas guias e caminhos de um mundo carente de sentido. Tanto para Weber como para Balandier, no mundo sem profetas, os valores essenciais para o homem se refugiaram na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e pessoais, se o homem moderno estiver destinado a viver em uma época desencantada (Weber, 1975^a). Esse mundo sem encanto, sem magia, submetido ao cálculo e ao interesse, esvazia de significado a vida cotidiana dos homens. É o mundo da razão instrumental, o mundo que o Iluminismo ajudou a construir, e cujo destino se encontra incerto em virtude do desenvolvimento a que essa

racionalidade conduziu. É, afinal de contas, o mundo que o capitalismo criou, a cultura e a civilização construídas sob a égide do lucro e da individualidade.

Se o desencantamento do mundo e a racionalização crescente deixaram nas mãos humanas um vazio, qual seria a perspectiva de reencontro desses valores supremos para o homem que vive numa época desencantada? Balandier considera que (1997, cap. 5): “...abrem-se novas vias [...] a ruptura se faz e o movimento histórico nasce em outros lugares, abrindo novas vias, nova brechas”. Continuando, Balandier argumenta: “...há a memória coletiva; através dela, uma parte dos dados do passado é tratada, conservada e portanto atualizável quando o homem se sente em perigo de seus símbolos - e nenhum regime, mesmo radicalmente revolucionário pode destruí-la”. Para concluir, Balandier nos fornece elementos para continuidade da tradição dos mitos e dos ritos: “A modernidade está inseparável da tradição, como as duas faces de uma moeda. O tempo e a história as aliam; há tempo que uma modernidade não vai tirar a sociedade fora de seu estado histórico” (p. 180).

Entre a modernidade e o “estado histórico”, no decorrer das características enunciadas por Guttman, veremos possibilidades de paralelismo no esporte moderno resgatando não a tradição e os ritos, mas o homem, na busca de suas certezas, juntamente com o tipo ideal proposto pela modernidade.

1.4.1 Esporte moderno: marco para distinguirmos a racionalidade no esporte

Assim, quando conservamos e descobrimos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em um oceano de incertezas (E. Morin).

Os conceitos até aqui apresentados implicam antíteses. A antítese está presente quando há, no mesmo contexto, situações que conflitam entre si, entendendo-se que ora uma situação ocorre e se mostra mais efêmera que outra, ora ocorrem co-relações das forças que se manifestam, causando divisões.

De um lado, temos conceitos da modernidade, como racionalidade, ciência e secularidade. De outro, conceitos que implicam uma abordagem mediada pelo tradicional. Para tanto, nesse subcapítulo, a intenção é definir alguns conceitos e avalizá-los no referencial

weberiano. Certamente, há diferentes teorias que explicam a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna. A de Max Weber, particularmente, abre-nos possibilidades de identificar o que o esporte incorporou da modernidade. Devido à origem e à rotatividade dos atores envolvidos, essa escolha nos possibilita mostrar a continuidade de elementos da cultura tradicional, ou a incorporação de modelos racionais, o que implicará a nova singularidade do futebol brasileiro.

Se pretendêssemos responder *quando* ocorrem manifestações simbólicas e culturais no confronto com as categorias científicas do *esporte moderno*, isso nos levaria a uma contradição de métodos e de referenciais. Contudo, é justamente essa proposição que vamos confrontar, com a intenção de ver como se dão as relações entre as características avalizadas pelo conhecimento científico e as características figuradas como exterior ao mundo racionalizado.

Guttman (1979), teorizando sobre o *esporte moderno*, concebe sete características de base antropológica: 1) *secularismo*, 2) *igualdade*, 3) *especialização*, 4) *racionalização*, 5) *burocratização*, 6) *quantificação* e 7) *recorde*. Tais características não se situam de forma isolada; estão presentes nos esportes de alto rendimento, embora entendamos que possam estar inseridas nos esportes escolares, associativos e universitários.²²

Na teoria weberiana, compreende-se a modernidade como sendo a voz imperativa da racionalidade, o desencantamento e a dessacralização do mundo romântico. Não há lugar/espço para o místico, para o subjetivo e nada que não possa, aos olhos do *saber* de certas linhas profissionais, ser mudado ou remodelado para novas formas de execução, ou que não possa ter seu desempenho melhorado.

²² As características citadas por Guttman se fazem presentes tanto nos esportes de alto rendimento como nos “desportos escolares”, “associativos” e “universitários”. Não só porque os mesmos critérios de organização podem ser adotados, como também os materiais e instrumentos estão ao alcance desses contextos. Um exemplo claro é que os mesmos tênis, sapatilhas, bolas e implementos são acessíveis a muitos sedentários, motivo pelo qual discordamos de Pilatti, ao entender que a teoria de Guttman se limitou nesse aspecto, creditando essas características somente ao esporte de alto rendimento. Outra limitação de Guttman é não apontar nas características do esporte moderno o *consumo e a mercantilização*. Entretanto, entendemos que o *consumo e mercantilização esportiva* são pertinentes ao *esporte moderno*, mas não inerentes.

Balandier (1999), em suas teorizações, aponta-nos caminhos que podem explicar as manifestações simbólicas em meio ao racional no mundo do esporte.²³ É a racionalidade, a técnica, a especialização de papéis é a redução de riscos e o aumento das probabilidades que germinam no esporte, criando estratégias, aumentando e aperfeiçoando o mundo das certezas. Mas é justamente no ponto final e após o sucumbir do resultado que tudo se perde, e que se criam, de forma efêmera, a tensão e as incertezas, e que o homem procura respostas no seu próprio interior. Revela-se, portanto, o organismo do homem contra o organismo da máquina, e nasce a *crença na força* e na *vontade imaginária*. O que era domínio total da racionalidade cede espaço para a humanização e significações simbólicas (Balandier, 1999, Cap. III).

Na linha de pensamento de Guttmann, que aponta os divisores dos jogos tradicionais e religiosos do esporte moderno, evidencia-se a dessacralização do esporte no terreno religioso, mas, na contemporaneidade, é possível observar a cultura e a religiosidade manifestando-se no interior do esporte moderno. Guttmann entende as características do esporte como universais; as referências e contrapontos aqui colocados têm implicações no contexto do futebol brasileiro.

A síntese explicitada no quadro a seguir, baseado em Guttman, reproduz categorias presentes nos esportes modernos e nos jogos tradicionais:

²³ Utilizaremos os estudos desse autor futuramente em nossos trabalhos. No entanto, cumpre apontar algumas de suas linhas para que possamos elaborar um contraponto ao que vimos discutindo. Para Balandier (p. 165), “...o enfraquecimento das instituições tradicionais, a fragmentação do social, o peso das relações midiáticas, a mobilidade das referências de vida mantém uma busca incessante de crenças suscetíveis ao fortalecimento do sentimento de pertinência; se for preciso, recorrendo às crenças exóticas”. As crenças ligam o ser à *totalidade*, nas sociedades em que a razão instrumental e calculadora domina, nas culturas em que superabundam os acontecimentos midiáticos, que jogam o emocional no efêmero. As crenças ajudam a escapar dos círculos sufocantes do dia-a-dia, a transfigurar o vivido em momentos de intensidade em que as escravidões e os males comuns estão ocultos. Confere-se, assim, calor às práticas do *além* e do *incomum*, terrenos do sagrado e do religioso.

Quadro 1 Categorias do esporte

Práticas corporais jogos ➔	<i>Primitivas</i>	<i>Helênicas</i>	<i>Romanas</i>	<i>Medievais</i>	<i>Modernas</i>
Características ⬇					
<i>Secularidade</i>	Sim e não	Sim e não	Sim e não	Sim e não	Sim
<i>Igualdade</i>	Não	Sim e não	Sim e não	Não	Sim
<i>Especialização</i>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<i>Burocracia</i>	Não	Sim e não	Sim	Não	Sim
<i>Racionalização</i>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<i>Quantificação</i>	Não	Não	Sim e não	Não	Sim
<i>Recordes</i>	Não	Não	Não	Não	Sim

1.4.2 Igualdade no esporte moderno: a participação universal – motivo das singularidades!

A *igualdade* de participação no esporte moderno é um princípio que não pode ser encontrado nos jogos tradicionais. Até onde podemos discuti-la, é de tal forma abrangente e complexa que não daremos conta de sua amplitude. O próprio trabalho de Guttmann contém limites nessa discussão/abordagem. Discutir a *igualdade* requer atenção, pois no esporte moderno a igualdade de participação tem diversas faces que merecem análises profundas. Nesse sentido, a análise dessa característica discutirá: a igualdade quanto às regras e de classe/social, pois esta última permite identificar distinções simbólicas quanto à prática de um determinado desporto.

Um aspecto de *igualdade* a ser discutido encontra-se nas **regras presentes do esporte moderno**, que permitem aos competidores, previamente, ter conhecimento das possibilidades de vencer ou ser vencido. Por outro lado, em determinadas situações, as regras possuem um tom de *desigualdade*, pois podem ser usadas de forma favorável ao lado oposto. Atualmente, as regras permitem identificar algumas questões, como: tempo, violência, desgaste físico etc. Avalizando a regra pelo tempo, segundo a *Sociologia do Esporte*, observa-se que ela está mais presa aos interesses comerciais e midiáticos do que à necessidade de diminuir, aumentar

ou dividir períodos de algum esporte que se faça por etapas.²⁴ Um fator fundamental é que as regras enunciam uma linguagem universal inquestionável, pois ela se coloca soberana em qualquer sociedade quer seja capitalista ou socialista e que, através de códigos, suplanta toda e qualquer cultura .

Certamente, a *igualdade* nem sempre existiu. O antagonismo entre *amadores x profissionais*,²⁵ de classes e situações econômicas, foram pólos avalizadores das *desigualdades* ou das *igualdades* no interior do esporte.

A igualdade de participação de classes sociais distintas no esporte é um ponto fundamental para a análise sociológica. É a partir da possibilidade de participação e competição de classes sociais distintas que o *esporte moderno* passa a ter contornos distintos e complexos sendo esses parte das preocupações deste estudo. O Brasil foi palco dessa situação no futebol, nas primeiras décadas do século XX, assunto que retomaremos no segundo capítulo. A questão de classe social no esporte tem faces complexas demais para uma abordagem sucinta. Nos EUA, a aceitação e as chances de acesso de negros e membros das classes sociais inferiores só foram possíveis, primeiramente, nos esportes que ofereciam riscos ao praticante; hoje, dá-se o inverso (Defrance, 1995 e Eitzen & Sage, 1978).

O acesso de distintas classes sociais aos desportos praticados no final do século XIX e início do século XX trouxe como consequência a derrubada da estética de classe, o que permitiu novas construções estéticas. Enquanto na França, na virada do século XIX para o século XX, a prática do golfe se dava nas áreas particulares, “fermés”, de acesso reservado a uma pequena elite, o contrário ocorria nas grandes metrópoles dos EUA (Chicago, N. York):

²⁴ Ver PRONI, Marcelo W. “Esporte espetáculo e futebol empresa”, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) Programa de Pós-Graduação de Educação Física, UNICAMP. De outra forma, ver o caso da mudança das regras do voleibol, o que veio atender mais à necessidade de patrocinadores pela TV do que às características e situações próprias do jogo.

²⁵ Hobsbawn, entre outros autores, descreveu o que era ser amador e profissional no final do século XIX e início do século XX. Amador era aquele que dedicasse mais tempo à prática de um esporte que um operário poderia dedicar, entendendo que o tempo livre/disponível para a burguesia da época era maior. (HOBSBAWN, Eric. *Quem é quem ou as incertezas da burguesia. A era dos impérios* (p. 233-270). “Em Virgínia em 1674, foi multado um alfaiate porque ele ousou correr a cavalo contra os *gentleman’s*” e os Regulamentos para o Henley Regatta, de 1879, prescrevia, “Nenhuma pessoa será considerada um remador amador, que é ou esteve por comércio ou emprego de salário, mecânico, artesão ou operário. [Entre esses excluídos de Henly estava o pai da Princesa Grace de Mônaco]. E “a regra de amador era um instrumento de guerra de classe” (Guttman, 1995, p. 37-39, Trad. própria). Pierre de Coubertin foi um severo defensor, do amadorismo, da disputa dos Jogos Olímpicos.

o golfe oferecia maiores oportunidades para que outras classes pudessem praticá-lo. Nessas cidades, as áreas onde se praticava o golfe pertenciam às esferas públicas, o que proporcionou um acesso mais abrangente de classes sociais, o que hoje tem conseqüências na difusão e nos refinamentos sociais, em relação ao golfe praticado na França (Defrance, 1995).

Singularidades também podem ser identificadas no atletismo francês, na virada do século XIX para o século XX. Esse esporte, que na Inglaterra era praticado pelos jovens estudantes das *high schools*, na França recebeu contornos distintos, pois as classes trabalhadora e média daquele país definiram sentidos diferentes para sua prática, em relação aos britânicos. Ocorre que as praças de atletismo, na Paris do início do século XX, foram construídas em torno da região central, em áreas públicas, e assim as classes trabalhadoras puderam usufruir da prática desse desporto (Clement, 1994) e (Defrance, 1995). Em conseqüência, o atletismo praticado pelas classes administradoras da sociedade (funcionários públicos, trabalhadores liberais etc.) perde terreno quando os trabalhadores as suplantam em contingente, construindo assim todo um ritual de práticas em suas organizações, chegando, inclusive, a criar modalidades típicas da classe trabalhadora, ainda existentes.

A prática do futebol tem uma evolução histórica semelhante na Europa e no Brasil. No início de sua difusão em nosso país (fins do século XIX e começo do XX), a pompa e a estética aristocrática das famílias tradicionais eram identificadas tanto em campo de jogo como nas arquibancadas. Embora o futebol fosse praticado pela burguesia paulistana e carioca, a periferia entendeu que ocupando os terrenos públicos poderia praticá-lo, independentemente da pompa existente nos estádios.²⁶ De elemento de diferenciação de classe, o futebol no Brasil chegou a se constituir em uma prática esportiva que igualava o passatempo dos clubes mais aristocráticos ao das classes trabalhadoras (Pereira, 2000). Na igualdade de participação de classes, podemos constatar duas situações: a *primeira* retrata o Brasil, mas pode ser identificada em outras sociedades; traduz a contribuição *estética* das singularidades da classe trabalhadora que foram apropriadas para o desporto, o que o faz, atualmente, identificar-se com situações próprias da condição popular. A *segunda situação*

²⁶ No Capítulo 2, abordaremos essa questão, centrando-nos na identidade do futebol brasileiro a partir da entrada das classes das zonas periféricas nas equipes de futebol.

permite-nos constatar que a igualdade de prática e de participação está relacionada com o contexto de distribuição do espaço urbano.

Um outro fator que merece ser destacado trata da inclusão da *etnia* negra no esporte, o que sem dúvida vem acompanhado da questão de classe. Demorou muito para que os negros fossem aceitos em determinados desportos.²⁷ Criticando essas desigualdades, Guttman observa que “...a discriminação e a desigualdade permaneceram em formas mais sutis, pelo baixo pagamento ou exclusões sinceras de negros do meio esportivo”. Para ele, “...atletas negros se acham ‘empilhados’ em certas posições (outfielders em beisebol, apoiador em futebol)²⁸ e eles raramente têm oportunidades de se mover” (1994, p. 46). Eitzen & Sage (1978) estudam a ocupação das posições do futebol americano e comparam década por década a *etnia* dos jogadores. Os autores chegam à conclusão de que as posições de destaque são ocupadas prioritariamente por jogadores brancos.²⁹

O fato marcante da *igualdade* de participação evoluiu lentamente, até a inclusão das mulheres no mundo do esporte.³⁰ Elas, que na Grécia antiga eram banidas das cerimônias religiosas, ganharam presença em 1912 (Estocolmo) e, posteriormente, num desporto de

²⁷ É aqui o momento oportuno para propor uma discussão sobre a igualdade de competição no Brasil. No futebol, esporte das massas, nas décadas de 20 a 40 do século XX, houve resistências à aceitação do negro no futebol. O contexto dessa polêmica pode visto na obra de Mário Rodrigues Filho, *O Negro no futebol brasileiro* (1947 e 1964), em que o autor narra diversos episódios, tendo o Clube do Fluminense como destaque – conhecido depois como o “Clube do pó-de-arroz”, devido ao fato de um jogador negro se disfarçar com pós-de-arroz para não ser notado. Para um olhar crítico sobre o tema, ver SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (1998), *In: História e invenção de tradições no campo de futebol*.

²⁸ Refere-se ao início do século XX até 1930, embora, ainda hoje, haja rumores de que isso ocorre. No futebol brasileiro, há argumentos e depoimentos mostrando que, devido às más atuações de jogadores negros nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, em 1958, houve mudanças quanto aos jogadores titulares, acreditando que os jogadores negros pudessem ficar abatidos psicologicamente.

²⁹ Embora não façamos a discussão no âmbito de nossos objetivos, introduzimos essa discussão que determinados esportes não possuem distinções culturais ou não apresentam traços culturais de classe e *etnia*. Esportes que congregam diferenças étnicas e de classe apresentam com maior nitidez fenômenos culturais distintos e populares.

³⁰ Bons artigos/trabalhos tratam da entrada da mulher no esporte: REIS, Lúcia da Costa em *A mulher que joga futebol. Prêmio INDESP de Literatura esportiva*, 1999, pp. 105-172; LENK, Maria *A mulher no esporte: ignorada na Grécia antiga e respeitada no presente. Revista Olímpica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-12, 1992; e DEFRANCE, Jacques, em *Inégalités. Distribution dans l'espace et selon les sexes*, obra já mencionada.

grandes exigências físicas, o atletismo, em 1928, ainda com muitas restrições, avalizadas segundo os conhecimentos científicos da época.³¹

O contexto da “*desigualdade* de resultados é uma característica essencial do jogo esportivo moderno”, o que não poderia ocorrer em outras áreas de cunho social, como a educação. No entanto, o *esporte moderno* só se concretiza no resultado do jogo, e é nele que se ampara e que podemos ver estampada a marca da *desigualdade*. É na busca da *igualdade* que a encontramos: *igualdade* de resultados e de *recordes*, pelas quais o homem sucumbe diante do que há de mais nefasto na sua situação de competidor. O *doping* fala por isso.³² As pistas, as piscinas, as praças e locais de competição ficam no silêncio, mas, atrás das cortinas, o conhecimento científico, constituído pelos mais renomados profissionais, permite a *desigualdade* no esporte moderno. Certamente, o conhecimento científico não é o vilão, mas há quem dele se apropria para, nas pistas e campos de esporte, promover a diferença:

...sem doping não há resultados. Nenhum ciclista profissional é capaz de vencer uma única etapa das mais importantes provas do circuito internacional como a Volta da França ou da Itália se não consumir substâncias proibidas [...]. O ex-campeão mundial Luc Leblanc denunciou a conivência dos dirigentes, dizendo existir uma ‘ditadura da União Ciclistica Internacional [...]’. Prosseguindo as denúncias, o ciclista Richard Virenque, disse: “parar de se dopar é o mesmo que pular de um trem andando. Isso porque se suspender a utilização das drogas o ciclista não terá condições físicas para disputar a vitória com seus adversário (*O Estado de São Paulo*, 26-10-.2000).

³¹ No atletismo, só recentemente, após 1995, as mulheres estão presentes em todas as modalidades. O salto triplo era uma modalidade exclusivamente masculina. A competência científica explicava que a mulher não poderia executar essa modalidade, pois poderia ocorrer esterilidade e problemas no útero, devido aos grandes impactos recebidos. Outras modalidades não estavam no protocolo feminino. É espantoso pensar que até a década de 60 a mulher competia apenas até a distância de 1500 metros. Hoje temos mulheres competindo na maratona, com resultados expressivos em relação ao masculino, além da participação feminina na prova do lançamento de martelo, de grande exigência física.

³² Há fatos que mostram o espírito de *vencer a qualquer custo*, ou colocando em risco a vida. O maratonista Dorando Pietri (Itália), nas Olimpíadas de Londres (1908), foi desclassificado por ter sido ajudado na sua chegada ao estádio. Diz-se que o efeito de estricnina que tomara fez com que ele perdesse os sentidos cinestésicos, após percorrer até o fim da prova. O primeiro registro de *doping* ocorreu nas Olimpíadas de 1904 (EUA), quando o maratonista Thomas Hicks tomou por via injetável uma dose de sulfato de estricnina, acompanhada de conhaque francês. Mais recentemente, os velocistas Florence Griffith-Joyner (EUA) e o canadense Ben Johnson foram acusados de *doping*. A velocista teve morte prematura, aos 38 anos. As revistas internacionais apontaram como causa o uso de anabolizantes; quanto a *Big Ben*, como era conhecido Johnson, foi desclassificado após vencer os cem metros nas Olimpíadas de Seul (1988).

Salvo outras questões sociais que possam ser observadas, jamais teremos *igualdade* no esporte, pois o objetivo do esporte enquanto competição é a vitória. É na disputa que há o vencedor, subentendendo-se desigualdade entre os competidores. É justamente a competição o eixo que norteia o esporte moderno. Procurar diferenciar um competidor de outro é o papel que cabe à racionalidade. Quando uma das partes procura se igualar, são construídos meios para se distanciar e tornar assimétrica toda e qualquer face que o esporte apresente entre seus competidores, seja ela psicológica, seja física, seja técnica.

1.4.3 *A especialização de papéis, a racionalização e a burocracia*: a fragmentação dos espaços do esporte moderno

*Cada vez mais os especialistas
conhecem menos do todo.
No esporte conhecem cada vez
mais de fibras, ossos, enzimas
e cada vez menos do homem”.*

A *especialização* e a *racionalidade* são características proeminentes da modernidade. Não estão dissociadas do processo de modernização do trabalho e das tecnologias implantadas em setores econômicos. A organização dos espaços da especialização funde-se pela definição de papéis, dentro dos setores existentes.

A especialização tem como objetivo, em qualquer contexto moderno, a divisão de funções, existindo, num mesmo espaço, grandes separações entre as diversas estruturas. Guttmann, ao se referir à *especialização*, vai buscar exemplos nos jogos do período medieval. Entre esses, observa-se o oposto dos jogos atuais, pois havia uma pequena divisão de funções entre os jogadores, sem nenhuma possibilidade de distinguir entre jogador e espectador.

A definição de papéis de técnicos e competidores no esporte fez com que houvesse mudanças, com o crescimento da *especialização*. Houve necessidades de mudança quanto ao tempo, regras, categorias, aumentando o papel dos especialistas. O basquete, o futebol americano, o atletismo (lançamentos) são cenários que possibilitam identificar essas situações. Partindo de suas regras primárias, limites de jogadores e peso dos implementos, por exemplo, verificam-se mudanças nesses esportes. A pergunta que se faz é: até que ponto se pode alcançar a *especialização*, cada vez? Para Guttmann (1978, p. 62), “...dada a lógica interna dos jogos esportivos modernos, *especialização* e profissionalização são inevitáveis”.

Dada essa premissa, é interessante discutir que, no grau de *especialização* e da *racionalização* existentes no *esporte moderno*, há uma padronização hierárquica de acordo com os recursos e equipamentos e a direção dos setores que o regem. A própria direção caracteriza na esfera da *especialização* a prática de possibilidades de concretizar a intenção proposta. Nesse sentido, se, num determinado espaço, os dirigentes esportivos verificarem que, em face dos equipamentos e instrumentos verificados, podem alcançar determinados objetivos, a *especialização* e *racionalização* dos conhecimentos galgarão em hierarquia as mais altas divisas, para colocar em prática suas estratégias. No entanto, isso não implica a erradicação dos conhecimentos acumulados, eruditamente, no contexto do esporte, tampouco, a extirpação de conceitos subjetivos de seus atores/sujeitos.

Guttman, considerando os papéis dos especialistas, afirma que a racionalização não significa abandonar as faces antropológicas dos atores/sujeitos. Tal discussão merece atenção, uma vez que, num contexto racionalizado, se poderia imaginar que não houvesse possibilidade de atuação simultânea de dois *modelos*, tidos como opostos. Assim, se a racionalidade recebe autoridade para conduzir um processo visando a um objetivo, as faces antropológicas também podem ser hierarquizadas. Isso levaria a crer e a interpretar que os objetivos tradicionais estão também eles calcados nos procedimentos modernos, que se resumem em “previsão, explicação e controle”.³³

No tocante à fragmentação dos saberes, há envoltimentos que obedecem a categorias de acordo com o setor em que se está inserido: há envoltimentos primários, secundários e terciários, relacionados com os papéis de treinadores, doutores, árbitros, gerentes e também com os vínculos existentes. É a dominação do *saber*, da competência científica, no domínio legal de sua função. De maneira contrária, podem-se ver situações em que a classe dirigente, desconhecendo o papel da *especialização* em determinado contexto, segue os caminhos do empirismo, sobreposto hierarquicamente ao que pode ser medido e mensurado. A convivência

³³ É interessante observar que, quando a racionalidade falha, os especialistas reagem oferecendo explicações coerentes com a teoria. Assim, na aplicação, algo pode ter saído errado, houve acréscimo ou diminuição da preparação ou alguma prevenção profilática deixou de ser feita, etc. Encontramos uma analogia em E. Pritchard, sobre a magia do povo azande: a falta de efeito no feitiço pode explicar a falta de percepção mística, ou pode haver erro na execução do feitiço, assim como pode existir uma oposição de um feitiço desconhecido e contrário, e assim por diante.

é nítida. Admite-se mesmo a dominação tradicional pelo carisma, sem contestação pelos subordinados.

Na atribuição de papéis, temos dois pólos que se enfrentam: um de **caráter positivo**, em que a subjetividade se dá pela ausência da racionalidade visando ao alcance dos objetivos, e quando obstáculos não-previstos favorecem a face antropológica dos sujeitos/atores. Nesse momento, há espaço para a incerteza, com condições de brotarem imaginários que preencham o vazio deixado nos sujeitos. Paralelamente, há o **caráter negativo**, em que, usando da imaginação que procura resposta nas insuficiências da racionalidade e fazendo uso de discursos que enredam a subjetividade dos atores, o ator vale-se da dominação pelo carisma, quando a possibilidade de contar com especialistas é remota. Ambos os caracteres operam nos dois sentidos, tanto no tradicional como no moderno.

A esse respeito, vale citar um exemplo registrado pelos jornais. Após os *Jogos Olímpicos de Sydney/2000*, depois da derrota da Seleção Brasileira de Futebol para o selecionado de Camarões, o jornal *O Estado de São Paulo* (6-10-2000) entrevistou Nilton Santos, jogador da seleção brasileira nos anos de 58 e 62. Questionado sobre a existência de um psicólogo na seleção, o ex-jogador sustentou que esse tipo de profissional não deveria integrar a Comissão Técnica, e citou o exemplo de Garrincha, que, em 1958, foi reprovado por um psicólogo. Nilton Santos preferiria que algo equivalente a esse cargo fosse ocupado por um conselheiro, também ex-jogador: “O ideal de uma comissão técnica é levar diversos técnicos e ex-jogadores. Isso sim é uma comissão técnica. Hoje inventaram até ‘fazedores de cabeça’ na seleção [refere-se aos psicólogos], que nunca jogaram futebol na vida. Por que não levaram o Tostão ou o Sócrates, que atuam na área médica e foram jogadores brilhantes? Os dois seriam ótimos conselheiros”.³⁴ Mais diretamente, ao ser indagado se era contrário à presença de psicólogos na seleção, disse:

³⁴ Segundo Toledo (1999, p. 138), a Comissão Técnica (CT) na Seleção Brasileira de Futebol foi criada quando foi solicitado um plano para a Copa do Mundo de 58. Naquela ocasião, a Seleção brasileira teve, pela primeira vez, um preparador físico de verdade: Paulo Amaral. Atualmente (1998), a CT da Seleção Brasileira conta com: um técnico (W. Luxemburgo), dois assistentes técnicos, dois médicos, dois preparadores físicos, um preparador de goleiros, um fisiologista, um fisioterapeuta e uma psicóloga. Há ainda uma equipe de filmagem para registrar treinos e jogos da equipe e também dos adversários (p. 150).

Até que provem o contrário, sou. Por exemplo, em 58, Garrincha foi reprovado num teste quando o psicólogo pediu que desenhasse um boneco e fizesse uma história. Garrincha desenhou um homem com uma cabeça grande e disse que era o Quarentinha [então atacante do Botafogo]. Aí, o psicólogo me disse: ‘Nilton, esse homem jamais poderia jogar futebol.’ Garrincha arrebitou na Copa de 58. Prefiro um conselheiro a um psicólogo, principalmente mulher, que inibe os jogadores (ibid.).

Quando lhe perguntaram se aprovava o técnico da Seleção (W. Luxemburgo), disse:

Eu gosto dele por um motivo: ele foi jogador de futebol. Sou a favor disso, mesmo que a pessoa tenha sido um jogador ruim. Se o técnico da Seleção fosse o Parreira, eu sugeriria que tivesse ao seu lado o Zagallo, que foi jogador de futebol (O Estado de São Paulo, 6-10-2000).

Fatos como esse, embora num mundo de *especialização* de papéis, tanto para os jogadores como para os profissionais, demonstram que existem paralelos aos conhecimentos construídos no interior da racionalidade. Da mesma maneira, uma outra reportagem nos sugere que há dois paradigmas no futebol brasileiro. De um lado, temos um paradigma moderno, que procura desqualificar o que não é objetivo, calculável; do outro, temos atores de futebol que manifestam sua cultura, suas crenças, seus comportamentos:

Em vez de psicólogo, filme. Os jogadores do Palmeiras já sabem indicar qual o principal inimigo da equipe para a decisão desta noite: o desgaste psicológico. Mesmo assim, todos dispensam a contratação de um psicólogo para acalmar o time e garantem que apenas as conversas com o treinador Marco Aurélio e com os jogadores mais experientes são suficientes para que o time consiga superar as dificuldades de mais uma decisão. ‘Eu particularmente sou contra o psicólogo. No futebol, o melhor psicólogo é o próprio treinador. Além disso, é importante que ele e o jogador conversem bastante. Isso é o suficiente. ‘Não gosto de psicólogo’, afirma o volante Magrão, que já teve o auxílio de especialistas quando ainda jogava na equipe do São Caetano. O treinador Marco Aurélio, para amenizar a pressão psicológica de seus atletas: ‘Na véspera do jogo contra o Cruzeiro, pela Copa Mercosul, nós assistimos ao filme Coração Valente. Foi uma coisa que mexeu com a gente’, comenta. (A Gazeta Esportiva, 12-12-2000, p. 8)

Embora estejamos discutindo as sete características propostas por Guttmann, é relevante citar esses fatos para os objetivos que propomos. Seria verificável, numa

organização não-plural, a iminência de *elementos da cultura tradicional*?³⁵ Havendo-os, seria sua causa a permanência de imaginários apoteóticos e culturais estereotipados no interior dessas organizações?

Embora não apressemos as respostas, lembramos que o rigor e a precisão da *racionalidade* não fizeram desaparecer dos sujeitos a sua *totalidade*. A própria ciência admite a existência de duas evoluções paralelas: a capacidade de chegar às verdades por meio das discussões e da verificação de efeitos calculados, legitimando-se pela prova de seus êxitos, e a possibilidade, que procede do *saber coletivo*, de produzir sentido e justificativas convincentes, deixando livres as tentativas diferentes, os espaços que a ciência/racionalidade não saberia reivindicar e explorar (Balandier 1999).³⁶

No entanto, a coexistência de fenômenos não-calculáveis é restrita em situações em que o desenvolvimento de papéis se tornou inadiável. Considerando as resistências, o jornalista Juca Kfhourri explicita o viés *negativo* no interior do futebol:

...cada vez mais não há – ou não deve haver – lugar para os curiosos, para os apenas práticos, para os amadores que não conheçam profundamente a especialidade a que se dediquem. Os conhecimentos adquiridos na área da medicina esportiva, na preparação física, na administração do esporte, levam, necessariamente, a que se repense o esporte no Brasil, ainda vivendo de raras ilhas de excelência. A dimensão que o esporte assumiu como negócio exige profissionais de ponta a ponta. Do dirigente ao atleta, passando pela infra-estrutura em todos os seus aspectos [...]. No esporte nacional ainda predomina o folclore, a corrupção, o mecenato, a politicagem. A qualidade dos atletas não é acompanhada pelas outras áreas, fundamentalmente porque na estrutura de poder predomina o voto de cabresto, o amadorismo muito bem pago, a falta de transparência. Porque há médicos, preparadores físicos, técnicos, homens de

³⁵ Fenômenos não-mensuráveis, no texto, referem-se a questões presentes no subjetivo dos atores do futebol, como sorte e azar, entre outras. Admitindo que há um único paradigma, o moderno, a existência dessas subjetividades seria latente? Para ilustrarmos, citamos esta matéria: “No vestiário, 13 velas acesas. Por Marco Aurélio? Apesar da derrota para o maior rival, o técnico, que tem o cargo ameaçado, estava bastante tranquilo. Doze velas brancas e uma azul ainda queimavam sobre uma mesinha de metal no vestiário do Palmeiras ao fim da derrota por 2 a 1 para o Corinthians, ontem no Morumbi” *O Estado de São Paulo*, 12-2-2001).

³⁶ No entanto, ao fazermos o contraponto com Georges Balandier, é possível refletir que a virada do século XX para o XXI trouxe o desencantamento no que o homem tanto acreditara: a ciência como avalizadora de todo mistério existente na natureza e nos fenômenos desconhecidos pelo homem. O desencantamento com relação às estruturas científicas mais poderosas, entre elas, a Medicina, a Física e a Sociologia, está permitindo a volta ao primevo, ao mito, ao mundo das *coisas* subjetivas.

administração e marketing, advogados, engenheiros, nutricionistas, psicólogos, enfim, profissionais de todas as especializações, em condições de serem absorvidos para alavancar o esporte nacional, mas que não encontram espaço para o exercício de suas habilidades exatamente porque a cartolagem os teme e repele (entrevista de Kfour, J.).

O jornalista induz a acreditar que, no Brasil, o futebol está longe de um modelo vivo de organização, com *especialização*, apoiada em conhecimentos racionais para galgar o caminho do desenvolvimento. Não obstante as críticas atribuídas ao modelo tradicional de administração do futebol brasileiro, não se constata que o envolvimento do legado cultural de seus atores no mundo do futebol seja o grande empecilho do desenvolvimento do esporte. Tal crítica se resume ao modelo de *características negativas e tradicionais* que ocorrem no futebol, que não permite o ingresso de especialistas.

No desenvolvimento do futebol, os profissionais são co-participantes de um contexto no qual a veiculação de papéis está subordinada a um determinado propósito, implícito no próprio contexto do esporte.³⁷

A *especialização* de papéis não existe somente na classe de profissionais. De outra forma, embora limitado à exposição de Guttman, o desenvolvimento do conhecimento científico veio definir os papéis dos atores intrínsecos ao esporte. Trata da definição e da especialização de papéis no jogo e nas funções de sua execução. No esporte, assim como em outras áreas, o generalista parece ficar em segundo plano. A fragmentação no esporte multiplica-se diante da especificidade de cada função no jogo: “Tudo para chegar mais perto

³⁷ O Técnico da Seleção Brasileira, Emerson Leão, que substituiu W. Luxemburgo, enxuga a comissão técnica: enquanto W. Luxemburgo levou 21 profissionais para os Jogos Olímpicos de Sydney/2000, Leão terá sete auxiliares. “A seleção não terá mais psicólogos”, diz a reportagem (O Estado de São Paulo, Caderno de Esportes, de 21-10-2000, p. E1. Título: “Leão avisa: ‘Quem convoca é o técnico’”. Matéria assinada por Carlyle P. Barreto. Já, na matéria publicada no Caderno de Esportes do jornal *O Estado de São Paulo*, de 18-11-2000, p. E2, o título estampa: “São Paulo antecipa viagem e leva Suzy Fleury”, referindo-se à profissional de Psicologia do Esporte. E segue: “Psicóloga viaja pela primeira vez com a equipe, que caiu de produção na competição. Preocupados com os últimos resultados da equipe, que caiu de produção e despencou na classificação, os dirigentes e a comissão técnica decidiram apostar na psicologia e numa maior união do grupo para reverter a situação. As medidas tomadas foram duas: antecipa a viagem para o Rio de Janeiro [...] e levar a psicóloga Suzy Fleury com a delegação [...]. ‘A presença dela é importante’ resumiu o técnico Levir Culpi, um dos que tomaram iniciativa para levá-la ao Rio.

da perfeição. Vadão, na direção de todo o futebol do São Paulo, já agendou uma reunião com Edson Machado. O tricolor vai contratar, em janeiro, um auxiliar técnico para treinar zagueiros e outro para ensaiar meio-campistas e atacantes” (A *Gazeta Esportiva*, p. 8, de 12-12-2000).

Quanto à possibilidade da perfeição, rememoramos o feito do atleta M. Spitz, integrante da equipe de natação dos EUA, nas Olimpíadas de Munique, em 1972. Na oportunidade, M. Spitz arrebatou nada mais do que sete medalhas, e todas com recorde, fato inusitado na época – e hoje insuperável, dada a *especialização* cada vez maior dos atletas. No atletismo tal fato também se verifica. Utilizando os conhecimentos da Fisiologia, os treinadores ditam ao atleta a modalidade em que deve ocorrer seu melhor desempenho – há atletas que conseguem ótimas marcas nos cem metros, mas que não se aventuram nos duzentos metros, pois entendem que as suas possibilidades de conquistas serão diminutas. Assim, temos especialistas em velocidade, meio-fundo e fundo – e mesmo dentro dessas divisões, há especialistas em velocidades de *sprint* e de resistência. Isso proporciona o aparecimento de especialistas para promover o desenvolvimento de cada “individualidade biológica”.³⁸

A *especialização* e a *racionalização* no esporte não se colocam fora do contexto social. Ambas obedecem a paradigmas econômicos. Render mais, em menor tempo e com menor desgaste físico, tem sido a ousadia que os fisiologistas e os profissionais da área têm

³⁸A seleção de modalidades é ditada pelo conhecimento da Fisiologia que pode, por meio de um exame de biópsia, diagnosticar qual o modelo de fibras que o atleta possui e, de acordo com esse conhecimento, encaminhá-lo para o treinamento em tal modalidade (100m, 200m, 400m, etc.). Isso pode ocorrer no esporte coletivo, embora existam outros fatores implícitos, que não dependem somente da esfera biofisiológica. Entram, nesse caso, a técnica e a tática, que, somadas ao fator biológico, podem produzir um ótimo desempenho. Mas, mesmo assim, devido às posições existentes nos esportes coletivos, há uma seleção: no voleibol, há jogadores que possuem ótimo desenvolvimento no levantamento de bola; por sua vez, no basquete, há aqueles que possuem um aproveitamento muito alto nos arremessos de longa distância (linha de três pontos); no futebol, aqueles que manifestam aproveitamentos em fintas e dribles, o que os promove a uma determinada posição de execução e de funções de papéis no momento do jogo.

abraçado. Para tanto, o desenvolvimento no esporte, calcado na Física, na Química e na Fisiologia, tem sido vinculado aos resultados nas praças esportivas.³⁹

Não pode escapar aos olhos que, nas piscinas, pistas e quadras, os desempenhos dos atletas, cada centímetro a mais e cada centésimo de segundo a menos, assim como os padrões táticos a serem adotados, estão baseados em conhecimentos de altíssimo nível científico. Guttmann parece acreditar que o romantismo, o empirismo *negativo*, tem os seus dias contados no esporte.⁴⁰ Mas valeria, aqui, citar as palavras de Bill Rodgers, norte-americano recordista mundial da ultramaratona (1979):

“Quando iniciei, contava com todos os recursos que estavam a minha disposição: sapatilhas, tênis, repositores energéticos, água, sal, glicose dissolvida, além de médicos, psicólogo e meu empresário. Mas quando faltavam algumas horas para o final da aventura, de nada valiam esses recursos. Soube que alguns atletas já haviam desistido. Busquei forças na lembrança que tive da voz do Pastor, quando tinha meus doze anos... e de minha irmã mais velha que, quando corríamos, chegava a minha frente e incentivava a terminar a carreira.... (Revista Mag Fartlek, 1992).⁴¹

Jeff Wells, maratonista, relata:

“Quando ultrapassei a marca dos 150 (refere-se a 150 km), encontrei com um grupo de apoio e me perguntaram se queria massagem. Respondi que não... caminhei mais quinze quilômetros e parei no próximo posto para me restabelecer... Ia acabar desistindo... Foi quando ouvi a voz do meu primeiro técnico que chamou pelo meu nome... Levantei e segui em frente... nunca me esqueço desse momento”.

³⁹ O implemento dos saltadores de vara, no atletismo, revela essa face de desenvolvimento. Outro fator que corrobora a questão de maior rendimento em menos tempo e menor desgaste físico pode ser observado nos treinamentos do *fundista* Emil Zatopek, a “locomotiva humana”. Zatopek, em dez anos (1946 a 1956) correu 80.560 km de treinamento. Chegava, em seus treinos de *Fartlek*, a dar 60 tiros de 400 metros, com dez segundos de descanso (BITTENCOURT, Nelson. Rio de Janeiro: Sprint, 1985, p.95). Hoje, o *Fartlek* foi remodelado e outros métodos de treinamento foram constituídos.

⁴⁰ Tal fato se revela no trabalho de TOLEDO, Luiz Henrique (2000), em que, transcrevendo as palavras do fisiologista do São Paulo F.C., pondera que a “...*maneira de trabalho de um ‘simples’ fisiologista poderá interferir no saber acumulado pelos técnicos ao apontar que também tem a possibilidade de determinar a escolha do melhor esquema tático, forma ou padrão de jogo, instâncias consideradas o ‘núcleo duro’ do saber e da visibilidade social dos treinadores*”.

⁴¹ Tradução própria.

Jeff Wells revela que todo ânimo racional, antes e durante a maratona, não foi suficiente: “...parecia que faltava algo maior... um alento, talvez... uma força espiritual para me ajudar”.

Guttman, como antropólogo, não avançou pelos caminhos do papel limitado que tem a *racionalidade*, pois, traduzindo a cultura moderna, tenta excluir de suas práticas os elementos tradicionais que têm por função intermediar o *real*. A própria *racionalidade* acredita que pode controlar o real e dar as devidas explicações a respeito. Mas esse domínio entra em choque, no momento em que, apesar da especificidade de cada um, não pode dar respostas. No esporte, o choque vem no momento em que o ator/atleta passe a duvidar do *conhecimento* e a relacionar-se com uma nova forma de *interpretar* o mundo. Nesse sentido, o pensamento subjetivo é tido como ameaça ao poder da *racionalidade*. Em outras palavras, quanto mais a *ciência/racionalidade* procura extirpar o *subjetivo* e os *processos mágico-religiosos*, tanto maior é a oposição da subjetividade.

A separação radical apregoada por Guttman é passível de críticas, pois traz consigo uma brutal ruptura do universo simbólico/cultural dos grupos/atletas. Com efeito, ao trabalharmos com o homem cultural, adentramos totalmente no universo simbólico, do sagrado, enfim da subjetividade presente no grupo ou no ator. Quer se queira ou não, essa subjetividade aparece, independentemente de onde o homem se encontra. E o que fazer com ela, nos estudos sociológicos?

Outra característica que vem acompanhada da especialização no esporte moderno é a burocracia. Constitui a burocracia um instrumento de poder e dominação no esporte? Para o mundo moderno, a burocracia é explicada como segurança, o que nos faz lembrar Edgar Morin, quando argumenta que o homem moderno - sente-se estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrado em uma segurança burocrática.

A organização para acolher todas as possibilidades de desenvolvimento do esporte foi possível com o aparato da *burocracia*, que possibilitou, de forma sintomática, as transformações exigidas pela estrutura econômica. Embora existam instituições próprias para regular o esporte em diversos âmbitos territoriais, ainda podem ser vistas nítidas intervenções

do *poder pessoal*, sobrepondo-se às esferas/instâncias burocráticas: “...um clube que tem um dirigente como ele, é bem melhor; você vai direto na pessoa certa”, disse um médico, referindo-se ao dirigente de um clube de futebol (*Correio Brasiliense*, 27-9-2001).⁴² A burocracia moderna nasceu com o objetivo de administrar e promover a funcionalidade dos sistemas complicados das instituições civis. Outro objetivo é fracionar, por meio da departamentalização e da especialização, o poder único e isolado, que pode minar o desenvolvimento e o progresso no alcance de um determinado objetivo.

Nesse sentido, a *burocracia* é formalmente o mais racional e praticado meio de dominação sobre os seres humanos. É superior a qualquer outro em precisão, estabilidade, rigor disciplinar e confiança, e permite um grau particularmente elevado de calculabilidade dos resultados. No entanto, as implicações dos aparatos burocráticos podem fortalecer e obstar o seguimento das ações e a visibilidade da condução dos trabalhos.

A primeira organização burocrática estruturada para organizar uma modalidade moderna, foi o *Marylebone Cricket Club*, criado em 1787. E com que objetivo outras organizações foram fundadas? Guttman responde com perguntas:

Quem na prática atual decide as regras de jogos esportivos modernos e quem administra os sistemas complicados de pesquisa? A resposta é óbvia. Uma organização burocrática. Uma vez mais, nós precisamos nos fazer lembrar da análise de Max Weber das distinções entre uma hierarquia primitiva de comportamento prescrito e uma burocracia moderna de papéis funcionais” (1994, p. 66).

Se essa funcionalidade soa de forma pejorativa nos setores públicos, nas instituições do mundo esportivo “uma das funções mais importantes da burocracia é ver que as regras e regulamentos são universais” (1994, p. 69), desde competições localizadas até campeonatos mundiais. Paralelamente ao *mundo dos papéis*, os regulamentos são instituídos de acordo com interesses de grupos ou isoladamente, quando a influência carismática e de manipulação viola os alicerces legais dos segmentos burocráticos. Garantir que as regras de uma modalidade

⁴² O poder pessoal nas estruturas das Instituições tem seus defensores argüindo que a “burocracia só atrapalha”. O médico do U. A. B. F. C. conhecido como “União Barbarense”, equipe que conquistou a quinta colocação no Campeonato Paulista, em 2002, nos disse: “quando você quer alguma coisa você vai na pessoa certa”. Em 2003, a equipe do União Barbarense, em dívidas, fechou o clube na área esportiva/futebol que funcionava desde 1914.

sejam conhecidas universalmente não significa a garantia de que elementos externos ao campo de jogo/disputa não tenham influências nos resultados. A condução da Ligas, Federações e Clubes deixa claro que há um domínio em que os objetivos estão identificados com grupos, mas sustentados isoladamente por pessoas.

Embora haja necessidade de criar aparatos com especialidades diferentes nos diversos segmentos burocráticos que conduzem o esporte, e o Brasil é palco dessa necessidade,⁴³ isso não é suficiente para cumprir as metas. Observa-se, em meio à burocracia, o poder emanado de Ligas e Federações. Confederações e organismos nacionais e internacionais constituem-se em feudos pessoais e familiares que, em meio à burocracia, reservam-se poderes, personalizando o esporte de acordo com os interesses afins.⁴⁴

Com a difusão da burocracia no esporte, a racionalização se estendeu. A malha burocrática cresceu com a busca de eficiência dos meios utilizados para fins predeterminados. Isso fez aumentar, no esporte, aparatos burocráticos que promoviam a divisão de tarefas (especialização), maximizando a intervenção sobre possíveis fenômenos que pudessem interferir na busca dos resultados. Isso fez gerar no esporte e em seus profissionais uma forma atomizada de desenvolvimento de trabalho; isso pode ser identificado também na prática do esporte: para cada tarefa a ser executada, o ator/corpo obedece aos cálculos de um especialista.⁴⁵

No esporte ou na vida burocrática social, a extensão cada vez maior de aparatos que fragmentam a organização de uma instituição impossibilita aos atores conhecer o todo. As

⁴³ O futebol brasileiro, no decorrer da década de 90, mudou substancialmente, ou assim se fez, em relação ao estado de discussão em que se encontrava com questões da *Lei do Passe*, aposentadoria do atleta/jogador, administração de clubes desportivos, profissionalização de dirigentes, entre outras questões. Surgem aparatos burocráticos que respondem pelas questões trabalhistas, jurídicas, empresariais e de relações públicas (*OESP*, Esportes 8-10-2000, p. E6. “Relação entre clube e atleta chega à Justiça do Trabalho” e “Advogado aponta absurdos da Lei do Passe”).

⁴⁴ Podemos identificar muitos exemplos de poder pessoal em meio ao contexto burocrático do esporte. Exemplos não só do futebol como também de desportos olímpicos. Conforme Sérgio Coutinho, empresário de esporte, no Brasil, “...não há nenhum dirigente que esteja há menos de dez anos no poder, dirigindo uma Federação ou Confederação” (Anjos, 2000) A Confederação Brasileira de Judô foi um exemplo típico de poder pessoal em meio à burocracia do esporte moderno, até julho de 2001, quando, em eleição, foram colocados abaixo vinte anos de reinado de uma família na direção dessa entidade.

⁴⁵ No campeonato mundial de futebol, realizado no Brasil, em 2000, o preparador de goleiros do Real Madrid, (Espanha), aconselhou o goleiro da equipe a não se dirigir à bola quando fosse chutada ao gol pelo jogador Marcelinho do Corinthians, devido à variação que a bola poderia sofrer com o impacto do chute do jogador.

experiências gerais de acessar os diferentes níveis de conhecimento deixam de existir, gerando padrões próprios e particularizados, mesmo no interior de um grupo.

1.4.4 *A quantificação e o mundo dos recordes*: marco entre a provocação do tempo e a ousadia científica

“Nós moramos num mundo de números”, diz Gutmann (1979, p. 73)⁴⁶. “Pitágoras, Arquimedes, Euclides e outros fizeram grandes contribuições à matemática, especialmente à geometria, mas nenhuma civilização grega foi obcecada com a necessidade de quantificar. Para eles, o homem era ainda a medida de todas as coisas, não objeto de medidas infinitas”.

A busca da *quantificação* se tornou obsessão no mundo moderno. Cada um quer estabelecer o seu *recorde*. A *quantificação* estabelece padrões, desde o nível da pessoa até o das grandes empresas de diversos setores. Se a produção, no decorrer do ano, atingiu “tal” patamar, no próximo terá de ser maior. A *quantificação* de questões mais íntimas também passa pela mensuração. O sexo desponta como modelo da *quantificação*: a potência feminina ou masculina é medida, buscando-se convergir para certos padrões. Relata-se que o europeu tem relação sexual a partir da adolescência, mas perde para os latinos, que iniciam bem mais cedo: quantas vezes na semana o brasileiro tem relação sexual? “Veja a tabela e compare sua performance...”

Os jogos esportivos modernos são caracterizados pela tendência quase inevitável de transformar todo feito atlético em algo a ser quantificado. Nesse sentido, a grande invenção foi a do cronômetro, em 1730, como instrumento para cronometrar corridas de cavalos. Atualmente, a *cronometragem* é medida em décimos e centésimos de segundos. Ao olho humano, torna-se difícil optar entre este ou aquele, quando se coloca em dúvida a posição de chegada dos competidores. Assim, o *estrelato*, a glória e a bonança das cifras de milhões de dólares têm sido disputadas em frações de décimos de segundos. A *quantificação* já figura em todas as situações dos jogos esportivos.⁴⁷ Não é só uma quantificação de resultados das pistas:

⁴⁶ “We live in a world of numbers”.

⁴⁷ No boxe, há recordes em diversas situações, inclusive inusitadas: números de lutas ganhas no decorrer da carreira, como também recorde de nocautear o adversário no menor tempo de luta.

pauta-se no econômico. As cifras apontam a constituição da performance e do *recorde*. A base da comparação entre Guga (Gustavo Küerten) e seu primeiro adversário, nas Olimpíadas de Sidney/2000, não foi o *ranking* de pontuação de vitórias, mas quanto cada um ganhou em prêmios durante suas carreiras. Ao findar um campeonato, a decisão do campeão já é antecipada, as atenções são voltadas para os possíveis artilheiros ou o atleta de melhor desempenho em sua função.

Partindo da *quantificação*, o *recorde* é, atualmente, o avalizador do desenvolvimento do saber científico. Tal fato revela-se na possibilidade de medir os esforços científicos voltados ao esporte, pelas novas marcas deixadas nas piscinas, pistas e praças esportivas.

Guttman pergunta: “O que é um *recorde* num sentido moderno?” Ele mesmo responde: “É a abstração maravilhosa que não só permite competição entre os que se encontram presentes mas também entre os que se encontram distantes e os que estão por vir” (1994, p. 81). Assim, o *recorde* garante não somente uma disputa com oito competidores que se encontram nas raias em ponto de partida, mas também com os que, no passado, deixaram marcas que não foram superadas e os que ainda estão por competir. Não foi assim que as marcas dos EUA no revezamento 4 x 100, nas Olimpíadas do México, em 1968, permaneceram por longo tempo? O mesmo aconteceu com *Bob Beamon*, com seus 8,90 m no salto em distância, e com o brasileiro *João do Pulo*, com seus 17,89 m no salto triplo. Guttman estabelece uma discussão, embora sem domínio científico, sobre o que leigos e espectadores do esporte fazem e perguntam uns aos outros: e quando se chegar a um resultado difícil de ser alcançado? Novas possibilidades devem surgir para que os *records* continuem sendo desafiados.⁴⁸

Guttman, observou que “...a teoria ou idéia de progresso são um processo linear que assume que toda teoria pode ser melhorada” (1994, p. 85), e acrescentamos: utilizando a

⁴⁸ A *Revista Placar*, em edição especial de maio/2000, publicou os cinquenta maiores artilheiros brasileiros, com um estudo das possibilidades de um alcançar a marca de outro. Na tabela, o jogador Pelé não é *ranqueado*, pois foi o único jogador brasileiro a ultrapassar a marca de mil gols. O segundo colocado obteve a metade de gols em sua carreira (Zico).

ciência e a técnica como instrumento para isso.⁴⁹ No entanto, as palavras de Guttmann parecem receber oposição, pois não dão conta de explicar o sujeito no contexto do próprio “progresso”. No alcance do recorde, o protagonista do feito, o atleta, figura de forma efêmera, brilha enquanto permanece o espírito da disputa, logo sua áurea esvanece, mas constitui e constrói-se todo um enredo para explicar como a tecnologia e a ciência alcançaram tal feito.

O que se percebe é que, no moderno mundo do esporte, os resultados parecem não contar com o sujeito/corpo: a vitória está prescrita na planilha e na estratégia construída; os resultados são frutos de conhecimentos laboratoriais desenvolvidos exclusivamente para cada biótipo; fibras musculares, terminações nervosas, estrutura óssea e outras atribuições biométricas recebem nomes e atenção, e o próprio sujeito empresta o corpo para ser cúmplice de seus resultados. O resultado alcançado não é explicado, tendo o sujeito como portador de uma totalidade física que o condiciona. As peculiaridades genéticas das partes, treinadas, garantem as causas do sucesso, na fragmentação proposta pela fisiologia, anatomia, física e biometria: “as fibras musculares tipo A e B (fast twitch) são essencialmente para velocistas e saltadores” ou “ele têm músculos delgados, ótimo para impulsão vertical”. O fundista A. Salazar, mexicano naturalizado norte-americano, aos vinte e três anos, na década de 70, conseguiu em dois anos, e por quatro vezes, superar o recorde mundial dos 10 quilômetros, fato inédito num período curto. No entanto, profissionais da Fisiologia asseguravam que era apenas uma fase e que o atleta não possuía fibras rápidas condicionadas para continuar com bons resultados nessa modalidade. Resultado: Salazar passou a disputar e treinar para maratonas, de acordo com que a ciência havia preconizado, embora estivesse muito distante dos melhores resultados mundiais.

E quando a ciência não aponta para nenhuma dessas qualidades?

Quando o ciclista ganhador da *Volta da França*, Lance Armstrong, venceu a etapa, disse: “Um menino doente, com várias complicações respiratórias, o caminho do médico era o que eu conhecia. Sem qualquer estrutura física para o esporte. Consegui... consegui...”

⁴⁹ É oportuno, aqui, fazer mais um contraponto usando os conhecimentos de Balandier, em oposição às reflexões que, no nosso trabalho, elevam a ciência como redentora da modernidade: “Hoje é banal associar a modernidade contemporânea ao reino da ciência e da técnica” (1999, p. 182). O avanço não se realiza em linha reta, perdem-se em impasses, orienta-se para vários objetivos, muitos deles enganadores e ardilosos. Esse avanço não dispõe de algo que lhe permitiria definir claramente seu sentido, seu percurso e seu princípio, seu itinerário e sua significação última.

Ao discutir as características do *esporte moderno*, identificamos as limitações da teoria de A. Guttmann. Contudo, procuramos abordar questões não contidas em sua obra, fazendo oposição às suas teorias do esporte moderno.

Sabemos que a crença do *Iluminismo* na *razão* era animada pela certeza de que o homem estaria livre para percorrer seus caminhos, a partir do momento em que se visse livre das amarras dos mitos, credences e do jugo da religião. De fato, vislumbramos à nossa frente que o conhecimento científico está em franco desenvolvimento, desatando as amarras do homem; percebe-se, no entanto, que tais amarras o levam à outra: o jugo da própria ciência. São os fins utilitários do conhecimento, da instrumentalidade que ainda não se superou e possui limites para seus intentos.

Para o nosso estudo, continua a problemática a que queremos responder: quando as manifestações “culturais” sobrepõem as estruturas burocráticas e racionais no contexto da organização do futebol? Será que o concurso universal das idéias comandadas pela ciência e pela tecnologia, onde se amplia o pensamento único, não recebe em dado contexto certa resistência, uma vez que a racionalidade luta incessantemente contra as tradições, que insistem em permanecer? Ou seria negada nesse contexto a pluralização do conhecimento devido à sustentação de modelos calcados em paradigmas tradicionais?

Tomamos de empréstimo questionamentos de Balandier (1999) que abrem pistas para nossa questão: esses exemplos de coexistência seriam como brechas da *racionalidade modernizante*, empreendida pela ciência, pela técnica e pela organização, por onde penetraria a irracionalidade das *crenças* e dos *mitos*?

É o que pretendemos responder nos capítulos seguintes.

O contexto dessas problemáticas, entendendo aqui a historicidade do homem, não implica optar por este ou aquele modelo. Tampouco implica abandonar a racionalidade; devemos aliá-la aos nossos referenciais, na ordem do conhecimento, não como a “grande

salvação”, mas reorientá-la para que possamos sair do passado embaraçoso. Reorientá-la é buscar no conhecimento a universalidade das articulações do mundo inteligível (razão/objeto) e as relações do mundo cotidiano, onde possam ser reorientadas em conjunto, não se anulando as possibilidades de erigir uma linguagem que possa promover a interlocução entre sujeito e racionalidade.

CAPÍTULO 2

O TRADICIONAL E O MODERNO: **a gênese e o espaço da convivência da razão e da emoção no futebol brasileiro**

*Todos ligados na mesma emoção,
Tudo é um só coração...
Pra frente, Brasil, Brasil,
Salve a seleção.*

Este capítulo responde a dois objetivos: o primeiro é identificar os limites do futebol perante os discursos que o colocam acima das questões políticas e sociais. Para alcance desses intentos, entendemos que há necessidade de discutir a presença do futebol no cotidiano social e político do povo brasileiro e, logo em seguida, a inserção do futebol no campo econômico. Adiante dessa discussão, o êxito do futebol no Brasil merece ser avaliado e aqui surge como segundo objetivo quando indicamos o caminho que permite vislumbrar faces da entrada das camadas populares no futebol. Ora essa “entrada popular” se dá pela via das rivalidades regionais e locais ora como força de resistência cultural.

Procuramos evidenciar o futebol nas regiões ainda pouco citadas na literatura. Reportamo-nos ao futebol do Sul, onde percebemos nitidamente a constituição de mecanismos de resistência cultural das camadas urbanas periféricas. Veremos que o futebol, embora possa ser traduzido como objeto que externava a sua própria prática, sofreu um processo de demarcação de simbologias, identificadas até os dias atuais. Num segundo momento, pretendemos iniciar uma discussão que possibilite discernir, nas fontes bibliográficas (jornais e revistas, na totalidade), o que pertence ao campo do *tradicional* e ao campo do *moderno*.

Para uma boa parte do mundo ocidental, o Brasil é conhecido como um país estreitamente vinculado ao futebol, assim como o reconhecimento dos franceses está atrelado ao vinho e ao perfume, e os espanhóis às touradas. Historiadores da estirpe de E. Hobsbawn teceram considerações sobre o estilo brasileiro de jogar futebol, considerando-o um dom artístico. Seguindo a trilha dessas interpretações extremamente elogiosas, pretendemos

mostrar que se criou e delineou uma mitologia sobre o futebol brasileiro, ou seja, um modelo amparado em tradições, o que afasta toda e qualquer aproximação da realidade.⁵⁰

Certamente, entendemos que o futebol recebe inserções da sociedade, tanto quanto a sociedade é influenciada por essa modalidade esportiva. Portanto, neste subcapítulo, vamos discutir e evidenciar como o futebol está amalgamado com a sociedade brasileira e como tal esporte, fazendo parte dela, por sua vez a influencia.

Com efeito, o futebol apresenta certas similaridades com os contextos sociais; politicamente, de maneira geral, é mais parceiro do que opositor⁵¹ de sistemas de governos ou de sociedades. Nesses reflexos, o futebol influencia e é influenciado, pode abrir e *reificar* situações; em determinados momentos, torna-se impossível saber quem opera: se a sociedade, construindo e moldando o futebol, ou este, moldurando a sociedade e construindo-lhe contornos sociais.

Difundido em todo o mundo, presente até em minúsculas sociedades, das mais diferentes culturas, o futebol apresenta singularidades próprias, no imaginário das sociedades em que se encontra. No mundo ocidental, como no oriental, a formação e a instituição de um

⁵⁰ Com essa referência ao *mito*, embutimos todas as posições da anteguarda da crônica jornalística do futebol brasileiro, saudosistas, românticos, ex-jogadores, técnicos de futebol e também os acadêmicos que se colocam na posição de arautos do futebol brasileiro. Para exemplificar o *saudosismo*, observamos o discurso poético na matéria com o ex-técnico da Seleção Brasileira Mário Zagallo: “Quando o preparo físico era menos desenvolvido o futebol era tão bonito! A evolução física na verdade foi boa para o atletismo, para a natação. Mas não para o futebol. O preparo físico nivelou e só trouxe prejuízos para o futebol [...]. Era mais gostoso, tinha mais arte. A correria tirou o futebol de suas origens (TAVARES, Márcio; GUEIROS, Pedro Motta. *Fla x Bota, ação entre amigos*. 1-4-2001).

⁵¹ Ao qualificar o futebol como *parceiro*, estamos afirmando que ele pode ser utilizado pelo Estado ou por grupos midiáticos para conseguir determinados objetivos. Um exemplo é o Mercosul, acordo diplomático entre os países do Cone Sul. Para institucionalizar, promoveu-se a Copa Mercosul com equipes de futebol desses países. Há outras leituras que podem ser exemplificadas da relação futebol e Estado. Na Argentina, em 1978, quando da Copa do Mundo, o Governo promoveu a Copa tendo em sua subjacência, entre outras, o aumento da popularidade favorável ao Governo Militar. Era uma oportunidade para propagandear a política do regime, na tentativa de ocultar as violações dos direitos humanos e da ordem democrática. Embora exemplos semelhantes possam ser dados, não implica que o *uso* do Estado pelo futebol atinja as intenções traçadas. Há possibilidade de ressignificação, de uma releitura da sociedade usando símbolos do futebol para se opor a uma situação política. Nos primeiros meses do ano de 2002, quando da crise econômica Argentina, a população saiu às ruas para protestar, grande parte usando a camisa da Seleção Nacional de Futebol (OESP, 22.2.2002). RAMOS, Roberto, em *Futebol, ideologia do poder* (1992), coloca o futebol como instrumento da classe dirigente para manutenção do *status quo*. Igualmente, DIEGUEZ, Gilda (1985), em *Esporte e poder*, refere-se ao esporte como um mecanismo da “prisão do corpo”.

Estado para prevalecer sobre outras nações não estão alicerçadas somente sobre os três pilares básicos: um governo, um espaço geográfico e um povo. Há necessidade de mais um pilar: uma seleção que represente o Estado nos campos de futebol.

No Brasil, o futebol manifesta todo um simbolismo que se expressa por si mesmo; aparece fortemente como processo cultural que identifica um grupo, um povo e chega a impor *estilo de vida, comportamentos e atitudes* a seus seguidores, parafraseando Mauss (1999).

Por sua forma de execução prática, o futebol se distingue dos demais desportos coletivos jogados com bola, pois nele se utilizam os pés, enquanto nos demais as habilidades se posicionam nas mãos. Como exemplo, temos a cultura esportiva coletiva norte-americana, que é amplamente dominada pelos esportes praticados com as mãos (basquete, basebol, futebol americano), nos quais há maior antecipação da previsibilidade. De outra forma, o futebol oferece uma estética diferente, seja quanto ao estágio físico, seja pelas habilidades técnicas: cada jogador tem funções diferentes. Devido a esses fatores, a previsão de situações é incerta. Em determinados momentos, as situações não são manipuláveis, dependem também das forças incontroláveis da sorte e do destino (DaMatta, 1989). Embora haja prognóstico, o resultado de um *jogo* de futebol é apontado como incerto,⁵² crescendo a tensão e as incertezas durante o decorrer da partida. Daí podemos “ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como voleibol, a natação e o atletismo” e depois há um outro jogo, “jogado no ‘outro mundo’ onde entidades são chamadas para influenciar no evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas no evento esportivo” (1986, p. 106/7).

Tais fatos nos levam a questões sobre a cultura dos atores envolvidos. Num segundo momento, queremos identificar as oposições existentes entre os conhecimentos devidamente organizados cientificamente, que denominamos racionais, e os conhecimentos empíricos, ambos situados no mesmo espaço do futebol e, mais precisamente, numa equipe profissional.

⁵² Embora não queiramos dar um sentido especulativo, vejamos a afirmativa: “No futebol não tem favorito antes dos jogos, lá dentro do campo é que você prova que é melhor ou não” (PRÓSPERI, Luiz A. “Luxemburgo pede que respeitem a seleção”. *Jornal da Tarde*, 24-7- 2000. Esportes).

2.1 O futebol no Brasil e sua inserção sociopolítica

*Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil do meu coração...
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil, Brasil....*

Escrever uma tese procurando desvelar o futebol brasileiro é, sob determinado aspecto, uma empreitada arriscada, mesmo amparado em argumentações devidamente construídas no interior do contexto acadêmico ou utilizando referências que dêem suporte ao estudo. Mesmo assim, esse objeto ainda merece muita atenção por parte do pesquisador, devido à inserção do futebol nos mais variados contextos, como nas esferas políticas, econômicas, religiosas e culturais, além de seu destaque, nos últimos anos, nas discussões acadêmicas, sobretudo na Sociologia.

Iniciamos argumentando que o futebol do Brasil, aqui traduzido pela *Seleção Nacional*, é alvo de admiração e motivo de orgulho para o brasileiro. Diríamos que o futebol da seleção nacional é um dos “produtos” e beleza de que os brasileiros mais se orgulham, pois, embora não tenha uma marca registrada, revela um *know how* que só o Brasil possui, sendo esse o imaginário que permeia o coletivo da sociedade brasileira. Nessa mesma linha, o futebol consegue chacoalhar os alicerces da nacionalidade, em casos como uma vitória sobre uma potência econômica ou uma derrota perante uma seleção fraca.⁵³ Compreender esse fenômeno demanda ainda mais aportes metodológicos.

Se no Brasil o futebol reflete a sociedade, podemos dizer que o faz com certo *ar* de dramaticidade. Situações do cotidiano identificam-se com o *espírito* de quem assiste a um jogo de futebol. A iminência da fatalidade é constante, mesmo com a vantagem no resultado; também há paralelos no tempo, na emoção ou na satisfação de contar com a presença favorável dos que assistem: a torcida.

⁵³ A derrota da Seleção Nacional para o selecionado de Honduras, na Copa América, em 2001, fez eclodirem manchetes em todos os grandes jornais e nos destaques podia ser vista a perplexidade dos brasileiros. “O mundo perplexo com a seleção” (*OESP*, p. E1, Esportes, de 25-7-2001).

A argumentação de que o futebol dramatiza os dilemas sociais, especialmente no caso brasileiro, não é nova, e aqui lembramos o antropólogo DaMatta (1982), talvez o primeiro brasileiro a atribuir contornos antropológicos consistentes nessa direção a esse esporte. É desse autor que podemos retirar atribuições para compreender parte da sociedade brasileira pelo futebol. Reafirmamos o conceito de *drama*, pois o futebol fornece elementos para a *ritualização*, em que podem ser identificados valores, relações sociais, distinções (que abordaremos em seguida) e *ideologias*. De outra forma, as relações construídas encerram situações que podem ser identificadas na rotina cotidiana e comportamentos de características distintas, identificados em grupos e associações de interesses semelhantes⁵⁴ nos quais há vários suportes para essas afirmações. Poderíamos mesmo dizer que o brasileiro carrega consigo uma tendência para o futebol e, como diz aquela música: “...e quem um dia não pensou em ser um jogador de futebol”.

Num país tão imenso, com diversas estratificações sociais, argumentamos que não existe somente um, mas vários *futebóis*. Nessa variedade, tanto o garoto como o adulto sonham um dia ser ídolo: do futebol jogado na hora do almoço,⁵⁵ na praia, na areia, no campinho de terra, no terreno baldio. É o futebol da *pelada*, do *raspadão*, do asfalto, do canteiro da avenida e também o futebol do Morumbi e do Maracanã.

Essa *tendência para o futebol* suscita construções sociais genuínas, identificadas em solo brasileiro. No entanto, podemos desmontar a idéia de que só o brasileiro possui essa tendência. Os italianos também a possuem, assim como os ingleses e os argentinos. Embora pareça novidade, na virada do novo milênio, também o Japão – antes, qualquer atribuição a esse país sobre futebol soava de forma pejorativa – reconhece “...uma íntima associação entre os dois países [Japão e Brasil] na paixão pelo futebol. Para as crianças japonesas, futebol e

⁵⁴ No cotidiano de grupos e associações, ocorrem rituais: há pontos de encontros de torcedores e simpatizantes de clubes de futebol (botequins, bares, sedes), com algumas que constituem associações de interesses mútuos que chegam a se inserir em contextos sociais (por exemplo: campanhas ecológicas, sociais e políticas, “jogando pela paz”, etc.).

⁵⁵ Em São Paulo, em 2000, foi realizado um campeonato de futebol, disputado nos canteiros da Avenida marginal Tietê, com trabalhadores das oficinas, frentistas, supermercados, transportadoras etc. Os jogos foram realizados nos dias de semana, nos canteiros da avenida marginal, tendo o horário de almoço como tempo disponível. Participaram mais de 30 equipes, contando com seis jogadores cada uma. Ao final, houve entrega de troféus e medalhas aos campeões (Programa de Esportes, 15-8-2000, Rede TV).

Brasil são quase sinônimos” (OESP, p. E4, 12-08-2001). Embora o futebol não seja uma paixão, como no Brasil, fornece expectativa de o ser, no futuro.

É uma impressão equivocada teorizar que esse imaginário exista somente nos brasileiros. Também não compartilhamos da idéia de que a “paixão” pelo futebol expressa debilidade do povo brasileiro; ademais, não necessariamente aquele que fala ou gosta de futebol expressa um viés despolitizado, pois como argumenta DaMatta (1986), se insistirmos “que o futebol é um instrumento de mistificação das massas ignaras que deveriam estar indo ao teatro, lendo romances ou discutindo política, estaremos apenas repetindo uma fórmula elitista e deixando de lado a possibilidade de estudar as implicações do futebol na sociedade brasileira.” As assertivas em contrário se encontravam em análises periféricas, ficando mais no campo de uma invenção vazia, subjacente a discursos ideológicos do campo político-partidário.

As críticas provinham de discursos tidos como *progressistas* da esquerda partidária, sempre carregados de denúncias e preconceitos, e não apontavam uma saída ou alternativa.⁵⁶ Essas análises não dão/deram conta de construir respostas ou dar explicações dialéticas que puderam justificar o uso do futebol/esporte pela via política ideológica. Ocorre que, no Brasil, o papel do jogo de futebol é outro, bem acima do que uma teoria possa explicar ou do que o “saber popular” possa opinar.

Voltando à discussão da tendência do brasileiro para o futebol, as contribuições para essa interpretação seguem diversos caminhos, na maioria das vezes parciais. Saldanha (1997, p. 15), por exemplo, aponta o clima brasileiro como fator de elevação do futebol na sociedade brasileira:

...o esporte, aqui notadamente o futebol, além de arte popular é também ‘paixão popular’. As próprias condições etnológicas e climatológicas do Brasil, entre os trópicos, permitem isso. Aqui,

⁵⁶ No caso da Educação Física, nos anos 80, houve uma avalanche de literatura nessa linha, alimentando um viés de esquerda, erradicando o esporte e enfatizando o uso utilitário/instrumental pelos governos ditatoriais/populistas. Nessa década se elaboramos uma comparação entre a teorização da Educação Física com a Antropologia, esta atribuindo a Roberto DaMatta, acerca do papel do esporte/futebol na sociedade veremos uma sólida oposição. Mais tarde, na Educação Física, favoreceu-se uma nova interpretação para o esporte, construindo-se metodologias alternativas para trabalhá-lo.

numa encosta de morro, num pedacinho de rua, num terreno baldio, em qualquer lugar o clima permite jogar descalço [...]. O nosso clima criou ao natural a formação de um homem ideal para jogar futebol.

Certamente, Saldanha não estabelece uma relação exclusiva do futebol com o fator climático. Argumenta ainda que o brasileiro, e aqui o traduz na figura do negro, “...se apega à bola porque a bola pode dar a ele um *status* que a sua condição social ainda não conseguiu” [...] nossa pobreza contribuiu para levar ao futebol”.

A primeira observação sobre o clima brasileiro tem objeções óbvias (por que então o futebol seria tão popular na Suécia, por exemplo?); a segunda pede mais comentários. Tanto antes como atualmente, as relações *classe social x futebol x status social* não refletem uma cultura criada e sustentada por apenas uma classe ou etnia não-privilegiada socialmente. Hoje, a cultura que leva ao futebol se encontra em várias classes sociais e em estruturas econômicas distantes do próprio futebol. Tanto brancos como negros concorrem para o alcance dessas relações; se o negro se destaca, é por ser maioria na classe desfavorecida, que tem acesso ao esporte porque nada lhe é exigido quanto à formação escolar.

Já antes de 1950 o futebol estava incorporado à vida social do brasileiro como o ponto vital da cultura que une o Norte-Sul. Durante esse tempo, o futebol sustentou a identidade do brasileiro e, para muita gente, foi a razão de sobrevivência ou de ir “tocando a vida”. O significado do futebol no Brasil, no *imaginário popular*, pode ser comparado ao sentido da democracia que os americanos julgam ter em sua sociedade. Foi e é na vitória do time ou da seleção nacional que se conseguiu, na amargura da fome, sentir orgulho de ser brasileiro, e até mesmo ser mártir:

Torcendo pela vitória dos brasileiros – Matou-o a emoção

Campos, 6 (do correspondente) – Toda a cidade recebeu consternada, após a notícia alvissareira da vitória brilhante dos brasileiros sobre os poloneses em disputa do Campeonato Mundial de Futebol, a notícia de que, fulminado pela emoção intensa, falecera o chefe da estação postal-telegráfica, sr. Dario Balesdent [...] – Sexto gol dos brasileiros! Ouve e rompe em vivas ao Brasil. Silencia repentinamente e sente obscurecer-lhe a visão. Chama a esposa, que ao chegar apressadamente, vê o marido já estendido, agonizando [...]

Em consequência do grave nervosismo popular verificaram-se ontem à noite numerosos incidentes pessoais. Merece ser destacado o caso da jovem Maria de Lourdes, de 22 anos de idade, a qual torcia apaixonadamente e, ao saber da derrota do team brasileiro, tentou suicidar-se ingerindo forte dose de veneno' (Negreiros, 1998, p. 100).

Assim, diversos significados simbólicos constituíram e se construíram no imaginário popular.⁵⁷ A camisa amarela da Seleção Nacional foi e é comparada à Bandeira Nacional, assim como a camisa do time do coração passa a ser um *bem* digno de testamento.⁵⁸ Nos clubes em que certo jogador foi identificado como “dono” de determinada camisa, vesti-la é considerado uma honraria, aludindo-se ao fato de que a camisa (não o objeto propriamente, mas pela identificação numérica) pertenceu a um ídolo⁵⁹. Da mesma forma, o brasão/distintivo do clube torna-se um objeto *sagrado*, símbolo que cria uma áurea de realidades. Essa realidade não é simplesmente uma *coletânea de práticas* que se constroem em nome de um clube ou de uma equipe; suscita sentimentos convencionais, decididos em *famílias* que se enlaçam sob um mesmo símbolo (torcida/equipe de futebol).

Essas *coletâneas de práticas* fizeram com que o brasileiro criasse uma *dependência* em relação aos *símbolos*, que se torna imprescindível para tomadas de decisões, de acordo com os resultados do próprio futebol.⁶⁰ Nessa dependência, valem *sacrifícios* e *coletâneas de práticas* que, a propósito, apresentam-se de formas diferentes em cada situação, seja uma Copa do Mundo, seja um jogo entre rivais, quando se pode observar a força da mobilização promovida pelo espetáculo: a cidade pára, pessoas nas ruas com bandeiras, flâmulas, emoções, reforço

⁵⁷ Para C. Geertz (1989, p. 144), os *significados* só podem ser “armazenados” por meio de *símbolos*. Assim como para o cristão a cruz simboliza sua fé, formou-se um *imaginário* que cria dependências de enfrentamentos na vida social – seja na cor da camisa da Seleção Nacional ou no distintivo do Clube/equipe, assim como na identificação do brasão de sua torcida.

⁵⁸ “Para usar isto daqui, tem que ter amor”, palavras de Zagallo, ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol, referindo-se à camisa da Seleção Nacional e “Em 62, quando vi a Bandeira Brasileira sendo hasteada, senti que junto estavam as onze camisas amarelas de nossos jogadores” (Caderno de Esportes: *Trinta anos da Copa*, A Gazeta de VV, 17-7-1992).

⁵⁹ A 10 do Santos F.C. tipifica uma camisa sagrada, devido à sua identificação com o maior jogador do mundo: Pelé. A camisa 7 do Botafogo do Rio de Janeiro também equivale a essa identificação. Na Argentina, a camisa 10 da seleção não será mais usada por nenhum outro jogador. Vesti-la tipifica a honraria máxima, por ter pertencido ao segundo maior jogador do mundo: Maradona.

⁶⁰ *Coletâneas de práticas*, como: dar aos filhos nomes de ídolos ou de jogadores de futebol; objetos com inscrições de clubes; objetos pessoais de jogadores (chuteiras, camisas, etc.) guardados e tidos como identificação de sua *família*, tatuagens do clube, etc.

policial e de transporte. No caso de jogo da “seleção”, ocorrem demonstrações de patriotismo/civismo, dispensa-se o mais cedo do serviço público, aumenta-se o horário de trabalho para compensar as horas do jogo... Lembramos o refrão que diz “...milhões em ação, pra frente Brasil...”

INDÚSTRIA PAULISTA PÁRA EM HORA DE JOGO

Consumo de energia cai em hora de jogo da Seleção, de acordo com o levantamento da Cesp, mesmo em dia de semana. A redução começou a cair após as 12 horas, mas a partir das 16 horas é que houve uma queda grande [...]. Ocorre o mesmo em outros países latinos (OESP, 23.jun.1994).

Isso não ocorre somente quando há jogo da Seleção Nacional. Há uma estreita reserva de alegria para o time do coração:

QUALQUER SACRIFÍCIO VALE A PENA PARA VER À TARDE TIME DO CORAÇÃO

Torcedores sofrem as conseqüências de, por exemplo, faltar no emprego. Mas nem ligam. ‘Quando falei que viria aqui o gerente avisou que iriam descontar 20% do meu salário por causa da falta, mas vim assim mesmo’, disse o balconista Vitor Camargo Nunes; segundo o torcedor, a paixão pelo alviverde vale o sacrifício’. ‘O contágio simbólico cria dependência que vai além do ato de torcer: sente-se na pele, no corpo: ‘Tive de dobrar no sábado para ser liberado’. Fui trabalhar com febre e tudo, mas qualquer sacrifício compensa, porque o Santos é a minha vida (OESP, 11-10-2001).

Entre sacrifícios e coletâneas, vê-se a dependência simbólica do time preferido. Planos futuros são adiados ou adiantados, e o calendário esportivo marca relações familiares: “O torcedor do Santos, o paraibano Alcides Manoel, de 40 anos, resolveu pedalar para ver o time da Vila Belmiro jogar com o Corinthians [...]. Na bagagem, além das imagens de N. S. Aparecida e de Frei Damião, Alcides carrega fotos de seus ídolos: o meia Robert, o volante Narciso e o ex-goleiro Edinho, filho de Pelé” (OESP, 25-10-2001). Ainda esta matéria: “Dérbi (sic) caipira. Torcedor fica na espera do dérbi e não dá nome ao filho”. Por sua vez, o calendário esportivo favorece relações que assim podem ser sentidas: “Torcedor viaja para ver final do campeonato carioca. Segundo a família, só vê o filho quando ele retorna para assistir os jogos da decisão do campeonato carioca que tenha o Flamengo, na final”.

Os *símbolos* que identificam o brasileiro ao seu *patriotismo* não são as paradas cívicas ou a confiança no poderio militar (como nos EUA); também não é ordenado pelas instituições civis, religiosas e militares. Embora o Brasil tenha orgulho de alguns símbolos da natureza (Amazônia, Pantanal) por exemplo, a sua dependência simbólica é interna: o futebol, parte constitutiva de sua derme.

A dependência ao futebol cria e recria símbolos reveladores do brasileiro. O futebol não se resume ao jogo, ao estádio ou campo de futebol; insere-se em cada brasileiro, que diz conhecer o futebol pelas suas regras. Tampouco o tempo para jogar ou falar de futebol compreende apenas os noventa minutos regulamentares. Há um espaço onde se identificam *experts* em futebol: é o cotidiano, na rua, no bar, no trabalho, no lazer, no caminho do trabalho. Esses espaços, encontros e tempos permitem a continuidade das tradições: rituais de torcedores, a história de um jogo, casos engraçados e inéditos, a superstição ou fatos em que o próprio sujeito é o protagonista. Se o futebol no Brasil existisse sem esses espaços, seria apenas uma série de jogos com intermináveis apresentações estatísticas.

Essas *coletâneas* estão impregnadas de um estilo de vida que pode ser identificado e atribuído à matriz que as alimenta, a prática do esporte. Isso nos leva a fazer uma breve consideração da força simbólica introduzida desse modo na sociedade brasileira. Assim como o brasileiro se revela pelo futebol, Geertz nos revela que o balinês rege sua vida pela “briga de galos”. Há uma profunda e estreita identificação do balinês com a rinha, assim como do brasileiro com o estádio/campo de futebol, onde se pode identificar uma linguagem própria, valores, hierarquia e *símbolos* que criam e alimentam significados que vão vingar socialmente.

A identificação do homem brasileiro com o futebol e com o seu clube é mais que puramente passional. É séria. Suplanta a posição política e religiosa; sua moralidade pode estar intimamente dependente dos sucessos de sua equipe, da mesma forma que o homem balinês se identifica não apenas com o seu ideal, ocorrendo uma rígida preocupação com o símbolo pessoal, o galo, pois esse animal torna-se uma extensão de sua personalidade.

Assim como, em certas ocasiões, o futebol pode revelar ao homem brasileiro sua própria dignidade e respeito, há um *jogo simbólico* na briga de galos em Bali, pois cria-se, intimamente, um *status*, em que a honra e a estima podem ser afrontadas, o que é muito “doloroso” para o homem balinês, assim como é decepcionante para o torcedor brasileiro a perda de um jogo. Há uma identidade em ambos os casos. Em Bali, a briga de galos é algo *absorvente*, pois trata-se de um fenômeno de representação que alimenta e reproduz quadros psíquicos, estimulando a continuidade de *uma rede/cadeia simbólica*. No Brasil, o futebol cria e solidifica corporações formadas por relações pessoais e afetivas, em que constituições, leis econômicas e a ordem jurídica não são instâncias que dêem ao homem brasileiro oportunidade de se manifestar. Na identificação do brasileiro com o futebol e na manutenção dessa *cadeia simbólica*, não houve necessidade de o Estado intervir. No campo do futebol, como instituição, é que o homem brasileiro se revela, justifica-se, chama/reclama para si seus direitos e identifica seu patriotismo, seu civismo.⁶¹ Em resumo, o futebol não pode ser entendido como um divisor cultural do povo brasileiro; está imbricado na própria cultura.

Mas que identidade é essa, que se tornou conhecida, que se tornou produto?

A identidade sobre a qual dissertamos se deu com o exotismo do futebol brasileiro. A estética do futebol brasileiro ao longo do século XX foi, de forma inquestionável, um valor para a cultura brasileira. O exotismo tornou o Brasil reconhecido no exterior. Os ingleses chamavam o futebol brasileiro de “beautiful game” e os americanos de “samba soccer”.

Essa originalidade ajudou a formar a *identidade nacional* a partir da segunda metade do século XX, mesmo em meio às decepções da Copa do Mundo de 1950. Essa identidade à qual nos referimos implica a semelhança consigo próprio e com os outros, na vida psíquica e social. A criatividade e a improvisação passaram a formar e a informar a auto-imagem do brasileiro e a maneira como ele interpretava sua história. O futebol legitimou e criou uma espécie de *ideologia popular*. Com ela, o homem brasileiro poderia vencer as intempéries sociais e políticas. Esse fenômeno está estreitamente ligado ao suporte da *identidade*

⁶¹ Referimo-nos à cobrança e à vigilância que a sociedade brasileira mantém sobre a Seleção Nacional, a instituição que a rege (CBF) e seus dirigentes. A situação que mais sobressai é a liberdade de opinar, indicar, criticar e elogiar o trabalho dos técnicos, dirigentes, etc. Na verdade, pode-se identificar uma legião de “técnicos competentes e críticos”, que ganha de longe de qualquer semelhante cobrança das instituições políticas.

nacional, pois essa leva a condições em que o objetivo desejado é uma integração supostamente harmoniosa, que neutralize os conflitos e mascare as contradições. Nesse sentido, o futebol ocorre na condição e na função do anestésico social.⁶²

Ao longo dos anos de 1960 e 1970, o futebol se sobrepôs a questões como a política centralizada, a ditadura, a violência estatal, a distribuição de renda e a miséria. Nessa situação, o meio acadêmico, que raramente escrevia sobre futebol, favoreceu uma certa ojeriza da “esquerda” com relação a esse esporte. Acreditavam que a classe governante poderia usá-lo como forma de ideologização das massas.⁶³ Nesse discurso, vislumbra-se no futebol a função de desviar a atenção das massas. Acreditava-se que “homem crítico/povo crítico” era aquele que não se deixaria enganar pelo futebol. O “crítico” seria aquele que pudesse perceber a verdadeira função do futebol na sociedade, sua utilização e funcionamento como instrumento de dominação. Dadas essas premissas, seria mais correto torcer contra a *Seleção Nacional*, para chamar a atenção do povo brasileiro para as atrocidades do militarismo e as causas da má distribuição de renda. Esses comportamentos se viam, em partes, nos militantes da esquerda, durante o regime militar.⁶⁴

Esses argumentos podem ser encontrados em autores como Dieguez (1985), Nunes (1985) e Ramos (1986), entre outros. Suas teorias se apoiavam e seguiam os mesmos conceitos dos autores da *new left* européia da *Sociologia do Esporte* as quais estavam sempre

⁶² Dentro dessa ótica, fica patente que a identidade é um processo de construção de imagem, resultando num espaço propício a manipulações pelo objeto identificado (nesse caso, o futebol), que une e integra socialmente. Em 1970, surgem discursos capazes de dotar a sociedade brasileira de sentimentos coletivos: “Agora o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota” (Nelson Rodrigues, após o tricampeonato) e “A vitória dos jogadores brasileiros evitou talvez uma crise política: hoje no Brasil todas as misérias são esquecidas” (*Le Figaro*, 22-6-1970).

⁶³ O uso do futebol por parte dos Governos é aparente; ora explícito ora implícito na conversibilidade de ganhos na simpatia política. Em 1990, quando da Copa do Mundo, na Itália, o então Presidente Fernando Collor de Mello inaugurou uma coluna de futebol no Jornal O Estado de São Paulo, denominada “Coluna 20”, onde o representante máximo do País expunha seus comentários e idéias sobre o futebol e a Copa do Mundo (*OESP*, 10-6-1990). Algumas obras retratam essa associação entre a ideologização das massas pelo futebol. Partidos de esquerdas entre 1980/90, dificilmente, em suas *cartas*, apresentavam uma discussão voltada para o esporte ou que caracterizasse o futebol como uma prática corporal cultural positiva. O livro de RAMOS, R., *Futebol ideologia do poder* (1986), apóia-se na idéia do uso do futebol como forma de ideologização das massas e da continuidade da acriticidade pela classe trabalhadora. Há uma crítica contundente, mas que apresenta um escasso rigor metodológico/teórico. Na verdade assumem mais um jargão panfletário de esquerda, procurando condenar o futebol como fonte de alienação das massas.

⁶⁴ Vejamos o que diz o cineasta Ugo Giorgetti: “Lembro-me quando com um grupo de amigos nos reunimos, quase clandestinamente, para torcer contra o Brasil na Copa de 70, já que o governo da época era um dos que mais valia do futebol para tentar conquistar a aprovação popular” (2000, p. 16).

“...associadas a posições progressistas ou de esquerda, sempre animadas pela vontade da denúncia ideológica” (Lovisoló, 2001, p. 80). Supunham que da angústia e dissabor pela derrota no futebol poderia brotar a antítese, ou seja, iniciar-se a *contradição*, quando o indivíduo pertencente à *massa trabalhadora* poderia compreender sua exploração, mudando o curso de suas ações e de sua história. É como se a derrota significasse a desestruturação de um imaginário, idéia ou comportamento, capaz de liquidar valores e ideologias, seguida de uma nova visão de mundo, ou ainda: a partir da derrota, iniciar uma crise política que colocasse em xeque o poder político. Mas essas idéias não vingaram. O futebol venceu...

O futebol venceu; em pleno início do século XXI, ainda é um campo preocupante para o poder político. Na iminência de um resultado positivo ou negativo do selecionado brasileiro, levantam-se expectativas não só a respeito do futuro do técnico ou dos jogadores de futebol, mas da própria economia política do País. Assim podemos ver:

Seleção busca a vitória pelo bem da Nação

Para conseguir um bom resultado e ‘evitar uma crise no País’, Scolari treinou ontem as jogadas rápidas [...]. A seleção brasileira promete a vitória contra o Chile amanhã em Curitiba e a classificação para a Copa do Mundo ao presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. O técnico Luis Felipe Scolari e o lateral-esquerdo Roberto Carlos afirmaram que o time garantiu que vai obter a vaga para o Mundial e evitar que mais uma crise atinja o Brasil. ‘Não vamos acrescentar outra crise no País, de jeito nenhum, disse Scolari [...] em resposta à declaração de FHC que demonstrou preocupação com o futuro do futebol brasileiro nas Eliminatórias. O Presidente comentou que não haveria crise maior no País com a seleção fora do Mundial (OESP, 6-10-2001).

As hipóteses de uma crise social iniciando-se no futebol são remotas, mas há exemplos da reciprocidade entre futebol e sociedade: em 2001, a torcida do Palmeiras, diante da crise do time, iniciou um protesto contra os jogadores e dirigentes, promovendo um “enterro simbólico” de algumas dessas personalidades. O incidente revela a reciprocidade de protestos nas esferas das instituições sociais, universitárias, populares e sindicais, mas o reverso ainda não é identificado.⁶⁵ O futebol possui cenas e exemplos que se encaixam perfeitamente numa

⁶⁵ Na época da *democracia corintiana* (anos 1980) os jogadores da equipe adentraram o campo carregando faixas favoráveis às eleições diretas, deixando evidências da incidência dos fatos sociais no contexto do futebol.

proposta sindical, de interesses sociais, mas essas evidências ainda não migraram para outros campos de trabalho, como a reivindicação classista.

Assim, podemos dizer que o que ocorre no futebol é uma singularidade sua, não tendo forças para contagiar outros setores das esferas institucionais. Sua influência é limitada, pois seu círculo está inserido num contexto maior, nas instituições da superestrutura da sociedade. Certamente, por fazer parte da superestrutura, sua relevância atinge fortes conotações momentâneas, no contexto político. Assim, Murad (1996) identifica o futebol como elemento social apaziguador, descrevendo a guerra entre Nigéria e Biafra (no continente africano), interrompida momentaneamente para que ambos os lados pudessem assistir a um jogo. Isso, porém, não significa que esse esporte seja a solução para determinados conflitos, conforme reflete o autor, acompanhado por Aguiar (2000), Campos (2000) e Lyra (1973), entre outros. Em outro exemplo, no grande conflito entre cristãos e muçulmanos em Beirute, a Copa do Mundo (precisamente o jogo entre as seleções de Camarões e Argentina) trouxe uma trégua entre os fundamentalistas políticos e religiosos:

BEIRUTE SUBSTITUI A GUERRA PELO FUTEBOL

Os conflitos políticos e religiosos do Líbano passam por uma trégua. A guerra civil que praticamente destruiu Beirute, com atentados, ciladas e confrontos entre cristãos e muçulmanos, está sendo interrompida por uma vontade capaz de unir os dois extremos, a de ver os jogos da Copa do Mundo, pela televisão. Com isso a tragédia não tem avançado, **mas permanece a tensão** [grifos nossos] (OESP, 9-6-1990).

As limitações do futebol como elemento apaziguador de questões políticas e sociais podem ser identificadas em outras sociedades, de países desenvolvidos e subdesenvolvidos.⁶⁶ Contudo, o futebol de fato aparece não como pano de fundo, mas como peça importante para

⁶⁶ A Copa do Mundo na Argentina, em 1978, também foi palco de tentativa de cooptação a apaziguamento social. No entanto, os resultados colhidos pelo Governo Ditatorial Militar não foram suficientes para manter a “paz social”, conforme projeto de trabalho da agência americana Burson & Marsteller, incumbida de melhorar a imagem do Governo argentino no exterior. Como esse objetivo da Copa não foi atingido, em 1981 o Governo Militar lança mais uma cartada de cunho nacionalista: a recuperação das Malvinas. Diante da catástrofe da frustrada “recuperação/invasão”, passados aproximadamente dois anos (1983), um presidente civil foi eleito.

promover e aglutinar forças em torno de uma causa social política.⁶⁷ Em 1998, a França, cuja seleção conquistou o título de Campeã do Mundo, passava por debates políticos sobre suas leis de imigração. Os partidos de direita e ultradireita clamavam por leis que pudessem “isolar o território francês das ‘invasões’ de árabes e africanos”. Alguns dos jogadores da campeã seleção francesa eram descendentes de imigrantes, o que talvez pudesse trazer uma certa aceitação por parte daqueles que se opunham aos imigrantes na França, considerando-os como “intrusos”, “povo subdesenvolvido” e “que tomam o lugar dos franceses”. A conquista não foi suficiente para romper com a oposição, embora tanto os jornais da esquerda como os da direita comemorassem o título, assim como a ultradireita. Todos participaram da festa, ocasião em que não se identificava quem fosse favorável ou contrário à imigração. Ainda na euforia pela conquista máxima do futebol, novas frentes xenófobas se manifestavam em pequenas notas nos principais jornais, contrárias às leis de imigração e mesmo aos imigrantes já estabelecidos e que tinham adotado o solo francês como pátria e a cultura francesa e seus símbolos como nação. Passados quatro anos desde a conquista do título de 1998, a iminência de uma possível onda de extrema direita assombrou a França e a Europa, com cerca de 20% do eleitorado francês adotando o discurso xenófobo de J. Marie Le Pen (www.starmedia.com.es 12-10-2002).

Um pouco longe das questões políticas, surge um outro jogo, com outro esquema. São as novas idéias que entendem o futebol como mercadoria – aliás, produto de primeira linha no mercado mundial, onde o consumo perpassa fronteiras e pululam mesmos entre as ideologias contrárias às “luzes dos outdoors do capitalismo”. Vamos a ele:

⁶⁷ Na Guerra EUA e Iraque, em 2003, as tropas americanas estando acampadas há 100 km da capital Bagdá, o Governo iraquiano fez acontecer os jogos de futebol do campeonato local, mostrando ao mundo que nada havia de anormalidade na rotina da capital do País.

*De repente é aquela corrente pra frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração.
Todos juntos vamos...*

O futebol contemporâneo não ficou alheio à mercantilização e à globalização tecnológica, sendo estreitamente imbricado com as questões sociais, políticas e econômicas. No Brasil, principalmente, seu contexto não pode passar despercebido, pois a sociedade brasileira está intimamente ligada ao mundo globalizado.

O futebol, que antes era somente do “campo do futebol”, passou a ser interesse de outras áreas como: direito, *marketing*, economia etc. Deixou de ser assunto de um campo restrito, o campo que cobre do dirigente do clube até a gente comum, ou de ocasiões e lugares apropriados, como programas de rádio e jornal. Em contraste, a nova formatação do futebol não é a de um universo/espço fechado sobre si mesmo. Na atualidade, o futebol está inserido num universo de práticas e consumos, estruturado e constituído como sistema. Entendemos que o futebol deve ser tratado como um espaço relativamente autônomo – entretanto, não se deve esquecer que esse esporte não é um espaço privilegiado, pois é um lugar de forças que não se aplicam só a ele.

O fenômeno do futebol foi ampliado com a inserção de uma grande gama de esportes na mídia e, posteriormente, na indústria do entretenimento. Essas inserções permitiram rupturas no futebol, tendo como fio condutor o processo de mercantilização do espetáculo esportivo. Para isso, houve necessidade de que os clubes pudessem acompanhar esse desenvolvimento, administrando o futebol nos moldes de empresas capitalistas modernas, esquema que ainda encontra forte oposição: isso teria feito os clubes estabelecerem ligação com o lucro, despojando o futebol de seu espírito “caseiro” ou *familiar*.

Na literatura do futebol, assim como nos discursos nostálgicos, não é difícil identificar essas oposições. De um lado, temos a crítica ao *futebol moderno*, em que as cifras do capitalismo falam mais alto do que o “amor à camisa”; concomitantemente, observa-se uma crítica ao futebol gerido sem profissionalismo: isso levaria à bancarrota, sem oportunidades para os “tecnocratas” do esporte. Mais adiante analisaremos essas críticas.

Diante da universalidade do futebol, falar de modelos e singularidade do caso brasileiro parece ser irrelevante, pois se a *cultura* do mercado globalizado fez com que africanos e chineses tivessem a aceitação dos mesmos consumos/produtos, o futebol não escapa a isso. Em nossa contemporaneidade, o futebol vive uma fase capitalista, de empresa e negócios, em que o torcedor não é simplesmente o torcedor, o amante do clube, mas o cliente de uma empresa. Ele tem ações, cartões de crédito, aplica na bolsa; as cores do time têm *griffes*. Não apenas os *grandes* clubes: os *pequenos* também têm suas marcas e seus produtos. Já não é a renda dos jogos que move a equipe e promove a folha de pagamento, mas o *marketing* da equipe que se tornou empresa. O patrocínio assume, com toda evidência, um espaço na camisa do clube.

No mercado do futebol, o time mudou de dono. A torcida, que antes era ouvida e mesmo escalava ou reprovava os jogadores, hoje é mera coadjuvante de um “jogo” que não lhe pertence; só faz coro em frente às câmeras de TV. Quem dita a escalação é a planilha do técnico, que aponta o que convém para melhor satisfazer os investimentos dos patrocinadores. Talvez possamos pensar que, no futuro, o torcedor seja convidado para assistir aos jogos, não do seu time com o rival, mas da empresa *tal* com a empresa *xis*.

A globalização, ou melhor, o capital fez do futebol o seu grande circo, e seus artistas não têm unicamente uma pátria para serem ídolos.⁶⁸ É possível encontrar garotos brasileiros que se afirmam fãs e torcedores do *Internazionale* ou do *Barcelona*, o “Barça”. Essa globalização vai além, saltou fronteiras. Um jogador africano, cujo país tenha poucas chances de se classificar para a disputa de uma *Copa do Mundo de Futebol*, pode ansiar por transferir-se para a Europa e mudar sua nacionalidade.

De outro ângulo, observa-se essa universalidade no cotidiano, quando equipes de futebol de várzeas adotam nomes de clubes europeus, assim como na mercantilização precoce dos “futuros craques/ídolos”; devido à nova legislação sobre o esporte no Brasil (*Lei Pelé*), parece que o imaginário do garoto da periferia também sofreu um salto de fronteira: hoje, ao

⁶⁸ Na Copa do Mundo da França, foram inscritos 704 atletas. Desses, 305 jogavam fora de seus países. A maior parte dos jogadores das Seleções da América do Sul e da África não joga em sua terra natal. Nenhum jogador que disputou a Copa do Mundo pela Nigéria em 1998 joga em sua pátria natal.

disputar um campeonato, nutre-se do sonho de ser “descoberto” pelo olheiro de um clube italiano ou espanhol.

Com a globalização, embora existam vínculos de nacionalidade, os discursos nacionalistas vêm perdendo terreno. As explicações de vitórias e derrotas, atualmente, não mais se assentam em discursos tradicionais envolvendo o jogador de futebol e sua individualidade. Tampouco a vitória ou a derrota se funda no desenvolvimento econômico e social do País, ou de sua estabilidade política. Em 1950, a derrota do Brasil para a seleção uruguaia revigorou as teses de alguns sociólogos sobre a mistura de raças: o Brasil não dá certo, não alcança e não pode competir com as sociedades européias. Em 1970, os argumentos foram os mesmos, mas de forma positiva: “a mistura racial dá certo”; “o Brasil, país de multirraças”; “a união entre os povos – a ordem vence”.

A partir dos anos de 1990, os discursos são outros. Não há nacionalismo, o discurso é calcado nos paradigmas modernos. Em 1994, a conquista foi no campo esportivo. Discurso de um futebol moderno, calcado na *coletividade* e na *disciplina* que a modernidade exige. Louvou-se a *disciplina*, a *concentração* nas exigências como profissional, do dever de cada um e não se externou o individualismo que desagrega. Os jogadores mostraram *profissionalismo*. De outra forma, a derrota do Brasil para a França, em 1998, aponta as críticas da modernidade: “o Brasil perdeu porque a Nike quis que Ronaldinho jogasse, mesmo não estando bem; a ingerência dos patrocinadores na Comissão Técnica foi longe demais; agentes externos (os patrocinadores) atrapalharam quem quis trabalhar da forma que era para trabalhar”.

No entanto, parece que as colunas diárias dos jornais e revistas do gênero futebolístico ainda não aceitam essa realidade: ainda se voltam para “o amor à camisa” e negam toda forma de pensar profissionalmente. O pressuposto tácito parece ser este: o futebol de antes era melhor, porque o jogador *suava a camisa* por amor ao clube, ou jogava porque *gostava*. Aliás, assim têm sido as reações das torcidas quanto aos jogadores e técnicos do

futebol, contra atitudes e comportamentos profissionais.⁶⁹ Ora, uma jogada não é menos bela porque é executada por um craque que ganha milhões. O prazer do torcedor não diminui quando vê o gol de seu ídolo, que triplica sua fortuna conforme os gols que assinala. Todos aprenderam, e nos resultados das partidas e nas administrações pode ser vista a globalização do futebol.

2.1.1 *Futebol e literatura*: discursos e interpretações acerca do futebol brasileiro

O objetivo deste subcapítulo calca-se na identificação do futebol, que, assim como o carnaval e a capoeira, assemelha-se ao *ethos* popular, amalgamado à cultura, na produção de um *jeito malandro* de jogar. Entre os autores que apontam essa simbiose cultural, temos Freyre, Murad, Lyra Filho, Bruhns, Daolio, entre outros, o que nos leva a refletir sobre as identificações tradicionais presentes em suas obras. No segundo momento, a direção e o propósito deste subcapítulo é identificar a entrada das camadas populares no futebol. Escolhemos o futebol do Rio Grande Sul para tecer as considerações sobre as hipóteses que perseguimos e, em seguida, o futebol no interior do Estado de São Paulo.

No Brasil, há no imaginário popular uma estreita relação entre o futebol e elementos da cultura corporal, como a capoeira e o carnaval, formando um trinômio cultural. Pretendemos destacar as idéias de autores que tratam do tema e, desde já, deixar como ponto de reflexão que capoeira e carnaval têm muito em comum, como a religiosidade popular, os rituais e a estética corporal de movimento. *Futebol, capoeira e carnaval* se estreitam quanto à religiosidade afro-brasileira; no entanto, centramos a discussão no estilo de jogar, calcado nos movimentos “malandros” da capoeira, corriqueiramente reforçados por técnicos e preparadores físicos como forma de manutenção de um estilo próprio.

Parece não ser novidade falar das relações entre futebol e cultura no Brasil. De forma vulgar, esse desporto é citado ao lado de situações que caracterizam o povo brasileiro, assim como sua posição hierárquica aparece em simetria com outras instituições tradicionalmente populares. São exemplos o carnaval e a cultura corporal da capoeira. O desfecho do esporte,

⁶⁹ Observe-se que há manifestações de torcedores opondo-se a transferências de jogadores para outras equipes em troca de maiores e melhores salários. “Quanto às ameaças da torcida do Santos, que promete uma ‘homenagem’ a ele, atirando moedas, o técnico corintiano tentou ironizar” (OESP, 26-10-2001).

se com vitória, leva à festa contagiante (carnaval). A relação entre o futebol e a capoeira está na estética do movimento corporal, da simulação e do ludíbrio. Há mais paralelos. No futebol, os jogadores se benzem antes de entrar em campo; na capoeira, a bênção é no pé do berimbau. Entre essas simbioses e inter-relação de empréstimos, temos visto, ao longo dos títulos conquistados pela *Seleção Nacional* ou pelas equipes regionais, que tudo termina em festa. Os últimos estertores de energias restantes, após o espectador torcer por sua equipe, são exauridos nas ruas.

No entanto, há uma assimetria entre o futebol e o carnaval. Ocorre que o futebol se apresenta uniforme em todo o território brasileiro, enquanto o carnaval tem formas regionalizadas – haja vista as diferenças existentes entre Rio de Janeiro, Bahia e demais regiões do Nordeste brasileiro.

Historicamente, o futebol foi e é responsabilizado por parte da “coesão brasileira” e da “integração nacional”. Ademais, o futebol aparece como pano de fundo, ou como imagens na credulidade brasileira. Na tentativa de criar um *ethos* regional, procurou-se mostrar um “jeito de ser” do brasileiro, associado à forma de jogar.⁷⁰ Assim como o “jeitinho” brasileiro, que tudo resolve, outros adjetivos descrevem a *malandragem*⁷¹ existente na ginga do jogador de futebol.

Murad (1996), Vogel (1982), Lever (1983) e Brunhs (2000), que acompanham os demais, acreditam que a manifestação rítmica do samba trouxe para o futebol a cadência da *ginga* e da *malandragem* e que, na finta e no drible, pode ser vista a incorporação da malícia da *capoeiragem*. Dessa forma, amalgamando-se a arte da capoeira ao futebol, este passa a ser representado e recriado no pensamento e manifestado na *cultura corporal de movimento* do brasileiro. Pode-se dizer que o futebol não existe nos pés do brasileiro, existe no corpo. É

⁷⁰ Podemos interpretar que a forma de expressão corporal do brasileiro é semelhante à vinculação de sua manifestação social na vida cotidiana. Em meio à situação social dada, a “malandragem”, o “dá um jeitinho”, com ar de malícia, procura reverter as regras sociais não criadas por ele. Entra em cena a astúcia, e o brasileiro, sabendo de sua situação, caminha pelas vias em que possa ser beneficiado. A humildade é colocada à frente, ou um pedido embaraçante, que força a dar o que sobra. Assim, esse jeitinho atrevido e ingênuo é necessário para ele se impor e ganhar autoconfiança, num mundo onde os patamares sociais são intransponíveis.

⁷¹ Para melhor compreensão do conceito de “malandragem no futebol”, ler SOARES, Antonio J. G. *Malandragem e futebol*. Vitória: CEFD, 1995.

resultado de uma mistura simbiótica que perturba todo e qualquer elemento racional. A popularização do futebol, segundo os autores, é devida à simbiose cultural, com destaque para a capoeira.

As explicações apontam superficialmente um corte/olhar antropológico: devido ao contingente de negros na população brasileira e à facilidade dessa “raça” em se movimentar com os pés, o brasileiro encontrou no futebol uma disponibilidade que o levou a praticar essa modalidade de forma bem coordenada. Nessa linha de raciocínio, os autores fazem referência às danças originárias do Continente Africano, colocando o samba como uma das simbioses culturais. Essa teoria defende vantagens atléticas para os negros no futebol, baseando-se num aporte biológico e não social – destacando-se, inclusive, as vantagens sociais para o negro brasileiro que se destacou no meio futebolístico.⁷² Assim, em resumo, acreditam que, por sua condição genética, o negro esteve/está propenso a criar um estilo próprio de jogar futebol.

Articulando essa reflexão, o renomado antropólogo Roberto DaMatta (1994, p. 16) retoma a hipótese de que, por jogar com a inevitável imprecisão dos pés, ao contrário dos esportes norte-americanos, alimentados pela rigidez técnica (basquete) e pela previsibilidade motora, o brasileiro possui “...sobretudo as pernas, os quadris e a cintura, essas partes da anatomia humana que, no caso, são alvo de um elaborado simbolismo”. Não há dúvida de que a hipótese da imprecisão do baixo ventre permite criarem certos simbolismos no decorrer de um jogo de futebol, seja no ator, seja na torcida, no entanto isso não garante nenhuma relação com a facilidade e estética do jogo. Tal fato, criado e argüido nas literaturas, merece mais investigação, pois, num país como Cuba, os praticantes não apresentam um futebol de “floreios e gingas”, como os brasileiros. No entanto, Cuba, tal qual o Brasil, passou pelo peso de ser colônia ibérica, tem língua latina, formação étnica semelhante, um elevado contingente

⁷² Teorias que defendem que o negro leva vantagens em relação ao branco em determinados esportes têm sido destaque em diversos jornais e revistas internacionais. No atletismo, encontramos, ainda hoje e com frequência, artigos que dão ao negro vantagens em relação ao branco nas corridas de velocidade. É possível também identificar artigos que indicam a falta de características e componentes genéticos na formação esquelética e muscular do negro, traduzindo-o como não apto para determinados desportos. Pesquisa por nós realizada indica não haver diferenças e probabilidades na aprendizagem e na possibilidade de resultados, quanto à etnia dos praticantes. Os indicadores se resumem no domínio da modalidade, na fase atual, pelos negros. Fatos como esses devem ser ressaltados. Os finlandeses, no decorrer dos anos 1950 e 1960, dominavam a modalidade do lançamento do dardo, no atletismo. Pesquisas acadêmicas indicavam que tal feito era devido ao fato de os finlandeses possuírem a arcada braçal maior que os demais povos europeus, teoria não confirmada, pois, de 1980 para cá, a Finlândia deixou de ser a primeira no *ranking* mundial. A partir de 1984, as modalidades de meio-fundo, fundo e grande-fundo vêm sendo dominadas por atletas negros ou do Continente Africano. Surgem especulações quanto ao biótipo, que os condicionaria para as exigências fisiológicas (leia-se raça) dessas modalidades. Tal fato não é confirmado cientificamente.

de negros, foi ex-colônia escravista e tem o catolicismo popular imperando, sendo também possível identificar o peso das crenças mágicas e a maleabilidade corporal na música e na dança.

Essas hipóteses reforçam a tese das capacidades inatas. Ora, qualquer membro de uma etnia, postado na mesma relação com a cultura, adquire possibilidades de aprendizagem semelhantes. Portanto, não é a “raça” que preconiza a capacidade de uma determinada habilidade.

Percebe-se que a *romantização* do *jeito malandro* de jogar futebol, amalgamada à cultura nacional, resultou numa teoria mítica, ainda presente na literatura brasileira. Essa linguagem não é recente. Freyre (1964) pioneiro nessa abordagem, procura explicar que:

a capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que, de um jogador um tanto álgido como Domingos da Guia, admirável em modo de jogar mas quase sem floreios [...]. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é.

Freyre (1947) afirma que o futebol brasileiro é identificado como dança, devido à influência marcante da etnia africana que, em contraste com o estilo bretão, “apolíneo”, criou um modelo dionisíaco e irracional – características semelhantes às teorias defendidas pelos intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX, conforme Skidmore (1986). O eixo dessas teorias argumentativas é vincular o estilo do futebol à expressão corporal das danças atribuídas aos descendentes dos cruzamentos de negro, branco e índio. Observa-se uma construção arquitetada sem rigor sistemático, revelando mais a direção emotiva de tais reflexões.

Para Lyra F. (1973), que acompanha essa linha de pensamento, todo jogador de futebol poderia ter em seu currículo a capoeira, como treinamento para ganhar mobilidade e *ginga*. Nessa mesma direção, Brunhs (2000) afirma que, nas três maiores dimensões culturais do brasileiro - capoeira, carnaval e futebol – estão presentes a *ginga*, a expressão da *malandragem* e a *malícia*. Embora seja uma posição de construções teóricas, fica difícil

apontar uma oposição, pois o autor não oferece o campo de conhecimento e o caminho percorrido para se chegar a essas conclusões. De qualquer maneira, podemos propor que se deva relativizar a cultura e lembrar: os jogadores negros do basquetebol norte-americanos possuem *ginga* e todo um movimento articulado para jogar, embora, na cultura americana, não haja samba, carnaval nem capoeira, o que nos leva a refletir que nem todo jogador que *ginga* tem necessidade de capoeira ou samba para ser dotado dessa cultura corporal.

Daolio (1997, p. 106), ao abordar essa questão, dá continuidade às argumentações dos autores anteriores, pois afirma ser

“...possível que o indivíduo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena e branca, tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países [...]. Esta noção explicaria o fato de os meninos no Brasil nascerem, praticamente, ‘sabendo’ jogar futebol”.

A primeira argumentação é verdadeira; no entanto, qualquer associação entre a mistura de raças e a habilidade corporal necessita de maior aporte científico; segundo estudos da psicomotricidade, não há possibilidade de associá-las ao futebol, pois a transferência de habilidade não é inata, mas adquirida/treinável.

Ao transpor essas associações biomecânicas de *gingas e floreios corporais* ao futebol, essas concepções vinculam às idéias defendidas pelos sociólogos nos fins dos anos 1950 (Leite, 1992). Não estão consubstanciadas em estudos que garantam as explicações das associações das convergências existentes entre as estruturas biomecânicas⁷³ e fisiológicas, pois há necessidade de interações estruturais para transpor um determinado movimento a uma situação diferenciada de movimento corporal. Essas interações orgânicas estruturais necessitam de uma interação social, devido à heterogeneidade da cultura brasileira. Ademais, nada garante que, em uma sociedade que se identifica com um determinado *movimento corporal*, este possa ser transposto para o esporte.

O esporte, e aqui não importa a modalidade, calca-se em modelos técnicos construídos como estratégia para sua prática. A vinculação cultural com as práticas corporais,

⁷³ Estruturas mecânicas culturais referem-se ao estilo/forma que cada sociedade apresenta, e podem ser identificadas no modo de caminhar, mirar e proceder corporalmente em diversas situações.

identificando singularidades, não cabe como explicação para um modelo de jogo ou de *movimento corporal* que se apresenta em qualquer modalidade esportiva. Nesse caso, que semelhança teria o estilo de jogar dos japoneses em relação à sua cultura de lutas? Ou em que situação pode ser notado o movimento corporal do tango no estilo de jogar futebol dos argentinos?

Tanto o brasileiro, como o asiático ou europeu apresentam o mesmo *movimento corporal*, se apoiados nas mesmas condições, no esquema ou estratégia de uma modalidade esportiva. Carece de mais investigação o que Murad (1996, p. 165) pondera de forma categórica, legando ao jogador *negro* a impressão do estilo de futebol brasileiro:

...quando começaram a jogar o futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição [...]. Esta redução dos espaços dentro das ‘quatro linhas’, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando o contato físico e reinventando os espaços. Sim, porque o drible não é outra coisa que a criação do espaço, onde o espaço não existe.

As reflexões do autor consideram um processo de resistência do *negro*, ao ingressar no contexto do futebol. No entanto, já nesse contexto, uma cultura *corporal* interagindo psicofisiologicamente, nas situações ponderadas por Murad, é meramente hipotética. Ademais, a permanência de movimentos atribuídos à cultura corporal, tendo o fator social como modelo, não é suficiente, pois as situações são diferentes a cada momento. Quanto ao exposto por Murad, podemos observar que, hoje, o jogador negro não tem seus movimentos limitados pelo branco no futebol, mas continua com suas gingas.⁷⁴

Corriqueiramente, no contexto da crônica esportiva brasileira, elementos tradicionais são lembrados nos discursos que relacionam os movimentos corporais da capoeira com o futebol. Na *Revista Arte Popular* (1987), um artigo prevê igualdade de habilidades para um atacante exímio fintador e um zagueiro que possua a prática da capoeira. Exemplificando seu

⁷⁴ A apreensão da *cultura corporal de movimento* se dá a partir de duas possibilidades: a *primeira* por meio das interações/relações sociais que implicam a convivência mútua, múltipla ou arbitrária (positiva ou negativa); e a *segunda*, pelo *ato inibidor motor*, denominado *técnica* ou *técnica esportiva*, que podemos chamar de *padrão de movimento*, em que o sujeito cumpre toda uma trajetória de movimento, devidamente construído (padrão de movimento de chutar, arremessar, correr, etc.).

argumento, o articulista lembra que o único lateral que conseguiu marcar Garrincha, atacante do Botafogo, foi Jordan, praticante da capoeira. Essa relação capoeira/futebol criou e estabeleceu a verdade absoluta de que a prática da capoeira poderia proporcionar padrões de movimentos corporais ao jogador de futebol, favorecendo a ginga e a maleabilidade nesse esporte:

TREINAMENTO PUXADO NO PRIMEIRO DIA DE APRESENTAÇÃO

Jogadores gingham no primeiro dia de apresentação. Trata-se de um treinamento de capoeira para que os jogadores possam incorporar a ginga e a malícia com a bola, diz o técnico Miro. Esse treinamento não é novidade, tendo sido utilizado em todas as equipes que Miro passou... (Campo Grande, 16-12- 2000).

A capoeira é utilizada largamente nas equipes de base do futebol profissional. Os recursos dessa luta/dança são considerados uma boa maneira de se obter o “jeito malandro” de jogar futebol: “E, para as equipes de base, diz Lúcio Flávio, a capoeira é um esporte fundamental para as equipes de base infantil, juvenil e juniores, pois é nessa fase que os meninos possuem e pegam a ginga, coisa do jogador brasileiro que não pode desaparecer” (*A Gazeta/ES*, 14-8-2000).

A questão, seguramente, é bastante complexa, pois implica conhecimentos da biomecânica e dos processos de aprendizagem. Contudo, nossas inferências permitem apontar condutas que se regem pelo espontaneísmo, intensificadas por valores estéticos e culturais de um estilo de jogar futebol do qual os brasileiros se orgulham.

Com base na biomecânica e na psicomotricidade, cabe aqui discutir um tema importante e bastante considerado na aprendizagem motora dos esportes: a “transferência”, ou seja, a transposição de movimentos de um dado esporte para outro.

A maioria dos movimentos desportivos é de natureza bastante complexa e, quanto mais complexa for a performance de um movimento, tanto menor será o efeito positivo da transferência para outras performances motoras (Thomas, 1993). A dificuldade reside no fato de os movimentos desportivos representarem processos de coordenação complexos, cujas

“parcelas de execução” estão intimamente entrelaçadas entre si. Além disso, cada movimento representa um confronto com o meio ambiente, em condições internas e externas específicas, raramente constantes. Por isso, alguns pesquisadores entendem que cada movimento é uma ocorrência única, que não pode ser repetida em todos os seus detalhes.

Segundo pesquisas atuais, a transferência é máxima quando as condições de treinamento das duas tarefas motoras são muito parecidas e quando se trata de *movimentos fechados*.⁷⁵ O efeito da transferência pode ser explicado tanto sob o ponto de vista neurofisiológico como psicológico e psicomotor. Há pesquisas que explicam as transferências motoras pela via psicofísica, assim como as características estruturais das ocorrências sensório-motoras a serem dominadas para que o processo se efetive. George (1994) observa que já existe uma quantidade considerável de estudos, mas analisam quase exclusivamente habilidades fechadas, em que os sujeitos mantêm consideráveis posições de controle sobre seu desempenho. Feita a ressalva, certas pesquisas sobre habilidades abertas apontam transferências bem-sucedidas em casos individuais (Thomas, 1993).

Num estudo que compara a cultura social norte-americana com a centro-americana, o sociólogo e psicólogo norte-americano William (1994) observou que a transposição da cultura para o esporte se dá em dimensões do comportamento, como agressividade, motivação e ansiedade. William, porém, descarta que exista transposição de movimentos corporais sociais para os esportes (ou seja, o padrão de movimento técnico).

Esse mesmo autor, em estudo comparativo de jovens norte-americanos e mexicanos, revelou que, no processo de aprendizagem, não há *transfert* de padrões corporais para *movimentos corporais abertos*. No entanto, em situações isoladas, William reconheceu uma maior “desinibição” dos grupos estudados em modalidades coletivas, sem considerar as exigências técnicas, constatando igualmente maior convergência de movimentos abertos.

⁷⁵ Movimento do lançamento do dardo e arremesso no handebol. No futebol, o lançamento da bola com as mãos pelo goleiro desenha um movimento fechado semelhante ao do lançamento de dardo. Existem desportos com movimentos fechados com maiores possibilidades de absorção, como os movimentos da ginástica olímpica e os saltos ornamentais.

Diante disso, pode-se aferir que a “sistemática/técnica esportiva”, segundo William, interfere nas manifestações de *movimentos fechados*.⁷⁶

Igualmente, Jolibois (1992), estudando na França a aprendizagem esportiva de crianças e adolescentes, constatou que, em determinadas situações de comportamento, o aprendizado se dá pela repetição de gestos identificados em atletas tidos como ídolos. Inversamente, porém, o autor não encontrou nenhuma relação entre os padrões corporais da cultura francesa e os esportes analisados. Vale ressaltar que, considerando o movimento, nem o referencial cultural nem o orgânico corporal apresentam características hereditárias – logo, entende-se não existir um padrão corporal inato, e todos estarem sujeitos à aprendizagem, de acordo com as condições de apreensão do movimento e do *valor*⁷⁷ que lhe é atribuído. No caso que nos interessa, isso quer dizer que a cultura corporal do futebol pode ser apreendida por qualquer sociedade.

Embora antropólogos voltados ao estudo da biomecânica no esporte, como o alemão Kurt Meinel, não tenham afirmado categoricamente a transferência de habilidades e gestos motores de um *movimento aberto* para outro, no Brasil, acredita-se que isso possa ocorrer – o que, no caso de jogadores de futebol, orienta parte do treinamento desses atletas, visando à obtenção do *status* que identifica o futebol brasileiro.

Podemos admitir que cada sociedade se expressa com singularidades, fatores de ordem fisiológica, psicológica e sociológica que as tornam conhecidas por seus gestos e movimentos. No entanto, a transposição de *habilidades culturais* para o esporte só é possível com maior eficácia em *habilidades abertas*, as que se apreendem no campo das relações sociais – o futebol, em contraste, vem se constituindo com o predomínio de *habilidades fechadas*. Ademais, tanto as *habilidades abertas* como as *fechadas* independem da origem e da cultura do sujeito.

⁷⁶ A matéria “Chineses na Lusa, atrás do bom futebol” (*OESP*, de 27-8-2001) sugere que a grande paixão dos chineses que estagiam na Lusa é aprender os dribles de Romário, Ronaldo e Denílson. Segundo o Coordenador do grupo de chineses, se houvesse na Lusa algum ídolo que os jovens da China pudessem imitar, “lá [na China] também teríamos Denílson, Ronaldinho e Romário”.

⁷⁷ O termo “valor” implica a valoração dada ao movimento corporal no futebol. Observamos o que diz o jornal espanhol *Marca*: *El jugador brasileño mueve mucho pero produce poco* (12-3-02).

Em todas as sociedades, há amplas possibilidades de aprendizagem.⁷⁸ Se as habilidades abertas são produto das relações sociais, o futebol constitui um campo de *construções corporais* propício a que o fenômeno de transposição cultural seja contínuo – não só no Brasil como em outras paragens, dado o intercâmbio hoje existente. Roger Milla, ex-jogador da seleção dos Camarões, argumenta que *Pelé* foi um exemplo especial para os africanos, tanto por seu estilo de jogar como por sua personalidade. Para Milla, “Pelé teve muita influência sobre o futebol africano. Ele visitou vários países do continente e conseguiu dinamizar o esporte. Os africanos viam Pelé pela tevê e o tinham como um modelo [...] Os jogadores brasileiros são modelos para as equipes de base dos países africanos” (OESP, 2-11-2001).

Tanto jornalistas como acadêmicos ou aqueles que discutem o futebol em botequins, ainda hoje “explicam” certas situações com a teoria da aprendizagem nata: “o craque nasce com o dom, com a característica, nasce pronto”. Esse discurso não é gratuito; ele não se alia aos novos conceitos da realidade, pois o *novo* constitui uma ameaça percebida no modelo que traduz a diferença. Trata-se, em suma, de atitude conservadora, que privilegia o reforço da tradição em detrimento da mudança.

Essa “identidade inata” do futebol brasileiro foi uma invenção de discursos nacionalistas, que, no decorrer dos anos finais de 1930 e nas décadas de 1940 e 1950, procuravam elementos que pudessem suscitar a identificação do país além-fronteiras. A identidade criada não nascia de uma livre opção, mas de uma circunstância necessária: a condição latino-americana do Brasil. Os discursos nacionalistas não procuraram traduzir nossas peculiaridades/singularidades, nem as simples expressões de características nacionais. Na verdade, era o contrário. Foi um meio para atingir um fim: o desenvolvimento.

No entanto, deu-se por certo que o Brasil possuía sua singularidade de jogar que segundo Soares (1998) não está explícita nos traços sociais, mas sobretudo nos discursos acadêmicos e jornalísticos, que naturalizaram essas singularidades/características. O

⁷⁸ *Habilidades fechadas*: o movimento corporal segue uma determinação prévia da execução: salto, arremesso, cabeceio de bola. O movimento é coordenado como resultado de um acoplamento de seqüências. Cada elo é executado com base no *feedback* que recebe do elo anterior etc. Há *feedback* antes e durante a execução do movimento. *Habilidades abertas*: o movimento corporal não segue uma determinação prévia.

nacionalismo de inclusão, que transformara o futebol inglês numa assimilação nacional, passou a constituir um *nacionalismo de fins*, para não se excluir da sociedade européia.

Que cultura ou produto o Brasil poderia exportar, que as sociedades além-Atlântico pudessem identificar como brasileiro? O samba? Ou o café, talvez? O único “produto” que apresentava essa possibilidade, na oportunidade, era o futebol.

Esse cenário alimenta a possibilidade de criar, pela Sociologia, uma identificação nacional. Dentre as diversas etnias que compõem a nação brasileira, o negro, ou talvez os grupos pertencentes às camadas populares, poderiam exportar essa identidade. Entendemos esse discurso amparado em duas reflexões: *a primeira*, como forma de integração racial e democratização dos espaços, que cada vez mais indicavam uma nítida absorção dos grupos populares; *a segunda*, revelando que esse potencial “artístico” do estilo de jogar futebol se apresenta mais como uma natureza descoberta do que como uma conquista social alcançada pelos grupos pertencentes às camadas populares que preenchiam os espaços do futebol.

Certamente, pareceria problemático dissertar neste momento sobre a identidade do povo brasileiro, ou mesmo citar a questão racial como ponto central dessa discussão. Contudo, devemos enfatizar que o discurso “oficial” sobre a identidade nacional foi devidamente elaborado e sustentava que uma dada parcela à margem da sociedade brasileira encontrara um caminho para ascender socialmente:⁷⁹ o futebol. Assim, foram identificados, estereotipados e justificados os dons naturais das camadas populares, inclusive na divisão de trabalho.

O discurso sobre o jeito de jogar “à moda brasileira” se refere constantemente à *esperteza* (Mário Filho, 1947), significando a criatividade, a habilidade corporal, a *saga maliciosa* que, embutidas num falso discurso da identidade cultural, têm colaborado para a auto-estima de uma certa parcela étnica brasileira (em contraponto, porém, cumpre registrar a crônica *Traços a Esmo*, de Graciliano Ramos, publicada em 1921, na qual, com ironia, o autor

⁷⁹ Trata-se de um discurso oficial, amparado, inclusive, em vieses antropológicos. A leitura da obra de Dante Moreira Leite (1992), *O caráter nacional brasileiro*, identifica os autores que assim se posicionaram. O Estado se serviu desses conhecimentos.

sugere que o esporte nacional de maior adaptação ao povo do sertão brasileiro seria *a rasteira*, numa referência à situação política brasileira.).

Na sua essência, termos como “esperteza e malandragem”, usados para adjetivar o que se denominou de *futebol-arte*, fazem referência a uma característica encontrada, segundo os autores, unicamente no futebol brasileiro. O que se percebe, por esses discursos, é que tais termos se tornam “oficiais” e aceitos pela coletividade, e passam a fazer parte, inclusive, de conceitos definidores de conhecimentos sociológicos, sem qualquer contextualização de seus autores ou de sua origem.

Esse *jeito/estilo de jogar* vem acompanhado da linguagem própria dos subúrbios, linguagem que busca no pensamento subjetivo a expressão para os fracassos e êxitos da vida – explicações *do acaso*, da *sorte* e das *crenças* que alimentam o *drama* cotidiano.⁸⁰ Assim, a força que ordena, redime e orienta age sem qualquer interferência do concurso das mãos humanas. Os espaços do futebol não escapam a isso, já que neles podemos identificar um *fato social* reunindo todos os elementos culturais e sociais que atuam sobre o homem. Nesse espaço interagem as relações com o *inexplicado* e o *explicável*, embora se viva num contexto permeado pela *disputa* entre o *subjetivo* e o *objetivo*, entre o *irracional*, descrito por Freyre (1947), e o *racional*, construído para explicar as causas além da compreensão dos atores do futebol.

2.2 O futebol e a reafirmação das classes populares

Buscando nos registros históricos, nos propusemos abordar princípios que nos levam a refletir a formação e a entrada dos elementos tradicionais populares no futebol. A ampliação das novas relações sociais nas cidades do início do século XX fez com que muitas levas de migrantes se apropriassem de novos estilos de vida, que marcaram distinções e possibilitaram a criação de novos valores. Nesse processo, podia-se identificar muitos de seus regionalismos, de suas culturas e de suas resistências culturais, enfim, do cotidiano popular que fora

⁸⁰ *Drama*, no texto, refere-se aos fatos e acontecimentos que levam a um processo de ritualização. Esse ritual é a forma com que um grupo ou um sujeito podem ser identificados ou conhecidos. Também se refere às fatalidades e causalidades da vida cotidiana.

transplantado para a vida urbana. Também o futebol, de maneira muito clara, foi palco desse cenário.

A maioria dos estudos e da produção bibliográfica concentra suas incursões nos fatos procedentes do eixo Rio-São Paulo. Sem desmerecer tais estudos e análises, fizemos opção por uma mudança de cenário. Procuramos realizar um breve recorte, tendo como escopo o futebol na Região Sul, mais precisamente no Rio Grande do Sul, onde, desde as décadas iniciais do século XX, é possível identificar o futebol criando e promovendo relações, na Capital e no interior do Estado.

Para os nossos objetivos, que não contemplam uma discussão exaustiva de todos os aspectos, devemos procurar entender como foram tratados e vistos alguns fenômenos sociais e culturais e como se deu sua transposição para o futebol. As considerações, nesse sentido, procuram estabelecer relações com o início da popularidade do futebol no Brasil, tendo o começo do século XX como foco de análise. Trataremos da entrada das camadas populares no futebol, detendo-nos em duas regiões: Rio Grande do Sul e interior de São Paulo, lugares onde ocorreu o mesmo fenômeno histórico, embora com contornos diferentes, conforme esclarecido nas fontes bibliográficas.⁸¹

Delimitado o nosso objetivo, elegemos **dois momentos** que, embora semelhantes, apresentam características distintas, que valem ser ressaltadas como abordagem acadêmica e das fontes de pesquisa analisadas.

No primeiro momento, levantamos um conjunto de fontes bibliográficas que, embora não discutam o futebol, apontam uma interpretação acerca do tema, convergindo na direção de nosso objetivo. São principalmente os trabalhos de Pesavento (1991 e 1996), Corrêa (1991) e Santos (1991 e 1991a), autores que tratam da comunidade negra na vida urbana de Porto Alegre, no início do século XX. A seguir, para introduzir nossas interpretações, apoiamo-nos

⁸¹ A bibliografia sobre o futebol brasileiro tem priorizado o eixo Rio-São Paulo, não traduzindo outros contextos regionais. Em nossa pesquisa, pudemos identificar que a entrada das camadas populares (trabalhadora) no futebol, no início do século XX, contém contornos regionalmente diferentes. Em São Paulo, o futebol trouxe a distinção de classe e serviu de lazer para as classes trabalhadoras e; no Rio Grande do Sul foi ato de resistência contra a opressão e discriminação, embora os autores pesquisados não estabeleçam relações diretas entre tais fatos, conforme Endler (1984) e Santos (1991 e 1991a).

em Endler (1984) e Jesus (1998), que tratam do futebol no Rio Grande do Sul. Endler discute as relações sociais e culturais nesse contexto; Jesus propõe um estudo aberto das relações sociais, tendo o espaço geográfico da cidade de Porto Alegre como base de sua análise.

No segundo momento, temos o estudo de equipes do interior do Estado de São Paulo, entre elas, a A. A. Ponte Preta de Campinas, o E. C. XV de Novembro de Piracicaba, a A. A. Ferroviária de Esportes, de Araraquara e E. C. Noroeste de Bauru. Essas equipes possuem em sua gênese faces populares, traduzindo-se na estética que hoje apresentam. De outra forma, analisar essas equipes suscita novos olhares aos estudos do futebol, que gira em torno do eixo Rio-São Paulo, resumindo-se nas equipes de ambas as Capitais; no caso do Rio de Janeiro, os estudos recaem em exaustivas análises da obra de Mario Filho, *O Negro no futebol brasileiro* (1947 e 1964).

2.2.1 O futebol no Rio Grande do Sul no início do século XX

É comum imaginar que a Região Sul – onde hoje se encontra uma grande parcela da etnia branca do País, a ponto de poder-se afirmar que o Sul representa a civilização européia no Brasil – não tem em sua história ou literatura destaque para a inserção do negro. Contudo, é na urbanidade que se dão os embates, com diferentes interesses e necessidades de grupos que se revezam ou se tornam hegemônicos na sociedade. Esses mesmos *espaços* amalgamam as “culturas” dominadas e as dominantes, que criam ou configuram novas interpretações, recortam e se apropriam de outras “culturas”, fazendo surgir novos contornos e valores. É no *espaço urbano* que ocorre a formação de novas “culturas”, que, na simbiose dos recortes, passam a ser aceitas tanto por dominantes como por dominados.

Vale aqui parafrasear Touré & Konaté *apud* Silva (1996) que entendem o *espaço* não somente em sua forma física, mas como construção resultante da atuação de diferentes forças sociais, que determinam a evolução de uma sociedade em cada momento histórico e constituem o campo de evidências por excelência das práticas culturais. Na cidade, a fricção e o entrecruzamento dos vários interesses, estilos de vida, formas de produção, consumo e práticas culturais acirram essa disputa, fazendo dela (cidade) uma construção

multidimensional, um artefato singular em que, nas apropriações culturais, parece não haver vencidos e vencedores.

A rua, a casa, a habitação e os locais de lazer são os espaços de transformação da cidade. No caso brasileiro, esses espaços refletiram as mudanças urbanas do novo século (XX), pleno de atores sociais criadores de novas ambiências. Segundo Pesavento (1991), na virada do século XIX para o século XX, o efeito civilizador europeu fez-se presente nas políticas governamentais dos Estados do Sul. O mesmo autor, em *Rua, caminho do progresso* (1996), refere-se “às políticas governamentais do Sul” como a instalação da ordem burguesa, segundo a qual o caminho da modernidade passava pela adequação a padrões desejados. É justamente nesse ciclo de modernização que cresce o antagonico, o excludente. O efeito excludente torna-se eficaz na medida em que nega espaço à população pobre, nessa concepção de mundo. Nessa negação, o espaço urbano foi reorganizado, privilegiando espaços e marginalizando os que, na resistência, se aglutinaram em cantões, verdadeiros focos de resistências contra a “ordem”, em frente da dominação e violência que se impunham contra essa população, exclusivamente pobre e negra (Santos, 1991a).

Pesavento (1991, p. 58) articula suas argumentações destacando que o Estado, aliando-se ao

...discurso higienista, que se articulava a uma política moralizadora, as vivências e territórios dos pobres são tematizadas como focos da criminalidade [...]. Desterritorializados do centro em função da política saneadora que acompanha o crescimento urbano, os pobres são ‘varridos’ para as zonas mais afastadas [...]. As áreas para onde migram estas populações pobres progressivamente passam a conviver com o impacto desse imaginário urbano. São também elas espaços de controle e focos de tensão social para onde os poderes constituídos devem exercer a sua vigilância.

Santos (1991, p. 113) acompanha essa mesma reflexão:

Porto Alegre é testemunha de como a mobilidade, para os negros, não é social, mas sim espacial. Onde as famílias negras são obrigadas a se mudar de lugares sem estrutura, para outros em pior estado. A liberdade, em finais do século XIX, jogou-os nas proximidades do Parque Redenção. A urbanização lançou-os ao Alto Petrópolis, mais especificamente ao bairro Mont’Serrat, que (mais tarde) se tornou reduto da alta burguesia porto-alegrense, fazendo com que os negros se dirigissem a vários outros lugares...

A origem dos novos territórios étnicos, segundo Jesus (1998), tem relação direta com a exclusão da camada pobre e negra de Porto Alegre da nova economia industrial. Excluído do trabalho e dos espaços urbanos, o negro, em Porto Alegre, ocupa os cinturões em volta da “cidade branca”, constituindo grandes guetos, onde as práticas religiosas afro-brasileiras sofreram intensa discriminação e perseguição pelo Estado (Pesavento, 1991, e Corrêa, 1991). Certamente, a situação descrita por esses autores não é excepcional na realidade brasileira. A perseguição ou discriminação ocorreu em diversos cantos do País, como sugere Silva (1996, p. 92), para quem “...até poucas décadas atrás os adeptos das religiões afro-brasileiras, principalmente do candomblé, sofriam uma forte discriminação social, muitas vezes somada à violência policial – o que freqüentemente resultava na invasão dos templos e na prisão de seus membros”.

Na ebulição de ocupação do espaço urbano, cria-se uma antítese: de um lado, a racionalidade urbana discursando em favor de um comportamento ético ou moral em face ao desenvolvimento urbano, de idéias européias; de outro, a luta das massas periféricas pela continuidade de valores, práticas e *significados* divergentes da “nova ordem” – o que nos sugere reflexões sobre a luta entre o mágico e o racional, entre o sagrado e o profano, enfim, sobre o cenário dos grandes centros populacionais brasileiros nos anos iniciais do século XX.

Para escapar da perseguição exercida pelo Estado, a técnica mais utilizada pelos grupos que não faziam parte da “nova ordem” urbana foi a do *disfarce*, resultando não em conflito, mas em *acomodação*, como no caso das “associações” de futebol e blocos carnavalescos.⁸² Nas duas décadas iniciais do século XX, havia um significativo número de clubes, mas suas ações não se limitavam ao futebol. Percebe-se o clube como resultado da aglutinação social ou da resistência étnica, independente de classe ou status social. Tanto brancos estrangeiros como negros descendentes de escravos constituíam clubes e associações, para resguardar valores, como classe social ou grupo étnico. Referindo-se ao contexto porto-alegrense, Endler faz menção à formação das associações de futebol nos espaços existentes entre os redutos da

⁸² Lazzaroto, em sua obra *História do Rio Grande do Sul* (1978, p. 107), deixa-nos pistas da simbiose entre o carnaval e a religiosidade nesse Estado. Revela que o carnaval é a reprodução do ritmo, ritos e tradições das antigas festas de guerra ou de culto de tribos africanas. “As associações de carnaval, pela organização, são análogas aos nossos terreiros, que se constituem em lugares de culto, um tanto sincretizados com o Cristianismo, com os deuses dos povos Yuruba da Nigéria”.

massa operária e dos bairros privilegiados pelo poder público. Corrêa nos possibilita refletir sobre a resistência de tais grupos e bolsões étnicos, por meio de suas *associações*, disfarçadas de grupos carnavalescos, “escondendo” os terreiros, locais de cultos *afros*. Por fim, Jesus (1998) nos aponta os caminhos para encontrar a peça que completa o quadro, quando assinala que é desses locais que saem os negros em direção à várzea do “Caminho do Meio”, do “Campo do Bom Fim” ou da “Volta do Cordeiro”, para praticarem o futebol.

Para esses grupos, o caminho a seguir na vida urbana era misturar o fetichismo religioso com o futebol. Desse modo, esses grupos menos privilegiados protegiam a religiosidade de um provável desajustamento dos valores simbólicos na vida urbana e escapavam às conseqüências da ordem estatal. É Pesavento (1991, p. 101) quem aponta a diferenciação dos valores e costumes das classes na nova ordem urbana, em que “...de forma diferente, eles [negros e pobres] se encontravam nas rinhas de galo e nas casas de *batuque*⁸³ – ambos proibidos pelo Estado; nos carnavais de rua, nos cafés dos subúrbios e no Mercado Público, nos botequins da Ilhota, nos banhos no Guaíba e na festa de Navegantes e do Divino Espírito Santo”. Era nítida, na virada do século (XIX), a identificação de “cada qual no seu lugar”.

Na resistência e conservação das raízes culturais, nasce a hipótese de que o negro (a massa popular) utilizou-se das associações de futebol/blocos carnavalescos como meio para garantir a continuidade de suas descendências culturais, tendo usado desse disfarce para escapar da perseguição estatal. Assim, muitas “associações” serviram de cobertura sob rótulos de clubes carnavalescos, maracatus e associações esportivas, mas não deixavam de ser um clube ou associação de futebol. Para Corrêa (1991), o “disfarce” conserva com surpreendente fidelidade suas raízes originais. Representa um *locus* de resistência e sobrevivência física e cultural para as grandes massas urbanas de descendentes de africanos. No entanto, as “associações culturais” foram sendo esvaziadas, conforme a sociedade foi assimilando a nova ordem; novas formas éticas e estéticas culturais foram criadas entre os adeptos das religiões afro-brasileiras.

⁸³ Batuque – é um modelo clássico das religiões jeje-nagôs, como o Xangô pernambucano ou o Candomblé da Bahia. Segundo Corrêa (1991a), os primeiros templos de Batuque teriam sido fundados em Rio Grande ou em Pelotas, em meados do século XIX.

Analisando a vida esportiva da época, pode-se observar que a maioria das associações se encontrava na organização das dinastias germânicas. O esporte não consistia um privilégio das massas urbanas. Porto Alegre, no início do século XX, já era distinta nos locais de lazer da burguesia, com destaque para os esportes e suas associações. O ciclismo, turfe e o remo consistiam em passatempos; havia quatro hipódromos na cidade, na virada do século.

Em 1903, foi fundado o *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense*, por jovens pertencentes às camadas médias e altas, em sua maioria constituídas de teuto-brasileiros. Em 1909, o *Sport Club Internacional* foi fundado por migrantes paulistas e jovens de menor prestígio na sociedade porto-alegrense. A Liga Porto-Alegrense de Football foi constituída em 1910. As duas equipes disputavam anualmente a taça *Wanderpreiss* e realizavam alguns jogos amistosos pelo interior do Estado. Os negros e as camadas periféricas não tiveram acesso a nenhum desses clubes. No Sport Clube Internacional, a possibilidade de o negro vir a fazer parte da equipe só ocorreu na década de 1930 e, no Grêmio, somente nos anos iniciais de 1950. Foi nesse contexto que, ainda na década de 1910, foi formada a *Liga da Canela Preta*, em oposição à *Liga Branca*, constituída pelos descendentes europeus.

Em 1920, havia três ligas no futebol porto-alegrense. Todas traziam certas identificações quanto à cultura e ao *status* social de seus membros. Assim, havia a “liga do sabonete”, composta por elementos da elite, que entravam em campo impecáveis; a intermediária, denominada de “liga do sabão”, composta por pequenos comerciantes e clubes de etnias minoritárias; e, por fim, a “liga das canelas pretas”, constituída de times formados exclusivamente por jogadores negros, que não eram aceitos pelas outras equipes.⁸⁴

É difícil precisar a data de fundação da Liga Nacional de Football Porto-alegrense, a liga dos negros. Em 1941, toda a documentação a respeito foi destruída numa enchente, que invadiu bairros operários como Navegantes e São João e áreas marginais (Pesavento, 1991 e Jesus, 1998). O resgate histórico da Liga da Canela Preta, como foi chamada, só foi possível

⁸⁴ Nas cidades do interior do Rio Grande do Sul, como Pelotas e Bagé, já se identificavam clubes associativos na década de 1910, onde jogavam brancos e negros. Nessas cidades, a restrição ao negro foi menor do que na Capital.

por meio da história oral e de alguns documentos do Estado, oriundos de instituições de Saúde.

Há duas versões sobre sua formação: a primeira refere-se à apropriação do antigo campo do *Sport Club Internacional*, em 1911/12, pelas associações formadas nas vilas operárias, em sua maioria constituídas de negros; a outra versão relata que a Liga foi formada por representantes da Vila Africana. Qualquer que seja a origem, certamente a criação da “Liga Negra” foi um meio de desenvolvimento da cultura negra, sem discriminações ou perseguições por causa da cultura religiosa. O espaço do futebol proporcionou aos membros da “Liga” a possibilidade de convívios sociais, constituindo um território que, embora reservado a uma etnia, poderia se expor abertamente ao público, aglomerando e criando resistência social e política.

Pelo fato de os negros e a classe popular não serem aceitos nos clubes “brancos”, na maioria constituídos em Porto Alegre, houve um atraso no futebol gaúcho, que não pôde contar com valores do futebol oriundos dos grupos que se formavam nos bolsões periféricos das maiores cidades do Estado. Segundo Dienstmann (*apud* Jesus, 1998 , p. 63),

...o Guarani de Bagé aceitara negros, três anos antes do Vasco da Gama. Este ‘atraso’ dos clubes da capital em relação aos do interior quanto à utilização de atletas negros ajuda a explicar o sucesso destes últimos nos certames regionais até o final dos anos trinta, quando dividiam os títulos com os clubes da capital.

No seu início, a Liga da Canela Preta contava com nove clubes associados. Em 1922, a “Liga Branca” criou a *segunda divisão*, que abriu oportunidades para jogadores negros, o que desencadeou um lento processo de decadência da Liga da Canela Preta. Alguns fatos interessantes merecem citação, uma vez que permitem identificar os posicionamentos diante das questões sociais que se travaram na constituição e na formação das ligas no Rio Grande do Sul.

A constituição de uma liga formada por negros não ocorrera somente em Porto Alegre. Na cidade interioriana de Rio Grande há registros da *Liga Rio Branco*, e em Pelotas, em 1919, registra-se a *Liga José do Patrocínio*, fundada como ato de resistência cultural em oposição

ao futebol branco elitista praticado em todo o Estado, que se perpetuava unicamente não permitindo a entrada de negros nos clubes e ligas por ele dominadas.

Assim, o Rio-Grandense determinou que somente mulatos e mulatas poderiam torcer pelo clube, embora os registros não apontem se apenas os mulatos podiam ser jogadores, o que parece óbvio. Em Pelotas, a Liga José do Patrocínio era constituída por negros e mulatos de clubes como GS Sul América, GS Vencedor e GS Lusitano. Esses clubes filiados revelavam uma forte resistência, pois eram compostos exclusivamente por negros sem mestiçagem. Há também registros de associações exclusivas de mulatos, tendo como estratégia a ascensão de classe, pela negação da própria negritude. No decorrer dos anos 20 e início da década de 30, essas associações foram se diluindo, quando os outros clubes passaram a aceitar e a buscar jogadores negros.

Os focos de resistência no futebol do Sul constituíam-se tanto de clubes elitistas como de equipes de trabalhadores, operários, clubes associativos étnicos e outros clubes, que tinham o futebol como objetivo único. Tanto na Capital como nas cidades maiores do interior, podia-se ver a separação, tendo o futebol como meio. Em Pelotas, no final da segunda década do século XX, havia um total de 69 equipes de futebol, entre essas equipes de alemães e portugueses – estes divididos de acordo com a estirpe e categorias de trabalho, em clubes como G. E. Portugueses do Comércio e G. E. Portugueses Comerciantes – equipes formadas por grupos étnicos de negros.

Assim, em Pelotas, a separação era reinante. Havia, por exemplo, o G. E. Brasil, com “os negrinhos da estação” como eram chamados seus jogadores, e os “fidalgos da avenida”, que ostentavam e representavam a elite da cidade, que mais resistia aos movimentos sociais de miscigenação cultural e racial/social (Rigo, 2001).

É nesse contexto de resistência da comunidade negra e popular à segregação reinante que o Grêmio F.B.P.A. – somente em 1952 – aceitou em seu elenco um jogador negro: Tesourinha.⁸⁵

⁸⁵ “O Grêmio quebrará hoje em Caxias uma tradição de meio século, ao incluir um elemento de cor preta em sua equipe” Correio do Povo de 16-3-1952.

Embora a literatura tenha tratado os jogadores negros como dóceis e submissos aos dirigentes, negando inclusive sua etnia (Mário Filho, 1964 e Gordon, 1995 e 1996), já nos finais dos anos de 1940, é possível ver um rompimento desses estereótipos. Tesourinha, ídolo no Sul, foi protagonista em muitos acontecimentos importantes, entre eles as vitórias do Internacional e do Grêmio de Porto Alegre. Endler (1984) argumenta que o jogador, embora tenha conquistado muitas vitórias, tinha uma vida social segregada, limitada às comunidades negras carnavalescas e religiosas – uma forma sutil de driblar a discriminação reinante no Sul. Mesmo sendo ídolo do futebol riograndense, Tesourinha procurava fintar as oposições de seu bojo cultural. É interessante que o jogador, segundo os registros históricos/literários, não fazia do futebol a vitrine de seu sucesso, ou de sua cultura. Foi em finais dos anos 30 e início dos anos 40 que Tesourinha e sua mulher, Dona Conceição, puderam ser encontrados nas Sociedades criadas por negros, onde concorridos bailes aglutinavam as famílias negras de Porto Alegre.

Tesourinha saiu de Porto Alegre para o futebol carioca em 1949. Foi no Rio de Janeiro, no período em que jogou pelo Vasco da Gama, que Tesourinha pôde se sentir mais livre para desenvolver suas devoções religiosas: “...é no Rio de Janeiro, no Lar Espírita Irmã Zarabatana, que Tesourinha passa a integrar a escola de médiuns. Toda semana, numa casa da rua Conde de Bonfim (até hoje em funcionamento no Bairro da Tijuca), Tesourinha recebe um espírito de luz [...]” (Endler, 1984, p. 72). Tal fato vem nos mostrar que o espaço social, assim como o espaço urbano, funciona como um processo de reificação, que permite a continuidade de certas práticas antropológicas e tradicionais. A miscigenação étnica e social e a própria territorialidade, que põe em contato diferentes classes sociais, como ocorria no Clube Vasco da Gama (por sua história de formação popular a partir de 1923) são hipóteses que aventamos para discutir a possibilidade de Tesourinha encontrar condições para suas crenças e práticas antropológicas no Rio de Janeiro.

Enquanto jogava no Sul, Tesourinha procurava não se aproximar de sua religião, o espiritismo. Temia que dissessem que o seu sucesso em campo “era produto de sua prática e fé religiosa”, discurso latente dos atores que imaginam uma relação entre fé religiosa e

sucesso futebolístico.⁸⁶ Tesourinha soube separar sua vida religiosa da profissional. Como “todo” brasileiro do maior país católico do mundo, “Tesourinha sempre tomou seus passes, acreditou em espiritismo, freqüentou centros kardecistas. Sua mãe era adepta da religião afro-brasileira. Sua esposa, dona Conceição, sempre representou a família em sessões kardecistas em Porto Alegre” (Endler, p. 71).

Tesourinha retornou à sua cidade natal em 1952, mas foi recusado por seu time, o Internacional, onde “...o jogador é tomado como traidor: pecou por ter pensado no futuro material de sua família. Tal fato nos remete novamente à obra de Mario Filho: em pleno profissionalismo, exige-se ainda do negro uma atitude amadorista de amor incondicional ao clube e, paradoxalmente por outro lado, espera-se dele a postura submissa de um escravo perante seus senhores”.

Esses acontecimentos esclarecem o que Mazzoni (1936) atribuiu ao “futebol de camaradagem”: “...antigamente, quando havia amadorismo puro no futebol, os nossos elementos corriam para eles [dirigentes], em troca de receberem sorrisos e abraços” (p. 77). Tesourinha soube se colocar nesse cenário hostil e traiçoeiro, ponderando suas condutas de jogador com posturas culturais e religiosas (Endler, 1984). O jogador deu sua contribuição ao futebol brasileiro e enobreceu sua postura de identidade cultural e de laços com a comunidade negra, além de deixar explícita a sua crença antes de cada partida. Embora não tivesse posição política partidária, soube traduzir toda a sua saga em luta de sua etnia e classe social, e, nas palavras de Endler, “Tesourinha sempre foi consciente de seu valor como cidadão negro” (1984). Assim como Leônidas da Silva, que rompeu o preconceito étnico no Botafogo do Rio de Janeiro, como Moreira também fizera no Palmeiras, Janquinho no Coritiba e Bigode no Fluminense,⁸⁷ no Sul Tesourinha foi o primeiro negro a vestir a camisa do Grêmio e romper

⁸⁶ Diferentemente dessa posição, os *Atletas de Cristo* têm contabilizado seus sucessos em campo pela fé creditada às suas devoções. Para um preâmbulo acerca dos Atletas de Cristo, ler Nunes (p. 206/213 in: Costa, 1999).

⁸⁷ Estivemos em duas oportunidades com Bigode na cidade de S. Mateus/ES. Bigode conta que na sua volta ao Fluminense em 1952, foi alvo de chacotas no clube. Diz que nas ruas sofreu (ainda sofre) com ofensas de torcedores e menosprezo da imprensa e dirigentes.

com a tradição de segregação. Tesourinha garantiu sua integridade e manteve a conduta de seus laços culturais. Certamente, suas atitudes tiveram influência sobre outros atores.⁸⁸

2.2.2 O “popular” no futebol do interior de São Paulo

O conceito “popular” aqui empregado compreende aos grupos dissidentes que negavam uma maior liberdade dos associados em clubes associativos e recreativos ou que propunham formas diferentes de administrar a associação criada. Esses grupos podem ser chamados de “rebeldes” pois se apartaram de sua sociedade para criar ou fundar uma nova associação. Falando do interior de São Paulo, “popular” foram os clubes que constituídos por pessoas pertencentes às diversas classes trabalhadoras fundaram clubes associativos, tendo entre características o lazer de final de semana e a prática do esporte, preferencialmente, o futebol. Nota-se que esses grupos não eram homogêneos, pois se constituíam de pessoas pertencentes a diversas classes de trabalhadores. Entre essas diferenças, alguma semelhança pode ser identificada na história desses grupos formadores e fundadores dos primeiros clubes no interior de São Paulo: o fortalecimento de um time para enfrentar um arqui-rival ou a união de duas ou mais equipes para suprir as necessidades do futebol, como bolas, uniformes e sapatos próprios (chuteiras). Esses grupos estendem-se aos grupos ligados aos ferroviários, eletricitários, trabalhadores das Cias. de gás, e que mesmo constituindo em clubes associativos, procuravam abrir para as mais distintas classes sociais.

Esse “popular” existente em diversos clubes brasileiros que indicava a democratização, a popularização do futebol logo no início do século XX, pode ser identificado no Clube de Regatas Vasco da Gama, fundando em 1898, clube carioca que foi pioneiro, logo em 1904, ao eleger o primeiro presidente não-branco da história dos clubes cariocas em oposição ao Fluminense Football Club, que destaca, em sua história, a relação da aristocracia carioca no mundo do futebol. Fatos como esses podem ser vistos em Minas Gerais, entre Cruzeiro e Atlético Mineiro; em Pernambuco, entre Santa Cruz e Sport Recife; no Rio Grande do Sul, entre Grêmio e Internacional; e em São Paulo, em suas primeiras décadas, entre o Paulistano e o Corinthians Paulista, este último nascido no Bom Retiro. A popularidade dos clubes do

⁸⁸ Para saber sobre o jogador Tesourinha, ler: ENDLER, Sérgio: *Tesourinha*. Porto Alegre, Tchê/RBS, Coleção “Esses gaúchos”.

interior de São Paulo se estende entre a oposição e as rivalidades existentes num mesmo município ou não muito distantes entre si. As cidades do interior de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, já tinham fôlego para constituir e suportar duas equipes e o trânsito social garantia inclusive a criação de ligas locais e regionais. Em Campinas, a presença de dois times de futebol com características sociais diferentes se opunham em seus trânsitos sociais e esportivos. O Guarani de Campinas com seu público mais intelectualizado e gente jovem e a Ponte Preta constituída de bases populares, que, em 1912, liderou um movimento para criação da *Liga Operária de Footbaal Campineira* sendo um dos primeiros times de futebol do Brasil a admitir negros. Em sua “história”, isso foi motivo para ser apelidada de macaca, símbolo que conserva até hoje.⁸⁹

Os autores têm se ocupado em historicizar o futebol no eixo Rio-São Paulo (de suas capitais), deixando muitas lacunas ou mesmo deixando de mencionar o desenvolvimento do futebol no interior de São Paulo quanto às inserções de grupos sociais e as relações políticas com a sociedade na qual se organizou. Contudo, a força do futebol das equipes do interior não tem sido e não foi negligenciada pelos clubes da Capital, como se identifica em outros Estados brasileiros.

Ocorre que o futebol no interior de São Paulo desenvolveu-se tanto quanto o dos clubes da Capital, seja em números de clubes, seja em influência na sociedade em que penetrava – diferentemente do que ocorreu em outros Estados, nos quais o interior só chegou à elite do futebol em anos mais recentes, como na Bahia. A pujança do futebol do interior de São Paulo é retratada na data de fundação dos clubes e pela formação popular de diversos grupos de operários e trabalhadores, até hoje existentes. Podemos afirmar que houve necessidade da formação de clubes quer no interior ou na Capital, pois no desabrochar dos primeiros anos do século XX, a sociedade brasileira apontava a perspectiva do desenvolvimento industrial, mas que surgiria no decurso dos anos trinta com a política pós-Vargas. Com a necessidade do lazer, tendo o Estado como precursor do discurso higienista, os diversos grupos étnicos

⁸⁹ Há duas versões sobre o apelido da Ponte Preta: uma remonta à época antes da década de 20, quando a Ponte Preta admitiu muitos jogadores negros, daí ser chamada de macaca. A outra versão, mais recente, data da década de 1950, quando o Maracanã foi inaugurado e, nesse mesmo ano, o Estádio Moisés Lucarelli recebia seu público para o jogo de estréia. Os torcedores do Guarani, ironicamente, chamavam o Estádio da Ponte Preta de Macacanã e os ponte-pretanos assumiram a provocação e adotaram o apelido (Enciclopédia do Futebol Brasileiro, 2002, p. 222).

passaram a se encontrar em seus redutos. Assim, não só clubes voltados ao futebol foram fundados, mas, na Capital Paulistana como no interior do Estado, os grupos étnicos fundaram suas agremiações. Entre essas na Capital apontamos: o Clube Pinheiros, de formação germânica (7-9-1899); Clube de Regatas Tietê de formação popular; Clube Espéria de formação italiana (1-11-1899), O Club Athletico Paulistano, em 29.12.1900 “fundado por uma genuína elite paulistana”; o C. A. Juventus, que pode ser considerado um time de fábrica, fundado em 1924 com influências de descendentes de italianos.

Pesquisando a fundação dos clubes paulistanos, nos documentos encontramos informações de que nem todos os clubes ofereciam a prática do futebol para seus associados. Os clubes que adotaram logo o deixaram, pois, embora não tenhamos documentos que registrem o fato, é possível refletir que o futebol oficial, no início do novo século (XX), manifestava na sua prática a distinção social, porém logo nos anos 20, isso deixa de ocorrer, tendo a classe operária dominado a prática corporal e técnica.⁹⁰

A formação de clubes populares no interior de São Paulo possuiu configurações diferenciadas, devido à relação entre as diversas classes de trabalhadores que se estabeleciam nas pequenas cidades e constituíam em determinados espaços como praças, igrejas e várzeas, o local próprio para gerar futuros enredos de laços pessoais e de interesse de grupos de trabalhadores. Assim, a fundação de clubes de futebol no interior de São Paulo, não só foi motivado pelo ímpeto da organização e encontros dos trabalhadores como pela necessidade da continuidade do relacionamento familiar, pela troca equivalente de relações sociais e pelos aspectos sociais que se afluavam na época. Era nas festas e feiras agrícolas, no hipódromo e

⁹⁰ O futebol oficial, conceituando aqui o futebol ligado a estrutura burocrática, no início do século XX, era de domínio dos clubes *elitizados*, sendo assim uma distinção social a sua prática (ver o Tênis, hoje). Isso não implica que o futebol enquanto prática corporal não estivesse sendo apropriado pela classe operária/trabalhadora. Detenho-me aqui sobre alguns argumentos os quais atribuem aos *clubes elitizados*, no final dos anos de 1920, que deixara de ter o futebol, pois uma vez esta *cultura* sendo popularizada não se percebia a distinção social em seus praticantes. Participando de Simpósios, Mesas-redondas acerca desse tema, argumentos manifestam esse fato tendo o C. A. Paulistano como exemplo. Buscando encontrar fontes para ratificar esses argumentos, recebemos documento emitido pelo Depto. de Comunicação do Paulistano, pelo qual “o motivo para o encerramento das atividades futebolísticas foi o fato de o futebol, já em 1929, ter o amadorismo marrom, ou seja, muitos dos jogadores estavam recebendo para jogar e, como o clube sempre teve como objetivo principal promover o esporte amador, a diretoria, sob a presidência do Dr. Antonio Prado Junior, resolveu encerrar suas atividades de futebol de campo junto à Federação. A última partida de futebol disputada pelo Paulistano foi em 15 de dezembro de 1929 contra o Antarctica Futebol Clube”.

nos cafês que se encontravam a burguesia do interior e a classe popular, na várzea, nos campos de futebol.

Observando por outro ângulo a formação popular de times e agremiações no início dos primeiros anos do século XX, verifica-se a ausência do Estado, isto porque, o tecido burocrático Estatal não estava presente. Erigir políticas públicas e legislação na possibilidade de disciplinar a criação e a formação de clubes esportivos, recreativos e de lazer passou a ser cogitada na década de 1930 e foram efetivadas pelas ações governamentais, em 1940. Assim, longe do poder burocrático, livre para se organizar, a institucionalização de clubes populares ocorreu num período fértil para o desenvolvimento do futebol.

Essa “formação popular” da qual descendem muitos clubes paulistas foi a propulsora do futebol interiorano bandeirante, tendo atualmente faces que ainda se encontram arraigadas e manifestam distinções entre um clube e outro. Em nossas investigações, pudemos observar distinções nos clubes populares, estando entre essas: a popularidade do torcedor/simpatizante do clube, a tradição burocrática clubística e as tradições populares presentes no contexto maior do clube.

Essas distinções trazem muito da formação inicial do clube. A formação popular aponta tradição de grupos de torcedores do clube. Tal fato pode ser identificado nos clubes de raízes populares ou não. As fortes identificações dos torcedores com o clube são tradições que remontam a décadas que socialmente podem ser atribuídas à continuidade como uma descendência familiar. No início, era o gosto de jogar bola, depois passou à admiração pelo clube, pelas cores, pelos símbolos, com uma paixão maior. O próprio praticante ou associado se envolvia cada vez mais com o clube que se tornava a extensão de sua própria vida social.

Outra distinção por nós identificada decorre da “...lentas transformações existentes nos clubes de características populares” (Citadini, 2002*). A mudança de idéias, de trabalho e de novos paradigmas administrativos e sociais é lenta e toda transformação percorre um caminho de difícil reversão do que está posto e enraizado na constelação dos poderes dos dirigentes. Isso faz repercutir uma oposição às novas legislações e modernização de administração

clubística e os dirigentes teimam em julgar que são perigosas para seus feudos/clubes. Nessa mesma abordagem, a presença de dirigentes folclóricos, o que abordaremos em seguida, é uma forte identificação dos clubes populares. A presença do “dono” do time, do clube, é “figura” marcante no cenário do contexto do futebol. Não é a estrutura burocrática e administrativa do clube que chancela as vitórias, mas o presidente “tal” que comanda com seu carisma a vida da equipe.⁹¹

Uma outra e forte característica por nós encontrada estando essa alocada tanto no interior do clube como dos personagens externos ao contexto do clube (torcedores), trata das tradições populares que permeiam os clubes de formação popular. Assim o Corinthians têm São Jorge como santo protetor e o Internacional de Porto Alegre, o saci-pererê. É entre essas identificações que o popular aparece de forma mais latente e aparente nos clubes populares.

Mostrando a força do futebol do interior de São Paulo, a formação dos clubes aponta para as bases populares. Esse cenário popular pode ser visto na fundação dos principais clubes paulistas do interior, entre esses:

- 1900 A. A. Ponte Preta, de Campinas;
- 1906 Associação Atlética Internacional de Bebedouro;
- 1906 Clube Atlético Pirassununguense;
- 1909 Rio Claro Futebol Clube;
- 1909 Etti Jundiaí Futebol Ltda (ex – Paulista F.C.);
- 1910 Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense;
- 1910 Esporte Clube Noroeste;
- 1910 Guarani Futebol Clube;

⁹¹ O dirigente Alfredo Metidieri é um exemplo típico do administrador que rege pelo poder do carisma e da personalidade. Metidieri foi presidente do E. C. São Bento de 1954 a 1981. De 1976 a 1978, foi presidente da FPF, quando o seu Clube, o São Bento, obteve as suas maiores conquistas. Ao deixar o clube, a agremiação foi rebaixada pelas divisões inferiores do campeonato paulista (Enciclopédia do Futebol Brasileiro, 2002, p. 531).

- 1911 Jaboticabal Atlético;
- 1911 Comercial Futebol Clube;
- 1912 Associação Atlética Francana;
- 1913 Rio Branco Esporte Clube;
- 1913 Esporte Clube São Bento;
- 1913 Associação Atlética Internacional;
- 1913 Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba .

Dos clubes da Capital fundados nas primeiras décadas do século XX, somente o Corinthians (1910) continua ativo. Praticamente todos os clubes do interior, em sua formação, são oriundos de grupos pertencentes às classes populares, como operários que formavam equipes rivais, ou permitiam a fusão de equipes, fortalecendo-se para o embate com outras equipes. Exemplo disso são o XV de Piracicaba, a Ponte Preta e o Botafogo de Ribeirão Preto, este formado por ferroviários.

No interior de São Paulo, já na segunda década do século XX, era possível identificar regiões de certo desenvolvimento do futebol. Podemos identificar duas faces distintas desse fenômeno. A primeira relaciona com as Escolas Agrícolas da Capital, de onde os estudantes voltavam com gosto pelo futebol, introduzindo e formando equipes em seus respectivos municípios. Em grande medida, esse foi o caso das equipes de Campinas, Bauru, Piracicaba, Jundiaí, Limeira, Sorocaba e de outras cidades fora desse eixo.

A segunda face refere-se às regiões servidas por estradas de ferro, datando da época de pujança da cultura cafeeira, ligando o interior paulista à cidade portuária de Santos, ou a Capital às regiões atingidas pelas Cias. Mogiana, Sorocabana, Paulista e Ituana e Linha Noroeste e região de Ribeirão Preto, além de Rio Claro, onde se formaram equipes que trazem em seu nome a identificação da Cia Férrea: Ferroviário Ituano, Noroeste de Bauru e

Ferroviária de Araraquara, sendo a equipe do Botafogo de Ribeirão Preto formada pela fusão de dois times pertencentes aos trabalhadores na linha férrea, em 1918.⁹²

Embora seja pouco mencionado nas literaturas, o futebol no interior de São Paulo tem o privilégio de contar com o segundo clube mais velho de futebol do Brasil, a A. A. Ponte Preta, além de outros que, ao longo de sua história, contabilizam muitas vitórias sobre os clubes da Capital. No entanto, para os nossos objetivos, entendemos ser necessário apontar a formação histórica de clubes do interior e os atores/jogadores oriundos das classes populares.

Rosenfeld (1974) já revelava, em seu artigo *O futebol no Brasil*, que clubes “grandes” passaram a hostilizar a equipe do Paulistano, por este ter galgado à primeira divisão com jogadores “de outras zonas”, entendendo-se essas zonas como subúrbios.⁹³ Essa motivação nasceu não porque o clube tenha desistido de sua “aristocracia”, mas como resultado do rebaixamento do primeiro nível. Na procura de novos talentos, já no início dos anos 20, a maior parte dos times de elite, incluindo aí o Paulistano, começou a contratar jogadores que uma década antes não teriam sido admitidos.

Antunes (1996), em estudo sobre o futebol e seu processo de profissionalização na empresa canadense *The São Paulo Tramway, Light & Power Co. Ltd.*, indica que, no decorrer das primeiras décadas do século XX, a empresa apoiava a formação de equipes de futebol entre seus funcionários. Apresentando na época padrões modernos de gerenciamento, a *Light & Power* possuía diversos grupos esportivos em suas empresas espalhadas pelo interior. O apoio dado às equipes de futebol culminou num fato histórico: a realização do primeiro jogo de futebol noturno do Brasil e do mundo, segundo a autora, realizado em 24 de junho de

⁹² Seu nome tem uma curiosidade: em 1918, na tentativa de fundir três equipes, o União Paulistano, o Ideal F. C. e o Tiberense, seus dirigentes, discutindo no Bar do Piranha, não chegavam a um acordo, quando um deles disse que teria que sair um nome logo, senão “botava fogo” em tudo o que estava escrito. O nome ficou “Botafogo”.

⁹³ Segundo Vogel, “...nas primeiras décadas [do século XX], foi praticado [o futebol] quase que exclusivamente por jovens da elite social do Rio e de São Paulo. Sua popularização vem da década de 30” (1982, p. 94). *A Folha de São Paulo*, em artigo de 16 de janeiro de 1994, coloca 1918 como o ano em que “os negros foram aceitos no futebol [...]”. Só em 1918, por pressões da imprensa, a Federação Brasileira de Sports autorizou formalmente os clubes e entidades regionais a aceitarem inscrições”.

1923.⁹⁴ Conforme Decca (1987), o quadro de funcionários da empresa, cerca de 7000 trabalhadores, contava com muita “gente comum” do interior, o que revelaria, já no princípio do século XX, a *popularidade* do futebol, assim como a *organização popular* de sua prática. Vale aqui ressaltar que na esfera pública a cultura popular muitas vezes reflete os comportamentos e atitudes das elites, logo isso não implica que a popularização e a popularidade do futebol, no início do século XX, tenha repercutido como um avanço de uma classe oposta à burguesia da época. Aliás, o futebol podia servir como instrumento de cooptação pelo poder estatal, contrariando o que determinadas literaturas apregoam.

Decca (*apud* Anjos, 2000), ao apontar a política dos governos estaduais no início do século XX, principalmente nas grandes metrópoles, indica a sustentação do futebol instrumentalizado como possibilidade de “regeneração do homem urbano”. Essa possibilidade não compreendia somente a política de erradicação das doenças ou epidemias da época: era preciso que o Estado atribuísse à *turba urbana*, em seu tempo livre, algum lazer que pudesse repercutir na produção, nos turnos de trabalho. O projeto de reordenamento arquitetônico dos espaços urbanos tratou de criar elementos capazes de anunciar e incorporar à população novos hábitos, costumes e valores urbanos, exigidos numa metrópole. São Paulo, como outras grandes cidades, obedeceu a essa nova ordem, constituindo vilas e regiões onde se revelava a hierarquia social e cultural: Vila dos italianos, no Bixiga, Vila dos orientais, na Liberdade; dos portugueses – cada qual em sua ordem. Assim, em São Paulo e no Rio de Janeiro (*cf.* Decca), o Estado construiu campos de futebol, dotando a várzea e os bairros periféricos de estruturas nos quais os diversos grupos urbanos pudessem tomar gosto pelo esporte.

Apoiadas no discurso higienista, outras instituições vieram a incorporar o lazer como fonte de manutenção de um estado moral e mais produtivo para a classe operária. A Igreja oferecia o seu lazer nas quermesses e procissões, sendo alvo da oposição dos anarco-sindicalistas, que viam no lazer instituído uma forma de “preparação do corpo do proletário”

⁹⁴ Cabe aqui apontar que Jesus (2001, p. 195), em seu excelente trabalho intitulado “A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”, aponta que “...em 1915 o SC Rio Branco inaugura a iluminação em seu estádio, permitindo ao crescente público espectador assistir jogos noturnos”. Portanto, a data preconizada por Antunes e citada em diversos trabalhos fica prejudicada quanto a sua afirmação. Na continuidade, o autor cita Cláudio Dienstmann (1987) o qual afirma que, em 1931, o futebol gaúcho conhece pela primeira vez a iluminação num estádio de futebol, referindo-se à inauguração dos refletores do estádio do Grêmio FBPA. Aquino (2002, p. 151) atribui o primeiro jogo noturno em 23.jun.1923, na Várzea do Glicério em São Paulo, onde 20 faróis de bondes iluminaram o campo para um jogo entre A. A. República e Sociedade Esportiva Linhas e Cabos.

unicamente para fazê-lo produzir mais no trabalho. Quanto às indústrias, trataram de construir campos de futebol próximos às vilas operárias, onde promoviam os jogos logo após as atividades religiosas, aos domingos. Criticando a política capitalista, o Jornal sindical *O Clarim* (16-8-1910) declarava: em todo lugar existe uma Igreja, um campo de futebol e os “engorgetados” incitadores do povo.

A construção de campos de futebol não ficou restrita somente às grandes metrópoles. No interior de São Paulo, cidades como Campinas, Jundiaí e Piracicaba adotaram essa mesma política, tendo, inclusive, clubes que em sua maioria eram compostos por “gente da cidade”, os quais vieram a formar as equipes profissionais desses municípios (Arquivo Rocha Neto). Entre as cidades interioranas do Estado de São Paulo, Piracicaba e Campinas representam um cenário típico, em que a formação das equipes era basicamente obra de jovens estudantes da classe média.

O processo de desenvolvimento, de participação e de democratização do futebol brasileiro em diferentes regiões do País ocorreu mostrando cenários diferentes, devido às condições de cada local. Não foi um processo, um projeto pensado para tal fim. Resumidas a pequenos grupos de estudantes, as primeiras equipes de futebol em Campinas, Jundiaí, Limeira e Piracicaba tiveram necessidade de se abrir à participação de grupos da zona rural e vilas periféricas, ocorrendo assim a entrada das camadas populares no futebol. Na cidade, na vida urbana, a vigilância sobre “quem é quem” era preocupação intensa, e as proibições de classe e de etnia cultural recebiam atenção de clubes e de grupos sociais. Em Campinas, conforme Santos Neto (2000), o futebol era alvo dessa preocupação: “com quem jogar” e “com quem andar”. Mas não foi possível frear os símbolos das distinções sociais no futebol: a possibilidade de identificar o *popular* no futebol na formação de um time como o *E.C. XV de Novembro de Piracicaba*, por exemplo, fundado em 15 de novembro de 1913, decorre desde sua fase inicial, quando o elenco titular era composto, na sua maioria, por jovens pertencentes às classes populares.

A fase inicial do E. C. XV de Novembro se assemelha às demais equipes da região. No entanto, na equipe formada por jovens pertencentes às camadas populares, esse status não durou muito. Formada por fusões das equipes do XII de Outubro e pelo Vergueirense, ambas

pertencentes a duas famílias, tinham como objetivo enfrentar os alunos da Escola Agrícola, hoje Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Diversas fusões entre os times de futebol da cidade foram feitas com esse intento, mas sempre infrutíferas, até que em outubro, de 1913, ambas reunidas, discutia-se que nome dariam à nova equipe. Sem nenhum acordo, o Sr. Cap. Wingeter foi chamado a opinar. Como se aproximava a data de 15 de novembro, o time foi batizado com esse nome, com ordem do Sr. Capitão, que mais tarde seria presidente do clube.

Como o Capitão Wingeter era proprietário do local onde a equipe do XV de Novembro jogava, a escalação era deliberação sua, o que acrescentava mais poder ao primeiro presidente do clube, pois sendo dono das bolas encomendadas em São Paulo, e por pertencer à elite da cidade, o Capitão passou a chamar os estudantes da Escola Agrícola para sua equipe. Enquanto as demais equipes da região tinham em seu elenco a juventude da população operária da época, o XV de Piracicaba se elitizava cada vez mais, vindo a abrir-se para as camadas populares no fim dos anos 20, quando percebeu que, com a inclusão dos jovens pertencentes às camadas populares, poderia obter êxitos em suas disputas. Durante o período da elitização, permitiu ao XV de Piracicaba jogar com diversos times da Capital, entre esses, o Paulistano e, de outra forma, negar-se a jogar com os clubes da região, quando convidado. A presidência temia e entendia que poderia haver violência, uma vez que o “refinamento” dos jogadores do XV de Piracicaba não convinha com o tipo de jogo do time que emitia o convite para enfrentá-lo (Rocha Neto, 1980). Para compor a equipe principal, em 1929, dezesseis anos após sua fundação, o clube convocou um elenco de trinta jogadores. Entre eles, havia onze jogadores negros/mulatos, que atuavam na mesma equipe de jovens alunos universitários (Arquivo Rocha Neto). Quanto à forma de conduzir o clube, que em 1914 já contava com uma equipe feminina de basquete (fato inédito), o presidente usualmente seria um provedor que patrocinasse a equipe em suas viagens, uniformes e bolas e que mantivesse os locais de treinamento. Tal fato perdurou até meados de 1970, quando a cidade ainda outorgava a presidência do Clube aos nomes “ilustres” da cidade.

Em nossa pesquisa nos arquivos de Rocha Netto, encontramos equipes de futebol do início do século XX com muitos jogadores pertencentes à camada popular. Essas primeiras equipes tinham como dono aquele que pudesse comprar na Capital, ou importar, o material e

os instrumentos necessários à prática do futebol. Dessa forma, a formação era basicamente de estudantes. Outras equipes do interior paulista também se constituíram de jovens estudantes, principalmente nos municípios de Campinas, Americana, Jundiaí, São Carlos e Ribeirão Preto. Essas equipes vieram a aceitar a entrada de alguns negros, operários, jogadores habilidosos, conseguindo, inclusive, importantes vitórias em disputas com os clubes da Capital. Contudo, a entrada desses jogadores não foi fácil de assimilar e aceitar. O Santos Futebol Clube, equipe do interior paulista, ainda em 1931 (dois anos antes do profissionalismo do futebol) recusava jogadores negros. Logu, que foi jogador do Santos Futebol Clube, no período de 1931 e 1937, ainda vivo (junho de 2002), diz em entrevista que sua família recebeu um telegrama da Diretoria Santista: “Queremos ver o tal garoto, mas se for preto não precisa nem trazer”.

Se isso trouxe emancipação para o negro, ou se consubstanciou ganhos sociais para as classes subalternas, não importa aqui discutir; mas devemos observar que a participação das camadas populares e do negro no futebol nessa região só ocorreu isenta de qualquer outra pecúnia ou garantia social. O que pode ser identificado é que, após a entrada das camadas populares no futebol nessa região, situações folclóricas e culturais foram destacadas por certos jogadores dessa estirpe social/cultural.

O E. C. XV de Novembro de Piracicaba criou o emblema do *Nhô Quim*, que se assemelha à figura do Jeca Tatu, criação do escritor Monteiro Lobato, uma espécie de caricatura do homem do campo, tido como caipira, sem estudo e sisudo, e que deu ao time sua identificação, como o clube dos “caipiracicabanos”. Tal fato tornou o XV de Novembro conhecido em alguns círculos, sobretudo, pelo seu aspecto folclórico, tendo o clube como representante máximo da cultura caipira, principalmente pelo seu modo de falar.

A formação do segundo clube de futebol mais antigo do Brasil, a A. A. Ponte Preta, registra em sua história uma sólida identificação popular. A Cia Paulista de Estradas de Ferro inaugurou, em 11 de agosto de 1872, a linha Campinas-Jundiaí, tornando-se um pólo de desenvolvimento da cidade. Um contingente de trabalhadores de diferentes qualificações, brasileiros e estrangeiros, passaram a residir em Campinas, trazendo a experiência cultural de várias regiões brasileiras e européias. Até os anos finais do século XIX, Campinas não

contava com associações tendo o futebol como objetivo único. A prática do exercício físico, a ginástica, era típica da colônia alemã; em 1885, foi fundada a Sociedade Allemã de Gymnastica Infantil, e, em 1890, Campinas vê nascer outra entidade semelhante, a Sociedade Gymnastica Allemã.

A introdução do futebol em Campinas pode ser identificada por três caminhos: o primeiro, o caminho das ferrovias e seus funcionários estrangeiros e brasileiros; o segundo, nos estabelecimentos de ensino (colégios); e o terceiro com a influência das colônias de imigrantes europeus, destacando-se os alemães. A fundação da Ponte Preta, em 11 de agosto de 1900, se deu em homenagem ao nascimento da ferrovia; a ponte preta dá nome ao bairro e o clube recebeu esse nome, com formação operária e de trabalhadores, não restringindo a participação étnica.

Em entrevista com o Sr. Benedito Halita, 50 anos trabalhando na A. A. Ponte Preta, ele nos diz que

...tudo que aconteceu no time é obra dos moradores do bairro. Tudo correu em torno da Ponte Preta. Quando havia festas, as mesmas pessoas que tocavam o time é que faziam a festa. Se tinha uma comemoração religiosa ou da pátria, era o mesmo grupo que trabalhava pra acontecer. A Ponte foi muito popular. Saiba que até os tijolos para construção do campo da Ponte foi doação de cada morador do bairro. Saíram diversos caminhões pra rua e uma multidão de pessoas pedindo tijolos nas casas, no comércio para erguer o nosso estádio. É essa a diferença de outros times, por isso não tem no Brasil nenhum time do interior que tem uma torcida como a Ponte Preta. Você sabe de algum? É romaria pra Aparecida... é romaria pra torcer pra Ponte... era festa que o povo fazia... existiu sempre essa ligação coletiva da comunidade do bairro com o nosso time.

Para Santos Neto (2000, 39), a formação da Ponte Preta se fez como que houvesse uma comunidade de sentimentos mútuos, existindo uma ligação perpétua. Isso fez com que o clube representasse um gosto popular, que os associados do passado construíram e que persiste até hoje. A Ponte Preta é mais que um clube. Mostra que muito do que aconteceu em Campinas, na comunidade, é fruto do que o clube oferece, como marca de sua fundação.

Em nosso passo seguinte, delimitamos o contexto do futebol que, no interior do *desporto moderno*,⁹⁵ mais revela inserções no imaginário de um grupo ou de um ator, isoladamente. Para isso, elegemos os fatores culturais interiorizados nos imaginários, comportamentos, estilos de vida e reflexões sociais e históricas que podem nos fornecer os fenômenos que procuramos.

No próximo capítulo, nos propusemos a abordar as características do futebol brasileiro, traduzindo-as e constituindo-as em dois modelos, conforme se apresentam: tradicional e moderno, para que possamos responder se há conflitos entre os modelos que se encontram juntos no mesmo contexto de relações.

⁹⁵ *Desporto moderno*: identificamos nesse termo todas as relações que uma determinada modalidade esportiva possa conter, estando, entre essas, as relações sociais que ela traduz, conhecimentos fisiológicos, estruturação administrativa, política e sua relação com o Estado. *Esporte moderno*: referimo-nos, tão-somente, à modalidade esportiva e a seu aspecto intrínseco (regras).

CAPÍTULO 3

A IDENTIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS *MODERNA* E *TRADICIONAL* NO FUTEBOL

O objetivo deste capítulo é identificar o tradicional e o moderno no futebol, privilegiando cenários que permitam buscar subsídios nos discursos dos atores. Para alcançar esse objetivo, procuramos analisar as características mais destacadas do futebol brasileiro: a religiosidade, no modelo tradicional, e os conhecimentos científicos, no moderno.

Para definir essas características, elaboramos o seguinte procedimento: nos períodos de 15 a 30 de agosto do ano 2000 e de 1 a 15 de dezembro de 2001, recorremos às colunas diárias e semanais de seis jornais de circulação diária, procurando extrair delas uma tipologia da argumentação, ou seja, o tipo de discurso que procura elaborar uma idéia “notável” no que enuncia, com o objetivo de persuadir o leitor. Os jornais (e suas respectivas colunas) que serviram à análise foram: *Diário do Povo de Campinas* (“Planeta Esportes” e “Jogo Rápido”) *Jornal de Piracicaba* (“Jornada Esportiva”), *O Estado de São Paulo* (“Na grande área”), e (“Casagrande”); *Lance!* (“Papo com Trajano”), *Jornal do Comércio de Recife* (“Dois toques”) e *A Gazeta de Vitória* (“Na grande área”).

Na elaboração da tabela a seguir, não foi sempre possível identificar características opostas em ambos os modelos; para determinada característica com aspectos que levassem à identificação de um dos modelos, não necessariamente encontramos, nas fontes bibliográficas, características opostas ao modelo representado. Isso nos levou a completar o *quadro* buscando em outras fontes bibliográficas, como revistas sobre futebol, revistas de clubes de futebol e a bibliografia de sociologia que explica as relações entre grupos e sociedades e suas oposições.

Para discutir esse vasto material, privilegiaremos duas vertentes: para o modelo tradicional, destacamos a cumplicidade da *religiosidade* e das *crenças populares com os discursos de ex-atores do futebol*, contidos na literatura jornalística e, na mesma direção, a *literatura acadêmica* que narra imaginários criados no decorrer da história do futebol

brasileiro, estando entre esses o estilo de jogar cunhado pelas culturas irmãs do futebol (carnaval e capoeira) conforme nossa análise.

Quanto ao *moderno*, destacamos o contexto dos conhecimentos científicos voltados para o esporte de forma geral: a medicina desportiva, a psicologia do desporto e a fisiologia do exercício e como tratam o corpo/homem no contexto do futebol.

A bibliografia nos forneceu suportes quantitativos para identificar e extrair as características dos modelos que regem e dominam o futebol brasileiro. Para que essa análise fosse possível, servimo-nos de jornais e revistas que diariamente repetem, em suas crônicas e manchetes, atributos e adjetivos do futebol. Embora as bibliografias se refiram a veículos de circulação periódica (diária, semanal e mensal), em ambas as partes, o enredo literário se encontra fragmentado em textos que narram “lembranças” dos autores, ou veiculados em artigos de jornais e revistas que têm o poder de alimentar características de um determinado modelo.

Para uma síntese introdutória que identifica as hierarquias e suas relações com os atores do futebol, aludimos aos modelos propostos no quadro a seguir:

Quadro 2

CARACTERÍSTICAS E CONCEITOS DOS ELEMENTOS TRADICIONAL E MODERNO

Tradicional (futebol criativo individual = futebol empírico)	Moderno (futebol coletivo = futebol racional)
• contexto da hierarquia tradicional	• contexto da hierarquia racional/científica
• futebol empírico/ <i>irracional</i>	• futebol sistêmico
• contexto mágico (cotidiano - existência da fatalidade – o indivíduo credita a culpa do fracasso ao <i>acaso/falta de fé</i> – não responde por isso – o indivíduo reage ao desapontamento culpando a si próprio ⁹⁶ ou aos outros	• contexto racional (causas explicáveis); o indivíduo assume a responsabilidade (parcialmente); há uma compreensão do fato, dos riscos e de que a maioria das circunstâncias que afetam o homem são humanamente criadas.

⁹⁶ “Quando acertam em suas previsões, viram gurus dos novatos na fé que ainda não desenvolveram seu dom de discernimento por falta de conhecimento da palavra de Deus. Quando erram, culpam suas vítimas com o argumento de que a bênção não veio porque não tiveram fé, ou estavam em pecado ou deram lugar ao Diabo” (Alex Dias Ribeiro, Fonte: Atletas de Cristo. *O Estado de S.Paulo* 27-2-99). “Tenho certeza que a nossa corrente foi quebrada. Eles ficaram mais firmes do que nós” (Técnico da equipe da Internacional de Limeira, equipe da 1ª. divisão do futebol paulista, campeã paulista em 1985, afirmando que a *corrente* fora quebrada. Em 13-5-99.

• contexto clubístico - autoridade carismática – concentração de poder	• contexto empresarial/gerenciamento departamentos – divisão de poder
• contexto familiar/há união da comunidade	• contexto da unidade/do indivíduo, da sociedade.
• contexto da emoção/amor ao clube “Antes de ser aceito pelo clube e torcedores, o cartola tinha que praticar, exaustivamente, o mecenato”	• contexto da razão/profissionalismo. Os atores são conhecidos pelos projetos produtivos.
• atores românticos/saudosistas aos tempos áureos do futebol brasileiro ⁹⁷	• atores firmam-se no presente, na atualidade *
• hierarquia subjetiva, força que atua acima das forças humanas (OESP, 21.ago.2001)*	• hierarquia objetiva. Explicações calcam nos fatos objetivos e mensuráveis, calculáveis ⁹⁸
• usa-se de <i>artifícios culturais</i> nutridos pela credulidade popular. Presença da religiosidade, crendices e superstição	• “refinamento cultural” provindo do conhecimento racional

O que se percebe no futebol brasileiro repousa em dois *espaços éticos* constantes num mesmo local. De um lado, tem-se o futebol centrado e hierarquizado, avalizado pelo poder pessoal, unilateral e dominado por códigos *tradicionais*; de outro, encontramos o espaço dominado pelo conhecimento *racional, moderno*, avalizado por leis impessoais e universais, regido por regras institucionais (cf. Weber, 1988).

De forma geral, a coexistência do *moderno* e do *tradicional*, no mesmo espaço do futebol, é matéria complexa, e só se torna visível nos meandros de uma análise mais profunda. Para identificar o que sobressai em ambos os modelos, vamos dividi-los e discutir as faces apresentadas. Para isso, no primeiro momento, abordamos as falas e discursos tradicionais no futebol e, posteriormente, os elementos que apresentam características modernas.

3.1 O modelo tradicional: falas e discursos dos agentes de sua continuidade

Este subcapítulo propõe uma análise na qual pretendemos encadear os discursos colhidos na literatura estudada, procurando identificar os sujeitos que enunciam a continuidade dos aspectos/elementos *tradicionais* no futebol brasileiro. Para alcance desse objetivo, citamos a literatura jornalística e acadêmica, que se assemelham na interpretação do

⁹⁷ * Programa *Globo Repórter* da Rede Globo de TV levado ao ar em 17-8-2001, no horário das 22 horas.

⁹⁸ A factualidade se apresenta ora franca, ora dissimulada. “Como já bateu o desespero, elenco e Comissão Técnica vão hoje a Aparecida para rezar no Santuário da Padroeira do Brasil. ‘Os atletas precisam de fé’. ‘O grupo foge da pressão da torcida, mas luta contra a inquietação provocada por atraso nos salários’”. (OESP, de 21-8-2001).

futebol. Para o modelo tradicional, caminhamos por duas vias: a) a crítica endereçada ao futebol atual; b) o romance criado dos homens/discursos épicos que conduziram o futebol.

O *tradicional* está presente no espaço onde imperam os imprevistos que fazem desabrochar uma multiplicidade de *ações empíricas* (verdades já conhecidas), que, por sua vez, produzem e reforçam reinterpretações das causas imprevistas ou dos objetivos não-alcançados. Essas ações servem para aumentar a crença e a continuidade das tradições, de modo que a probabilidade de alcançar os objetivos nem sempre tem caminhos planejados.

A *força imperativa* em que se mantém o *tradicional* é a referência de onde procede o saber coletivo, que dá sentido ao universo humano e regula as condutas coletivas, com as quais os homens se ligam, produzem laços e se comunicam entre si e com o que lhes é exterior (Balandier, 1999). Para tal efeito, chamamos de *tradição* o que une os homens e dá validade e segurança para alcance de seus objetivos, apresentando três faces distintas.

Presença da tradição – chamamos Balandier para consubstanciar o conceito: “a tradição tem duas figuras: uma, passiva que manifesta sua função de conservação, de memorização; outra ativa, que lhe permite ser o que já foi. A palavra, o símbolo, o rito a mantém [mantêm]sob este duplo enfoque. É por meio deles que a tradição se insere em uma história onde o passado se prolonga no presente, onde o presente chama o passado”. A tradição, especificamente aqui, não se resume a um corpo particular de crenças e práticas, mas à maneira pela qual essas crenças e práticas são e foram organizadas, pois, ao falarmos de tradição, lembramos o passado, porque esse é um meio de organizarmos o futuro. Tal fato não é paradoxal. O que sempre existiu é válido, é verdadeiro. Encontra-se alimentado no *caráter sagrado* das tradições existentes no grupo e em seus atores. A orientação de buscar no passado a orientação da tradição é uma característica que não difere da modernidade, pois ela está apenas voltada para a frente, enquanto a tradição, para trás. O tempo passado é incorporado ao passado nas práticas presentes, de forma que as linhas do futuro se curvem para trás para cruzarem o que se passou antes. A obediência às tradições traduz-se em condutas e obtém-se a segurança ontológica da continuidade em que os atores/homens aceitem e se submetam a elas

sem ousar enfrentá-las.⁹⁹ A obediência não se traduz somente na continuidade, mas no sujeito que possa vinculá-las às práticas sociais do presente e torná-las cotidianas.

No que seja pertinente ao nosso estudo, a tradição tem os seus arautos, que podem se pronunciar assim: “...permanece vivo [=permanecem vivas] até hoje suas palavras. O que faço, o que sei e me faz lembrar do futebol do meu tempo são as palavras que ele transmitia a cada jogo, onde toda a equipe, todo o time sentia força de entrar e vencer quem quer que fosse” (O Diário, 15-12-1999). A tradição aqui enfocada é a *palavra*, o *símbolo*, o *rito*, que se conservam no sujeito, no grupo.

Ligações emocionais – entre os atores, são legitimadas as ligações afetivas dignas de serem imitadas, porque enunciam a solidariedade.

Sócio do clube, logo se distinguia pela generosidade com que premiava os craques a cada conquista épica da equipe [...]. O que contava, de fato, na vida do cartola de então, era o amor que nutria pelo clube. Por uma vitória, por um título de campeão, verteria sangue, suor, lágrimas; verteria a própria fortuna. Quantos e quantos vi passar da riqueza à mais atroz pindaíba porque deixaram de lado seus negócios e se entregaram de corpo, alma e bolso ao clube do seu coração” (OESP. 09-09-2001).

O tradicional implica a reciprocidade do dirigente com o clube e as relações que credencia o clube como seu patrimônio. Com olhares menos atentos, se torna impossível “no amor que o cartola nutre pelo clube” identificar a linha divisória entre o que pertence ao clube e o que pertence ao cartola.

Crença voluntária e direta – a legitimidade da *verdade* e a aceitação da autoridade exercida no grupo não sofrem coerção, diferente do modelo moderno, que tem aceitação pela força coercitiva amparada em dogmas racionais/científicos. Há um convencimento no modelo moderno, enquanto no tradicional temos uma liberdade de aceitação *da verdade*. A confiança no *moderno* pressupõe a consciência das circunstâncias da obtenção do objetivo. Tal fato não

⁹⁹ Podemos parafrasear o que Evans-Pritchard relata sobre o povo azande: que eles “...nascem numa cultura com padrões de crença, que tem o peso da tradição a sustentá-los”. O feiticeiro é o representante da continuidade dessa tradição.

ocorre com a crença no *tradicional*, pois há uma relação direta entre o sujeito com o cosmo em que credita sua confiança.

Assim, o futebol brasileiro carrega em si uma complexidade eticamente dupla e, na oposição de ambas, pode ser identificada a luta constante entre os modelos no comprometimento e desenvolvimento de equipes de futebol e seus atores.¹⁰⁰

Na análise bibliográfica, encontramos discursos que apontam contextos opostos. Ex-jogadores de futebol, técnicos, imprensa e acadêmicos, para explicar o futebol atual, destacando seus fracassos, assentam-se no *modelo tradicional*. Em suas explicações, encontramos reflexões que apontam a degradação do futebol atual devido à ingerência do “negócio” em que o futebol se transformou. Defendem a idéia de que o futebol foi maculado pelo excesso de *profissionalismo*, de tiranos (não se referem aos presidentes carismáticos), pelas recompensas em cifrões oferecidas pelos patrocinadores (a *Lei Pelé* proíbe a uma empresa administrar dois clubes). Entendem que o “prazer de jogar futebol” foi tolhido pela obrigatoriedade de “jogar pelo resultado”, e o torcedor tornou-se o menos interessante na história toda, ou melhor, durante o jogo todo. O jogador passa a ser um “jogador etiqueta”; mediante contrato, o time/jogador é obrigado a jogar com esse ou aquele produto/marca e, externamente ao campo de jogo, o uso “indevido” de um produto pode gerar exclusão.

Por fim, esses discursos explicam que o dinheiro corrompeu o futebol: joga-se *para e pelo* resultado, e não para o público. Nem lhes falta dizer que o futebol do passado era menos capitalista, pois se jogava por prazer: “Não invejo o que eles ganham hoje. Naquela época os onze mais os reservas jogavam pelo prazer de jogar”. Percebe-se que, se havia prazer esperava-se um futebol alegre, menos comercial e previsível e cheio de espetáculo. Parece que, nesses discursos, a luta é pela revalorização de uma ética e de um fundo moral perdido durante uma partida de futebol.

¹⁰⁰ É comum, nas equipes de futebol, verificar-se, durante as mudanças de equipes técnicas, situações administrativas em que jogadores titulares passam a ter outra função, dada pelo novo técnico, além de a equipe passar a atuar com nova sistemática técnica de jogo. Outras questões ocorrem, ou sejam extinções de cargos profissionais pelo novo técnico, como dispensa de psicólogo, interferência em setores de apoio da Comissão Técnica.

Essa ética perdida pode ser encontrada nas palavras do ex-goleiro Raul, que, alçado ao panteão dos heróis do clube, argumenta unilateralmente, desferindo suas críticas. Para ele,

...a mística da camisa rubro-negra, que o time campeão mundial há 20 anos ajudou a construir, é que está salvando a equipe nestes momentos de desespero [...] Segundo (ex-goleiro), alguns jogadores do time atual são apontados como craques mas, na verdade, são apenas ‘enganadores’. E provocou: ‘Se Juan é craque, o que o Mozer era? O torcedor está engolindo gato por lebre. Eles não nos viram jogar’, protestou o ex-goleiro. ‘O peso do manto sagrado’ também foi lembrado pelo ex-atacante Nunes, autor de dois gols na decisão em 1981 (o outro foi de Adílio), e hoje auxiliar-técnico do Departamento de Futebol do Flamengo. De acordo com ele [...] os problemas precisam ser superados e não precise mais depender da mística da camisa vermelha e preta (OESP.02-12-2001).

Hoberman (1984), em *Sport and Political Ideology* (no capítulo “The Marxist on Labor and Play”), discute a relação entre o desenvolvimento do trabalho e o jogo. Hoberman disserta sobre as teorias de Schiller, Ortega e Huizinga: para esses pensadores, o jogo é um trabalho imaginativo e lúdico. Para Hoberman, eles não anteviram que o próprio jogo/esporte se tornaria o labor da modernidade, de forma disfarçada; o ‘prazer’ e os ‘impulsos lúdicos’ estariam ‘absolutamente’ separados, não existindo uma representação mimética. A possibilidade de identificar uma clara distinção dessas categorias no esporte se dá justamente na relação jogador \times clube/empresa; as regras colocadas em cada contrato descartam qualquer possibilidade de identificar as categorias reconhecidas pelos três autores citados.¹⁰¹

Prosseguindo na discussão, observa-se que a análise sociológica de Hoberman nos possibilita entender a existência de discursos que propõem uma luta contra a “modernidade”, procurando resgatar a dialética antropológica *labor corporal x prazer/“impulso lúdico”* no jogo:

FLAMENGO LUTA PARA SAIR DE CRISE QUE PARECE NÃO TER FIM

Ídolos do passado dizem que profissionalização é causa de muitos problemas. Hoje, o excesso de profissionalização parece ter invertido as relações, segundo Adílio, crítico contumaz dos salários vultosos e das regalias de alguns jogadores [...]. Segundo Zico, íamos jogar sem nos preocupar

¹⁰¹ Para o marxista Henri Lefebvre, que se opõe a Hoberman, a “Antropologia tem definido o homem como ‘faber’, ‘sapiens’ e ‘ludens’. Nada justifica o homem em sua fundação material dissociando cultura de natureza ou do que é adquirido do que é espontaneamente determinado” (*apud* Hoberman, 1984, p. 20).

com carros importados, em ver o nome em colunas sociais e status. Nos dias de treino, não havia horário para sair; o importante era se aprimorar mesmo sem refletores e debaixo de chuva [...]. Sem salário não tem como jogar. Para o sérvio Petkovic, o melhor do time, disse que a direção do Flamengo deveria primeiro pagar os salários atrasados para depois exigir empenho (OESP, 24-2-2002, p. E3).

Ao rememorar o futebol dos anos 1960 e 1970, como se pudessem repeti-lo, os atores citam nomes de ídolos num tom saudoso e romanceado; falam com autoridade do futebol atual, recebendo aval pelo fato de fazerem parte do áureo pedestal do Olimpo do futebol brasileiro:

...esse lateral tem um futebol típico dos anos 60 (OESP, 15-7-2001) e (OESP, 15-8-2001); ‘Craque acredita que lateral-direita está sendo extinta’ . “O bicampeão do mundo, Djalma Santos, concorda com Cafu: a lateral-direita é uma posição ameaçada de desaparecer do futebol brasileiro, por causa da falta de bons jogadores. Considerado um dos maiores laterais-direitos do mundo, Djalma Santos ressalta que a situação da posição é culpa da nova mentalidade dos treinadores. ‘Eles agora criaram os alas, mas sem fundamentos que o setor exige. Ele entra em campo para fechar o espaço. Não marca, e muito menos apóia o ataque’ diz. “Quando eu jogava, meu aproveitamento no ataque era de uns 90%. Hoje, um ala não passa de 20%. Não sabe nem cruzar direito”. “Aos 62 anos, com a experiência de quem atuou 16 anos com a camisa da seleção, de 1952 a 68 – quatro Copas do Mundo e 99 jogos [...] (OESP, 4-10-2001)¹⁰².

Os ex-atores discursam incisivamente, colocando suas posições como um *saber institucional* do futebol, tendo as diversas instâncias do futebol e seus administradores (CBF) como avalizadores de seus saberes/palavras. Toda diferença a ser qualificada deve vir acompanhada com respeito, pois o futebol do passado é digno de ser entronizado sem mácula, e qualquer ousadia de comparar ou atribuir adjetivos que o suponham inferior ao futebol atual, de pronto, é rechaçada institucionalmente, como neste caso:

¹⁰² Nas lembranças do passado do futebol brasileiro, encontramos dois períodos: o que relembra Friendreich (1919) até Leônidas, e o segundo, a partir de 1958, quando o Brasil foi campeão Mundial, na Suécia, indo até 1970, quando se sagrou tricampeão Mundial, no México. Do vice-campeonato obtido em 1950, no Brasil, dificilmente encontramos lembrança positiva na literatura, quanto aos jogadores ou ao futebol daquele período/Seleção.

SCOLARI TERÁ DE PEDIR DESCULPAS AOS EX-CAMPEÕES DE 1958 E 1962 ‘Treinador disse que a seleção bicampeã só exibia arte porque na época tudo era mais fácil’. ‘A diretoria da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) vai solicitar ao técnico Luis Felipe Scolari uma retratação pública, pedindo desculpas aos ex-campeões mundiais por suas declarações após a vitória por 2 a 0 sobre o Chile, no domingo. Na oportunidade, o treinador disse que a seleção bicampeã só exibia arte porque em 1958 e 1962 tudo era mais fácil. ‘Amarrava-se cachorro com lingüiça’, afirmara [...]. A retratação será feita na segunda, no Rio” (OESP, 10-10-2001).

Nessa mesma linha, a literatura aponta as opiniões dos guardiães do futebol brasileiro. Desdenhando o futebol atual ante o passado, entendem que as mesmas estratégias ou opções de jogadas ainda podem ser válidas:

Djalma Santos, Nilton Santos: no tempo em que se ‘amarrava cachorro com lingüiça’. ‘Nilton, na lateral-esquerda, o Roberto Carlos engraxa uma chuteira sua? Eu tenho uma vantagem. Ele é só canhoto [...] Quando as pessoas falam que se jogássemos hoje ficaríamos ricos, eu não invejo o dinheiro que eles têm. Eu invejo é a liberdade que eles têm de jogar, de poder marcar e atacar’ (OESP, 28-10-2001 – Esportes).¹⁰³

Ao se apegarem a conhecimentos organizados e acumulados cotidianamente, os ex-atores defendem a experiência de quem passou pelo futebol para atuar ou prover competência para dirigir o futebol de hoje (*Placar*, p. 26-28, maio de 1994 e *OESP*, 9 de agosto de 2001). Os planos e as estratégias estão partilhados na memória de ídolos do futebol campeão. Parecem perguntar: “Se fomos campeões jogando assim, por que fazer diferente?”. Ademais, reduzem efetivamente o conhecimento, limitando o futebol a uma prática, sem a possibilidade de que seja explicado por uma teoria: “eu disse: o Parreira tem que levar a tiracolo um técnico que já jogou futebol” (Nilton Santos: SPORTV, 15-11-01). Essa atitude implica um pensamento fechado, sem possibilidade de ser ampliado ao coletivo, de forma metódica.

¹⁰³ Na resposta do ex-jogador Nilton Santos, há contradições, pois a crítica perpetrada ao *estilo moderno* do futebol (mais precisamente ao *futebol força*) é que os jogadores ficam presos aos esquemas táticos. A possibilidade e a liberdade que os jogadores têm de criar, atacar e jogar são severamente apontadas: “é diminuta”, “mata-se a criatividade do jogador”, criticam. Isso é devido aos esquemas de jogo, que anulam em grande parte as possibilidades de criar e a espontaneidade.

Os ex-jogadores se colocam num domínio pessoal, acima de qualquer explicação atual, além de exigirem reverência à sua pessoa pelos profissionais atuais. Buscam a atenção de atores que lhes devam respeito pelo que fizeram e pelo que falam do futebol brasileiro: “Imagine que você ao chegar na porta de um vestiário ter que falar quem sou eu [...]. Encontramos aqueles brutamontes na porta... você tem que andar com uma carteirinha na mão falando quem fui e o que ganhei” (OESP, 4-10-2001).

São comuns as críticas ao modelo dos clubes que contam com os profissionais que tipificam características modernas de direção do futebol:

“... hoje você não sabe quem manda. Tem tanto departamento, tanta gente mandando que quem escala o time não é o técnico [...]. Pra escalar o time precisa consultar o médico, este consulta o Chefe do Departamento médico, o psicólogo [e ao final o jogador diz que] quer consultar o seu empresário, pois não joga sem contrato” (OESP, 6-10-2000).¹⁰⁴

Essas críticas partem tanto de ex-atores como dos próprios acadêmicos, na emoção e na lembrança do futebol áureo, do futebol do povo, agora perdido para a burocracia e para as cifras do capitalismo, imerso na tecnocracia, como acentuam. O futebol

...está ligado aos diplomas hoje exigidos para quase tudo. Felizmente, ainda não os exigimos dos craques, mas fora eles, todas as demais instâncias do futebol hoje estão academicizadas. Treinadores, supervisores, preparadores físicos, entre outros, devem ser diplomados. O mais impressionante é a convicção generalizada de que é preciso ser ‘profissional’- leia-se, diplomado, frio e racional – para estar no futebol. Quando uma equipe não vai bem, ouvem-se, em uníssono, jornalistas, comentaristas e mesmo torcedores, afirmar: está faltando profissionalismo” (Oliveira, 2001, p. 69).

Nessa posição, discursos como esse oferecem resistência e se opõem ao “racionalismo” atual no futebol, criticando o academicismo hoje reinante nos diversos setores desse esporte. Assim, argumentam que, “...ao mesmo tempo que precisa “racionalizar”, utilizando táticas e esquemas que agridem a arte de jogar” [...] corre o risco de perder jogos com atletas que não seguem

104 “Luizão só joga se liberado pelo Departamento Médico” (OESP, 9.11.2001). O atacante do Corinthians se contundiu em jogo pelo Campeonato Brasileiro na iminência de jogar a última partida da Seleção Brasileira. “Antes a conversa era direta, de jogador para o técnico e do técnico para o jogador” (ibid.).

esquemas, ou que preferem o toque “a mais”, em detrimento da maldita objetividade...”(ib.). Nessa mesma linha de reflexão e posição, fatos atuais são colocados: “O Denílson, coitado, não joga aqui e nem lá, devido o futebol que apresenta [...] “Denílson cansou de levar bronca por ser ‘moleque’. Vou ter de mudar meu estilo, (OESP, 25.nov.2001). Na continuidade “...esse futebol de quadros, lousas e vídeo teipe, faz do jogador um universitário... parecem mais aluno de Educação Física...”

As críticas endereçadas ao academicismo e aos conhecimentos “racionais” do futebol atual lançam opiniões fundamentadas exclusivamente na “paixão”, com toques e retoques de torcedores. Mais uma vez o passado é relembrado, vindo à tona um fato ou um nome para legitimar uma crítica:

“Que saudade do Saldanha, com seus conhecimentos e opiniões fundamentadas na paixão, com sua sabedoria não enquadrada, com suas histórias apaixonadas e apaixonantes! Sem terno e sem retórica, Saldanha era um maravilhoso treinador e comentarista, que não queria ensinar comportamento moral aos atletas nem se preocupava em fazer e dizer o que dele esperavam os cartolas. Neste universo de cifras astronômicas, exigências de bom comportamento e cumprimento do dever a despeito do prazer, quase não vemos mais o espaço para o inusitado, o imprevisto, o diferente (Oliveira, 2001,p. 72).

Na oposição dos modelos, o *tradicional* leva vantagem sobre o *moderno* num momento de tensão, pois entende que, em campo, o ato de jogar é livre e superior a qualquer estratégia fora da capacidade dos *craques*. Foi possível observar essa identificação quando a Seleção Brasileira esteve na iminência da desclassificação para a Copa do Mundo de 2002, e o técnico Luis Felipe Scolari percebeu que poderia contar com “...uma ajuda profissional de sua amiga Regina Brandão, psicóloga, com quem já trabalhou em alguns clubes”. Scolari, porém, preferiu não chamá-la, pois o recurso certamente provocaria polêmicas que acabariam prejudicando a Seleção. De fato, a imprensa esportiva logo iniciou uma oposição, argumentando que “no passado não tinha nada disso” (referindo-se ao trabalho da psicóloga) e “jogo se ganha na raça, no amor à camisa, se ganha em campo” (*Jornal da Tarde*, 9-11-.2001, p. 8B).

A mitologia do craque parece sugerir que os ídolos do futebol brasileiro não necessitam de recursos que não sejam do próprio futebol pois estão acima de qualquer possibilidade de precisar de recursos psicológicos e/ou fisiológicos para se apresentarem em

jogo. Isso se revela em palavras como as do dirigente do Náutico de Recife (PE): “...no passado não tinha médico, treinador formado em Educação Física, nem psicólogo, mas cada um dava conta do que tinha que fazer...”

APÓS TRINTA ANOS PERDIDOS NÁUTICO TENTA CRIAR ESTRUTURA

Solução é a garotada. Em tempos de crise, o discurso é sempre o mesmo: ‘apoio à prata da casa’. Mas o trabalho de base dos clubes recifenses ainda é incipiente. O Náutico parte praticamente do zero com ajuda de abnegados que tentam criar uma estrutura no CT da Guabiraba [...] ... e finalmente, o Santa Cruz, um pouco mais avançado que os concorrentes, pois tem um profissional competente, como Nereu Pinheiro, mas que ainda pena com as dificuldades. [...] Dar um tratamento profissional à prata da casa para depois colher os frutos é o que o Náutico, Sport e Santa Cruz tem [têm] como alternativa para sair da crise.

Vejamos o que a bibliografia aponta como “profissional competente” e “um tratamento profissional à prata da casa”:

“...não encontramos mais jogadores espontâneos. Aqueles que encontramos nas peladas e nos jogos de bairros de periferia. Temos que organizar. UM CT é fundamental. Com pessoas experientes mas sem essas infiltrações de pessoas que nunca jogaram bola.”

Nas palavras do dirigente do Santa Cruz F.C., a indumentária do moderno não é aceita, pois não satisfaz as exigências da *visão tradicional*. No Sport Recife, percebe-se a necessidade de um profissional que acompanhe a evolução do futebol, descartando outros, conforme relata Marcos Melo,

...aqui o garoto conta com o trabalho de profissionais, como professores formados, nutricionistas, médicos. Há um projeto pra contratar um pedagogo e uma assistente social, um sociólogo. E, quanto a um psicólogo, pergunta: está nos planos mas não é uma prioridade. É mais importante alguém da área social para acompanhar a história, a evolução do menino e de sua família (Jornal do Comércio, 3-4-2002).

Posições diferentes de conduzir o futebol são sentidas quando atribuem à equipe estruturas semelhantes a um núcleo familiar:

Diferentemente do que fazem outros clubes, Nereu não concorda com o trabalho de psicólogos nos times de base. ‘Eu faço esse papel, converso com os meninos, oriento, aconselho e explico de jeito que eles entendem’, conta Nereu, que muitas vezes, assume o papel de pai dos garotos.

‘O que eles precisam é de alguém que enxerga como um pai. E isso eu faço’ (Jornal do Comércio, 3-04-2002, p. 15).

E em E. Myra y Lopes (1964, p. 35), observa-se esse discurso, tratando-se da Seleção Brasileira de 1962:

A seleção Nacional está estruturada nos mesmos termos da dinâmica de uma família. A Direção representa a figura paterna; os atletas, as figuras filiais. Como os filhos confiam na Direção, em seus critérios de justiça, de honestidade, de organização, de humanidade, de capacidade de decisão, temos um lar harmônico. E onde há lar harmônico, há segurança emocional, noção de responsabilidade, fraternidade sadia, enfim, tranquilidade e confiança.

Esse discurso, que retrata a equipe como uma família, tendo o técnico ou o dirigente como pai, saltou décadas e ainda vive. Os exemplos se identificam nas diversas estratégias de dominação, criando micro-comportamentos que, no confinamento dos corpos e submetido aos esquemas de vigilância dos Centros de Treinamentos, espera-se o conformismo. O respeito hierárquico (relação pai e filho – dirigente e jogador), obediência às normas, são micro-células que permitem uma despolitização do corpo onde as relações dialéticas dificilmente ocorrem. Não se trata somente da adoção de um modelo de trabalho, mas de estratégias que permitem a continuidade de *poderes* nos espaços onde o corpo/jogador se encontra. E com quem trabalhar? As palavras do dirigente são enfáticas - com quem já passou pelo futebol, pois os cargos em que há uma relação direta entre *profissional e jogador*, devem ser ocupados por um *elo* de transmissão que dará continuidade ao processo de domínio do corpo, tendo os recursos da tradição como mecanismos desse processo contínuo.

O *modelo tradicional* questiona fatos do passado no qual protagonistas oriundos do mundo racionalizado desempenharam seus papéis, sem contudo se convencerem das aplicabilidades técnicas do futebol e da recepção/aceitação no conjunto dos atores. Historicamente, a figura do psicólogo no futebol corrobora essa argumentação. Florenzano (1998, p. 35), ao elaborar sua posição acerca do papel do psicólogo no futebol, argumenta que “estaria fadada a presença incerta [do psicólogo] na estrutura dos clubes”, pois os próprios treinadores juntamente com outros profissionais, no contato com os jogadores, poderiam exercer a função do psicólogo. Aqui, embora o contexto da discussão aponte para modelos *tradicional* e moderno, a configuração dos contra-argumentos e posição dos

treinadores/técnicos oculta o campo de luta entre os modelos que procuram estabelecer *relações de poder*.

De um lado, um paradigma *moderno* avançando e ocupando espaços, procurando ganhar os atores pelos discursos da aplicabilidade das técnicas da Psicologia, e, de outro, um modelo tradicional que se opõe à perda de *espaços* e do exercício do poder de controle do jogador. Diante dos avanços e da ocupação dos espaços do futebol pela medicina e da fisiologia, a presença da psicologia estaria ocupando/controlando um dos últimos redutos capaz de alimentar e dar continuidade ao poder exercido pelos técnicos e treinadores, pois ela, a Psicologia, estaria trabalhando/delineando a *consciência* dos atores/jogadores.

Nesse campo de luta, relembrar o *passado* para o *tradicional* constitui-se municiar os conhecimentos acumulados que são indispensáveis nas circunstâncias em que o *saber* sustentado pelas relações sociais (experiências vividas) permite aos sujeitos tomarem posições diante de uma crise de controle ou de organização.¹⁰⁵ O enredo das informações colhidas nos possibilita continuar essa discussão. Vejamos o que disse a psicóloga Suzy Fleury, quando indagada a respeito da opinião do psicólogo da Seleção de 1958 sobre o jogador Garrincha. Passadas quatro décadas, o diagnóstico ainda rende comentários: para aquele psicólogo, Garrincha não teria condições de jogar. Diz Suzy Fleury: “A psicologia do esporte não marca gols, nem dá dribles, mas faz com que o jogador de futebol seja um homem, além de um jogador. A psicologia do esporte serve para que não tenha outros garrinchas”. Nesse mesmo antagonismo, Rocha Neto (2001) diz que “...esses profissionais, essas mulheres são inteligentes, capazes e esforçadas, mas não são elas que fazem os jogadores jogarem”. Embora sem pretensão de defesa, o psicólogo do esporte A. Machado argumenta que

...não somos nós [psicólogos] que vamos marcar gols, mas trabalhamos com o homem que marca gols. Ele sente, ele ama, ele chora. Tem filhos, família, tem seus problemas. Não é diferente dos outros homens. E aí entra a necessidade de ter um psicólogo. Mas isso onde é possível. Entendem e acham que o ídolo, o jogador de futebol é um super herói e que não precisa de médico etc...”(Revista de Rio Claro, 1998).

¹⁰⁵ Ao falarmos em crise de controle e de organização, podemos referir ao estado psicológico dos jogadores do Brasil, na Copa de 1954.

Por outro lado, Nilton Santos afirma que “...agora arrumaram essa de psicólogos, de engenheiros. O que importa é a vontade de jogar”. Nesse debate, podemos perguntar: se os jogadores da Seleção Brasileira na Copa de 1954 contassem com um psicólogo do esporte por ocasião do jogo com a Hungria, teriam eles o mesmo comportamento antes da partida?

A psicóloga Suzy Fleury trabalhou com a Seleção Brasileira na Olimpíada de 2000, em Sidney (Austrália). Ela observa: “...acontece que há uma oposição com os psicólogos no futebol, como se os jogadores não precisassem desse profissional”. Para Suzy Fleury, o que faz ocorrer a oposição deste profissional no futebol “...é devido ao fato do jogador brasileiro ser ídolo”. Entende que o “ídolo como figura na ficção, não sente medo, dor, tudo é resolvido individualmente. Já viu algum herói ir ao médico? Então, isso é transplantado para o futebol como se o jogador não precisasse de um profissional junto a ele, junto à equipe”. E, Suzy Fleury continua, “os testes consistiram num conjunto de dados e informações onde os cruzamentos dos resultados poderiam dar ao Psicólogo meios para conhecer os jogadores”.

Os psicólogos Antonio Machado e Suzy Fleury, em suas respostas, não se opuseram ao conhecimento da Psicologia do Esporte na década de 1950. Dirigiram-se para uma explicação humanista, observando a necessidade da Psicologia para o jogador de futebol, como para qualquer outro profissional ou pessoa que necessite do apoio dessa área.

Vale aqui refletir que esse profissional, hoje, recebe oposição no contexto do futebol, tendo o passado testemunhado esse “fracasso”. A ciência estabelece para si os “fracassos” obtidos como marcos para reflexão, quando reestuda suas conclusões e metodologias e procura dar novas linhas de atuação e aplicação num sentido de desenvolver o conhecimento. Dessa forma, o conhecimento, nesse caso, o saber da Psicologia, assim como de outros saberes científicos, está sempre em construção. Cada aplicação de um conhecimento é um estágio de conhecimento que está para ser aperfeiçoado, além de ser um estágio hipotético que merece ser reavaliado, mesmo nas ciências naturais.¹⁰⁶

O fato de a Seleção Brasileira usar os serviços de um psicólogo, em 1958, denota que na época procurava-se a obtenção de um estágio de desenvolvimento *ideal* da equipe, lembrando a conceituação weberiana permeada pela racionalidade da Psicologia. Na segunda explicação da Psicóloga Suzy Fleury, nota-se que a própria racionalidade busca na irracionalidade explicações para obtenção do *tipo ideal*, conforme nos revela Tragtenberg (1997), em seu prefácio a Weber. Segundo o autor, “no que se refere à aplicação do *tipo ideal* no tratamento da realidade, ela se dá de dois modos. O primeiro é um processo de contrastação conceitual que permite simplesmente apreender os fatos segundo sua maior ou menor aproximação do *tipo ideal*”. A explicação do segundo processo “consiste na formulação de hipóteses explicativas” que, em largos caminhos de erros e acertos, constroem variáveis para atingir os objetivos desejados.

Para Mauricio Tragtenberg os processos tomam caminhos idealizadores com eventuais hipóteses dominando as explicações em todos os momentos das articulações planejadas para alcance do *ideal* objetivado. Logo, os discursos articuladores que explicam as proposições e as hipóteses científicas constituem-se em probabilidades, que coletivamente se vingam como possibilidades de um dia alcançarem o *ideal* proposto. De outro ângulo, observa-se, nas palavras dos informantes e entrevistados, que a confiança e a oposição à aplicação das técnicas psicológicas se situam no campo da personalidade. Essas considerações “pessoais” ocorrem quando os saberes constituídos pela Psicologia no esporte ainda não são suficientes para criar um campo discursivo que define um conhecimento e que se apropria dos saberes sustentados e criados pelas relações sociais num determinado contexto. Nas palavras de Rocha Netto, “essas mulheres” conotam que a confiança estabelecida se situa no sujeito e não na instituição dos conhecimentos da Psicologia.

¹⁰⁶ Foi Dr. João Carvalhaes, psicólogo, quem avaliou Garrincha pelo Teste de Inteligência, o famoso QI. Na realidade, esse instrumento mede aspectos referentes à inteligência lógica e matemática, verbal e espacial. Atualmente, a Psicologia do Esporte entende ser totalmente inadequado se fazer a correlação com as habilidades cinestésicas (motoras) de um atleta de futebol. Isso significa que, para jogar futebol, não é necessário ter uma comunicação verbal diferenciada, muito embora essa habilidade possa favorecer a carreira do atleta fora de campo, no relacionamento com a mídia esportiva, por exemplo. Após a Segunda Guerra Mundial, particularmente de 1950 a 1970, os testes utilizados pelos psicólogos na área esportiva (pouquíssimos registros há no Brasil de psicólogos no esporte nessa época), “...baseavam-se na crença de que há traços gerais identificáveis no modo pelo qual as pessoas se conduzem e que esses traços se revelariam diretamente em respostas a perguntas óbvias” (Cratty, 1984, p. 22). Sem relativizar, trata-se de convergências de resultados espontâneos dedutíveis.

Já Juca Kfourri, jornalista e apresentador de TV, um formador de opinião, portanto, quando lhe indagamos se há oposição dos novos profissionais no futebol e se é possível identificar *modelos tradicionais e modernos* no esporte, disse-nos em entrevista:

...felizmente o futebol está mudando. Mas falta muito, ainda. Ainda não temos profissionais que o futebol deveria ter. O futebol ainda não tem psicólogos do esporte, no futebol. No futebol nós temos é psicólogos; psicólogos motivadores, assim como a senhora Suzana (*sic*) Fleury. Temos carência desses profissionais especializados. Nas olimpíadas de Sidney levaram um psiquiatra. É o fim. Mas o que parece é que para heróis, ídolos... parece que não há necessidade, na cabeça desses dirigentes, do psicólogo, do médico, do sociólogo para entender o grupo. Tudo se resolve... jogador de futebol parece não ser humano”.

Numa administração burocrática moderna, o exercício de uma determinada função está baseado no saber que essa função requer. É um trabalho profissional em virtude do dever objetivo do cargo. O trabalho profissional é estritamente formal e sem considerações com a pessoa, o que parece não existir no futebol brasileiro, quando se lançam críticas a este ou àquele profissional que milita nesse contexto. Para Kfourri, “...desses profissionais são exigidos mais *status* social do que o conhecimento literal de seu desempenho, mas é um avanço”. As palavras de Juca Kfourri remetem ao modelo de esporte apresentado por A. Guttmann, no qual entre as razões para o desenvolvimento, estão necessariamente os atributos profissionais, conseqüência e exigência própria do mundo moderno e do funcionamento das organizações burocratizadas. Continuando, o jornalista observa:

...se você me perguntar se isso [refere-se à falta de profissionais qualificados no futebol] é negativo, vou dizer que sim... infelizmente. Isso tudo tem reflexo no futebol... isso mesmo... no futebol... lá dentro de campo. Um administrador de empresa, além de ser um profissional qualificado, ele tem que conhecer como funciona um clube. As situações são diferentes. Eu não trabalho no rádio. Cada um deve estar em seu lugar. Temos que admitir que, se numa empresa existem profissionais, ele é *o profissional*, é conhecido como “o profissional” e não Fulano. Deve existir a impessoalidade também no futebol. O clube vai bem, não por causa desse nome e Fulano, mas devido à sua administração [...]. Cada um em seu lugar e, se precisar de mais profissionais, que o futebol tenha mais profissionais... é melhor para o futebol.

Para o jornalista, o clube deve ser uma organização técnica, ou, como poderíamos dizer, lembrando Max Weber, uma “organização de produção mecânica”, de acordo com regras impessoais para cumprir obrigações profissionais.¹⁰⁷ No mundo moderno, as organizações, sejam clubes sejam empresas, demandam fundamentalmente o domínio e o exercício do saber. É esse o traço que torna um aparato especificamente moderno e racional, somando-se a isso a impessoalidade dos profissionais e o rigor no controle do desempenho do cargo.

Para finalizar, Juca Kfhoury argumenta: “Temos que ter profissionais que trabalhem com o inesperado, que possam controlar o imprevisível e que conheçam o seu ofício” – o que nos leva a refletir sobre a condução do futebol brasileiro e que, diante de uma situação diferente, o descontrole contagia a equipe ou que fatos inesperados são creditados a *poderes imaginados* pelo homem.

Os *poderes* imaginados pelos homens se encontram nas explicações do *cotidiano popular*, em que se creditam as vitórias a *forças* que atuam extrinsecamente ao contexto do futebol (*Placar*, n. 521, p. 6-9, 25-4-1980), (*OESP*, de 18-11-2000) e (*OESP*, p. C6, 13-4-2001). Os mesmos atores que creditam derrotas e fracassos a forças extrínsecas ao futebol aceitam explicações científicas que possam interferir nos resultados e no próprio sujeito. Contudo, esgotadas as possibilidades de manipular os resultados ou de prevê-los, há um apelo aos fatores que as forças humanas sozinhas não conseguem explicar. A tendência do mundo moderno de tudo submeter à lei das mensurações e ter explicações dos porquês fez com que o homem fosse se apartando do seu *universo simbólico*. Mas o próprio homem não quer voltar a esse *universo*, pois acredita ter ultrapassado as explicações do *tradicional*. No entanto, a *crença* do homem/ator nos *elementos tradicionais* emerge diante de sua impossibilidade de dar respostas as suas indagações e os *saberes experimentados* voltam a preencher sua *cosmogonia*.

¹⁰⁷ Vejamos o que um técnico disse: “Precisamos voltar às nossas origens. Há muita cabeça-de-bagre no futebol, pessoas curiosas cuidando das equipes. Vejam o que ocorre na CBF. O filho do Antonio Lopes é treinador de uma das seleções de novos. Mais tarde, o sobrinho do Felipão também vai ser treinador de uma outra seleção. É o tipo do paternalismo que está matando o futebol”.

O *tradicional* volta a emergir não de forma grotesca, mas apresentando explicações “científicas”, amparado em mapas e conhecimentos da astrologia, que, segundo os especialistas, se trata de “uma visão racionalizada” de uma *crença* milenar. Sob roupagem diferente, percebe-se uma secularização da própria crença: “Scolari consulta empresa esotérica para escalar seleção” (*Correio Brasiliense*: 20-10-2001). Percebe-se que, esgotadas as alternativas estratégicas racionais, apela-se para o “*irracional*”, na possibilidade de alcance do objetivo.¹⁰⁸ Se atentarmos para o fato, identificaremos um traço tradicional em meio a toda racionalidade hoje existente no futebol. Balandier diz que “...não é inútil buscar equivalências desses exemplos em nossa modernidade. É que na modernidade há uma retração do tradicional que leva à separação dos recursos das tradições”. Prossegue Balandier:

“a tradição prossegue seu trabalho no campo da modernidade, uma e outra em constante interação. Aquelas sociedades que se tornaram grandes canteiros de mudança, têm uma continuidade; nelas nada muda, e o que muda não se modifica em bloco” (1997, p. 174).

Na *sociedade moderna*, alguns setores são lentos ou mais lentos; o da religiosidade é um desses setores. Os arranjos simbólicos e os rituais que definem o pensamento coletivo (de um povo, classe, de um grupo) impõem uma identidade/memória durável e uma continuidade, que tem como função manter e reavivar aquilo que é colocado em defasagem e em descrédito durante os períodos em que as mudanças da modernidade se aceleram. No entanto, as rupturas voltam a abrir brechas, pela impotência do homem diante de questões que o moderno não pode explicar ou controlar. E o que aos olhos do homem moderno pode lhe parecer novo ou inédito, é o passado presente na memória coletiva.

Balandier explica a efemeridade do *moderno*, que, na impossibilidade de explicar a realidade, dá condições de aparecimento do passado. O efêmero da modernidade faz surgir elementos tradicionais, que o próprio mundo dessacralizado e desencantado fez esvaziar e que ficaram escondidos. A modernidade - segundo Balandier (1997a) - opera realizações efêmeras, cria aparências às quais seus próprios mitos conferem uma credibilidade (certeza).

¹⁰⁸ O técnico da Seleção Brasileira, L. Felipe Scolari, para escalar a equipe, consultou uma empresa de trabalhos esotéricos/consultoria em astrologia; mediante o signo dos atletas/jogadores, obedeceu a conduta/comportamento em jogo de decisão. No Brasil, isso repercutiu como algo ultrapassado e hilariante, enquanto na Espanha os jornais noticiaram como um “*modelo moderno*” para o futebol OESP, de 7-11-2001, p. E4).

Nessas condições, os fenômenos só se identificam pela incerteza, que só faz crescer o mundo místico e a valorização das rupturas.

No artigo intitulado “*Nem no mapa astral eles se entendem*”, noticia-se que o técnico da seleção brasileira está convocando os atletas de acordo com a sintonia do mapa astral. O artigo registra que, segundo os astros, a relação entre o Técnico Felipe Scolari e o jogador Romário (do Vasco da Gama), dificilmente será boa, pois o técnico é escorpiano e o jogador aquariano: segundo o astrólogo consultado, “...ambos são donos de personalidades muito fortes, posições firmes e gênios antagônicos, segundo seus mapas astrais”. Esse artigo representa não só a mera informação de um fato do futebol, mas revela a impossibilidade de um ator encontrar respostas nas *certezas* do mundo moderno racionalizado. No futebol, modalidade esportiva do mundo moderno, os instrumentos e equipamentos, assim como as técnicas e metodologias recebem atenção do mundo racionalizado na busca do ideal de equipe; no artigo, a relação dos atores na busca de soluções é outra: revela as relações entre atores cujos estudos da psicologia do esporte se encontram nos preâmbulos das teorias acadêmicas. Aqui, surgem as deficiências metodológicas dos planejamentos, nos quais os planos se tornam frágeis em contextos rodeados pela tecnociência em que os atores expressam inquietações diante das situações impossíveis de serem manipuladas. Em face da impossibilidade de controle das causas que implicam em desestabilização de um grupo brota-se o desejo de segurança, buscando nas práticas/saberes tradicionais milenares (astrologia) a possibilidade do estabelecimento da ordem ante os riscos que ameaçam todo um planejamento.

Mas nas relações do futebol cresce o medo da exposição dos comportamentos, pois a vida privada de quem é ídolo ou conquistou espaços na sociedade torna-se pública. Na possibilidade de contar com certo “ar mágico” nas inseguranças é melhor apelar para os instrumentos da modernidade que possam identificar o que se encontra oculto no interior da *alma* desprezando as práticas antropológicas. Florenzano (1998, p. 176) discute *esse moderno* no futebol elaborando um recorte de constituição de *poder* e de domínio dos conhecimentos tidos como científicos. Aqui, o contexto obedece a um outro recorte. Trata de evidenciar que, nas relações e nas esferas de atuação no futebol, as respostas podem ser encontradas em novos instrumentos que têm um “ar de cientificidade” que ocupa os espaços das “práticas

tradicionais” de buscar segurança para o controle emocional. Florenzano (ib.) discute a pseudorelação do biorritmo com a ciência, pela qual uma “teoria científica, sem nenhum apelo místico”, pode promover e antecipar os estados e estágios de humores e hormonais do corpo. A própria ciência toma emprestado e se apropria de práticas culturais e se coloca como capaz de dar respostas às “inseguranças” dos atores, antes encontradas nos *saberes* milenares. Essa discussão promove um breve retorno a Balandier (1997, p. 174) para quem a tradição segue seu trabalho com os homens, mas apropriando do campo da modernidade. Ela cria arranjos simbólicos e rituais que definem uma identidade. Tudo o que parece novo não é, e o que é novo aparentemente, não dura necessariamente. Nesse caso, a tradição veste uma roupa nova, o que explica aos olhos dos homens a percepção do inédito, mas é pura efemeridade. Posteriormente, o homem acaba voltando e aceitando as suas origens.

Há outros discursos cujos arautos usam dos recursos modernos para dar continuidade ao *espírito* da tradição. A literatura, embora externa ao contexto do futebol, alimenta os laços do passado. Seu tom romanceado é inadequado para discutir o futebol em seus meandros e aspectos políticos, valorizando, então, o *reavivamento* do passado. Ainda assim, raramente pode ser encontrada literatura que traduza um modo diferente de explicar o futebol. O que temos são jornais e revistas especializadas, de autoria de jornalistas que procuram reviver, com certa emoção, momentos e fatos. Há certa similaridade entre a literatura jornalística e a acadêmica, pois, em ambas, nota-se que a paixão e a emoção são levadas a preencher o imaginário do leitor. A literatura acadêmica parece uma tradução contada em outras palavras da obra jornalística.¹⁰⁹

Não pretendemos aqui discutir as posições paralelas entre literatura jornalística e acadêmica. Parece não haver distinção entre a *fria razão* da ciência e a *cultura dos sentimentos*, quando se trata de futebol. Parece não haver um confronto entre a *razão* acadêmica e a literatura jornalística, pois se torna difícil vermos limites entre biografias de personalidades do futebol e trabalhos acadêmicos produzidos com metodologias científicas.

¹⁰⁹ Soares (1998) faz essa crítica, tendo como referência a obra de Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*. Lovisolo (2001), em *Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia* lança sua crítica a Eduardo Galeano, que, em cuja obra, na tentativa de denúncia dos meandros do futebol, envereda por um caminho romanceado, de paixão, digno de um amante do futebol, com fidelidade à camisa.

Nos trabalhos acadêmicos, encontramos tentativas de traduzir o que a literatura jornalística registra, procurando exorcizar o futebol de hoje e ressuscitar o do passado: “...ele declarou que o futebol-arte está morto. Espero que o tempo e os fatos o desmintam, embora ele disponha de todos os meios e métodos pra matar, com as próprias mãos, uma das poucas fontes de alegria e de sonho do povo brasileiro” (OESP, 9-9-2001, p. E2).

De outra forma, a marca do futebol do passado existiria nos homens que dirigiam o esporte com mãos de ferro, com vontade; acima de tudo e em primeiro lugar estaria o clube:

Um de seus maiores símbolos jamais calçou chuteiras nem correu atrás da bola. No entanto, poucos ‘vestiram’ a camisa alvinegra como Vicente Matheus. O lendário presidente foi uma das figuras marcantes na vida do ‘clube do povo’ de São Paulo [...]. Dentre suas características foi sua maneira popular culturalmente tosca, mas sagaz e intuitiva. O dirigente polêmico, astuto, com métodos de trabalho anacrônicos, mas eficientes, que não delegava poderes [...] Um cartola daqueles que não há hoje em dia, o oposto dos que tratam o clube mais como um negócio (nem sempre transparente) e menos como paixão (ibid.)

No passado também estão nomes que se foram, e a dificuldade atual do clube seria resultado do esquecimento de dirigentes modernos: “...a causa do XV estar assim é porque nem sequer lembram do Rípoli. Esse sim foi um Presidente, onde dava tudo pelo time, pelos jogadores. O XV era sua família. Pena que foi embora tão cedo”¹¹⁰ (Rocha Neto, 2001). Esse mesmo nome aparece em outras manchetes do jornal da cidade, em depoimentos de torcedores e dirigentes: “O Rípoli levava jogadores para almoçarem nos restaurantes. Difícil alguém negar um prato de comida para um jogador, sabendo que era ele quem mandava ou acompanhava” (Jornal de Piracicaba, 15-8-94).

Cláudio Amantini, ex-presidente do Noroeste de Bauru, diretor da Federação Paulista de Futebol (2001), disse: “Presidente é aquele que tira de seu bolso e faz dar vida ao clube. Os clubes de hoje estão assim porque acabou esse tipo de presidente”. Esse tipo de dirigente liga-se a outras formas de conduzir o futebol brasileiro, estando à frente dos clubes e das

¹¹⁰ Romeu Ítalo Rípoli foi presidente do E. C. XV de Novembro de Piracicaba, o *Nhô Quim*. Era um presidente carismático, folclórico, que levou o primeiro Clube do interior paulista a disputar uma final do Campeonato Paulista. Rípoli notabilizou-se pelo enfrentamento que fez à CBF, à Federação Paulista e à própria imprensa. Segundo informações, Rípoli viajava de Piracicaba a São Paulo procurando por jornalistas/repórteres da Capital São Paulo que nas matérias veiculavam informações contrárias às suas posições e ao clube.

equipes pessoas que têm carisma e que fazem desses espaços verdadeiros pedaços isolados de seus feudos. O clube, na pessoa desses dirigentes, era a continuidade de suas propriedades, embora eles mesmos assim não admitissem. Qualquer mudança nas estruturas dos clubes é lenta e dificilmente prospera, na parte técnica, de formação de novos talentos e do próprio quadro de dirigentes. Essas características são encontradas nos clubes de formação popular que sustentam suas tradições na pessoa do dirigente ou de um grupo que constrói história linear do clube.

Por sua vez, as críticas aos dirigentes tomam rumos trágicos e cômicos, pois, criticando o modelo não-profissional (talvez pessoal) dos dirigentes do futebol brasileiro, identifica-se o lado negativo:

“Não agüento mais a conversa do dirigente que diz que pôs dinheiro no clube. Essa tradição tem que ser superada”. Os clubes precisam sobreviver com seus próprios recursos – e para isso existem os profissionais [...]. Mas a maior paixão nacional, com potencial bilionário de receitas, não vai ficar muito tempo longe dos olhos de empresas que querem lucrar, de forma sadia, com ela. Os clubes que aceitarem isso sairão vencedores [...]. De tradicional, no futebol, só os jogadores com suas culturas (OESP, 25-2-2002, p. E2).¹¹¹

O presidente de um Clube do interior de São Paulo que disputa (2002) o Torneio Rio-São Paulo e o Campeonato Brasileiro nos disse, quando perguntado no que resultou a introdução de novas leis e novos paradigmas de administrar os clubes:

...resultou que esse tipo de gente de diretor carismático, folclórico está acabando. Estamos numa transição um pouco demorada, pois existem muitos e isso irá demorar um longo período... os Zinis, Caixa D'água, Euricos, Edmundos, os Calçadas, os Castores e ... hoje temos que ter um empreendedor, administrador. O carisma, o folclore é do passado, um clube não tem que estar à mercê de uma figura, de um homem. Cada qual no seu lugar... os departamentos, os profissionais [...]. Já soube de diretor que falou... psicólogo, deixa comigo eu faço essa parte... e outro que foi ser massagista porque não queria contratar um. Subiu na cotação dos torcedores... felizmente isso tá acabando.

¹¹¹ O articulador critica a forma tradicional de administração dos clubes de futebol; no entanto, assegura que a tradição cultural identificada no futebol não tem efeito negativo.

Mazzoni (1939) já se posicionava criticando o futebol dos anos 30. Segundo o autor, o futebol “...só poderá se ver livre dos vícios que o levaram à degeneração completa, à desordem e à desmoralização [...] quando o curarmos do clubismo e da indisciplina dos dirigentes”. Mazzoni argumentava que, profissionalizando os dirigentes, “...o clubismo chegará ao fim, quando, na oficialização, os cargos de maior responsabilidade nas entidades forem de confiança e não frutos de ‘conchavos’ de clube e arranjos de ‘macumbeiros’...” Seguindo nessa mesma linha, esse modelo de administração parece querer conviver com o modelo atual de clube esportivo no Brasil. A regulamentação proposta pela *Lei Pelé* evidencia a possibilidade de rompimento com a pessoa do dirigente filantrópico, carismático e patriarcal. Mas parece que o tempo ainda não foi suficiente para que o futebol pudesse se constituir de dirigentes segundo uma nova ordem administrativa. Embora distante, é a Mazzoni (1939) que recorreremos, quando o autor assevera “...que todos eles [dirigentes] dizem que a oficialização ‘apresenta inconvenientes’, ‘implanta a ditadura’, ‘fere direitos sagrados’, ‘não resolve a pacificação’, e outras bonitas frases que podem causar boa impressão somente aos ignorantes...” (p. 15).

Milene Castilho, consultora jurídica de clubes esportivos brasileiros, dá sua explicação para os discursos dos dirigentes brasileiros:

...os dirigentes alegam que ‘é o fim dos clubes de futebol’ porque com o fim do passe não tem mais como se fazer caixa ‘vendendo’ seus jogadores. Dizem que não terão como investir nas categorias sem ter o retorno financeiro que obtinham vendendo aqueles jogadores que se destacavam. Hoje a Lei 9.615/98, com a modificação dada pela Medida Provisória 2.141, ampara os clubes formadores com o direito de assinar o primeiro contrato profissional do atleta [...] mas podemos ver nitidamente dois modelos no futebol brasileiro: um onde nós identificamos dirigentes que trabalham por ‘amor ao clube’, não recebendo remuneração pelo trabalho prestado ao clube, acarretando dúvidas quanto a como sustenta a si e a sua família e como consegue possuir um grande patrimônio se dedicando ao clube sem per fazer jus a salário algum. Neste atrasado modelo o que se pode constatar é medidas administrativas e gerenciais tomadas pelo impulso e calor da paixão, sem o profissionalismo necessário ao se tratar de quantias grandes de dinheiro.

Aqueles que defendem uma reorganização administrativa do futebol opõem-se ao dirigente de certo tipo: “...entre seus bens patrimoniais e os bens do clube, não sabemos onde

começam, onde terminam”. Ainda existem e tentam sobreviver “...símbolos de um estilo que se quer ver erradicado do país mas que, claramente, insistem em sobreviver” (Kfoury, *Jornal Lance*, 23-10- 2001).

Parece que Mazzoni (1939) previu o futuro brilhante do futebol brasileiro em suas crônicas; no entanto, suas críticas ainda necessitam ser exorcizadas: “...e os dirigentes? Sempre têm sido em sua maioria os ‘políticos profissionais’, completamente desvirtuados de sua verdadeira missão. Somente ocuparam cargo nas entidades para advogar os interesses dos seus clubes” (p. 18).

DIVISÃO DO ‘BOLO’ JÁ CAUSA DIVISÃO NA LIGA RIO-SP. Nem contrato firmado com a Rede Globo consegue organizar a bagunça dos cartolas. Parece incrível, mas os dirigentes do futebol brasileiro conseguem se superar a cada gesto. Lamentavelmente de forma negativa. Nem bem saíram de uma reunião, na quinta-feira, na qual fecharam acordo financeiro de três anos com a Rede Globo, que vai pagar R\$ 65 milhões para transmitir Rio-São Paulo de 2002, novo impasse põe em risco o projeto que cria a Liga Rio-São Paulo [...]. Nos bastidores a briga já começou. E não é pequena (*OESP*, 24-11-2001).

“O que vale e o que importa é no campo de jogo” assim afirma quem se alimenta do discurso tradicional, que demora para aceitar que nem tudo se resolve no campo de jogo, que as conseqüências do campo de jogo são de origem extra-campo, que permeiam todo o gramado, até os mais insondáveis cantos das mesas dos que controlam o futebol.

Trazendo essa discussão para o campo da subjetividade dos atores, identificamos em seus discursos conceitos atribuídos ao *cotidiano popular*; os infortúnios ou os desatinos da vida cotidiana urbana se encontram e se encaixam perfeitamente no futebol, como contrapontos para explicações de um suposto fracasso ou vitória da equipe. O acaso,¹¹² ou sorte, ou destino guiado pelo divino é mais um dos espaços éticos em que o *tradicional* se opõe às explicações do *moderno*, simbolizando que as injustiças ou o fracasso resultam de uma hierarquia acima das forças humanas.

¹¹² Situações em que, para o futebol, são dadas explicações como obra do *acaso, da sorte ou dos desejos divinos*, encontram-se nos discursos de jogadores, dirigentes e da velha guarda da imprensa brasileira. Ver em MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977. Capítulo “A cultura do acaso”, Botafogo e a elite irresponsável.

Se, de um lado, se acredita que o *acaso* pode influenciar, dá-se uma oposição e a alternativa é tornar-se determinista, admitindo que vitórias e fracassos não são forjados cegamente, que todos os efeitos têm suas causas e todas as causas, os seus efeitos, estando diante de duas situações: uma evidenciando o lado moderno, racional e outra, buscando na vertente marxista, conforme mostramos no item subcapítulo 1.3, as causas materiais como determinantes de todos os efeitos. Assim, descarta-se o pensamento mágico, oferecendo ao homem um grau de livre arbítrio para influir em seu próprio futuro.

De outra forma, alguns veículos de informação, em suas referências ao futebol, apontam para uma linguagem que, julgada pela experiência cotidiana, é sempre paradoxal, pois consegue captar unicamente as aparências dos fatos. Esses veículos não oferecem à *massa* consumidora uma organização e reorganização dos dados (informações) oferecidos, mesmo com o esforço dos consumidores para identificar as relações políticas e os fatos que as geraram.

Em nosso estudo, dividimos esses veículos geradores de informação em três faces: a *primeira*, voltada para a literatura que se encontra nos locais de mais fácil acesso, pois o seu veículo e vínculo com o público garantem a compreensão das informações: jornais, revistas, folhetins, manuais e álbuns que, traduzindo uma linguagem singular, garantem a informação e o reforço da tradição do *Brasil-país-do-futebol*. São as informações do pré-jogo ou pós-jogo que o homem da lide popular passa ou recebe, garantindo sua informação, ou fazendo uma leitura de capa, o que dá condições de acreditar fielmente na palavra do jornalista. Essa literatura, embora incipiente no decorrer das diversas fases do futebol brasileiro, reproduz faces em que a sapiência dos que atuam no futebol é reforçada por uma imaginação pura, e os recursos advindos do mundo moderno são *desprezados* no alcance dos objetivos propostos:

...mestre Ziza está de bem com a vida, lúcido e com saudades da época em que o jogador entrava em campo ‘até mesmo morto’ para defender sua equipe [...]. Hoje tem médico, psicólogo, auxiliar do técnico, tem tudo. O jogador só tem que jogar. Nada disso tinha, mas o jogador, jogava (*OESP*, 10-9-2001, Esportes).

Uma *segunda face* da literatura tem um gosto mais acadêmico e distante da realidade cotidiana. É a literatura que explica que a subjacência dos discursos pode ser interpretada

como escapes que possibilitem construir tentativas de resgatar o futebol “puro” e “imaculado” do passado, sendo um elemento já incorporado às críticas do futebol atual. Segundo Lovisolo (2001), - há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol. O saudosista, de acordo com esse autor - adere ao mito de que as coisas são puras e plenas quando nascem, depois começa o deterioramento. O tempo passado sempre é o melhor, o saudosista sofre de desencanto do presente. O futebol foi mais puro e simples e, sobretudo, vinculado ao prazer de se jogar pelo prazer (de jogar). Esse *jogar* pelo prazer pôde ser ouvido quando da reivindicação dos jogadores brasileiros na Copa do Mundo de 1994. Um coro de vozes ecoou pelos principais jornais e pelo povo (TV):

PARREIRA DESMENTE CRISE POR CAUSA DO BICHO

...onde a Seleção está concentrada, surgiram boatos de que os jogadores teriam pedido uma porcentagem pela classificação às oitavas de final e a CBF negado o pagamento[...]. Do total de US\$ 4 milhões prometidos pelo título, queriam receber US\$ 400 mil. A CBF estaria se recusando a pagar. Daí a revolta dos jogadores. O caso ficou de ser resolvido depois do treinamento (OESP, 28-6-1994).

O ataque contra os interesses dos jogadores brasileiros constituiu-se de jogadas sustentadas por discursos experientes: “O amor à camisa, a pátria, foi pro ralo. Não existe o amor ao País, à nação. Tudo é feito pelo dinheiro”, e “O que os jogadores brasileiros querem tem sentido pois são profissionais. Mas num momento desse, vale a pena sacrificar um pouco pelo Brasil, pelo povo” (OESP, 29-6-1994 e A Gazeta/SP 30-6-1994).

O que Lovisolo (2001) critica é que a literatura brasileira, ao procurar resgatar o futebol memorável, caminha pela melancolia, sem opções de mudanças. Não se constroem defesas argumentativas que possam explicar a decadência do futebol. O futebol moderno e burocrático, sem o véu da pureza, é digladiado na literatura que denuncia o modernismo presente, opondo-se até mesmo às cifras milionárias que premiam os jogadores de futebol,

com a afirmação de que o futebol do passado era melhor, porque menos capitalista ou menos comercial.¹¹³

Em nossa *Introdução*, perguntamos quais tradições/elementos tradicionais permanecem no futebol dos dias atuais; embora seja complexo responder à questão, devido ao universo de elementos tradicionais, podemos refletir que ainda é possível identificar nitidamente as tradições plantadas nas décadas iniciais do século XX, nos clubes de futebol, quanto ao modelo de organização e de dirigentes. São os diretores carismáticos voltados aos conchavos e apadrinhadores de jogadores, criticados por Mazzoni (1939). E, como salienta J. Kfourri: “...essa tradição dos coronéis do futebol está com os dias contados” (Jornal Lance).

A *face tradicional* caracteriza e atribui pela “intuição e experiência” formas de explicar os resultados do futebol e de tratar certas configurações que remetem ao *saber popular*. Aqui, “intuição e experiência” não são substantivos depreciativos; tampouco estamos utilizando de conotações sem vínculo com o conhecimento racionalizado. Mas num mundo moderno onde *segurança e conforto* se tornaram questão de valores, há novas propriedades/conhecimentos que garantem recursos eficientes, que a “experiência” diz possuir.

A abrangência dessa discussão do que ora tratamos é complexa, no entanto podemos identifica-la no seguinte informe: “Tendo conhecimento do clima na região do local do jogo, o ‘Técnico chileno quer time mais leve. E receita frango ou peru’. ‘Para moldar um time *light*, os cozinheiros [do Chile] da concentração têm preparado com frequência acima da média, pratos à base de frango ou peru, são carnes mais fáceis de digerir, diz o nutricionista” (OESP, 04-10-2001). Mas e quando não se pode contar com um profissional? O conhecimento na tradição, na cultura, aflora-se e recomendações são colocadas em prática num clube que tem “experiência” de 87 anos de futebol. Dessa forma, para os jogadores do Rio Branco de Paranaguá, equipe do Estado do Paraná, que no ano de 2000, disputou a terceira divisão do campeonato brasileiro, após intensos trabalhos físicos ou após jogos desgastantes, no almoço ou jantar não pode faltar feijão com couro de porco, torresmo e farinha, pois acreditam que

¹¹³ Diversas enquetes foram realizadas por revistas e programas esportivos na TV brasileira, em que se perguntava ao público e aos leitores se eram favoráveis ou contrários aos altos salários dos jogadores de futebol. A maioria se colocava contrária, tendo sempre como ponto de desacordo a comparação com o estado do povo e o salário mínimo.

esse cardápio dá “sustância” e recompõe as energias no menor tempo possível (*Placar*, n. 1169, nov.2000).

Numa outra situação, mas com semelhanças quanto aos objetivos, o encaminhamento de uma solução técnica e tática para a equipe se dá pela “experiência” de quem tem “vinte anos de bola”. Em 2001, quando a equipe da A. A. *Desportiva Ferroviária*, do Espírito Santo, que disputava a 2^a. Divisão (Série B) do Campeonato Brasileiro temia o rebaixamento, seu preparador físico, avalizado pela Comissão Técnica, sugeriu como alternativa uma dieta alimentar à base de goiabada. Conforme explicou:

“a goiabada tem um alto teor energético. É um doce, e portanto contém glicose, que fornece muita energia para os jogadores durante uma partida e coletivos, aliás esse é um dos segredos para vencer o clássico de amanhã, enfrentando o Rio Branco”. O técnico da Desportiva e o preparador físico que trabalham em conjunto admitem ter usado a goiabada em outros clubes com resultados satisfatórios: “comendo goiabada o desgaste físico é menor. Ela repõe em tempo hábil as energias além de que o jogador em formação não precisa se preocupar com reposição energética após treinamento ou jogo”. (*A Tribuna*, 4-4-2002).

Entre outras, as explicações subjetivas são as que ainda comandam e imperam no futebol. No “decorrer dos anos 70”, um outro modelo lentamente veio se construindo, firmando posição e gerando oposição no contexto do futebol. No entanto, dadas as raízes do futebol brasileiro, amparado na administração clubística e contando com a presença do *saber popular* construído historicamente no futebol, não se progrediu a ponto de erradicar as *representações dos* atores, técnicos e dirigentes. Aliás, não é esse o objetivo do *moderno* no interior desse esporte? Ao que parece, o futebol brasileiro não sofre conseqüências por suas *singularidades culturais* ou das “experiências” de quem já passou por muitas situações distintas e que as coloca em prática, mas pela condução estrutural, como argumentou Mazzoni (1939), ainda muito distante da realidade que se apresenta atualmente.

Pequenas reflexões que criticam o *tradicional* podem ser notadas. Saldanha (1997, p. 152), ao que parece, antecipou a oposição a um modelo defasado em relação aos fatos que o geraram, a forma de conduzir e tratar o futebol brasileiro, quando critica:

O futebol brasileiro vive em meio a uma politicagem mais mesquinha do que a política partidária. Muito mais atrasada. O núcleo dirigente do futebol brasileiro formado na época do amadorismo, época empírica do futebol, não abandonou seus métodos e idéias. É sobre tais métodos que a mais popular das artes é dirigida no Brasil. Mas estes homens podem ser desculpados. Se fosse possível entrar em suas mentes, seria fácil compreendê-los: a moleira fechou. Ali não existe lugar para mais nada. Assim é a natureza. Então, só pouco a pouco, varando uma resistência siderúrgica, é que nosso futebol evolui. Mas é uma evolução espontânea, sem nenhum aproveitamento do que já existe de experiência comprovada nos centros mais adiantados. O único fator que permitiu que pudéssemos atingir um alto nível no futebol mundial é que este ramo da arte popular encontra, no Brasil, vastíssimo campo, de milhões de apaixonados...

O que Saldanha expunha nos anos 1960 é o mesmo que apresentamos no capítulo anterior, na entrevista de Juca Kfhourí. Parece que a oposição tradicional ainda conserva a sua liderança. Mas o que Saldanha critica não configura o objeto principal que procuramos, embora faça parte de nossos estudos. Entendemos que a administração desse esporte no Brasil ainda se ressentia dos “coronéis do futebol”, e que não é a organização ou “maturidade cultural” dos dirigentes que poderá extirpar a *face totalizadora* dos seus atores. Tanto Mazzoni como Saldanha não se preocupam com essa face tradicional, mas com sua utilização pela classe dirigente.

A crítica é dirigida à classe dirigente que usurpa o futebol, no sentido de conquistas pessoais, tendo conseqüências desastrosas para o esporte. Em determinadas situações, tem-se usado *da cultura* de seus atores para benefício individual. Podemos perguntar: se o futebol, em sua transformação gerencial, vier a contar com profissionais em suas estruturas burocráticas, estaria inaugurando um novo período e finalizando a presença de *elementos tradicionais* no futebol brasileiro?

3.2 O moderno e seus discursos de poder

Após a derrota da Seleção Nacional na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, foi possível identificar o valor dos conhecimentos subordinados à racionalidade em diversas linhas, entre elas a Fisiologia, a Psicologia e a Medicina Desportiva.¹¹⁴ Paralelamente a isso,

¹¹⁴ Mesmo com o desenvolvimento de novas tecnologias e conhecimentos racionais, o modelo tradicional continua: “Na época, seu colega Tecão disse que a contusão de Dario era caso de macumba e que procurasse alguém para tirar (Revista Placar, p. 27, n. 521 de 25-4-80). “O centroavante do Inter rezou contra as lesões. “Tenho muita fé. É essa fé que me tem ajudado nas horas ruins” (Placar, n. 461, p. 12, 23-2-79).

os conhecimentos científicos no treinamento desportivo de diversas áreas adotaram novos paradigmas de atuação. As Olimpíadas de 1964 (Japão) e 1968 (México) suscitaram novas formas de entender o esporte, pela via da fisiologia do exercício. O treinamento dos esportes coletivos adotou metodologias individuais, de acordo com a especialidade e as peculiaridades fisiológica e biológica do atleta. Foi enterrado de vez o paradigma da universalidade e dos princípios gerais da fisiologia.

Paralelamente ao desenvolvimento dos desportos coletivos, os esportes individuais findaram o trabalho coletivo, calcando na individualidade do atleta as bases para a elaboração de uma nova metodologia de trabalho. Essa mudança paradigmática se apresentou em duas oportunidades: na Olimpíada, em 1972, Munique, Alemanha e, em 1974, na Copa do Mundo nesse mesmo país.

Com a modernização na área do treinamento físico, o discurso do futebol espontâneo, da individualidade (futebol-arte) e da intuição lentamente foi dando espaço a um discurso que transmitia certa modernidade, com ar aparentemente científico (ANEXO C).¹¹⁵ Esse discurso ocorreu no sentido de valorizar socialmente o futebol, emparelhando-o à economia e ao concurso do mercado. Esses *valores* passaram a constituir parte das reflexões de alguns autores e técnicos pioneiros, que pretendiam uma nova forma ou um estilo diferente para o futebol brasileiro. A administração dos clubes de futebol, embora lenta, foi se profissionalizando, amparada por leis, tornando-se empresarial, procurando distanciar do clube amparado na fidelidade social; novos profissionais passaram a ocupar os espaços burocráticos construídos, para cada um desenvolver sua competência técnica.

No *mundo* que procura racionalizar e construir um ***tipo ideal de atleta*** e de equipe, encontramos um conjunto de saberes imbricados no futebol atual. Ponderando discursos, dificilmente percebemos o seu interlocutor direto: fala-se em nome da *razão*. Não é possível distinguir ou apontar, diretamente, quem faz os discursos que provoca a desestabilização de práticas culturais no contexto do futebol.

¹¹⁵ Em nossa pesquisa, estivemos presentes em alguns locais já conhecidos do público que discutem futebol. No Bar do Elídio, em São Paulo, bairro da Mooca, onde se reúnem jogadores do futebol do passado. Segundo jogadores e técnicos, “...o futebol arte teve sua morte decretada em 5 de julho de 1982”, mas o seu espírito ainda sobrevive até hoje.

O *moderno* exige o lado profissional e racional; desestabiliza as práticas culturais e investe contra seus saberes de forma sutil e seus atores não percebem sua presença. O moderno se move ora num local, ora nos saberes organizados e dispostos no espaço onde as relações sociais ocorrem e, por razões de se manter invisível, promove a credibilidade nos técnicos e profissionais. Não há lugar para a emoção, para o parentesco; o que une os atores (jogadores, dirigentes) são as exigências para a consecução de uma tarefa proposta e idealizada. Por caminhos devidamente planejados, esses atores adquirem estabilidade a partir do momento em que são *trabalhados*, à medida que avançam no cumprimento dos objetivos. Esse modelo luta pela compreensão e alcance de um *tipo ideal* de toda ordem. Tudo está dentro de um pretendido contexto de sentido, há total inteligibilidade e uma cadeia de argumentos verificáveis que avalizam seu trabalho.

Em nossos estudos entre profissionais e especialistas na área do treinamento desportivo, identificamos que não há críticas diretas aos profissionais da área, mas sim ao seu produto, o jogador: “Hoje em dia criam cada guarda-roupas, tanto na defesa como no meio campo e ataque”. “Todo jogador é treinado pra marcar, desarmar... enfim pra trombar” – são palavras de Cilinho, ex-técnico da Ferroviária de Araraquara, XV de Jaú, Noroeste de Bauru, São Paulo (duas vezes), Santos, Corinthians e Portuguesa de Desportos. Para Cilinho, o futebol de hoje está centrado na força: “Quando chega um garoto para fazer um teste, pode ser bom, ter talento, mas se não tiver força, não for troncado, fica no banco”.

Interpretando as palavras do técnico Cilinho, podem ser consubstanciadas as críticas que os discursos tradicionais fazem às novas tecnologias e recursos. As exigências da cientificidade do treinamento desportivo como superação de resultados têm uma longa história. No final do século XIX, conhecimentos da Fisiologia e da Biomecânica, embora não separados da Medicina, já eram utilizados sistematicamente para superar resultados e marcas no esporte. No futebol brasileiro, tal fato pode ser percebido com grande destaque em finais dos anos 1970 – embora, nos anos finais da década de 1960, a Comissão Técnica da Seleção Brasileira já contava com profissionais de Educação Física com conhecimentos da chamada *Fisiologia do Esforço*, que utilizavam técnicas do aerobismo e métodos de

treinamento desenvolvidos nos centros norte-americanos e alemães. Certamente, isso não significa que todo o contexto do futebol brasileiro estivesse aplicando os novos conhecimentos e instrumentos como recursos para alcance e superação de resultados. Conforme Anjos (2000), somente a partir de 1978/80 é que as equipes de ponta vieram a adotar e possuir em seus CT's recursos e instrumentos da área do treinamento físico.¹¹⁶

O desenvolvimento da “ciência do esporte” não se deu por absoluta vontade dos especialistas e profissionais da área. Na subjacência desse avanço, estão os interesses da “indústria do futebol”, no sentido de ter “produtos” em menor tempo, como podemos identificar neste artigo:

OBSESSÃO PELO DINHEIRO CRIA ATLETAS FRAGILIZADOS

‘Empresários e dirigentes pressionam para que jovens cresçam rápido para apressar os negócios’

A indústria do futebol e os milhões de dólares que ela movimenta no mundo por mês estão fazendo algumas pessoas perderem a cabeça e, indiretamente, arruinando a carreira de jogadores. [...] Muita gente faz pressão para que médicos, ortopedistas e fisiologistas “busquem alternativas” para fortalecer e aumentar a massa muscular de jovens atletas, afim de que evoluam fisicamente com rapidez e sejam valorizados mais cedo. A pressão é de todos os lados, inclusive empresários e da própria família e de pessoas de dentro do clube. Os atletas da América do Sul estão sendo negociados cada vez mais cedo e isso significa dinheiro considerável aos clubes. E, quanto maior e mais forte mais caro. São diversos os casos de craques submetidos a exagerados trabalhos de reforço muscular, que, por isso, acabam se arrebatando [...]. O novo ídolo dos são-paulinos, o meia Kaká, 19 anos, sofreu muito com a fragilidade física. Desde criança, sempre foi habilidoso, mas não conseguia de jeito nenhum conquistar uma vaga de titular nas categorias de base do Tricolor. Perdia lugar para os mais troncudos, que pudesse [m] dividir a bola com os adversários. Hoje o jogador está no terceiro ciclo de três meses de creatina (OESP, 14.jun.01).

A Fisiologia do exercício, ciência que se preocupou com o movimento humano voltado para a área esportiva, desenvolveu múltiplas ações e pesquisas no sentido de dotar o

¹¹⁶ Conforme Anjos (2000), em pesquisa realizada com 25 técnicos e 17 preparadores físicos de equipes de futebol de cinco Estados (SP, ES, MG, PR e RS), dentre diversas equipes tidas como grandes e que disputavam, na época, o Campeonato Brasileiro das séries A e B (1ª. e 2ª. divisões), até 1990, apenas algumas possuíam recursos da área do treinamento, como aparelhos de musculação, salas de recuperação, acompanhamento de fisiologistas e nutricionistas ou faziam uso de produtos alternativos para desenvolvimento de massa muscular com os jogadores de equipes de base.

atleta de capacidades de reposição energética num tempo cada vez menor sempre buscando o *tipo ideal* de atleta.

Isso fez aumentar a carga de treinamento e o ritmo de competição de forma excessiva. Mas o que leva e direciona os novos saberes por meio de seus instrumentos e equipamentos a construir corpos embrutecidos, como argumentou o Técnico Cilinho? Ou quais são os problemas advindos das novas teorias de treinamento propostas e existentes no esporte moderno e muito latente no futebol de *alto rendimento*?

A resposta está na própria pedagogia utilizada pelas novas técnicas e saberes que consistem em produzir corpos que obedeçam aos cânones das disciplinas e dos regimentos impostos para obtenção de um *status* de corpo que atingiu o *tipo ideal* de atleta/jogador.

Se iniciarmos falando dos aspectos modernos de treinamento, teremos diversos caminhos a seguir. No entanto, não é nossa intenção discutir os problemas advindos, mas discorrer minimamente sobre eles e aplicarmos uma teoria que possa consubstanciar os argumentos aqui propostos.

Primeiramente, a fisiologia aplicada ao esporte procura formar e estruturar um organismo/corpo que possa suportar os treinamentos e ritmos de competições estabelecidas sempre no limite das capacidades físicas. Num segundo momento, o saber da *fisiologia do esporte* consiste em criar corpos que possam em curtos períodos de fases de treinamento ter altos rendimentos técnicos e físicos. O limiar de resistência do corpo é negado, e na possibilidade de ampliar cada vez mais as áreas protegidas do organismo, ampliam-se os limiares de mobilização, causando reações que levam diversos órgãos ao estresse, aos estados de fadiga e aos estados finais de choque.

O moderno tem outros saberes que se revelam de acordo com as exigências das circunstâncias. No Brasil, há clubes de futebol que disputam até quatro competições num mesmo período. A recuperação dos desgastes provocados pelas disputas é complicada, pois implica trabalhar com heterocronicidade, quer dizer, diferentes capacidades de restauração das várias aptidões motoras. Os recursos que vêm sendo utilizados para recomposição

energética desenvolvidos pela fisiologia do exercício recebem oposição das Confederações e organismos internacionais, pois constitui uma espécie de *doping*. O *doping*,¹¹⁷ aqui, nesse caso, é a utilização de recursos fármacos para restauração da ação energética num tempo menor, na possibilidade do organismo/músculo receber e responder a cargas de treinamento ou executar as exigências das capacidades físicas. Para uma recuperação efetiva no uso desses fármacos há necessidade de acompanhamento de profissionais da área médica, mas ressalta-se que no contexto do esporte e do futebol, atletas, técnicos e profissionais não estão preocupados com *o depois*, o importante é o resultado. Exemplo deste questionamento pode ser comprovado na jovem vida ceifada do mundo esportivo da atleta velocista norte-americana Florense Joyner.

Mas o que nos leva a incursionar pelas conseqüências causadas pelas novas metodologias de treinamento e dos recursos e instrumentos dos novos paradigmas científicos, se a problemática se refere aos aspectos da cultura popular no futebol?

Há diversas respostas que podem ser atribuídas a esta incursão. Nos espaços do futebol onde *os saberes* se encontram há um intenso jogo de relações sociais e de poder pelo corpo/atleta, no qual *modelos tradicionais e modernos* promovem confrontos pela ocupação do espaço onde o corpo se encontra. A configuração exposta pelo *moderno* implica no surgimento de novas práticas de domínio individual e institucional. Não é simplesmente um refinamento de práticas e instrumentos/equipamentos. Vai além: traduz-se na organização milimétrica do corpo, em cujas partes (órgãos) o *saber científico* circula livremente mas que

¹¹⁷ O Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2003, promulgou um documento de validade internacional que determina que todos os Países filiados instituem e aceitem as diretrizes de uso de *doping*. O Brasil foi o primeiro filiado a assinar o documento. No entanto, pode-se valer de recursos pelos quais o atleta/jogador não sofre efeitos colaterais futuros e o acúmulo de *ácido láctico* (energia residual no músculo) pode ser eliminado por densidade climática externa, ou seja, o atleta mergulha numa banheira de gelo, o que permite uma captação maior do ácido residual pela corrente sangüínea.

emite um domínio do *todo*.¹¹⁸ É na construção *ideal* de atleta/jogador que reside a manipulação do corpo. A. Guttmann argumenta que no *esporte moderno* está embutida a *igualdade de participação*. Aqui o cenário é outro, o *esporte moderno* tendo a ciência ao seu lado, procura justamente construir a desigualdade não no campo das regras, mas no campo fisiobiológico. É na construção do *atleta ideal* que procura formar o corpo que ataca, que defende, que corre, que cabeceia, enfim, que cumpre as exigências técnicas com respaldo do seu comportamento físico, que o faz diferenciar de seus adversários.

Entre creatina, carnitina, compostos energéticos, aminoácidos, barras energéticas etc., há um constante jogo na possibilidade de ganho do corpo. Mas essa luta não acaba, sempre surge a “recuperação” do corpo, num jogo indefinido como nos diz Foucault (1989, p. 147). A fala do massagista Rodrigues, do *E. C. Noroeste de Bauru*, nos faz lembrar dessa “recuperação”:

“quando você vem com uma seringa verde, amarela, vermelha (refere-se ao conteúdo da seringa), o jogador olha de lado e fala ‘o que é isso’? Se você dá um chá ou faz algum remédio caseiro ou alguma coisa pra acalmar a dor ele não pergunta do que é... ele leva pra casa... e é muito mais disciplinado pra tomar um chá feito do que tomar desses remédios receitados pelo médico”.

Essa “recuperação” se encontra e reside no campo cultural dos próprios atores. O exemplo nos mostra que o corpo se reveste contrário ao que lhe é desconhecido mesmo que nas circunstâncias a *hierarquia moderna* reine absoluta. Isso é histórico. No passado do futebol brasileiro, o projeto de disciplina ao corpo do jogador, não calcava na coerção suave e indireta. Era rígida. Daí a revolta que se implodia nas concentrações onde muito se comenta sobre Garrincha e suas “escapadas” nas crônicas de futebol (Saldanha, 1997, pp 117, 121 e 122). À conquista e ao domínio do corpo não se aplicam rígidas censuras. O poder de domínio se dá por canais sutis, nos quais gestos, hábitos cotidianos são todos delineados e estudados, pois podem reproduzir as expressões da dominação.

¹¹⁸ O *moderno*, aqui identificado pela Fisiologia do Treinamento, elabora estudos dos órgãos que promovem as grandes funções orgânicas, no sentido de conhecer seus limites e reações (músculos, ossos, tendões) quando no recebimento de esforços máximos ou de reagirem a elementos estranhos (fármacos), no caso do rim e do fígado.

Se no futebol do “passado” o importante era o *talento*, o domínio das habilidades, a arte de jogar pela cultura apreendida externa ao contexto dos Centros de Treinamentos, o domínio, o controle eram exercidos e se encontravam no corpo.¹¹⁹ O *moderno* agiu diferente: o corpo é conquistado quando a *alma* pode sobre ele exercer o controle e vigiá-lo agindo como um poder invisível pelos seus múltiplos saberes estruturados no contexto da vida do clube.¹²⁰

É desses corpos que o sistema financeiro, *mediático* e dos *cambiadores* de *passes* dos jogadores necessitam. As transações financeiras com jogadores ainda imaturos quanto à idade e ao desenvolvimento físico mudaram o cenário e promoveram rupturas nos clubes de futebol. Antes, tinha-se como objetivo trabalhar com o jovem jogador, formando-o para servir nas equipes superiores e, posteriormente, na profissional; hoje, a política de formação de talentos vem atender aos desígnios de transações envolvendo jogadores aptos a produzir desde muito cedo.

Os grandes clubes são transformados em empresas; os clubes menores ainda subsistem, apontando objetivos pedagógicos e sustentados na militância de seus profissionais, oriundos do próprio meio. A formação do jogador passa de um cenário de amadorismo, formado num círculo social e familiar, a uma otimização de resultados em pouco tempo, sob a tutela de profissionais hierarquizados pelo conhecimento racional de um clube com ênfase empresarial e objetivos claros. Esse cenário aponta a globalização: o futebol tornou-se produto de primeira linha. Se as críticas apontam a obsessão financeira como ponto central do mundo moderno, parece que esses discursos fazem uma inversão do que poderíamos chamar de relação natural segundo o capitalismo: a venda do produto ao capital provinda do próprio homem – o seu futebol. No entanto, esses discursos expressam um tipo de sentimento

¹¹⁹ A vigilância sobre os corpos no *modelo moderno* inicia-se desde as equipes menores. Há clubes cujos jogadores das equipes de base, nas categorias, juvenil e infantil, mesmo residindo no município, permanecem no alojamento.

¹²⁰ Referimos ao saberes dos conhecimentos existentes nos diversos departamentos do clube, como: da medicina desportiva, da nutrição, da psicologia, do treinamento desportivo aos quais o jogador/atleta em circunstâncias internas ou externas ao futebol promovem comportamentos de aceitação e disciplina do que lhes é permitido. A *alma* a que nos referimos implica no estado de conhecimento ou de consciência do que é permitido e da obediência às atitudes disciplinares e corretas.

ingênuo, ligando-se a sentimentos morais, religiosos e tradicionais.¹²¹ Certamente, o discurso que faz oposição aos novos profissionais no futebol apresenta um misto de puritanismo, como se a parte financeira que avaliza todo o processo fosse contrária às leis morais, e a formação e a condição de treinamento imposta ao jogador não lhe trouxessem “felicidade”, ou utilidade à sua vida.

Se, de um lado, temos toda a ciência e os recursos tecnológicos da engenharia moderna trabalhando no contexto do futebol, nota-se que a evolução da prática profissional está dependente cada vez mais das lógicas internas de cada setor profissional, mediante interesses externos, ou seja, do capital e de investimentos que são feitos no futebol. Que efeitos colaterais negativos isso pode acarretar? Pode-se observar que fatores extrínsecos, como o financeiro, são favoráveis, com investimentos nos profissionais que têm a incumbência de *fabricar* jogadores aptos no menor tempo possível.

No futebol brasileiro, mesmo nos redutos mais avançados as aplicações dos objetivos avançam-se por tentativas e, numa situação particular, não se deixa de contar com certa noção mística, subjacente às explicações teóricas. Edvar Simões, ex-jogador de basquete, não tendo passagens pelo futebol profissional, respondendo pela gerência e administração do Departamento Profissional do S. C. Corinthians Paulista (2002), é um dos “profissionais burocráticos” que não cabem na direção de um clube, - dirigido pelo *empirismo* tradicional latente nos clubes brasileiros, conforme ele nos relatou. Na entrevista, salientou a necessidade da introdução de novos recursos e paradigmas para administrar o futebol, além da *disciplina*, como eixo fundamental para atingir qualquer objetivo, conforme entrevista concedida.¹²²

Foi possível identificar, nas palavras de nosso informante, que o papel burocrático é uma das características do *esporte moderno*, e deve estar presente na estrutura de um clube. Para Edvar Simões, a influência dos aspectos tradicionais nos clubes de futebol

¹²¹ Poderíamos trazer aqui a discussão de Max Weber em *Ética protestante e o espírito do capitalismo*: o tempo se tornou um bem precioso para ganhar dinheiro.

¹²² O Diretor do S. C. Corinthians Paulista nos mostrou a cartilha do Departamento Profissional para os atletas que continha códigos de disciplina, caixinha dos atletas, todos os horários, datas de jogos, nomes dos hotéis das concentrações, horários de decolagem dos aviões, estando a oito meses dos jogos. Segundo Edvar Simões, o “código de disciplina” e a “caixinha” foram discutidos com os jogadores.

“...é porque todo clube de futebol é um clube de associados que possui um quadro de pessoas que mandam no clube. Eles querem mandar porque são eles que pagam, e isso faz existir [em] relativas interferências em todo departamento. Mas aqui não. Aqui as interferências de outros departamentos e dos associados é rechaçada... há um objetivo a ser alcançado”.

Para Edvar Simões, os clubes de futebol, no Brasil, têm muito a ver com o passado, quando foram fundados, o que fortalece a tese que defendemos, de que os clubes atuais herdaram suas características de acordo com a sua fundação. Segundo Edvar Simões, “...para um clube de futebol funcionar bem deve ser descartada a idéia do clube familiar e seus departamentos devem ser “aparelhos” [ênfase] individualizados” (refere-se a cada departamento cumprindo o seu papel). Essa mesma reflexão observamos em Juca Kfhour: “os clubes foram formados a partir da união de um grupo de pessoas influentes, as quais não aceitavam dividir a estrutura do time/clube com outros. Sempre foi difícil a entrada de um agente externo. [...] é por isso que hoje os cartolas não aceitam o clube-empresa, ou que tenha um estatuto mais aberto e profissionais estruturados”, disse o jornalista.

Quanto aos aspectos *modernos e tradicionais*, vejamos o que diz o Diretor Técnico:

O futebol, hoje, está muito confuso. Depende de clube para clube. Depende de sua tradição, se é só futebol ou é um clube diversificado. Veja o São Caetano, ele é um clube com estrutura profissional, tem profissionais que conduzem a equipe, tem patrocinador forte e é um clube que não tem tradição, essa tradição que afeta o clube... de pessoas... de sócios. O Atlético Paranaense, o Cruzeiro também aproxima do São Caetano e tem o Corinthians. O Corinthians tem um presidente, o vice-presidente e o meu cargo que é da Comissão Técnica e... acontece que o presidente dá total autonomia, é... lógico que o presidente participa de tudo. Ele nunca veio aqui e o Corinthians está perto de um ideal, você participa, você leva. O Corinthians não tem interferência de vários diretores, de uma estrutura grande, é Diretor Social, Diretor Patrimonial, Relações Públicas, todo mundo influenciando, isso não acontece, e nós temos um apoio logístico e deve estar bem próximo da modernidade... da informática, da aparelhagem do desenvolvimento físico.. aparelhagem médica e nós temos o que há de melhor. Nós temos hoje aparelhagem de treinamento dentro e fora do campo e isso é necessário no futebol de hoje pela evolução do futebol e felizmente temos um presidente que acredita que isso é importante. Se o dirigente não [ênfase] acreditar que isso é importante...

Observamos, nas palavras do dirigente do S. C. Corinthians Paulista, a defesa de um paradigma voltado para a administração moderna, ágil e sem interferência dos modelos

tradicionais. O vínculo com instrumentos e equipamentos da tecnologia avançada faz parte de uma direção que percebe a possibilidade de avançar usando recursos dos profissionais especializados, entre esses, preparadores físicos, médicos e fisioterapeutas. No entanto, observamos, nas palavras do diretor do Departamento Profissional: “...felizmente temos um presidente que acredita que isso é importante”, que a utilização de equipamentos modernos não corresponde a uma visão administrativa da empresa, mas sim à benesse e à benevolência do presidente do clube, que adota uma política de modernização dos equipamentos, devido à sua formação profissional.

O professor de Educação Física, Marcos Pizelli, goleiro do Palmeiras nos anos 80, do E. C. Taubaté e de mais seis equipes da primeira divisão do futebol paulista, atualmente (2002) preparador físico da equipe do Lemense, equipe da segunda divisão, diz:

...há clubes que segue[m] uma linha e não importa se entra esse ou aquele [...] há uma continuidade mas tem outros que tudo depende de quem dirige. Você pode até montar uma academia no clube e falta algum equipamento, aí o presidente diz – mas você não pode fazer isso? O clube está sem dinheiro. Já outros clubes não. Cada departamento tem sua parte e gasta de acordo com o orçamento.

Tanto nas palavras do dirigente do Corinthians Paulista como nas do preparador físico do Lemense, o poder de decisão não se encontra nas estruturas do clube, mas no dirigente máximo, no presidente, que decide o que é bom ou não para o clube.

A oposição aos arautos do *tradicional* está na pretensão do *moderno* de desconsiderar quem já passou pelo futebol. O *moderno* costuma contar com profissionais e especialistas de áreas acadêmicas¹²³ para ocupar cargos, sobrepondo-se a questões de relacionamento entre atores, com a certeza de que “o placar se decide fora do campo”: “Uma equipe formada por cinco especialistas, sendo três cinegrafistas, um engenheiro e um psicólogo estarão em campo [nas arquibancadas], assistindo ao jogo do São Paulo, assim será possível conhecer os novos jogadores do elenco” (OESP, 14-9-2000).

¹²³ Um ponto importante do *aspecto moderno* é a necessidade de contar com o concurso de profissionais de outras áreas (Medicina, Fisiologia/Educação Física, Nutrição e Psicologia) (OESP, 17-10-200 e OESP, de 18-11-2000), garantindo possibilidade de maior rendimento e influenciando na utilidade direta e indireta dos atores e conseqüentemente da equipe. Por exemplo.: “Para especialistas, Alex [jogador do Palmeiras de SP] precisa de um trabalho psicológico para se firmar como líder” (OESP, de 14-9-200 e Revista Placar de set/2000).

Esses profissionais podem intervir não só no contexto direto relacionado com o futebol, como também paralelamente a ele, avaliando fora do campo o que é possível aos atores, segundo os conhecimentos técnicos. De outra forma, esse conhecimento tem o poder de redimir ou colocar um ator no ponto de maior celebridade de sua carreira profissional:

Luizão não quer ser cortado da seleção. ‘Só depois de ser examinado por Runco [médico do Corinthians] é que o jogador poderá ser oficialmente cortado da seleção [...] O médico do Corinthians, Paulo de Faria, disse ontem que a contusão de Luizão não tem relação com o problema anterior (OESP, 02.nov.2001).

Com efeito, o poder de decisão sobre o jogador, diríamos sobre o corpo do jogador ou definindo exatamente o espaço de conhecimento da medicina: o joelho, a articulação inferior, os tendões não estão no próprio sujeito, localiza-se, exatamente, no saber médico que pode interferir na vida profissional ou partiuclar. Um diagnóstico médico é revestido de poder. Não só de poder do conhecimento racional, mas do caráter instrumental que os locutores dos saberes podem constituir de acordo com os interesses. Essa instrumentalidade poderá constituir na redenção ou no triunfo do jogador. No entanto, poderá submetê-lo a uma engenharia funcional de instrumentos modernos, cujos resultados podem ser os mais perigosos possíveis para a vida do jogador. O mesmo conhecimento que redime o atleta/jogador da possibilidade de colocar um final em sua carreira tem outro lado, que se poderá considerar ruim: médicos que não dispensam jogadores de seus cuidados. Aqui se percebe o caráter instrumental, não do conhecimento racional, mas de seu interlocutor:

“...temos que salientar a influência maléfica, dos médicos por todo o Brasil. Existem médicos de todas as especialidades trabalhando no meio do futebol como ginecologistas, pediatras e até oftalmologistas, influenciando pelo Brasil afora na escalação de atletas, simulando contusões de uns, escondendo contusões de outros com injeções e até ajudando na dopagem de atletas. Lembro-me, com relação à simulação de contusões por parte do médico, de dois casos num grande clube carioca onde o médico tirou dois atletas para facilitar a escalação do treinador. Um, na época, tinha grande nome no futebol brasileiro mas era estrangeiro, e outro, depois se tornou um dos grandes jogadores do Brasil (Barros, 1990, p. 43).

De outro ângulo, pode-se observar o conflito entre técnicos, dirigentes e equipe médica, que, diante da insistência e dos interesses que ultrapassam o campo de jogo, entram

em cena com explicações que ora podem favorecer ou colocar em xeque a hierarquia da competência científica. Dessa forma, em jogadores que nos esquemas táticos são imprescindíveis, a competência racional é desafiada a conseguir em curto período de tempo o restabelecimento de uma contusão. Do mesmo modo, o investimento de milhares de cifrões de um patrocinador de uma equipe ou de um jogador poderá se perder caso uma contusão o deixe fora de um clássico para o qual o País todo está atento.

Enquanto há argumentações que se opõem ao *teorismo* no futebol, embora sem qualquer pretensão de crítica, surgem questões que permitem identificar a defesa do *conhecimento moderno*, avalizado pelo saber acadêmico no contexto do futebol, mesmo na época que ainda é tida como áurea do futebol brasileiro:

O Telê foi um pequeno intervalo na sucessão de preparadores físicos que se transformaram em técnicos da seleção brasileira. Ele foi um istmo entre o capitão Cláudio Coutinho e o Sebastião Lazzaroni. Os preparadores físicos da seleção de 70 não eram treinadores, passaram a ser. O Coutinho não era treinador e também foi ser. Eram homens que nunca jogaram futebol, mas que eram estudados, inteligentes, capazes de chegar na televisão e falar sobre o futebol. Como lhes faltava a parte prática, embasaram seu modo de agir pelo aprendizado teórico, que absorveram vendo o futebol europeu e passaram a implementar no Brasil a teoria do futebol da Europa (Souza, 2001, p. 69).

O concurso dos profissionais nesse modelo é avalizado não só pelos conhecimentos que lhes competem. Por meio de recursos da fala, da comunicação e do conhecimento de grupos sociais, o profissional procura alcançar seus objetivos. Vejamos o que o célebre jogador Ademir da Guia relata sobre a condição básica de um treinador:

Para ser um bom treinador, não é preciso ter sido um jogador, mas é preciso ter estado junto do meio do futebol. No Brasil, sabemos que todo o cidadão é técnico, mas o que o treinador de verdade precisa é saber se comunicar com os jogadores. Isso é o mais importante (Souza, 2001, p. 69).

As atuações das áreas científicas, contudo, não ocorrem sem oposição. Fatos são lembrados, procurando uma “falsa” relação entre método científico e futebol. Essa oposição vem em forma de desafio, com a citação de fatos atuais. Em entrevista à *Revista Veja*, a

psicóloga Suzy Fleury foi indagada se seria capaz de detectar o estado emocional do jogador Ronaldinho, na final da Copa do Mundo de 1998 (*Revista Veja*, 9-9-1998).¹²⁴ Nessa mesma linha, há um desafio quanto à possibilidade de algum psicólogo (ou engenheiro) definir o que o jogador Gerson, campeão da Copa do Mundo em 1970, pensava quando dava seus longos passes “milimetrados”.

A necessidade de contar com “...cargos ocupados por pessoas experientes na área para auxiliar na administração” tem sido traço do modelo moderno de se conduzir o futebol brasileiro (*OESP*, 9-9-2001. E2). Diversos campos políticos e sociais vêm ocupando os espaços existentes no futebol, constituindo-se separadamente, inclusive pela legislação (*Lei Pelé*). São ações que podem se desenvolver de forma sustentável, livres de pressões populistas, arbitrárias e hierárquicas. Com isso, dilui-se o *tradicional negativo* e facilitam-se mudanças estruturais na condução do futebol brasileiro.

As equipes e o futebol brasileiro estão circunscritos por situações administrativas e técnicas, com influência no sucesso ou fracasso na diretriz do futebol de bases profissionais e de disciplinamento de objetivos (calendários, etc.) (*Revista Carta Capital*, 2-8-2000). Esse modelo compreende que os resultados inesperados podem ser consequência das próprias atividades ou decisões humanas, ao invés de exprimirem significados ocultos da natureza, ou intenções infáveis da Deidade. Torna, portanto, externas as *cosmologias antropológicas* e inclui em suas *circunstâncias* a expressão da tecnologia – que é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influências divinas.

Mas o *moderno* reserva em seus discursos condições de operar por vias que possibilitem um duplo exercício de organização e de influências que revigoram seus poderes. Ao mesmo tempo em que procura extirpar as cosmologias antropológicas existentes no futebol, identificadas nas práticas e crenças afro-brasileiras, o *moderno* assegura para si crenças cristãs gestadas no protestantismo pentecostal e neopentecostal, conforme Nunes (1999).

¹²⁴ Na Copa do Mundo de 1998, na França, a Comissão Técnica da Seleção Brasileira contava com o trabalho de um engenheiro químico, Evandro Mota, que foi à França com a proposta de dar palestras de motivação.

A intervenção de práticas cristãs aparecendo no cenário do futebol contribui com a manutenção do *status* dos mecanismos modernos no futebol, pois eles convergem com as características exigidas ajustando os corpos/atores na disciplina que vai colaborar no processo de modelamento do corpo obediente e disciplinado. Essas características se encontram inseridas nos guias e documentos oficiais do movimento *Atletas de Cristo*, organização nascida e criada no início da década de 1980, tendo como objetivo principal “levar a mensagem cristã”, usando o espaço do futebol e a aparição de atores/ídolos nos meios *midiáticos* que cobrem esse esporte. Embora não vamos nos deter nessa abordagem, cumpre discutir os mecanismos de dominação que o *moderno* apresenta subjacente em suas estruturas. A aparição desse movimento religioso converge/aparece justamente nos primórdios da modernização do futebol brasileiro e nas *estruturas* onde a presença da disciplina, do ajustamento às normas e da predominância do ascetismo guiado pela racionalidade garantem a produtividade dos corpos.¹²⁵

Isso nos faz lembrar Foucault (1987), que discutindo sobre *poder*, assevera que “o *poder* se tornou uma das funções mais importantes da nossa sociedade”, onde “há juizes da normalidade em toda parte” (p. 266). Esse juiz que Foucault enfatiza, pode ser traduzido nesse contexto como as normas seguidas pelos atletas, que adeptos a esse movimento, procuram expressar em suas condutas e que a imprensa cobra em suas vidas como jogadores/atores profissionais e pessoais. Essa disciplina submete os corpos, os gestos, os comportamentos em campo de jogo e extracampo, suas condutas como jogadores e pessoais e, inclusive, os seus desempenhos, pois quando “estes cometem alguma falha são cobrados como membros do movimento” (Nunes, 1999, p. 211). O empresário de jogadores, Ricardo Rogério de Brito, conhecido como Alemão, jogador da Seleção Brasileira em 1986 e 1990, nos disse em entrevista quando perguntado sobre os jogadores “evangélicos” no futebol: “isso é positivo, eles são disciplinados” (2001). Embora a intenção da pergunta fosse a possibilidade de revelar conflitos nos espaços do futebol devido à assimetria religiosa instalada, a resposta nos avaliza que a garantia da disciplina supera as divergências no campo cultural/espiritual.

¹²⁵ Para saber sobre esse movimento ler NUNES, F. José, Os “Atletas de Cristo”, no país do futebol, *in: Futebol, espetáculo do século*, Editora Musa, 1999 e Dissertação de Mestrado do mesmo autor e título do Curso de Estudos Pós Graduação em Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 26.06.2003.

E quanto às práticas religiosas como ocorrem as convergências com os mecanismos de domínio do *modelo moderno*? Que semelhança há com as práticas afro e as do catolicismo popular?

Em dada situação, ambas limitam-se à compreensão dos fatos pela aparência cotidiana, que dissocia o real das questões materiais, e nisso reside a crença na intervenção da fé. Embora Nunes (1999) não confirme que os *Atletas de Cristo* remetam para o campo de jogo os fracassos e vitórias calcados na fé, as conquistas no campo de jogo e externa à ele ocorrem pelo fato de viverem continuamente na presença imposta pela crença. Se há semelhança entre práticas modernas e tradicionais, a distinção ocorre na complexidade do envolvimento dos atores com essas práticas. Enquanto o *moderno* atinge os objetivos calcados na perseverança, na fé e existindo necessidade de todo um disciplinamento para seguir os “regulamentos” e “cartilhas”, no tradicional, não há necessidade de cumprir exigências que incidem na disciplina, nas normalizações de comportamentos; pois a crença a qual os *Atletas de Cristo* se opõem, parte da compreensão que é uma “crença aética” e segundo Teixeira (1999), permite uma oferta de serviços mágicos para uma população fora do grupo de culto, não exigindo exclusividade de seus adeptos, mas estendendo a toda clientela, que embora pertença a outros credos religiosos negocia outros sistemas simbólicos quando procurada.

Fica evidente que, enquanto um *sistema de crença* calcado nos paradigmas da modernidade/racionalidade, como se apresentam os movimentos neopentecostais, os costumes e disciplinamentos são estranhos ao sujeito/ator que tem de se submeter à rigidez das “cartilhas disciplinares”. Dado outro sistema de crenças amparado nos elementos tradicionais religiosos esses se encontram visíveis e são conhecidos no cotidiano dos atores e são mais práticos, portanto, não tendo que sujeitar as rígidas disciplinas.

3.3 O “*popular*” entra no jogo: resistência de tradições e o mundo *mágico* no futebol

*Um mundo totalmente
desmistificado é
um mundo totalmente despolitizado*

O objetivo inicial é identificar *conceitos* e, em tese, separá-los e dar-lhes suporte para se entender o significado do trabalho a ser desenvolvido. Definiremos, inicialmente, o que se entende por *popular*. *Popular* tem muitas derivações que se relacionam com fatos do cotidiano. Neste subcapítulo, faremos menção a fatos colhidos nas fontes bibliográficas e dos informantes, uma vez que agora procuramos introduzir suas falas, buscando possíveis convergências. Num *segundo momento*, o objetivo é analisar o *popular* no contexto do futebol.

Sempre que ouvimos o termo “popular”, normalmente o associamos ao que é desprovido de saber, ou que pareça não estar propenso ao saber acadêmico. Embora sejam fragmentos de conhecimentos, o saber popular contém muita cultura não-oficial, e é a ela que a camada *popular* recorre para a solução das aflições, pois, de outra forma, dificilmente obteria êxito (Queiroz, 1994).

Por *popular* entendemos o que pode estabelecer um vínculo com o público, com a generalidade dos fatos, em todos os sentidos. Caso contrário, *popular* apresenta-se como elemento contraditório, simbolizando forças que suplantam o erudito, o oficial. São erupções de conhecimentos que, às vezes clássicos, tornaram-se coletivos no desenrolar das relações, criando resistências na coletividade e sendo reproduzidos em sucessivas trocas sociais de classe e grupos.

No coletivo, há um registro do que é *popular*. Há uma ascendência de idéias, de usos e de manipulação de certos mecanismos, em que o grupo age por força emotiva, física e pela necessidade que o espera. Há no grupo uma coesão que o autoriza a passar de uma esfera objetiva e isolada para uma coletiva e subjetiva. Na esfera subjetiva, os gestos corporais, estéticos, morais e religiosos se fazem pela transmissão de *símbolos*, que se constituem numa representação coletiva. É em Durkheim que obtemos uma interpretação mais clara da

representação como processo coletivo, quando o autor explica que as cooperações coletivas se estendem não só no espaço, mas também no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos se associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos. Enfim, a representação é um fim didático para a construção de uma coletividade em torno de uma simbologia.

Essa *representação*, no grupo ou num contingente mais ampliado, refere-se a uma situação presente. Nesse sentido, as representações estão relacionadas com as condutas das pessoas, sendo essenciais para a organização dinâmica e cultural das coletividades, de forma mais abrangente e ampla. Os sujeitos ficam à mercê de influências e são influenciadores, promovendo regras e trocas nas relações humanas. A influência estável traz ao grupo a situação exposta num dado momento, o que chamamos de experiência. É por meio da experiência que modificamos ou abandonamos as *crenças* em dado *símbolo*. A experiência reforça uma representação mental, oriunda de vivências individuais e coletivas. Uma vez alcançada, implica um suporte físico/material necessário à sua objetivação, dando oportunidade de crítica e *do processo dialético* no interior do grupo.

Assim, determinadas situações podem reforçar ou diminuir uma *crença*, *doutrina* ou *ideologia*, ou serem modificadas, de acordo com a estabilidade coletiva que passa a representar para o grupo. Dessa forma, num dado momento, o que é repressor passa a ser sinônimo de liberdade e aceito pelo grupo, transformado e filtrado em suas essências, recebendo outros vernizes que o modificam, de acordo com o contexto em que se encontre.

Autores como DaMatta (1982) e (1983), Rosenfeld (1992), Daolio (1997) e Arnt (1996) trataram das faces populares no futebol o que mostra certa seriedade para com o tema. Os autores discutem num ângulo panorâmico e geral usando de abordagens antropológicas acerca das singularidades existentes no futebol brasileiro. Citando de passagem faces e elementos populares existentes no futebol, os autores não retiraram diretamente do contexto do futebol ou da observação direta dos atores e das relações que ocorrem nos seus espaços de atuação.

Rosenfeld (1993, p.103) faz uma breve descrição dos fenômenos tidos como *religiosos* ou *místicos* (como o próprio autor conceitua) do futebol brasileiro. Para ele, cabe tanto à

torcida como aos atores diretos do futebol buscar nas forças sobrenaturais a “...estimulação benévola, num lugar onde tanta coisa depende do ‘acaso’ ou da ‘sorte’ (forças manifestantes místicas) ou para que ‘caiba’ ao adversário o desfavor de forças demoníacas”. Rosenfeld não leva em consideração o que é do campo da *crença religiosa* ou da *crendice popular*. Indistintamente, mistura credices e crenças, mas descreve o sincretismo de acordo com a etnia dos sujeitos. Se negro, segundo Rosenfeld, chama por um nome de santo; se branco, por outro. Nessa mesma linha, o autor admite que jogadores e equipes inteiras, dirigidas por diretores de clubes, empreendem peregrinações pelo alcance de um objetivo.¹²⁶

O fato, embora singular, na exposição do autor, remete-nos a duas questões: a primeira, quando o sociólogo Vinnai (1978) critica o contexto do futebol, entendendo que essas questões são recortes da ideologização existente entre *capital e trabalho*. O dirigente de futebol, usando da *autoridade* que lhe é atribuída, toma proveito das *crenças intuitivas* de seus comandados, depositando nelas a capacidade de solução ou de enfrentamento de situações, mistificando a relação *capital x trabalho*.¹²⁷

A segunda questão é sobre a representação que se forma em um grupo. Podemos interpretar que essa representação, quando coletiva, é simétrica. Nesse caso, tanto os dirigentes quanto os grupos inferiores da organização do futebol e os jogadores acreditam na possibilidade de intervenção dos *fenômenos mágicos*, em conjunto com os preceitos da autoridade dos dirigentes.¹²⁸

¹²⁶ Para exemplificar essa abordagem, cf. MATTOS, Cláudia, em *Cem anos de paixão*. A autora descreve a trajetória do Botafogo carioca e a relação de sua Diretoria com os resíduos afro-religiosos. Ainda segundo a Revista Placar (out. 1999), é possível identificar que “...no Clube, superstições e credices valem mais do que investir em craques e manter um técnico por um período razoável”. Essa mesma fonte revela que - diante da crise a equipe ao jogar na Bahia aproveitou a ocasião para visitar a igreja N. S. do Bonfim. A resposta ao fato foi notável, pois entre os atletas nem todos adentraram a igreja, por um grupo ser denominado de evangélicos e outros de praticar o catolicismo romano.

¹²⁷ Mas é preciso precaver. Historicamente, antropólogos têm debruçado sobre esse fenômeno e chegado à conclusão de que o sincretismo existente no Brasil foi uma aliança forçada dos modelos ideológicos excludentes, onde a cultura do sincretismo pertencendo às classes subalternas cairia, digamos, no pejorativo, permanecendo a cultura dominante com sua pureza. Autores como Consorte (1999), Prandi (1999), Ferreti (1999) e Silva (1999) teorizam sobre esse tema em *Faces da tradição afro-brasileira: sincretismo, anti-sincretismo e reafricanização*.

¹²⁸ No futebol, como na vida cotidiana, a crença de que as intervenções metafísicas podem se sobrepor às forças humanas está presente instintivamente nos indivíduos de todas as classes sociais. Não há diferença que possa ser atribuída a esta ou àquela classe, ao nível intelectual do indivíduo. No contexto do futebol, o jogador recebe os preceitos/palavras dos dirigentes, cobrando-os para efetivação no campo de jogo; por sua vez, esses se alimentam de suas forças interiores. Tanto o dirigente como o jogador compartilham da mesma confiança em suas crenças.

No grupo, as relações produzem um fecho circular. Não há uma produção hegemônica, embora ocorra uma produção/cultura dominante. Os atores emitem e recebem manifestações de outros atores e dirigentes, conferindo a essas manifestações novos significados. A possibilidade de uma manifestação cultural hegemônica é tida como processo de dominação; no entanto, toda dominação pressupõe resistência por parte do grupo dominado. Nesse sentido, parafraseamos o argumento de Rosenfeld – o branco dirigente, empenhado em “esclarecer” psicologicamente o negro, foi, por seu turno, “escurecido” psicologicamente por ele, havendo um “choque de retorno”.

Essa questão não foi compreendida pelos autores marxistas em suas críticas ao esporte. A ortodoxia materialista entende que todo fenômeno social se traduz numa seqüência histórica de classes, em idéias que levam à exploração de uma classe pela outra – o que conota um certo reducionismo, interpretando o homem somente na esfera material. Suas reflexões não deram conta de explicar que a dimensão humana não se traduz somente no campo da materialidade, motivo pelo qual tais críticas não tiveram grandes ressonâncias na sociedade brasileira.

Voltando à proposta de discussão, com o objetivo de identificar a reciprocidade e a representação existentes no interior de um grupo, outros fatos indicam a identificação da cultura e da religiosidade como palco de manifestações pelos atores do futebol. Saldanha (1997, p. 94) narra acontecimentos em que a fé, a crença e a religiosidade estavam presentes, refletindo o cotidiano popular:

O Vasco mandou fazer um projeto para uma capela monumental de Nossa Senhora das Vitórias. O Vasco muito deve a Nossa Senhora das Vitórias e sabe disso. Quando foi campeão invicto, antes de cada jogo, os jogadores do Vasco iam ajoelhar-se diante do altar de Nossa Senhora das Vitórias, que ficava numa capelinha em São Januário [...]. Bastou que o Vasco tirasse a capela, embora com a intenção de dar-lhe uma capela maior, mais digna de Nossa Senhora, para que as coisas no campeonato não corressesem tão bem.

Saldanha (1997, p. 95) lembra outros exemplos. Cita o Diretor Carlito Rocha, do Botafogo carioca. Descreve sua fé em todos os santos:

Carlito Rocha se agarrava com os santos. Ainda tem, pregado à camisa, na altura do coração, um alfinete de fralda, talvez o maior do mundo. Espetadas nele, mais de cinquenta medalhinhas de santos. Nas horas dramáticas dos grandes jogos, Carlito Rocha puxava o alfinete de fralda e beijava os santos todos, com a mesma devoção, um a um, embora rapidamente, porque podia surgir um gol de repente. Quem o visse podia erradamente supor que ele tocava gaita... Foi assim que o Botafogo levantou o campeonato de 48. Mas a fé de Carlito Rocha não afrouxou depois de 48, nos campeonatos que o Botafogo perdia, um após outro. Ele continuava a beijar os santos, a tocar a milagrosa gaita dos monstruosos alfinetes de fralda.

Situações como essa revelam o sujeito no grupo. Sua manifestação ontológica é identificada influenciando e sendo influenciada pelos demais atores da *família*. Anteriormente, quando afirmamos que a fé/crença é voluntária no personagem descrito por Saldanha, nota-se que, embora não alcançasse seus objetivos, sua fé o revigorava; embora o fato mostre um ator isolado, ele se encontrava num grupo em que a representação se sustentava coletivamente.

Essas representações simbólicas, identificadas nos atores do futebol, ainda podem ser sentidas em outras esferas mais amplas. Na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, a Seleção brasileira, alojada em Magglingen, foi visitada por jornalistas húngaros. Na concentração havia uma imagem da padroeira do Brasil, a Aparecida. Os húngaros fizeram comentários desrespeitosos sobre a *imagem*, o que constrangeu os jogadores brasileiros. Nas duas partidas seguintes, o jogador Bauer procurava exibir a imagem da padroeira, como ostentação de um *símbolo religioso* do povo brasileiro (OESP, 6-6-1954)¹²⁹ (ANEXO D).

Lyra Filho (1973, p. 298) descreve o *popular* no contexto do futebol brasileiro. O autor trata o fenômeno em tons de crítica, "...pois, ainda, dirigentes e jogadores em alguns clubes de

¹²⁹ Entrevistando o jogador Bigode, que fez parte da Seleção Vice-Campeã, em 1950, nos disse: "sei de meus colegas que eles fizeram isso[exibição da imagem] porque era o que restava. Tudo estava dando errado. Ninguém acreditava na Seleção devido o que aconteceu em 50. O único jeito foi buscar forças, buscar fé naquilo que todos nós vai buscar quando tudo está perdido" (Entrevista na cidade de São Mateus/ES, 2000).

futebol, ainda se nutre à sombra das crendices, devido o *status* cultural traduzindo a falta de cultura de seus atores”. Referindo-se ao sociólogo G. Magnane, em 1958, desdenhou a ação do técnico da seleção brasileira, na Suécia. Usando recursos da psicanálise e não satisfeito com os resultados, o técnico brasileiro Vicente Feola implorava aos céus e às *forças ocultas* o alcance dos objetivos. Lyra F., defendendo posição elementar e racional no futebol brasileiro, argumenta que isso

...ainda se deve, que esses recursos são indesejáveis e muitos artificios nutrem da credulidade popular e se estendem à vida desportiva nos países culturalmente imaturos. E, fosse outro o status cultural de todos os participantes da vida desportiva, no comando e em prática, talvez as superstições entrassem em regime de esvaziamento [...] isso tenderia o total confinamento à medida que a cultura se expande (p. 298).

A suposta imaturidade atribuída aos dirigentes de futebol, voltados para uma “cultura marginalizada”, segundo o autor, cairia em desuso como forma de obtenção dos recursos da credulidade popular quando o avanço do futebol passa a contar com recursos da ciência. No entanto, parece que, na disputa em campo, ainda não implicam tão-somente os recursos científicos; atores e co-atores (torcedores) levam “...a disputa, não só dentro do campo. Fora dele, existe um duelo de santos. Para superar o Caetano paulista, os baianos buscam uma força no Senhor do Bonfim. Outra bastante requisitada entre a torcida tricolor é Santa Bárbara”.(OESP, 5-12-2001).

Nessa mesma linha, o *popular* pode ser identificado nos espaços e contextos do futebol brasileiro. Vilas Boas (1973) descreve a *força* usada para que o Bahia conseguisse a vitória no Estádio Lênin, em Moscou. O dirigente entendia que, num clima e num local totalmente diferentes da paisagem brasileira, de nada serviria falar em vitória tendo o “bicho” como estímulo. Vilas Boas *invoca* na preleção algo que poderia excitar os jogadores baianos: “Esses russos não acreditam em Deus e nós temos a proteção do Senhor do Bonfim” (p. 29).¹³⁰ Entendeu que a única saída era a fé naquilo que poderia encorajar os jogadores. Na

¹³⁰ Indo nessa mesma direção, embora num contexto diverso, Lovisolo & Lacerda (1999), em: *Reencantando as quadras: basquete e espiritualidade*, ao tratar da espiritualidade no terreno do esporte, nesse caso no basquete norte-americano, explica a relação entre técnico e jogadores. Para o técnico Phil Jackson, “...a forma mais eficaz de forjar um time vencedor é conseguir que os jogadores façam *contato* com algo maior do que eles mesmos” (p. 83).

preleção de meio tempo, referiu-se ao brio, ao orgulho, ao *símbolo* de ser brasileiro/baiano: “Aqueles russos são ateus, nós estamos com a proteção do Senhor do Bonfim”.

Nesse caso, o dirigente se encontra na reciprocidade de influenciar e ser influenciado,

...induziu os jogadores a crer que não lutavam apenas por uma vitória do time, mas sobretudo, por um triunfo contra os ateus, um triunfo a favor do Senhor do Bonfim [...]. E o Bahia, jogando com uma garra enorme, todos dando tudo o que tinham, transformou-se numa muralha defensiva, isto numa época em que o futebol brasileiro nem pensava na tática da retranca [...]. E sabemos, de fonte limpa, que esse apelo calou fundo (1973, p. 30).

Aqui não se verifica uma divisão de papéis ou uma separação. Nessa linha, Da Matta (1978), discutindo o estudo de A. Van Gennep (1978), identifica posições diferenciadas pelo rito, de acordo com a sociedade em que ocorre. Embora estejamos numa sociedade de formações sociais altamente diferenciadas, atomizadas e individualizadas, como é o caso da sociedade capitalista, o ritual no grupo não é evidentemente separar, mas juntar e integrar. Os ritos em sociedades individualistas, então, seriam ocasiões de totalização, momentos em que é possível discernir concretamente, ou não (dependendo do rito), grupos e categorias de pessoas. Desse modo, nossos rituais seriam mecanismos que objetivam a busca da totalidade, freqüentemente inexistente ou difícil de ser percebida no nosso cotidiano. Num sistema como o nosso, em que o indivíduo sempre tem primazia, tudo já está separado conceitual e concretamente. Por causa disso, aqui o rito não divide, junta. Não separa, integra. Não cria o indivíduo, mas a totalidade. Diríamos: a totalidade do grupo.

O ato influenciador identificado se traduz na eficiência da *exortação*; não no sentido das *palavras* mas, sobretudo, pela eficácia delas. Quando o homem busca o sentido das coisas, das *palavras*, dos significados, perde-se e embrenha-se no próprio descuido de produzir algo que é habitual. Assim, quando lemos um poema, se procurarmos os sentidos das palavras, perderemos entre a poesia, a gramática e a matemática nos versos. Da mesma maneira, e aqui parafraseando Mauss (*Ensaio sobre o Dom*), nas palavras da exortação (da prece) não é o sentido das palavras, mas a representação delas que, por seus próprios meios (eficácia), pode construir um *espírito*.

O *popular* do qual tratamos, no contexto do futebol, revela o cotidiano transposto para o mundo do futebol, de acordo com as mesmas atribuições do mundo social. Tal fato se revela no pequeno altar do União Barbarense, equipe da Primeira Divisão do futebol paulista (2001). Nele pode ser vista a credulidade popular. Na imagem exposta no local, há um pequeno cordão com dezesseis nós, enlaçados ao corpo da imagem.¹³¹

Tanto o *branco* como o *negro*, tanto o dirigente como os jogadores, nas relações que se travam nesse contexto, alimentam a continuidade da *tradição*, amparada na representação de uma coletividade. No grupo, a circularidade do poder presente está em grande proporção na comunicação que se efetiva. É o ato das palavras, da comunicação, que dá ao interlocutor o poder de influência.

Esses fatos ainda hoje se revelam. O técnico de futebol Luis C. Ferreira, conhecido como o “rei do acesso” por suas estratégias de trabalho desenvolvidas em diversos clubes do interior paulista, tem bons trabalhos em clubes que foram rebaixados para divisões inferiores. Na época (1999), quando de nossa entrevista com Luis Carlos Ferreira, técnico do *E. C. XV de Novembro* de Piracicaba, clube do interior paulista, em suas preleções, ele usava as mesmas exortações de Vicente Feola, em 1958: “...de acordo com o assessor de imprensa, o treinador gosta de cumprir a cada início de campeonato, como parte de um ritual, uma viagem a algum lugar *sagrado*, onde exorta os jogadores na obtenção de resultados satisfatórios” (Jornal de Piracicaba, 17-8-99). O treinador, embora solícito durante suas informações/entrevista, dificilmente fala de suas preleções com o elenco de jogadores.

O que se percebe é que o fato não reside na individualidade; para que a *ritualidade* tenha efeito, requer-se uma convenção que avalize e homologue a intenção do técnico/dirigente. Por outro lado, deve ser efetuada por uma pessoa que possa ser identificada por um papel social de *autoridade*, para que tal processo se realize. Dessa forma, a *ritualidade* sempre está articulada a um sistema de crença que torne o ritual inteligível. Não é qualquer ritual que produz efeitos: somente terão efeito aqueles aceitos culturalmente pelo grupo.

¹³¹ Entendemos que se trata da Nossa Senhora Desatadora dos Nós, uma nova credulidade popular no Brasil, cuja propagação começou na América Latina, no início dos anos 80. No Brasil, a devoção começou entre 1999 e 2000 (Agora S. Paulo, 7-12-2001).

Desse modo, o *ritual* integra-se a um sistema de crenças por meio de uma experiência ou *saber* individual e revela uma pertença ao grupo social. O saber individual pode ser uma tradição ou uma técnica aprendida – o xamã Quesalid, descrito por L. Strauss (1973, p. 202-204). Entre outras experiências, constava de suas atribuições para o exercício de feiticeiro o conhecimento bastante preciso da área médica. Assim, tanto na pessoa do técnico como na do dirigente, um saber sempre está presente, o que permite incorporações de novas formas de crenças, restaurá-las ou construí-las.¹³²

Que crenças ou que *forças* avalizam os rituais? Na exortação do técnico e do dirigente, encontramos referências a *forças* que podem ser reconhecidas e que dão credibilidade ao fato. No primeiro caso, a fala tem um efeito pragmático, pois denota muito mais que comunica; as palavras são meios de efetuar uma ação – não é assim no mundo moderno, uma vez que nós, quando guiados por palavras mágicas, somos persuadidos a comprar um produto, que esperamos ter um efeito mágico sobre nós? Por outro lado, o que reforça a crença no ritual é o próprio pensamento do grupo, uma vez que, nessa teia de significados, não existe nada que esteja solto; cada fio está amarrado ao conjunto, e, ao mesmo tempo em que o conjunto o sustenta, também é sustentado por ele.

Tais *práticas* ocorrem em meio a toda uma engenharia de técnicas. Essa técnica é a que Lévi Strauss (1973, p. 207) se refere em que inicialmente a crença na magia, no rito do feiticeiro se dá pela eficácia de suas técnicas, aprendidas e apreendidas ao longo de um tempo próprio para colocar em prática o ofício de feiticeiro. Nessa mesma técnica, está imanente a confiança coletiva no próprio feiticeiro, julgando-se que este não está desprovido de conhecimentos positivos e técnicas experimentais, que pode explicar, em parte todo o processo do sucesso do ritual. Com efeito, uma certa competição parece evidente; contudo, em ambos os modelos a assimetria reside no fato de que *tradicionalmente* a *força* imanente nas *práticas* possui vida nas *forças pessoais*, enquanto na *modernidade* encontra em *forças impessoais*. No aspecto tradicional há uma confiança na pessoa, aqui falando no xamã, traduzindo para o técnico e dirigente. No entanto, para que essa confiança e credibilidade continuem, suas atividades/técnicas (superiores) não podem ser visíveis, pois como confiar e

¹³² Cada processo bem-sucedido pelo feiticeiro/xamã (nesse caso, a figura do técnico) reforça o universo simbólico do grupo. É pelo fato de o grupo acreditar que o técnico/xamã pode também acreditar nos poderes dos rituais. Entretanto, a cada êxito do xamã a sociedade /grupo também revigora o ritual que ele reviveu.

depositar a credibilidade na pessoa cujos procedimentos são inteiramente conhecidos e compreendidos? Entretanto, se os símbolos, rituais e representações são verdadeiros ou não, o importante é que a *força pessoal* se encontre na presença do grupo/atores, por meio de um ritual ou de uma pessoa que acumula um domínio sobre o grupo. É essa pessoa que, num fator de intermediação, estabelece proximidades com outros campos, com o divino, o sagrado, e permite ao grupo uma relação, uma aliança mais particular com os significados simbólicos. A característica da *magia/crença* sobrepõe-se ao seu *agente*, que pode ser o xamã, pai-de-santo, pajé, benzedor etc. Sua natureza não é individual – é social, sobretudo uma *representação coletiva* que se atualiza no *agente* individual. A exortação das palavras, a cada experiência da técnica utilizada e a satisfação e participação do grupo, cria e fortalece novos ciclos de consenso coletivo que não mais reside nos indivíduos isoladamente, está presente e se aloja no grupo – que crê individualmente, mas que age coletivamente (Mauss, 1999).

Aqui voltamos ao técnico e ao dirigente. Ambos não se tornaram conhecidos porque, em suas preleções usavam uma técnica (poderes especiais) que fez com que conquistassem vitórias tornando-os grandes técnicos, mas ambos conquistaram vitórias porque tinham se tornado grandes técnicos pelo consenso coletivo a eles atribuído, tendo em vista um conjunto de resultados, em que a credibilidade era coletiva e neles era depositada confiança.

As *significações simbólicas* não se perdem ou se esvaziam em seus *sistemas simbólicos*, mas se estabelecem em suas práticas, rituais e *saberes*, que se alimentam da incapacidade de respostas e de todo acontecimento social. Talvez sejam as incertezas, o medo e as indefinições que fazem com que o homem, isoladamente ou em grupo, busque, não por alternativas, mas por algo que possa assegurar que parta de si próprio. As certezas da racionalidade não são construções do ângulo humano; são construções arquitetadas e postas para serem provadas na sua funcionalidade.

O conhecimento racional, defendido por Lyra Filho, como o que vem dar resposta e controle aos estados de excitação humana, não dá conta de tudo, pois o próprio conhecimento científico leva a *intuições* e *incertezas*, transformando o sujeito num “território laboratorial”, em que a repetição e a “manipulação dos saberes” dos processos metodológicos induzem o

homem a acreditar num sistema que permita decifrar o futuro. No entanto, se não alcançado, a causa do fracasso volta para o próprio sujeito. Então são geradas e construídas práticas que, substituindo “as incertezas”, voluntariamente aceitas pelo sujeito, fazem surgir *práticas antropológicas* cada vez mais elaboradas, resultando na *totalização* do próprio sujeito (Balandier, 1997).

Santos Silva (1986), em seu livro *Coisas do futebol*, descreve práticas antropológicas que permanecem, na interpretação dos atores, como processos de ligação entre os sujeitos e suas crenças. No futebol pernambucano, em duas equipes em desvantagem e que não podiam perder, os massagistas eram incumbidos de realizar os “trabalhos” que dariam condições de vitória. Numa equipe, o “trabalho” é realizado para que o “pedido” possa interferir nos jogadores adversários; do outro lado, a intervenção é sobre o fator climático.

Primeiro tempo, resultado: zero a zero. Minutos depois, um jogador é substituído por fortes dores estomacais... começa a nublarse... outros jogadores pedem pra sair... trovões... são substituídos cinco jogadores... começa a chover forte... já não há jogadores para substituição e todos estão queixando de dores estomacais... relâmpagos... trovões, chuva forte. A equipe fica com dez... nove... oito... chuva forte. Quase ao final do tempo-limite, o juiz apita: fim de partida” (p. 46).

As intervenções das entidades foram recompensas pelo “trabalho” realizado, de acordo com o que foi oferecido a cada uma.

Embora essas *práticas antropológicas* sejam vulgarizadas, cabe aqui a intervenção de um adágio do futebol: “Se macumba valesse, o campeonato baiano terminava empatado”. Talvez, para o exemplo anterior, essa máxima não tenha vingado. Em ambos os casos, o “atendimento” das deidades do panteão africano foi revelado. Para tal fato existe uma “explicação” que pertence ao campo religioso.

As *práticas antropológicas* adquirem características segundo a variação social; no entanto, a sua continuidade não se encontra no saber acadêmico, mas ocupa todo o espaço das relações entre os atores. Mas para a continuidade desses fenômenos, há também a necessidade de sábios, mestres e instrumentos, que vai além de associar as *práticas antropológicas* somente a símbolos e ritualizações: há necessidade de iniciação de uma autoridade sobre os

demais que constituem o grupo: “só ele sabe fazer”, são palavras do dirigente do Guarani, clube do interior paulista, ao se referir à garantia de que o time possa ter um “acompanhante” durante os jogos do campeonato de 1979, pois “isso garante uma estabilidade nos jogadores”, disse (*Correio do Povo*, 17-8-1979).

É possível identificar essa “estabilidade” de que trata o dirigente do Guarani na fala dos atores do futebol; atribuem o sucesso à fé, aos trabalhos devocionais, enfim, às práticas antropológicas que, em certas ocasiões, os jogadores buscam para o equilíbrio de sua vida profissional. Para um jogador de 26 anos da equipe do São Paulo Futebol Clube, convocado para a Seleção Brasileira para disputar os jogos amistosos em março de 2002, “...quando o jogador vai mal, não se sente bem, ele apela pra tudo e nesses apelos o que vai... o que rola... é uma visitinha a um pai-de-santo pra ver o que tá acontecendo. Alguns chegam a dizer que tá indo mal porque esqueceu de fazer essa visitinha”.

O futebol brasileiro sempre se caracterizou pela figura do dirigente paternalista, sendo possível identificar passagens em que, por seu poder concentrado, essa figura colaborou no sentido de estreitar e impossibilitar as faces antropológicas dos atores. Levine (1992, p. 32) vem mostrar que as relações paternalísticas dos anos 1940 e 1950 ainda existiam. A “tradição de cama e comida” persistia: os atletas eram mantidos nos alojamentos em concentração e sujeitos a restrições em relação à bebida e aos rituais de macumba. Para Saldanha (1997), a concentração foi algo inventado para que se evitasse o suborno.¹³³ Em sua opinião, a inibição, devido aos *traços culturais* de jogadores de outros Estados, fazia com que seu desempenho não fosse o melhor possível. Na concentração, o jogador era proibido de comer ou beber alguma coisa diferente que quisesse, e ainda mais de prestar culto às suas religiões.

A prática da religiosidade e outros comportamentos oriundos dos *traços culturais* dos jogadores de futebol nem sempre se deu sem oposições, ora na rigidez do espaço da concentração, ora na posição do dirigente, que vê/via na “cultura do jogador” traços que deviam ser erradicados. Essa posição não só fere os símbolos ou princípios dos jogadores, como implica a perda de referenciais. Florenzano (1998, p. 169), discutindo a relação do

¹³³ Para Saldanha (1997, p. 38), a concentração de vários dias não traz nenhum efeito benéfico. A profissão de jogador de futebol já pode ser considerada como um fim em si mesma, e não, como antigamente, um meio para

poder da disciplina no futebol, cita a cartilha disciplinar do São Paulo FC, onde é expressamente “proibida a prática de cultos religiosos no clube”. Entre outras condutas disciplinares um conjunto de normas se insere nas relações sociais, formando um jogo de disputa no qual o poder normatizador age como um juiz. Essa disciplina não se insere somente na normalização de ordem psicológica (religiosidade), mas age diretamente nos hábitos, costumes, como é revelado: “...de vez em quando você tem que fazer alguma comida que lembra as origens dos jogadores que vêm de fora. Eles é que pedem; mas a gente segue a determinação”. Nesse sentido, o jogador não só sente falta de uma força interior, com necessidades de suas convivências, como passa a lembrar de seu nicho cultural. A oposição maior é quanto às práticas devocionais: “...lá você tem que dar conta de tudo. Fosse pra sair, pra passear, pra fazer compras. Até quando você acendia uma [vela] e coloca num canto, lá vinha alguém perguntando se o seu fulano havia autorizado. Até guardar alguma coisa dentro de seu armário, parecia coisa de outro mundo – ‘isso é coisa de gente ignorante’, diziam” (*Folha do Estado*, 19-12-1999).

Se a religiosidade apresentada pelos jogadores era reprovada pelos dirigentes, em outras situações é o próprio dirigente que acredita em forças poderosas para conseguir a vitória. É Lyra Filho quem revela a ascese do dirigente, num tom sarcástico:

Valem como anedotário ilustrativo certos episódios sobre a credence, registrados nas crônicas de muitos dos nossos clubes. [...] O Gerente (dirigente de clube) havia promovido a remodelação do vestiário feminino do clube, por ordem do Presidente, dando esmero ao cumprimento da tarefa [...]. Recordo que, no dia seguinte ao dia da inauguração dos melhoramentos, haveria um importante jogo de futebol entre os times principais do Botafogo e do Madureira, no campo deste último, situado nos longes suburbanos do Rio de Janeiro. O Diretor de Futebol do clube alvinegro estava apreensivo ao resultado do jogo e, como do seu hábito, recorreu aos seus bentos, às suas medalhas de santos e às suas mandingas. Já no final do primeiro tempo da competição, depois de ter contra si um placar negativo, o clube suburbano colheria o fruto de sua reação: o escore parcial de 2 x 1 lhe era favorável. Não obstante, enquanto isto se passava no campo do Madureira, uma novidade à margem estaria crescendo: o Diretor de Futebol muniu-se de uma condução, que levou ao destempo à sede do Botafogo. Ali, foi ter ao vestiário feminino, para surpresa do Gerente a postos, e uma decepção tremenda o envolveu: as cortinas de damasco, que ele havia amarrado às escondidas, estavam novamente

abrir caminho para outra. Esse fato leva a que o jogador brasileiro, e também de outros países, tenha uma consciência profissional bem amadurecida. Não se pode tratá-los como delinqüentes.

desatadas; os nós haviam sido desfeitos [...] – Quem revê o atrevimento de soltar os mulatinhos do Madureira? Os nós foram refeitos e o feiticeiro retornou ao campo suburbano do jogo. Aconteceu uma reação do Botafogo e consumou-se a reviravolta do placar no final da partida: Botafogo, 3x2! Ninguém tiraria do bestunto do alucinado dirigente a idéia de que a vitória se deveu à volta dos mulatinhos ao cativo de damasco (1973, p. 299).

Para Lyra Filho (1973, p. 299) o moral de certos dirigentes e jogadores, em alguns clubes de futebol, ainda se nutre à sombra das crendices, mas isso tende a desaparecer. Parece que Lyra Filho e demais autores que se juntam a essa reflexão estão equivocados. Em 1985, o E.C. XV de Novembro de Piracicaba não se encontrava numa posição que pudesse contentar sua Comissão Técnica, dirigentes e torcedores. O diretor de Futebol, na época, mandou realizar uma “limpeza” no vestiário do time para livrá-lo dos “maus fluidos”, além de mandar instalar uma pia de *água-benta* (**ANEXO E**). Entre incensos e defumadores, o vestiário foi “limpo”, para a alegria da Comissão Técnica, dirigentes e torcedores, a equipe começou a se estabilizar no campeonato que disputava.

Em “Fé, esperança e campeonato”, uma das crônicas do livro *O sapo de arubinha*, de Mário Filho (s.d, pp. 91-95), são narrados os episódios envolvendo as equipes de Flamengo e Fluminense, no decorrer dos anos de 1950. São fatos lembrados ainda hoje: noutros tempos mais místicos do futebol, havia um prelado da Igreja de São Judas Tadeu, em Laranjeiras, que borrifava água benta na cabeça dos jogadores do Flamengo. Era o Padre Góis (“É hora de proteger a alma do Flamengo”, *OESP*, 28-11-2001).

Lyra Filho (1973), Mário Filho (1947) Ferreira (1995) e outros autores descrevem as devoções de crenças de torcedores, jogadores e dirigentes, no futebol brasileiro. Os autores fazem uma leitura de vitórias e derrotas das equipes calcadas na fé ou na intercessão de algum torcedor para formular as energias devocionais.

O que importa, neste momento, é refletir sobre essas menções, pois, embora o futebol, nos anos iniciais de 1950, estivesse passando por um lento desenvolvimento, as relações culturais de seus contextos só eram reprovadas pela classe dirigente elitista, que julgava testemunhar um tom selvagem de religiosidade (Saldanha, 1997). Essa separação, no que permite identificar posições antagônicas na aprovação das práticas de religiosidades, não

implica a superação de um modelo pelo outro, mas sim o distanciamento entre atores, num mesmo contexto.

Essa elite, que Saldanha critica, defende que o grau de cultura de um povo pode ser medido pelo apego à manifestação do instinto bizarro de *crendices*, em detrimento de um nível cultural de sociedades mais desenvolvidas. Mas esse local/espço traduz o que o Técnico do Madureira diz “...o futebol é um local onde é possível exercer certos padrões de cultura sem o jogador receber zombaria” (*A Gazeta/ES*, 18-10-1997), sendo esse *local/espço* o que vamos analisar.

3.3.1 A superstição e a fé não jogam, mas entram em campo

Endossando as críticas de Saldanha, podemos identificar que ainda permanecem não só as crenças, no sentido literal, como a *crendice* e a *superstição*,¹³⁴ em pessoas “cultas”, como Lyra F. atribui. Neste subcapítulo, temos como objetivo evidenciar essa característica singular do futebol brasileiro, que existe em meio a toda a tecnologia e racionalidade.

Para Lyra F., com a entrada da “seriedade” no futebol, a *credulidade popular* se fragmentaria no decorrer do tempo.¹³⁵ O autor revela que a “imaturidade cultural” desenhava esses contornos depreciativos, identificando um “povo inculto” no futebol dessa época. Em suas palavras, os fenômenos culturais são relativos ao estado de *desenvolvimento cultural* dos sujeitos. Para o autor, o desenvolvimento cultural de um povo identifica o modelo presente na sociedade ou no contexto, das relações entre grupos, classes e sujeitos. No entanto, isso não significa que o arcaico esteja presente na manifestação dos aspectos *culturais tradicionais*, assim como o velho e as idéias da vanguarda cultural, pois o *tradicional* elucida a acumulação erudita de conhecimentos que se revestem do novo, que se transforma, independentemente de onde se encontra: na religiosidade, na música, na arte, etc; uma sinfonia do século XIX não é

¹³⁴ *Superstição* é uma crença lógica, sem que o sujeito procure comprovar sua eficácia ou a veracidade dos acontecimentos. O sujeito não se importa com a regularidade dos acontecimentos (Kloetzel, 1989).

¹³⁵ Para exemplificar esses fatos, podemos lembrar situações que foram conhecidas e largamente divulgadas nos noticiários no Brasil: “Náutico oferece boi a Zé Pilintra, para pagar uma dívida contraída ainda nos tempos do hexa” (Diário de Pernambuco, de 18-2-1999) e “Guru dá dicas a Luxemburgo”. “Durante muitos anos, o pai-de-santo Robério de Ogum foi uma espécie de 12º. jogador nos times de Luxemburgo. Raramente o técnico deixava de ouvir os conselhos do guru, principalmente depois de colecionar títulos no Bragantino, Palmeiras e Corinthians. Até que um dia o ‘casamento’ acabou” (www.starmedia.com/esportes/htm).

necessariamente velha e arcaica, embora seja tradicional. Fatos como esse mostram que o autor se equivoca em suas teorias, ao relativizar o que *é popular* como sendo ponto/marco avalizador do *status cultural* de uma sociedade.¹³⁶

A crença no pensamento mágico/tradicional não é privilégio dos grupos populares, embora eles sejam aceitos mais explicitamente e sem medo. Podemos dizer que nos grupos populares a crença se apresenta como um discurso admitido, o que, no meio acadêmico e social, comumente é discutido e debatido com reservas e silêncio (Quintana, 1999). Há, na sociedade, tendências a separar o que é do campo da crença e o que é do campo da razão, como se fosse possível afastar todo e qualquer pensamento popular/tradicional da racionalidade. Parece que há um campo provido de uma fronteira divisora, ou um disfarce de interesse científico, como se as crenças populares estivessem flutuando no ar, sem que ninguém as assuma como próprias.¹³⁷ Embora o *pensamento mágico* e a busca de suas manifestações não sejam propriedades de grupos populares, estes as admitem publicamente. No entanto, quando se elevam socialmente, os grupos/pessoas admitem ter apenas um gosto estético e ético, e apresentam um disfarce com discursos acobertados por tendências de que precisamos “conhecer nossa cultura” ou “dela participar”.

Quanto ao futebol, tanto em *equipes pequenas*, onde o espaço implica fortes conotações da existência de faces *tradicionais*, como em equipes tidas como *grandes*, onde o *moderno* recebe e tem maior identificação de seus trabalhos, atualmente a existência dos elementos tradicionais continua, e pela forma como é tratada, *parece* ser cotidiana:

SEM MANDINGAS, REZAS... PALMEIRAS PRECISA SÓ JOGAR

Com poucas perspectivas na Mercosul, equipe deixa de lado as crenças para o jogo com o Grêmio. Com apenas 16% de chance de chegar às quartas-de-final da Copa Mercosul, o Palmeiras deixou de lado a calculadora, as mandingas, rezas e afins [...]. A ordem é simplesmente “jogar” (OESP, 16-10-2001, p. E3).

¹³⁶ Em pesquisa realizada, constatou-se que essas manifestações, bem como “nível cultural” dos atores não são parâmetros para explicar esse “apego” sobre o qual o sociólogo Lyra Filho argumenta. Essas manifestações sobrepoem-se à classe social e não distinguem o nível intelectual do sujeito (Anjos, 2000).

¹³⁷ “Estamos vindo aqui porque isso é cultura”, relato de um técnico de futebol, quando perguntado pelo repórter o motivo de estar assistindo a um culto de candomblé (A Gazeta, 27-10-1998).

O Técnico do *E. C. Rio Branco* do município de Cariacica, Aridelson de Bianchi, assumiu em 1997 a equipe, que vinha de duas derrotas e quatro empates no campeonato. No sétimo jogo, o técnico fez promessas para uma deidade do catolicismo popular: se a equipe saísse vitoriosa, ele cumpriria o sacrifício de caminhar durante vinte e quatro horas ao redor do campo. A equipe venceu, e o técnico não fez por menos: percorreu, durante vinte e duas horas e trinta e oito minutos, cerca de sessenta e seis quilômetros, sem parar. Após essa promessa, a equipe venceu os sete jogos restantes do campeonato, batendo o recorde de vitórias seguidas do Estado.¹³⁸

Contudo, no oitavo jogo, a equipe foi derrotada. No entanto, não é sempre que essas tradições saem ilesas de um fato que se torna público. O jornalista Álvaro José Silva comentou que “enquanto o futebol acreditar que pode haver influências divinas ou de qualquer outra crença, nós não vamos conseguir ver os erros e as incompetências dos dirigentes e técnicos, além das deficiências dos jogadores”. O jornalista explica que

...não foi a promessa que fez com que o Rio Branco vencesse. É que todos os adversários do Rio Branco eram fracos e os erros não foram sanados. Ao jogar com uma equipe mais forte e do mesmo nível os erros apareceram. Me desculpem os crentes, mas não existe esporte mais simples do que o futebol. Qualquer torcedor de inteligência mediana localiza virtudes e defeitos de uma equipe pelos simples acompanhamento atento de um jogo.

Nessa mesma linha outra fonte de explicação foi colhida negando a possibilidade da intervenção em algo eminentemente material. O médico de um clube de futebol, do interior paulista atribui que tudo “é relativo quando partimos para explicar um fato material ocorrido com intervenções espirituais”, como nos disse:

De certa forma a maior parte são coisas banais. Eu já passei por diversas experiências. Jogadores que abandonaram o tratamento e procuraram por meios religiosos para serem curados. E ele foi curado. Acontece que não restava mais nada para ser feito a não ser esperar pela ação do tratamento médico. E isso leva um tempo. Daí ele procura por uma pessoa e sara e diz que foi curado por tal e tal pessoa e por tal e tal igreja. Nada mais restava a não ser a cura.

¹³⁸ Aridelson relata que foi procurado pelo padre da paróquia do santo católico, para que pudesse revelar em público que a graça foi alcançada, tendo o “santo” da paróquia ouvido os seus pedidos.

Se o controle das causas é dado pela racionalidade, as palavras do médico são categóricas ao reivindicar para si o conhecimento que age e influencia sobre o fenômeno da recuperação, “cl clinicamente mais nada tinha que ser feito a não ser esperar pela recuperação”. Observa-se que, na resposta, o profissional da medicina revela que o que está agindo é a intervenção de um conhecimento terapêutico/racional que pode explicar e controlar as causas da recuperação do jogador/ator. Nessa mesma linha, explica: “Veja bem... trabalhei num clube onde no início da temporada contrataram oito jogadores de ataque. Ao final trouxeram um técnico... Acredite... o técnico era retranqueiro... deu no que deu. O time começou mal e aí apelaram para promessas... peregrinações... e quando isso vem do dirigente do clube é sinal que alguém está escondendo alguma coisa”.

Há duas ponderações que podem ser expressas observando as situações em que esses acontecimentos ocorreram e os contextos nos quais estavam inseridos seus atores. Diante dos depoimentos e informações recebidas, constatamos que o contexto do futebol e seus *espaços* individuais e coletivos são permeados por condutas e atitudes dos atores do futebol diante de fatos e circunstâncias (imprevistos/particularidades) que geram a instabilidade individual e coletiva. Em ambos os contextos, esses *espaços* se rendem aos aspectos ontológicos dos atores, permitindo o aparecimento de suas culturas, descortinando-os e deixando à mostra condições de identificar a *totalidade* onde o *espaço* do futebol permite essa *totalidade*, por mais que esteja atravessado por interesses racionais de toda ordem.

Essa reflexão nos leva à segunda ponderação. Não negamos o fato de que a cultura, manifestada pelos atores do futebol, pode estar servindo aos interesses de dirigentes ou daqueles que detêm o poder nas diversas estruturas do futebol. Assim como a ciência/conhecimento, a cultura está impregnada de *ideologias* que apossadas se favorecem nas relações que se travam em distintos contextos sociais, utilizando-se do poder do conhecimento ou da manifestação da cultura, como mecanismos que permitem a continuidade de um *status*. Nessa explicação, não implica que estamos absorvendo a teoria marxista de pesada ortodoxia que identifica nas “divagações” culturais dos atores de futebol uma altíssima fonte de *alienação*. Embora cuidemos aqui de categorias *materialistas* (ideologia e alienação) não podemos elaborar apressadas leituras e reflexões dos fatos à luz de suas aparências. Caso

isso ocorra, podemos estar simplesmente invertendo e desconsiderando pólos que demandam melhores análises.

O sociólogo alemão J. Habermas (1984), ao se referir à cultura na *esfera pública*, traduziu que, muitas vezes, o “popular” se identifica na atitude das elites, entendendo que suas *manifestações culturais*, uma vez apoderadas, por essa classe, tornam-se verdadeiras, absolutas; logo, dignas de serem seguidas pela *classe popular*. Não temos intenção de desmontar essa reflexão, embora corramos o risco de nos deter na superficialidade dessa abordagem caso não façamos um contraponto com a argumentação de Habermas. Entendemos que tais fatos (manifestação da cultura popular) ocorrem nos mais diversos espaços da vida cotidiana, sem, contudo, se identificar com um processo de *alienação*, com usos de práticas culturais.

Se, na equipe do Palmeiras, de São Paulo, como na agremiação do Rio Branco do Espírito Santo, diante dos contextos negativos que as equipes estavam atravessando os atores buscaram guardadas na segurança de seus universos culturais, isso não pressupõe que esses fatos podem ser explicados como um “acortinamento” da realidade pela *cultura popular* enfronhada no futebol. Vai além. Tampouco podemos traduzir esses acontecimentos como fonte de “imaturidade cultural” de seus atores nem afirmar que os dirigentes buscam e induzem os atores a uma fantasia para justificar uma situação material. Isso nos leva a perguntar: Onde reside e estabelece a fronteira que divide o campo de interesse da classe dirigente (diretores) e dos atores? Ou em que momento o terreno dos acontecimentos não possuem fronteiras, entendendo que tanto dirigentes como atores se encontram imersos numa mesma crença? Respondendo numa abordagem *materialista*, a fronteira existe na relação *dirigente x ator*, na possibilidade da passividade do ator, conforme Brohm. De outro lado, o terreno se encontra sem divisões se olharmos que tanto dirigente quanto ator se encontram permeados pelo contágio cultural, onde classe, patamar social e intelectual não são estruturas que se resguardam dos aspectos culturais. Mas é Habermas (1984) que promove os contrapontos quando teoriza sobre as *mudanças na estrutura social da esfera pública*. As fronteiras podem ser encontradas numa concepção consensual da própria cultura do modo de ver do sujeito/ator, cujos níveis mais profundos da *consciência* agem em forma de coerção e levam ao conformismo as relações vigentes.

Embora as idéias das relações ocorram, o que permanece no sujeito/ator é uma reprodução pseudo-realista dos fatos, ou seja, uma instrumentalidade que coloca ante os olhos dos sujeitos/atores tão somente aquilo que pode materialmente observar, negando assim toda possibilidade de crítica, legitimando o *status* de qualquer natureza existente. Não haveria, dessa forma, possibilidade de quebrar os marcos divisores que não permitem os atores entenderem a realidade que perpassam nas questões materiais? Como resposta, num esforço de síntese, aportando-nos em Gramsci, diríamos: há possibilidade no momento em que os homens/atores criarem fatos que os façam pensar que as circunstâncias materiais que ocorrem foram por eles produzidas em suas relações e que, se quiserem, podem mudá-las.

Observando o enredo contextual e sua direção, um exemplo claro que ilustra o desenrolar dessa discussão pode ser aqui manifestado. Em uma das equipes que acompanhamos durante nossa pesquisa, independente dos resultados que vinha alcançando, o preparador físico da equipe da categoria *juniors* presenteou todos os jogadores com uma medalhinha que a cada véspera de jogo era colocada sobre a imagem de uma deidade católica. Ao perguntarmos a um ator sobre a necessidade e o efeito desse ritual, nos respondeu que “é para *energizar*. Quanto mais tempo você deixar sobre a santa, mais energia essa medalhinha fica”. Embora não possamos negar a instrumentalidade dos fatos, numa análise mais elaborada ela se encontra no ceticismo das influências mágicas e divinas das forças ocultas que os atores se nutrem, sejam elas positivas ou negativas.¹³⁹

Uma outra discussão em torno do “popular” no futebol pode ser desenhada e retomamos a continuidade da discussão em torno do eixo que objetivamos discutir nesse sub capítulo. Diante disso, indagamos: a entrada dos conhecimentos racionais, chamados por Lyra Filho como “sérios”, banuiu a “imaturidade cultural” do meio dos atores do futebol? O apego às manifestações “indesejáveis” está relacionado intimamente com uma questão de classe e ao “status cultural”?

¹³⁹ No mesmo cenário identificamos duas situações. Quando ouvimos a resposta de um ator, logo um outro nos disse: “se num [não] treinar de nada adianta”. Nesse mesmo período entrevistamos um jogador do Palmeiras, o qual nos disse: “não tem jeito, alguma coisa está acontecendo e não é de ordem material... de dinheiro... de administração... parece que há uma nuvem que tá cobrindo tudo isso e a gente não consegue enxergar.”

Atualmente, ainda se observam, no futebol, características tradicionais dominando o contexto dos que dele participam. Isso ocorre mesmo com toda a tecnologia e os profissionais competentes, independentemente de classe e posição da equipe no cenário do futebol, pois, quer seja em equipes de futebol menores ou tidas como grandes clubes, as “manifestações indesejáveis” ainda persistem.

Se é manifestação indesejável, o popular se encontra em todas as esferas e constitui os últimos estertores, quando todas as possibilidades de alcance dos objetivos já sucumbiram: A equipe do Palmeiras, que no período inicial do Campeonato Brasileiro (2002) não vencida havia nove jogos, apelou para a ajuda de um pai-de-santo e de *Nossa Senhora Aparecida* para sair da crise **(ANEXO F)**:

...para ganhar um jogo após nove rodadas sem vitórias e sair da zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro, vale tudo. Na concentração palmeirense, um pai-de-santo fez uma visita surpresa e misteriosa, uma cigana foi chamada e a torcida apostou na padroeira do Brasil. Deu certo e, com um gol de Itamar o Verdão venceu o Paysandu por 1 a 0. Após motivar o time com um psicólogo, o Palmeiras resolveu apelar para um pai-de-santo, Robério de Ogum, que já “prestou serviços” ao clube em 1993, esteve na concentração, em Jarinu, onde percebeu cargas negativas nos jogadores e na concentração. A Assessoria do Palmeiras confirma a presença do pai-de-santo, mas garante que Robério não teve nenhum contato com os jogadores ou com a comissão técnica. [fig. anexa] (Lance, 27.set.2002).

E para reforçar:

Palmeiras ganha com misticismo. O Palmeiras apelou para diferentes religiões para vencer ontem o Paysandu por 1 a 0. Além de um pai-de-santo Robério de Ogum ter ido ao clube fazer um trabalho de descarrego, a torcida também levou ao estádio uma enorme bandeira com a imagem de Nossa Sra. Aparecida, numa cena inédita. O pai-de-santo orientou o treinador a optar por meias brancas na final diante do Corinthians, além de benzer as camisas dos jogadores. Robério revelou que sentiu uma carga negativa, o que explicaria a série de derrotas e contusões”. Robério de Ogum já prestou serviços para Wanderley Luxemburgo, tendo entrada livre nos treinos e nas concentrações (Diário de S. Paulo 27.set.2002, p. C3).

Se, de um lado, nota-se ver um canal aberto de aparição dos conceitos, das crenças e dos rituais populares, percebe-se que as diversas hierarquias sociais e posições ocupadas em

várias estruturas da sociedade e, no caso do futebol, não ficam alheias e imunes à cultura que avança por todos os cantos, e que no futebol é representada sem qualquer contestação. No entanto, pode-se perceber que há um receio dos dirigentes em confirmar o apelo a essas práticas antropológicas (pai-de-santo), temendo a ridicularização por tal ato. Mas isso avança por outros cantos; no Brasil, apresenta-se tanto nos grandes centros urbanos como em outras paragens, sobre isso, a um primeiro olhar, a mídia emite uma conotação de cotidiano:

MACUMBA X BOACUMBA NA TERRA DO FUTEBOL:

BOI E BODES PARA PAGAR PAI EDU

Um boi, quatro bodes e oito galos foram entregues pelo Náutico, ao babalorixá Pai Edu, como quitação de uma dívida contraída pelo clube em 1968 com Zé Pilintra (entidade do candomblé). Naquele ano, os então dirigentes do clube haviam prometido a oferenda caso o time fosse hexacampeão estadual. O título foi conquistado, mas a promessa não foi cumprida. Livre dessa pendência e da superstição dos que atribuíam os problemas do clube a esse débito, a direção do Náutico espera superar uma longa crise, que culminou com o seu rebaixamento para a Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro. Depois da conquista do sexto título, o Náutico vem passando por grandes dificuldades. O conselheiro Paulo Rgueira, que entregou a ‘encomenda’ ao babalorixá, disse que toda as religiões devem ser respeitadas. Se há uma dívida, que se pague.” Azeite e Farinha. Além dos animais, o clube providenciou outros ingredientes exigidos pelo babalorixá: 12 litros de aguardente, 1 litro de uísque, pimenta malagueta, sal, cebola, fâcas-peixeiras, azeite de dendê, farinha de mandioca e mel de abelha. Pai Edu programou o “despacho” e a cerimônia de sacrifício dos animais. Mas não garantiu o título deste ano. ‘A dívida era muito antiga’, observou. Sem se limitar à proteção do candomblé, o Náutico também foi atrás das bênçãos católicas. Antes do início da campanha, o técnico Artur Neto levou um padre ao campo para fazer uma palestra e benzer os jogadores (*OESP*, 27-2-1999).

Recursos para “espantar o azar” têm sido e constituem parte de rituais cotidianos no futebol brasileiro:

Fé e futebol sempre andaram juntos no Brasil. Na busca da vitória, jogadores, técnicos e até dirigentes procuram complementar treinamentos e recursos táticos com algo mais: sorte. Para espantar o azar e garantir bons resultados sobra criatividade quando o assunto é religiosidade: gosto de repetir as mesmas meias e os mesmos atos quando meu time vence, declarou o meio-campista Evandro – que se declarou católico. O cuidado para garantir a sorte chega ao ponto do jogador fazer questão de viajar no mesmo banco, sentar na mesma posição e escolher o

mesmo companheiro nos treinamentos: “jogador de futebol é tudo supersticioso (*A Gazeta/ES*, 4-4-1997).

Rodrigues, massagista do E. C. Noroeste, da cidade de Bauru, interior de São Paulo, equipe que já pertenceu à divisão principal do futebol paulista, utiliza instrumentos “...para canalizar, espantar o azar, o mau olhado”, segundo diz, quando o jogo é na casa do adversário. Um certo colar dependurado em qualquer lugar do vestiário, um corno sobre a maca e uma fita vermelha amarrada na fechadura da porta de entrada, “é tudo que é preciso e necessário pra que os jogadores sintam bem e fiquem à vontade”

Elementos tradicionais como esses fazem parte de uma singularidade encontrada sem muito esforço. Podemos relembrar as cores da camisa/uniforme da Seleção Nacional. Ela não foi escolhida por uma opção de estética ou de símbolos e valores encontrados na cultura brasileira: foi uma opção para fugir do *azar*, segundo o seu criador. A história desse uniforme começou em 1953, quando o jornalista gaúcho Aldyr Garcia Schelle venceu um concurso promovido pela CBD e pelo jornal carioca *Correio da Manhã*. A seleção vinha de um fracasso, a perda do título para o Uruguai em 1950, por 1 x 2, no Maracanã. Naquela partida, o Brasil havia jogado com a camisa azul e branco. Para fugir do fantasma da derrota, a CBD inventou um concurso.

Schelle lembra que fez aproximadamente 50 esboços do novo uniforme, usando as cores, verde, amarelo, azul e branco, escolhendo, depois de muito esforço, o que é usado até hoje pela seleção brasileira. O vencedor do concurso sabe que por de trás disso estavam as cores da superstição que não podiam aparecer: o azul e branco (*Estado de Porto Alegre*, 10-6-1990).

A camisa azul, do segundo uniforme da seleção nacional, aos olhos dos supersticiosos, é tida como uma camisa que traz e lembra o azar. Em 1958, na Copa do Mundo da Suécia, no jogo da decisão entre Brasil e Suécia, tendo a equipe anfitriã mando de jogo, usou camisa amarela, e o Brasil jogou com o seu uniforme azul. Na época, o dirigente Paulo Machado de Carvalho, empresário de comunicação e com facilidade de falar, procurou informar aos jogadores sobre o uniforme que iam usar. E que estratégia usou para que os jogadores não entrassem derrotados psicologicamente, trazendo a lembrança de 1950? O dirigente, entrando

habilmente no vestiário, disse: “Ganhamos, já ganhamos”! Vamos jogar de azul. Azul, meus rapazes, a cor do Manto da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida” (Goussinsky, 1998, p. 81 e Avallone, 2001, p. 84). Entre ser derrotado com as lembranças das cores do azar de 1950 e a fé dos jogadores por estarem jogando com a cor do Manto da Padroeira do Brasil, falou mais alto a segunda opção, e o Brasil sagrou-se campeão.

Em nossas pesquisas, entrevistamos Jorge Avancini, Diretor de Marketing do Internacional de Porto Alegre, que fez parte do Departamento de marketing da *Pepsi Cola*, patrocinadora da Seleção Brasileira na Copa da Itália em 1990. Quando lhe perguntamos se os elementos culturais de jogadores e dirigentes poderiam interferir nos trabalhos de algum departamento do Clube, especialmente o de *marketing*, ele respondeu:

O Internacional tem 450 empregados, desde jogadores profissionais até trabalhadores que cortam a grama do estádio. Imagine manter isso. Tem que ser através do marketing. É um trabalho extremamente profissional. Aí você tem um patrocinador e na estética do padrão... do logo... [refere-se à logomarca] exige alguma mudança no uniforme. Aí o dirigente diz: mudar a camisa agora? Não! Não pode! Com uma camisa diferente jogar com esse time e nessa hora do campeonato... não pode? E aí? Você tem que conviver com dirigentes atrasados que acham que mudar a camisa... que é de uma cor... e que você tem que diminuir essa tonalidade para aparecer a marca do patrocinador, ele vai dizer que dá azar. E veja que tive caso de superstição, essa faz parte de nossa cultura, neste caso mais que os dirigentes a superstição está nos atletas, torcida, enfim, em todos os níveis. Não adianta você projetar um novo uniforme, se no dia de estréia o time leva uma goleada, esqueça, este novo uniforme está condenado, não volta mais a ser utilizado, pois na maioria todos vão dizer que a derrota foi por causa da mudança. (Unisinos – S. Leopoldo, 14-5-2002).

Entre *superstição*, *sorte* ou *azar*, parece que tudo lembra *desconfiança* ao jogador. E é justamente esse objeto que buscamos agora. Em meio à ciência e ao conhecimento científico, há um “complemento”, que é a busca de “algo mais”, que ainda “falta” ao jogador para sentir-se seguro em seus objetivos.

Esse comportamento não é exclusivo do jogador. A classe dirigente também cumpre o seu papel ao garantir certas tradições. O presidente do Cachoeiro, equipe da primeira divisão do futebol espírito-santense, diz que os goleiros são proibidos de comer frango antes dos jogos, e que o uniforme de uma vitória é usado na partida seguinte.

Na bibliografia do futebol brasileiro, pode-se identificar que os jogadores supersticiosos sempre têm devoção a algum nome do catolicismo ou devotam fé a alguma deidade espiritual. No entanto, isso nem sempre ocorre com jogadores e dirigentes que são devotos a algum nome do catolicismo romano e popular, sem superstição. Acender vela no vestiário é comum no futebol, revela o goleiro Aguinaldo, da equipe do Mogi Mirim. Contudo, para ele, isso não implica fé em algum santo católico ou em alguma deidade do panteão afro-brasileiro.¹⁴⁰ Aguinaldo, assim como o goleiro Cláudio Márcio, da Ferroviária Desportiva, adquiriram um comportamento em meio às relações existentes, que, no entanto, não revela uma tendência de fé, mas de superstição, conforme argumenta. Para Aguinaldo “se eu não acender uma vela, não me sinto seguro”. Já para Cláudio Márcio, a batida com a chuteira nas traves é fundamental para dar segurança. Cláudio Márcio e Aguinaldo são apenas dois entre muitos jogadores que, ao entrarem em campo, elaboram um ritual comum no futebol brasileiro, construído nos anos iniciais de suas carreiras ou oriundo de sua gênese familiar: “...eu me benzo em cada pau do gol... assim que eu aprendi”, revela (*A Gazeta/ES*, 12-4-1977).

A crença coletiva na existência de fatores que suscitam a superstição está em todos os níveis dos atores do futebol. Os dois goleiros convocados para disputar a Copa do Mundo de 2002, Marcos, da S. E. Palmeiras, e Rogério Ceni, do São Paulo Futebol Clube, explicitam esse lado antropológico, conforme identificamos no artigo jornalístico:

MARCOS SÓ ENTRA NA ÁREA COM O PÉ DIREITO E SE ‘ENFEITA’ DE ESCAPULÁRIOS

Palmeirense, que admite ser supersticioso... Marcos treina muito, tem talento e é religioso, **mas** [*grifo nosso*] não esconde ser supersticioso. Se não segue seu ritual a cada jogo, sente-se incomodado. Por isso, depois de atravessar o campo, faz questão de olhar o pé antes de entrar na área. Tem de pisar com o pé direito, se não algo de errado pode acontecer... Se me esqueço e piso com o esquerdo, saio da área e entro de novo só que com o direito. **Além de supersticioso** [*grifos nossos*], o dono da camisa 1 da seleção brasileira é **religioso** (*grifos nossos*). Não tira, nem em jogos e treinos, os escapulários que carrega no pescoço. Acredita que, com isso, tem mais proteção dos santos [...]. Segundos antes de os árbitros apitarem o

¹⁴⁰ Em outubro de 1999, no vestiário do *Rio Branco* de Americana, identificamos no altar a imagem de Iemanjá junto às demais imagens do catolicismo romano. Indagando a alguns jogadores o nome da imagem, responderam que era Nossa Senhora. Tal fato revela uma fé calcada não no conhecimento, mas na tradição de devoção, sem conhecimento no que se acredita.

início dos jogos, Marcos dirige-se sobre a linha do gol e pede proteção (OESP, 27-4-2001, p. E2).

Já o goleiro Rogério Ceni, do São Paulo F.C. (2002), usa sua superstição em algo mais simples. Não demonstra ser religioso, mas tem um amuleto, para “dar sorte”: a sua própria meia. “Mas ela tem que ser branca. Mesmo que tenha que jogar com uma meia de outra cor eu uso a meia branca por baixo. Não abro mão dela, gosto muito, pois me dá sorte”. O goleiro também faz uso da crença antes dos jogos. “Dependendo da fé que se tem, isso ajuda. Agora, se fizer por fazer...” (OESP. 27-4-2002, p. E2).

Os rituais de superstição expostos nos exemplos anteriores nos apontam duas reflexões. A superstição não se apresenta num único grupo de atores. Independe de classe socioeconômica ou do *status* de equipe. Outra reflexão é que tanto os atores como a imprensa tratam do fenômeno da superstição como se ela pertencesse aos que não têm uma religião, ou não professam uma fé religiosa, deixando de acreditar em algum símbolo que se encontre numa representação coletiva maior.

E em que local, em que região há uma incidência maior dos fenômenos culturais?

Constatamos, durante nossas pesquisas, que a fé e a credulidade popular não estabelecem um local em que mais se tornam visíveis, ou aparentemente estabelecem maiores relações. No Sul, Sudeste ou no Nordeste, não foi possível identificar nas equipes e nos atores, distinções que podemos observar em maior ou menor grau. Verificamos pelas entrevistas que a fé e a crença ocorrem e fluem sem qualquer fronteira cultural. Estabelecemos a reflexão de que com referência ao futebol, nas regiões por nós investigadas, há um trânsito muito grande na relação de jogadores com os clubes, no próprio Estado ou na relação de intercâmbio contratual entre clubes e jogadores de futebol. Observamos ainda, que a credulidade apresentada independe do *status* dos jogadores, pois o intercâmbio entre eles, provenientes de equipes do interior ou de equipes tidas como *pequenas*, é grande e favorece a relação e a possibilidade de ressignificação de crenças.

Vale ilustrar a observação do ex-jogador Ademir, ex-Corinthians Paulista, que terminou sua carreira no futebol helênico em 1982: “Hoje quase não há uma troca de cultura...

assim os jogadores já não aprendem mais com os outros... no jeito de ser e naquilo que os jogadores trazem... porque ficam muito pouco tempo juntos. Antes, os jogadores permaneciam mais nos times e isso fazia com que muita coisa você aprendesse com o grupo, com a turma”. São fatores do futebol moderno, dos tempos atuais. A permanência dos jogadores no clube é cada vez menor, comparando-se com os tempos passados (anos 60, 70 e meados de 80), fazendo com que as relações entre os atores sejam convencionais, não permitindo uma síntese cultural maior. Tal fato pode estar minando o exemplo que colhemos de um dos nossos informantes.

Na investigação dos aspectos e dos fenômenos populares, foi possível identificar dentre oito clubes a equipe do Esporte Clube Bahia conhecida com a máxima de que o time ganha com a ajuda de pai-de-santo. Em seus dois últimos jogos do Campeonato Brasileiro, de 2002, quando a equipe estava na iminência de *cair* para a segunda divisão, não identificamos nenhuma relação com essa *ajuda sobrenatural* no grupo de jogadores. Em seu penúltimo jogo, com a equipe da Portuguesa de Desportos de São Paulo, identificamos mais a presença de jogadores do grupo “Atletas de Cristo” e não registramos/observamos práticas religiosas populares. Tal fato merece atenção, pois as relações travadas no contexto do futebol não são fechadas e sim, multifacetadas.¹⁴¹ Não é possível afirmar que determinada região do Brasil seja favorecida por singularidades populares, quer dizer, não implica por estarmos na Bahia ou no Nordeste que a regionalidade venha favorecer o aparecimento da cultura local. Devido ao grande trânsito e fluxo de jogadores existente entre um clube e outro, implica na dificuldade de olharmos para uma paisagem/contexto e encontrarmos semelhanças com a regionalidade. Uma observação densa permite identificar diferentes aspectos culturais regionais entrecortados de reflexos oriundos de diversas regiões brasileiras.

Em nossas entrevistas, constatamos que, nos anos iniciais da carreira no futebol, nasce algum ritual que os atores levam consigo em toda a sua vida profissional. Ederval Luiz Lourenço da Conceição, conhecido no meio futebolístico como Tato (campeão paulista em 1986 pela Internacional de Limeira, passando pelo Guarani de Campinas de 1989/90, pelo Palmeiras de 1987/89, pela Universidad Guadalajara em 1993/95, pelo Toros do México em 2000 e mais oito equipes da 1ª e 2ª divisões do futebol paulista e brasileiro), diz que

...todo jogador de futebol deve ter seu momento de entrar no jogo [significando ‘enturmar-se’] e o jeito disso acontecer é fazendo alguma coisa que marca... um ritual, por exemplo... e se o time ganha... não precisa dizer mais nada. Esse momento significa muito pro jogador e aí ele fica enturmado e até dão um certo respeito pra ele [...]. Agora tem aquela do jogador novato seguir os demais, os mais velhos ele acaba fazendo aquilo que todo mundo faz... vai aprendendo... coisas do futebol... de jogador: entrar com o pé direito em campo... tocar a primeira vez com o pé direito na bola quando recebe... o técnico também... tem técnico que, se ganha um jogo e ele está vestido com uma roupa... quando na volta... no retorno, ele usa a mesma roupa usada no jogo do primeiro turno... isso tem bastante... mas eu acho... falando sério... até eu faço... mas não ganha jogo [...].

Refletindo sobre o que mais pode ser identificado no futebol que derive da cultura dos jogadores, Tato nos diz: outra coisa do futebol e que a gente mais vê é coisa de acreditar. É coisa de religião... não de religião de igreja... mas em coisas fora da igreja... isso você vê muito no futebol.

O que Tato explicita merece uma reflexão, buscando recursos em Van Gennep (1978). O rito não é tomado simplesmente como um apêndice do mundo mágico ou religioso, mas como algo em si mesmo. É tido como um fenômeno dotado de certos mecanismos recorrentes (no tempo e no espaço), e também de certo conjunto de significados (sociais); o principal deles realiza uma espécie de “costura” entre posições e domínios, visto que a sociedade é muito poderosa nos domínios e posições sociais. O significado do ritual apresenta para o indivíduo e para o grupo um certo princípio organizativo, em que a passagem de uma posição para outra (ser aceito pelo grupo) aponta novos valores e direciona o indivíduo para novas socializações.

A exposição ganha sentido quando a argumentação implica uma nova fase e a passagem de um estágio para outro é claramente identificada. Entre os diversos rituais e procedimentos de iniciação de um atleta, merece destaque o seguinte relato: “Assim que nós do juvenil vai para o Junior ou do Junior para o profissional, ele mandava puxar o Pai Nosso. Falava que desse jeito marcava o jogador”. Uma nova e outra fase é conquistada e se “...nessa puxada o time ganha, pronto... você não esquece mais. Parece que você fica mais valorizado.

¹⁴¹ Aqui podemos refletir que determinadas práticas culturais podem estar sujeitas aos grupos de simpatizantes e torcedores de uma equipe e não estar influenciando o grupo de jogadores.

Você se sente outro”.¹⁴² Nasce uma espécie de autonomia que recria formas de condutas sociais, diferentes daquelas que vigoram na vida cotidiana.

Mauro, 33 anos, jogador profissional há dezesseis anos (iniciou sua carreira em 1986 no Taquaritinga F. C, equipe do interior Paulista), tendo passado por 12 equipes do futebol profissional, (em 2002) em três Estados (São Paulo, Paraná e Santa Catarina), diz que “...superstição no futebol é coisa comum. Não que o jogador seja supersticioso e nem que ele acredita... mas ele é supersticioso por acaso. Ele faz aquilo que outros fazem”.

Pausadamente, Mauro fala de quando iniciou sua carreira nas equipes de base do Taquaritinga: “Quando comecei em 1986, no Taquaritinga, era difícil na época alguém do juvenil ou do Junior jogar com os profissionais. Hoje não”. Mauro diz que quando juvenil todo exemplo dos jogadores mais velhos eram absorvidos pelos mais novos. Dessa forma, explica Mauro:

“...os mais novos entravam no mundo do futebol influenciado pelos mais velhos... [...]. “Era do jeito de jogar... de tudo... e aí entrava a superstição. Se o time fosse mal a chuteira era lavada para o jogo seguinte; se ganhava pedia pro roupeiro não limpar e nem engraxar [...] Quando joguei no Blumenau, eu era o mais velho e eles me ouviam... era uma meninada. Se eu fosse supersticioso ou tinha alguma superstição eles iam me seguir. Mas não sou. Conheci o evangelho faz três anos. Chegamos a ser onze evangélicos no time. E aí a coisa continua. E essas coisas de superstição é mais fácil... a gente já tem isso no sangue... sem ninguém dar exemplo. De vez em quando você faz alguma coisa passada e acaba misturando tudo. (15-3-2002).

Assim o jogador Mauro pondera em sua trajetória sobre o comportamento de outros jogadores. Marcinho, 22 anos, nascido em Campinas (SP), meio-campista do Etti Jundiá (3-2002), há quatro anos como profissional, sempre procurou entrar com o pé direito em campo. Perguntado o porquê desse comportamento, disse: “É costume... você faz porque já vem fazendo... mas eu não sou tão supersticioso. De vez em quando eu faço... Acredito muito em Deus”. Nas palavras de Marcinho, parece existir uma grande diferença entre ser supersticioso e ter uma convicção de fé. Nos cinco jogos da Copa Rio-São Paulo em que marcou gols, Marcinho exibiu uma camisa dizendo “Jesus é o Senhor”, mas, em todos os jogos e nos dois momentos de entrar em

¹⁴² Refere-se ao técnico Osvaldo Brandão. Suprimimos o nome do jogador a pedido.

campo, sua “pequena” superstição falou mais alto, e o jogador procurou entrar com o pé direito.

Atualmente, vive-se num mundo em que a circulação generalizada de idéias, comportamentos e atitudes desempenha um papel fundamental no processo de recriação de modelos e estilos de vida. Principalmente nos contextos de trânsitos de relações sociais verificam-se trocas incessantes de gestos, ações e formas simbólicas, as quais estão associadas às construções de identidades marcadas por uma *espacialidade* e uma temporalidade situacionais (“quando joguei no Blumenau”) que no nosso entender, implica em escolhas individuais motivadas tanto por contingências existenciais como por condicionamentos sócio-culturais. Assim, o contexto do futebol pode ser marcado por rejeição e adaptação e que ora o comportamento rejeitado promove seu retorno.

No que concebe aos exemplos expostos pelos dois atores, a adesão a um sistema de comportamentos e um estilo de vida particulares não corresponde obrigatoriamente, como no caso, na rejeição total de antigos comportamentos; antes indica uma negociação entre um imenso painel de conceitos, costumes e crenças postos à disposição dos atores. Vale entender que a adoção de um estilo de comportamentos e costume pode estar acoplada aos fragmentos articulados de antigas práticas/comportamentos que são reconstruídos em novos laços de identidades grupais.

Nas palavras dos jogadores/atores, nem tudo que se verifica como rituais e comportamentos de fé e devoção são representações coletivas. Tostão, jogador tricampeão em 1970, em sua biografia Ribeiro (2001, p. 29), aponta nessa direção: nem tudo é fé, pode tratar-se de um comportamento apreendido em meio às relações no contexto do futebol:

O Presidente do Cruzeiro, Felício Brandi tinha um pai-de-santo particular, e diziam que era ele que decidia os negócios do presidente. Aos sábados, véspera de partida, para os jogadores receber a benção [bênção] do macumbeiro, que ganhava bichos pela vitória e tinha no massagista Andorinha o seu auxiliar. Eu fui uma vez, por curiosidade, nunca mais voltei, protestei, mas os jogadores gostavam de ir. Será que o presidente achava que o time ganhava, fazia gols, brilhava por causa do pai-de-santo? São impressionantes os rituais dos jogadores antes de entrarem em campo. São gestos repetitivos, **orações sem fé** [*grifos nossos*], entrar

com o pé direito ou esquerdo, beijar a medalhinha, corda da camisa etc. O ritual e a superstição representam a onipotência do pensamento, freqüente nas crianças, nos psicóticos e, em alguns momentos, nos homens normais, neuróticos como todos nós. Criamos a ilusão de que repetindo certas atitudes estamos protegidos e nos tornamos capazes de decidir o nosso destino.

As palavras de um jogador de São Paulo (2002), convocado para a Seleção Brasileira para disputar o Campeonato Mundial na Coréia e Japão, podem explicar os exemplos anteriores:

...o futebol, o seu recinto é a continuidade do cotidiano. Não há uma separação, um divisor entre o que acontece lá fora e o que acontece aqui dentro... dentro do futebol. O recinto [refere-se ao futebol] é o lugar onde cada um mostra como é... sua cultura... no que acredita... e depois o jogador de futebol ele quer ser livre e quando ele tem essa chance... ele se expressa. Cada um faz coisa que é dele próprio. Cada um tem seu jeito próprio [refere-se às superstições dos jogadores]. E isso faz dar liberdade ao jogador”.[E por que isso aparece no futebol?] ... porque o futebol é um lugar típico pra isso aparecer...”

Se, nas palavras do jogador do São Paulo F. C., o “recinto do futebol” é a continuidade do cotidiano, fatos do passado ainda ocorrem no presente, mesmo com garantias de todo o conhecimento científico e de profissionais junto aos atores do futebol. Para Juca Kfourri, “...há necessidade de um profissional no futebol que trabalhe o grupo, trabalhe e conheça cada jogador e faça a relação diretor versus jogador, técnico e torcedor. Falta esse ainda no futebol”. Essa mesma reflexão é repetida por Edvar Simões, diretor do Departamento Profissional do S. C. Corinthians Paulista,

“...veja é o meu caso, aqui eu sou o terceiro na hierarquia..., esse contato da equipe, do dia-a-dia, dos detalhes eu que faço esse contato. Há necessidade, sim, de um profissional que conheça os jogadores, a direção técnica, faça a coordenação, que faça a conciliação. Que conheça os atletas sua cultura e saiba como trabalhar com ela... conhecendo o jogador, o atleta, você deixa ele mais à vontade. O atleta gosta do dirigente e do técnico e isso depende de você. Coordenar imprensa, dirigente, técnico e torcida. Aqui eu faço essa mediação e vejo necessidade de um clube ter no seu Departamento Profissional um nome que faça essa mediação, ele seria o anteparo do time. Veja que lugar que não tem essa pessoa o clube tá toda hora na imprensa... mas na imprensa de forma negativa e isso depende muito da Comissão Técnica. O Parreira está aqui já faz dez meses... você não vê o Corinthians nos jornais e é isso

e aquilo. Troque o treinador e tem aquele que gosta de ficar na imprensa... não importa como e o motivo que for... não preciso falar mais nada sobre isso [...]. É por isso que vejo a necessidade dessa pessoa para fazer essa relação toda no clube”. (14-10-2002 – 15h10., na Sede do Corinthians, Parque São Jorge).

Para Edvar Simões,

...deve haver um profissional que faça o entrosamento da equipe e que não precisa ser a temporada toda, mas sempre no início de cada temporada. No início da temporada porque é quando chegam novos jogadores, cada um vindo de um lugar sem nunca um ter visto outro. O técnico desconhece o jogador enquanto pessoa... conhece enquanto jogador de futebol. E aí surgem os problemas (E como deve ser esse profissional?). Ah! Uma pessoa, um profissional com conhecimento na psicologia e na socialização do grupo... um que tenha boa relação, entenda a cultura do jogador, entenda o jogador e saiba relacionar com tudo que tenha no clube. Se não... veja o que vai acontecer e tá acontecendo com um time daqui da Capital... Viu o que já fizeram? (*refere-se ao pai-de-santo contratado para ajudar na união de um time da capital*).

Sarno (1980, p. 260) faz lembrar o ano de 1957, talvez o mais difícil vivido pela S. E. Palmeiras. Segundo o autor, que já foi técnico de futebol:

...o futebol é um ambiente que não é brincadeira. Quando o negócio vai mal, a maioria dos maestros (dirigentes), dos músicos (técnicos) e bailarinos (jogadores) apelam para a macumba”. Quando a ordem de comparecimento a essas reuniões parte dos homens que nos dirigem, o problema se torna ainda maior. Maior porque aquele [aquele] jogador que não acreditar poderá ser até multado pela ausência. Ele fica sendo considerado adversário “vermelho” e até cai na desconfiança de muitos dirigentes, já que reside neles a maior crença. Que eu saiba, o Mazzola, antigo jogador do S. E. Palmeiras, não é partidário das macumbas. No entanto, teve que enfrentar uma situação delicadíssima, muito mais por questão climática, que propriamente pelo trabalho que lhe foi ordenado [...]. Numa semana que antecedia mais um difícil compromisso para o Palmeiras, numa sessão “daquelas de tirar o sapato”, lhe ordenaram que tirasse toda a roupa. Depois de fervida as ervas, para um banho de “descarga”, retiraram-nas só ficando aquela água cor de chá. Fazia um frio tremendo na capital bandeirante. Depois da água estar completamente fria, dentro de grande balde, foi arremessada contra o seu corpo, que dizia o “caboclo” estar cheio de coisas feitas além dos fluídos [fluidos] de alguns espíritos, que nele se encostaram. Aquele frio que o Mazzola sentiu, creio que na Itália onde joga agora, nunca sentirá. Resultado: o tremendo resfriado que apanhou. Depois veio o pior de tudo. O Palmeiras perdeu mais um jogo naquele campeonato e o Mazzola enfermo por alguns dias. Eu,

como já perdi dois títulos depois de tantos banhos de “descarga”, e de coisas incalculáveis que se fazem, renuncio completamente a este meio de se procurar levar vantagens num trabalho que se chama jogos de futebol. Posso me considerar como um dos quase todos preparadores técnicos de futebol que freqüentam as macumbas. No entanto, jamais para este fim lá estarei.

Dicá (Oscar Salles Bueno Filho), tido como o melhor jogador da história da Ponte Preta e hoje, aos 54 anos (2002), responsável pelo Departamento Técnico do Clube, demonstrando-se muito solícito na entrevista que nos concedeu, respondeu-nos sobre os elementos tradicionais no futebol:

...isso é devido à cultura popular do Brasil. Logo no início do futebol no País o povo mais popular passou a jogar futebol e trouxe isso para dentro o que é difícil de sair. Uma cultura não acaba da noite para o dia. Vai demorar e muito para que isso saia do futebol. Mas posso dizer que hoje as equipes que possuem profissionais, percebemos que isso vai terminando e a gente tem que saber lidar, trabalhar com isso. Aqui (se refere à Ponte Preta) nós da Comissão não passamos isso para os jogadores. Se o jogador traz isso... tudo bem... tudo bem... mas não vamos apoiar. A Ponte hoje tem uma Comissão Técnica com médicos, professores, psicólogos e isso faz dar ao jogador muita personalidade e isso é o que importa”. O que ganha jogo é o trabalho que você faz.

Quando perguntado sobre a interferência de elementos culturais no futebol, Dicá nos diz:

“devido à cultura que eles têm, os jogadores acreditam, mas não que isso resulta no resultado do jogo. O jogo se ganha no trabalho que se faz durante a semana, no trabalho de orientação. É lógico que o jogador acha que é influenciado, mas é uma coisa que está na cabeça dele. Uma bola que não entrou ou que o goleiro agarra todas... não tem nada a ver com alguma coisa que o goleiro fez para não tomar gol e nem que o adversário sofreu alguma interferência dessa que você talvez está se referindo de alguma coisa que tenha feito. A sorte e o azar no futebol não existe, é apenas uma cultura e existe muito no Brasil. Existe a sorte e pra quem acredita. Mas jogo não se ganha com sorte ou azar... se ganha no trabalho que você faz. Se fosse assim, pra que esse investimento que a Ponte faz, que vem fazendo... veja o São Paulo... Isso se chama cultura... agora tem mais coisas no futebol. Tem a religião na qual também não acredito na influência de resultado... é mais pessoal.

Na mesma oportunidade dessa entrevista, falamos com o Sr. Benedicto Halita, militar reformado, funcionário da A. A. Ponte Preta há mais de 50 anos. Para o Sr. Halita, que já foi massagista, roupeiro e técnico,

...muitas e muitas vitórias e também campeonatos foram ganhos porque houve fé no grupo e ganhamos pela intervenção, pela nossa devoção. Não só dos jogadores... dos torcedores também. (Pode me falar de algum?). No momento eu não lembro mas já tivemos... tivemos grandes partidas... torcedores devotos que fizeram votos pra Nossa Senhora... nossa padroeira... e a Ponte ganhou... nós ganhamos... por isso nossa capela é uma das mais bonitas... mais bem conservadas das que tem por aí... falo de time de futebol. Ah... eu sou devoto de todos os Santos mas como não dá pra fazer devoção pra todos, faço pra Nossa Senhora Aparecida. E... sempre que há jogos fora, essa imagem nos acompanha e é levada pelas pessoas do Departamento Profissional. E tem mais... há um grupo de torcedores da Ponte Preta que todo ano faz uma devoção fora... pra fora. Eles vão pedir que tudo dê certo pra Ponte naquele ano.

Edvar Simões do E. C. Corinthians nos fala sobre as heranças culturais dos atores:

...a influência cultural é muito grande nos jogadores, mas ele não acaba mostrando isso aqui. Veja o Vampeta e o Charles. Um é do Norte, Nordeste e o outro do Sul. Deu um tempinho aqui, o Vampeta vai pra sua terrinha, pra casa dele. E depois o latino-americano... essa questão cultural é muito identificada, isso brota na pessoa é só falar isso que *isso* vem na memória. Veja o Corinthians, enquanto ele estava todos aqueles anos perdendo campeonatos, a torcida estava aumentando, o São Paulo, não. [*E quanto às questões culturais místicas isso tem acontecido (intervenção)?*] Quanto à atual equipe, grupo de trabalho isso não tem acontecido, vou responder por mim e pelo meu tempo no Corinthians e o que você sabe eu também sei. Aqui é muito moderno e o comando técnico não é disso. Agora a validade disso depende de cada um. Mas... misticismo... acreditar nessas coisas... nós não temos.¹⁴³

Em ambos os discursos é possível identificar que o futebol brasileiro é atravessado de modelos tradicionais e modernos. Quando Max Weber conceitou a racionalidade como uma “actividad económica capitalista, del tráfico social regido por el derecho privado burguês, y

¹⁴³ Embora o diretor do Departamento Profissional do S. C. Corinthians afirmasse que “...a atual Comissão Técnica não faz uso de conservações culturais religiosas populares”, ao visitarmos as dependências do Clube, deparamos com uma capela com diversas imagens ao redor de quatro velas acesas, sendo: uma imagem de Aparecida, São Jorge Guerreiro (a maior de todas), Jesus menino, Nossa Senhora de Fátima e São Judas e perguntamos se poderíamos fotografar. No entanto, foi-nos recomendado que não, pois “isso tira a magia do local”.

de la dominación burocrática (Habermas, 1989, p. 53) não discorreu ao fato de que embora as instituições possam, no rigor da burocracia submeter suas decisões “a los critérios de la decisión racional”, paralelo a essas mesmas decisões seguem colados juízos e valores tradicionais convivendo num mesmo espaço.

Os juízos e valores tradicionais, comportamentos, rituais e superstições no futebol não param por aí, pois há uma continuidade de elementos tradicionais, que podem ser identificados sob diferentes manifestações, com indumentárias e estéticas próprias. Tico, jogador do E. C. Rio Branco (ES), revela que sempre jogou com as mesmas chuteiras: “Calçavam bem e traziam sorte. Tanto que, quando mudei para o futebol paulista, levei o par junto. Fiz diversos remendos, costurei e as usei até acabar... Poderiam ter vinte pares de chuteiras novas em qualquer lugar que eu só jogava com elas” (*A Gazeta/ES*, maio de 1997).

A superstição, a sorte e o azar não pertencem somente aos atores do futebol brasileiro, avança para outros cantos, embora em menor proporção. Na concentração da Copa do Mundo de 1990, os jogadores da Seleção da Romênia queriam ficar em quartos e andares ímpares, pois tiveram sucesso nas eliminatórias todas as vezes em que permaneceram em numerais ímpares. Nessa mesma Copa, a Seleção da Iugoslávia recusou, por superstição, que a compatriota Mônica Selles almoçasse com os jogadores, temendo uma derrota, uma vez que, durante as eliminatórias, quando a tenista os visitou, a equipe não jogou a contento.

Um jogador do Vasco da Gama (2002) do Rio de Janeiro, campeão mundial pela Seleção Brasileira em 1994, nos Estados Unidos, diz:

...no Brasil tem superstição, o povo tem superstição e no futebol também. Mas não é só aqui. Na Espanha tem e na Holanda também. Nem tanto como aqui. Agora se isso é bom ou não, depende de cada um. Se isso prejudica o nosso futebol? Não! Não prejudica porque ninguém pode ficar esperando por ajuda que não seja do seu próprio companheiro. A ajuda também vem da torcida... mas fora disso não posso te dizer... Mas tem muita frescura de jogador... falô? (entrevista concedida após o jogo Etti Jundiaí e Vasco da Gama, em Jundiaí, fevereiro de 2002).

Ferrarini (1981), antropólogo português, realizou estudo em Portugal, nos países europeus de língua latina, e em outras regiões distantes do mundo ocidental, como Malta, Bali

e Cingapura, observando as relações culturais entre jogadores de futebol e dirigentes. Ferrarini, “com olhar de antropólogo”, como o próprio autor explica o processo de investigação, denomina os espaços das equipes de futebol de “terrenos tribais”, pois “...cada clube se organiza como uma pequena tribo, com território tribal, espaços delimitados, chefes, feiticeiros, heróis, sequazes e outros elementos característicos, além de adoção de cores vistosas, de animais com significados e misteriosos costumes” e, em cada espaço, aparece o estranho aos olhos do pesquisador. O autor luso constatou que os “heróis”, em suas “vistosas exposições”, invocam suas “superstições primitivas” mesmo estando dentro de um contexto e das sociedades modernas nas quais os clubes se encontravam (p. 8). Tratando da superstição, Ferrarini aponta que:

Devido o envolvimento de alto risco que uma partida de futebol traz, isso torna e envolve os “heróis tribais” de comportamentos altamente supersticiosos. Existe um forte elemento sorte no relvado, e, quando pensam na possibilidade de lesões, desonras por uma derrota, uma queda súbita, uma bola infeliz – todos esses pensamentos perpassam pela cabeça dos jogadores quando se preparam para um desafio. Sabem que não há preparação, treino, talento ou forma que os proteja completamente desses riscos. Sabem também que quando a pouca sorte se apodera deles o faz perante milhares de olhos críticos. A ordália dos jogadores é pública; não há fuga possível, nenhum meio de ocultar um erro. Defrontados com esta ameaça, procuram um tipo de auxílio adicional que os treinadores não podem dar-lhe: a ajuda sobrenatural das práticas supersticiosas. Não fazem idéia de como tais práticas os possam favorecer mas, mesmo assim, adoptam-nas [sic] “à cautela”. Consideram-nas freqüentemente ridículas e estúpidas; todavia não se atrevem a pô-las de lado. E alguns dos jogadores mais racionais levam-nas tão a sério que tomam precauções incríveis para garantir que os seus rituais não serão perturbados. O período mais intenso de actividades supersticiosas é o que antecede o início dos jogos. De uma centena de superstições do futebol reunidas ao acaso, quarenta por cento restringem-se às cabinas, antes do desafio, quando a tensão atinge o auge. Muitas outras práticas de “boa sorte” desenrolam-se no túnel que conduz ao relvado e no próprio campo” (1981, p. 150).

Em seu estudo, Ferrarini identificou situações de superstição diferente para cada equipe. Há identificações históricas que suscitam superstições. O estádio de Derby, o Baseball Ground, segundo a história do clube, foi enfeitado por uma cigana. O local onde foi construído era um acampamento de ciganos que foram desalojados para a construção do estádio, e os ciganos amaldiçoaram no. Por quatro vezes, desde 1895, o Derby chegou à final

da Taça e três, às semifinais, perdendo todas elas. Só venceu em 1946, quando os dirigentes procuraram ciganos para desfazer o feitiço.

Entre *superstição, fé e crendices*, o técnico tricampeão mundial Mário Lobo Zagallo aparece como o mais supersticioso, segundo os próprios atores do futebol. Conforme Carlos A. Parreira, no segundo jogo do Brasil na Copa do Mundo de 1994, Zagallo disse que a seleção seria campeã, apresentando todas as razões possíveis: Dizia:

“...se somando os anos da Copa, os números nove mais quatro, temos treze. Acompanhando esse mesmo raciocínio, se somar noventa, mais quatro, temos treze. Os dois patrocinadores da seleção são *Coca-Cola* e *Umbro*, se somarmos, cada letra, temos treze no total (...) tem mais: se somar as letras do nome Romário e Bebeto, temos treze, e a semifinal será no dia treze” (*OESP*, de 13-7-1994).¹⁴⁴

O supersticioso não procura buscar regularidade nos acontecimentos, mas acredita neles; ocorrendo o fato, aumenta a sua crença/crendice de que há necessidade e é preciso se precaver, tanto positiva como negativamente. Kloetzel (1990) busca em Piaget explicações teóricas para explicar a superstição, segundo o conhecimento da Psicologia. Para Piaget, existe uma lógica intuitiva que desencadeia a observação de como as coisas acontecem. Há uma seqüência generalizada para que os fatos ocorram de forma sistêmica e linear. Na superstição o sujeito afirma categoricamente o acontecimento, mas jamais busca comprovar a veracidade dos fatos, acreditando ser desnecessária prova-la.

Durante nossos estudos fomos a campo buscar informações com atores do futebol. A pesquisa realizada em duas equipes possibilitou-nos identificar duas faces de superstição, conforme nossos informantes. Essa foi uma das questões sobre as quais, quando dirigidas aos nossos informantes, mais colhemos subsídios. Agrupamos os informantes em roupeiros/massagistas e jogadores/técnicos de futebol. Para os técnicos de futebol e jogadores, a *superstição* passa a ser mais um “comportamento” diante de uma situação relacionada com a proximidade de um jogo: uma viagem, um compromisso de treinamento, momentos antes de uma partida. Então, o jogador ou técnico manifesta diversos “comportamentos”, os quais são imitados ou “passados” para outrem. No outro grupo de informantes, massagistas e roupeiros,

¹⁴⁴ Refere-se à semifinal com a Suécia, ocorrida no dia 13 de julho de 1994.

identificamos a *superstição* como algo que vai além do que se pode prever. Para esse grupo, “nem todos têm, superstição você sente, é uma intuição”.

O massagista do *Paulista de Jundiaí* (2001) revela duas situações em que os jogadores são supersticiosos.

...sabe... tem dois tipos de superstição. Tem essa superstição que é da pessoa... essa que é do próprio jogador. Eu não considero isso superstição. Tem cara que não raspa barba no dia do jogo, ele come uma graminha... uma folhinha de grama quando entra em campo. Ele abaixa pra fazê o nome do pai e aí apanha uma folhinha e masca e come. Fala que é pra não caí e não se machucá. E tem superstição que você tem que ficá atento... nessa eu acredito. Superstição mesmo é você ficá de olho aberto contra trabalho feito. Rapaz... entre num vestiário e encontra uma, duas ou três cabeças de alho. Fique atento que vem coisa. Aí sim você deve ficar supersticioso. [E o que acontece?] Jogador sente mal antes de entrá em campo, se machuca de cara no jogo, cansa logo, briga com seu próprio colega, é aquele bate-boca no jogo. Com trabalho feito você tem que ter superstição. Na entrada do vestiário [vestiário] você deve abrir a porta por primeiro. Não deixe jogador entrar na frente, mesmo se a porta já estava aberta. Se tiver trabalho feito é foda... Você entra, vê tudo, abra bem a porta pra tudo que tivé de ruim saí pra fora. Faça uma oração antes e daí a turma chega e entra. [E essa outra superstição não existe?] Esse negócio de número treze do Zagallo, de dar sorte, azar... dependendo do dia... da camisa do jogador... isso não é superstição... entrá com pé direito... iiihh.... isso é mania de jogador. Você tem superstição... fica de olho aberto quando sente que tem trabalho feito. Do resto é mania de jogador... é um modo que ele tem de fazê a mesma coisa todo jogo... é mania”.

No primeiro caso encontrado, refletimos sobre a superstição como uma resposta às necessidades e segurança do homem. Ela se dá dentro de um arcabouço de necessidades cotidianas nas quais o homem se alimenta e, na dúvida, os costumes supersticiosos ocorrem automáticos e impensados, apenas é uma repetição daquilo que nos foi ensinado. O contexto do futebol, esporte do mundo moderno, é atravessado de interesses dos mais diversos, sobressaindo entre esses o interesse do poder, do capital. Reside justamente nesse intervalo a preocupação que seus atores suscitam diante de acontecimentos que, povoados de intenções humanas, representam projeções emocionais. Como no segundo caso, o medo de perder o jogo e o medo da lesão muscular adquirem uma força determinista dos acontecimentos. Admite-se que o destino/os acontecimentos não ocorrem pelo acaso; todos os efeitos têm suas causas, assim como todas as causas têm seus efeitos. Tudo o que acontece deve-se à vontade

dos homens. Logo, como pode ser observado na fala do massagista do Paulista de Jundiaí, todas as coisas estão animadas de intenções, ou seja, estão povoadas de intenções humanas que necessitam ser extirpadas, tendo a figura de um intermediário que, mediante um ritual, pode *esconjurá-las*.

O E. C. XV de Novembro de Piracicaba, após sucessivas derrotas no Campeonato Brasileiro da Série B, no ano de 2001, em determinado jogo mudou o banco de reservas da equipe visitante para o lado contrário, ficando à esquerda de quem olha das cabines de rádio. Após essa mudança, a equipe, em jogos realizados em casa obteve vitórias surpreendentes nesse mesmo campeonato. Embora o banco de reservas se encontrasse em local não permitido pela *Federação Paulista de Futebol* e pela *Confederação Brasileira de Futebol*, foi deixado ali, pois torcida, dirigentes e também jornalistas da imprensa da cidade entendiam que a mudança do banco de reservas para o lugar original teria implicações negativas, trazendo de volta a má fase da equipe. Para os radialistas da cidade, o posicionamento do banco de reservas da equipe adversária, “à esquerda” do Estádio, induzia uma corrente de azar, influenciando na equipe visitante.

No futebol, *superstição e crença* andam paralelas. O folclórico Neném Prancha, que criou várias máximas sobre o esporte, eternizou que, se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminava empatado.¹⁴⁵ No entanto, há relatos de despachos feitos e jogos terminando empatados. Entre despachos e superstições, muitos jogadores não abrem mão das crenças ou de um *despachozinho*, diante de um jogo importante, diz Aury Cunha, o Carioca. Umbandista declarado, Carioca é sempre solicitado para tirar influências negativas; como ele mesmo diz: “eu sou um instrumento. Instrumento de alguém que está por trás de mim, me segurando, me protegendo”. Entre os jogadores que pedem sua ajuda antes de entrar em campo, Carioca relacionou Éder, Luis Carlos e Jeancarlo. Diz que “...o próprio Jean, que foi para o Japão, não entrava em campo se eu não o benzesse primeiro. Outro é o Welder que está

¹⁴⁵ Durante as nossas pesquisas, estivemos presente em quatro jogos do Bahia, sendo dois jogos em Salvador e dois jogos fora de casa. Nos dois últimos jogos, do campeonato brasileiro de 2002, a equipe do Bahia precisava da vitória para não ser rebaixada para a Série B do Campeonato Brasileiro, em 2003. Em seu último jogo com a Portuguesa de Desportos, em 17.11.2002, no interior Paulista, não identificamos nenhuma situação que revelasse rituais, conforme o senso comum atribuído a essa equipe. Identificamos, conforme investigação, cinco jogadores pertencentes ao grupo *Atletas de Cristo*, da equipe titular.

em Portugal. Mesmo jogando lá, ele está protegido aqui. O Alex Santana também não jogava sem receber proteção”.

No futebol brasileiro, o símbolo da tradição, entre os atores, é o massagista. É ele quem possui trânsito livre entre todos os atores, conhecendo os meandros da equipe, de cada jogador, “...as manhas dos técnicos e as possíveis puxadas de tapetes de um ou de outro”. “São eles, os massagistas que procuram ‘meios’ para que um jogador vá bem, além de fazerem ‘preparos’ para o jogador sarar de uma contusão, pancadas ou de dores que não param”. “...na verdade eles conhecem todo mundo e podem derrubar esse ou aquele, e muitos jogadores vão fazer sua *fezinha* com o massagista”. Essa *fezinha* revelada por jogadores e pelos próprios massagistas em nossas entrevistas é o segredo, a procura por algum meio que possa dar ao jogador possibilidades de continuar galgando a posição. “É aí que entra e aparece o doping, que o massagista arranja”, declara um preparador físico (Professor de Educação Física), “... e sabe porquê? Porque é o que menos ganha e uma caixinha no final do mês faz bem... (rindo nos diz): “isso também tem no futebol”. No decorrer de nossa pesquisa, ao indagarmos técnicos, preparadores físicos, médicos, jornalistas e fisioterapeutas sobre a possibilidade de uma área técnica ser substituída por outra, as respostas foram unânimes – “Um preparador físico pode muito bem substituir um técnico” ou “um fisioterapeuta pode substituir um médico e vice-versa”, conforme revelaram os atores. No entanto, para eles, o massagista não pode ser substituído, nem mesmo por um profissional que tenha conhecimentos da área médica. São os massagistas que dão o tom no conjunto da equipe. Pandeiros, bumbas e repiniques correm por conta dos massagistas. São eles que cuidam, “amaciam o couro”, conforme fomos informados, além de guardar e zelar pelos instrumentos: “o jogador camarada do massagista tem muito a ganhar”, revela um ator.

São eles os elos de continuidade dos elementos tradicionais no futebol. São os massagistas que “cuidam” e “mantêm” o altar nos vestiários assim como as velas acesas, diuturnamente, quando de movimento dos atores. Se porventura existe oposição quanto os espaços serem de trânsitos de diferentes crenças dos atores, o seu espaço, a sala de massagem ou almoxarifado constitui o reduto da expressão e acomodação dos elementos tradicionais.

Pai Santana, famoso pelos “trabalhos” que faz por sua equipe, o Vasco, diz que num time de futebol, é difícil um roupeiro ou massagista que não faça um “trabalhinho”. Santana, massagista do Vasco da Gama, atribui esse “serviço” aos roupeiros e ao massagista. Essa argumentação está bem representada em Robério Malof, roupeiro do Vitória, equipe da primeira divisão do Espírito Santo. Supersticioso e com 37 anos dedicados ao futebol, não havia jogo que Robério não espalhasse sal grosso no vestiário e em partes do campo. Aonde ia, levava uma imagem de *Nossa Senhora Aparecida*. Em casa, tinha outra imagem, que alternava a cada etapa de jogos, além da *Pomba Gira e do Negro Velho*.¹⁴⁶ Nessa miscigenação de imagens e de entidades do catolicismo popular com a Umbanda e o Candomblé, o futebol brasileiro consiste numa grande articulação de crenças, construído e sustentado por seus atores, acompanhados pelos torcedores.¹⁴⁷

Essa configuração que se desenrola permitindo a cada ator desempenhar seu papel no contexto do futebol e, nesse caso, aqui, o massagista, é histórica. Buru, jogador de futebol na década de 1950, nos revela que

“no meu tempo quando você precisava de um massagista para um time procurava alguém que sabia fazer unguento, compressa com folhas, cânfora e remédios caseiros. E daí quem sabia fazer isso geralmente era alguma pessoa que benzia, fazia remédios. E essa tradição ficou”.

Sustentar tradições no futebol ou se valer delas para alcance de um objetivo não cabe somente aos atores que não revelam conhecimento acadêmico na execução de desempenho de seus papéis. O jogador Armando, quarto zagueiro do *E. C. XV de Novembro de Piracicaba, Corinthians Paulista* (1978), e que permaneceu sete anos no futebol grego, diz:

Logo quando comecei tinha um professor (preparador físico) que motivava todos nós, dizendo que estávamos bem fisicamente. – Vocês conseguem correr noventa minutos e depois tomar uma coca-cola de ponta-cabeça. Todo jogo antes de entrar e no final a gente tinha que pesar. E toda pergunta que nós fazia [jogadores] existia uma resposta bem definida [científica]. Mas assim que todos saía do vestiário, ele pegava sua prancheta e a gente podia ver um talismã que ele dizia que era pra dar sorte... ele não queria que ninguém machucasse em suas mãos.

¹⁴⁶ São entidades da Umbanda.

¹⁴⁷ Toledo (1996) trata desse tema em seu livro *Torcidas organizadas de futebol*.

O discurso reflete dois modelos distintos: de um lado as “respostas bem definida” e de outro “um talismã que era pra dar sorte”. Se o contexto do futebol brasileiro revela faces distintas, cabe como contraponto argumentar sobre sínteses teóricas que procuram explicar pontos divergentes e convergentes dessas faces.

J. Habermas (1989) dialogando com H. Marcuse em *Ciência y técnica como 'ideologia'* busca em M. Weber para explicar o conceito de racionalidade. Racionalidade é a “institucionalización del progreso científico y técnico” e na “medida en que la ciencia y la técnica penetran e los ámbitos institucionales de la sociedade, transformando de este modo a las instituciones mismas, empiezan a desmoronarse las viejas legitimaciones” tradicionais. E prossegue, “la secularización y el “desancantamiento” de las cosmovisiones” implica na perda da *tradição* mostrando outra face da racionalidade. Um mundo desencantado de seus mitos e de suas tradições. Mas há outra conceituação apresentando um recorte na produção, conforme Weber postula, no qual – a racionalidade baseia-se no cálculo, na adequação de meios e fins, procurando obter um mínimo de dispêndios, um máximo de efeitos desejados, evitando-se ou minimizando-se todos os possíveis efeitos colaterais indesejados (Freitag, 1993).

Percebe-se que embora o sociólogo alemão J. Habermas use de uma referência para explicar o conceito no interior de um possível debate acadêmico, não implica que o mesmo o adote. No entanto, não é esse o propósito que estamos querendo atingir nessas reflexões. Se o trabalho da racionalidade nas instituições implica no desmoronamento das velhas tradições e no desencantamento das cosmovisões, no contexto do futebol brasileiro, de acordo com as informações colhidas, a racionalidade ainda não foi suficiente para apagar o desencantamento que ainda faz parte do imaginário dos atores que permeiam os diversos cantos institucionais do futebol.

É possível identificar nas palavras do ator Armando quando revela que um profissional, embora possuísse todo um verniz científico para explicações, a busca de sua “segurança” traduzida no animismo de um objeto que configurava como recurso para suprir sua própria segurança. Aqui se revelam duas distintas situações: de um lado um profissional (Professor de Educação Física) que busca nos conhecimentos racionais explicações e respostas às questões que não colocam em risco sua segurança material. Na continuidade, o

próprio profissional ao usar um objeto põe à mostra as “velhas tradições”, para que na insegurança de suas *representações imateriais* busque/encontre guarida na *tradição*, pois não consegue controlar as “interferências” que agem, caso algum jogador em suas mãos venha se acometer de algum fortuito casual. Em outro discurso quando o dirigente do Corinthians salienta que “aqui é moderno, nós não acreditamos em misticismo” legitima a ocupação desse espaço no contexto do futebol pela racionalidade.

E, afinal, de que lado caminhar? E os profissionais, hoje, no futebol, como se posicionam? Os médicos, fisiologistas, professores de Educação Física, nutricionistas? Parece-nos que o verniz que envolvia os “jogos populares” antes da passagem para o esporte moderno, ainda resiste nos atores do mundo moderno. A necessidade de acreditar sempre se mostrou mais poderosa que a busca da verdade e seríamos péssimos observadores em crer que as tradições culturais no futebol possam um dia serem erradicadas dos espaços no contexto futebol. Há e existe no homem uma função intelectual que exige unidade, conexões e inteligibilidade, mas que em conseqüências especiais e remotas, se essa função intelectual não conseguir estabelecer conexões verdadeiras, ela não hesita e cria uma falsa e aí não importa o ator. Seria aí, então, o motivo da superstição no futebol? O técnico de uma equipe do interior de São Paulo nos diz: “na verdade a busca da segurança própria e de uma regularidade das coisas faz o jogador acometer de suas tradições mas isso não implica esquecer seus compromissos”. Essa segurança, essa instabilidade é o que faz com que o goleiro, constantemente, se utilize de seu par de luvas e sente-se mais seguro, mas não está inteiramente convencido de que só isso basta para evitar gols ou sofrer um vexame de uma goleada. Entre acreditar na certeza buscando referências na determinação da regularidade dos acontecimentos é melhor se precaver e aí “espalhar sal grosso pelo vestiário”, “usar de um talismã”, “tomar um banho de mastruz”, “usar o mesmo uniforme”, “energizar/animar medalhas”, acreditar na seqüência de numerais, empreender peregrinações, ter liberdade de acreditar etc., que são formas de acreditar que os acasos possam ser controlados e que dos atores não foram desvendadas suas tradições. Como disse um ator para nós – “e se superstição levasse cartão vermelho, então poucos jogadores e técnicos permaneceriam em campo”.

E como sair dessa ambivalência? Se as tradições terão continuidade pois não haverá respostas da ciência para as questões que afligem os homens, a continuidade à verdade

procurada será aquela que mais satisfizer as necessidades. Mas não se abraçará uma doutrina que tem a oferecer uma vida sem rumo e que não garanta o caminho do conforto. Quando no século XIX o Iluminismo outorgava à ciência que “o universo daqui pra frente não tem mais mistério” não previu que duas evoluções paralelas seguiriam. Em ambas há justificativas, visões de mundo e utilizam-se os recursos da inteligibilidade para os fatos produzirem sentidos. Ambas as evoluções deixam abertas às tentativas diferentes para dar segurança e dar sentido aos acontecimentos e que na falta de uma explicação plausível de uma evolução há ocupação dos *espaços* pela outra.

CONCLUSÃO:

reflexões para continuarmos jogando

Geralmente, quando iniciamos um estudo acadêmico, procuramos escolher um caminho que permita uma investigação promissora. Há um outro lado da escolha que faz referência ao pesquisador, experiências que ele tenha passado ou algum fato que revele necessidade de pesquisar. E foi o que sucedeu. Algumas vivências nos trouxeram a este estudo e receberam contornos acadêmicos, no entanto, aos que querem ter contato com as experiências reservamos um momento para os detalhes.

Concluir uma tese tem alguma semelhança com o final de uma partida de futebol: é sentir a tensão do jogo que está em seus últimos momentos, ganhando de um a zero e, a todo momento ouvir os gritos: “já acabou”, “prende a bola” e “já está nos descontos”, mas o jogo continua e o apito não vem. Há muito, ainda, para ser jogado. Os segundos se perpetuam e com as forças já esgotadas parece que o apito final tarda a ser ouvido. A zaga passa a dar chutes e qualquer aproximação motiva a reclamação. A atenção passa para o árbitro que, semelhante ao orientador, decide se o *jogo* continua ou não.

O estudo, em suma, contou com uma problemática para ser discutida. Tratou de duas dimensões de análises distintas, mas que, durante o percurso, estavam relacionadas e entendemos que deveriam ser pensadas com apenas um referencial teórico. Tratamos do *esporte moderno* escolhendo uma modalidade esportiva, aqui, neste estudo, o futebol e dos elementos *tradicionais e modernos* nele existentes. Para tanto, delimitando o estudo, procuramos analisar o interior do futebol a partir de seus atores e detectamos a *cultura popular*, com distinção para a religiosidade, e suas diversas características.

Partindo para essa fase, finalizamos o estudo usando o último referencial. Buscando as palavras de Roger Bastide, antropólogo francês, o autor discute as religiões africanas no Brasil, a memória coletiva nas estruturas atuantes da sociedade brasileira: “há dois tipos de lembranças, as motoras e as intelectuais. As representações coletivas e os mitos resistem melhor quando compreendidos nas tramas dos gestos”. Logo adiante, Bastide irá construir e indicar as condições das lembranças transmitidas. Para o antropólogo, as lembranças, como a

cultura religiosa e as crenças, só subsistem quando podem ser introduzidas nas estruturas da sociedade. No caso, aqui, a *cultura popular* no futebol e suas faces subsistem. Subsistem porque funcionam em simbiose com a sociedade brasileira, com suas crenças, com sua cultura mediada pelo povo, carregada de detalhes que se cristalizam no coletivo justificando os diversos ritos do dia-a-dia.

O esforço empreendido no decorrer deste estudo logrou êxito no momento em que identificamos, no seio do futebol, a possibilidade de seus agentes manifestarem a cultura, apreendida nas diversas estruturas sociais e interagirem no grupo com rituais que garantem a possibilidade de sua continuidade. Se em Roger Bastide possibilitou entender que a continuidade da cultura “...só é possível no interior de alguma estrutura da sociedade”, o futebol mostrou ser capaz de ser essa estrutura, acolhendo o cotidiano de seus atores, transformando-o, apropriando-se e criando novos contornos, mantendo a cultura viva na memória coletiva. Mas há uma outra configuração na qual a coletividade não significa caminhos livres, autônomos e emancipatórios. No contexto do futebol, as manifestações culturais favorecem a construção de diversos cenários onde o corpo/ator não está livre das possibilidades da dominação diante dos reais interesses subjacentes.

A resistência da população negra, pobre e excluída do processo urbano e social da Região Sul, deu condições de esse setor, o futebol, intermediar e servir de anteparo à continuidade de uma cultura. Cabe aqui ressaltar um fato importante. As palavras de nossos atores fazem-nos refletir que o futebol é um *locus* típico para o *popular* aparecer”.

Nas argumentações de Guttmann e DeFrance, a diversificação e a introdução do esporte europeu se deram pelo domínio que as sociedades européias impuseram às colônias e às sociedades com as quais mantinham relações econômicas, o que identificamos no Brasil. E sobre o Brasil, que reflexões elaboramos quanto à aceitação do esporte britânico? Discutimos, no decorrer dos estudos, que Cuba tem faces culturais que espelham semelhanças com o Brasil; no entanto, na área esportiva, não revela o mesmo gosto e a mesma estética para praticar o futebol. Assemelha-se à hegemonia imperialista e de domínio norte-americano sobre aquela ilha no momento em que o futebol iniciava sua disseminação para a América. Hipoteticamente, julgamos que, caso se antecipasse a hegemonia cultural dos EUA na

sociedade brasileira e no continente sul-americano, claramente poderíamos identificar a cultura/esporte “das mãos” imperando em nossa cultura esportiva e teríamos o *baseball* como “paixão nacional”, assim como encontramos em Cuba, Nicarágua, República Dominicana, Porto Rico e outros. A América Latina revelaria claramente a adoção de modalidades norte-americanas misturadas aos elementos da cultura de cada local, assim como transcorreu no Brasil.

Os praticantes da cultura corporal esportiva, no Brasil, no início das primeiras décadas do século XX, foram aquela “gente fina” de “ar aristocrático” que assimilavam toda “cultura” européia negando a *cultura nativa/local*, em favor de uma cultura moderna, higiênica e que lhe trazia distinção. Logo, entendemos que, se a dominação fosse norte-americana, essa mesma constatação histórica ocorreria, embora o esporte britânico, para se alastrar, tenha cumprido muitas etapas para ser aceito. No Brasil, a difusão do futebol consumiu algumas décadas, primeiro pela imensidão de seu território e segundo pela lentidão com que se cruzaram os relacionamentos entre as diversas regiões. No entanto, chegamos a refletir que o futebol passou a ser o interlocutor cultural a garantir uma linguagem homogênea no território brasileiro.

Mas o que levou e o que permitiu uma prática estranha a nossa cultura, dentre outras existentes, a tomar e ganhar corpo em todo o território e constituir parte de nossa cultura? Conforme Rufino dos Santos, para os desescravizados, repreendidos por sua cultura religiosa, pobres, desempregados o que poderia ser escolhido para preenchimento do tempo disponível era o futebol. Caso a escravidão tivesse seu término oficial duas décadas antes de 1888, deixamos uma pergunta: como seria o tempo livre dessa gente miserável, sem emprego, negra, recém-saída da escravidão que permanecia nas ruas e vielas dos grandes centros urbanos? Uma outra história seria contada e esse segmento não teria opção pela cultura esportiva do futebol.

A modernidade urbana permitiu, entre outras questões, firmar importantes simbioses culturais no interior do futebol. Essa ressignificação propiciou os elementos que se consubstanciaram em dinâmicas reorganizações e organizações sociais de operários e o desenvolvimento do futebol no interior de São Paulo nos deu mostra dessa possibilidade. A

fundação de clubes, tendo na organização de trabalhadores e operários de diversos matizes, propiciou a entrada de elementos culturais de cada região possibilitando que trocas culturais amalgamassem em diversas estruturas sociais permitindo em cada local onde o futebol se desenvolveu, que fosse se modelando e absorvendo a sua feição cultural, imprimindo contextos simbólicos e não deixando de expressar e conter tensões culturais e sociais. Assim, mergulhando mais profundo nos registros históricos, as associações esportivas criadas por operários se identificaram tanto e se identificam até hoje com a região, cidade e o bairro. A A. A. Ponte Preta revela essa identidade. Embora não fosse escopo de nosso estudo, o deslocamento para o futebol no interior de São Paulo merece continuidade de investigação, pois possui incontáveis registros históricos que podemos resgatar para a historiografia e para o campo das Ciências Sociais.

Foi pelas falas de nossos informantes que foi possível identificar como são processados os elementos *tradicionais* no futebol. Entre esses apareceram a *religiosidade popular*, contida no *catolicismo popular*, com seus encantamentos, suas devoções e crenças mágicas, sobressaindo entre os demais elementos *populares* que partilham e são conhecidos do público esportivo. Na convivência desses espaços (vestiários, ônibus, alojamentos) presenciamos faces do cotidiano expressadas pelos atores, cujas devoções e superstições surgem em dois momentos: num primeiro momento as devoções e as superstições apontavam para uma relação circunstancial, em que o estado emocional do ator produzia configurações do cenário. Num outro momento, a relação ator e os elementos culturais ocorriam independente das circunstâncias, como algo próprio do sujeito/ator. Nas informações, vimos que, correspondência ao *esporte moderno*, a cultura dos atores se manifesta, arrastando tanto jogadores, como dirigentes, técnicos e torcedores, o que nos possibilita argumentar que elementos tradicionais da cultura e aspectos modernos do esporte caminham a par no futebol. Nesse *paralelismo*, vimos a necessidade de um profissional com conhecimentos sociológicos vir a ocupar as hierarquias existentes num clube de futebol com a missão de relacionar e permitir o trabalho de todos os demais profissionais entre os diversos setores e áreas que ocupam o mesmo espaço, diante das diferenças individuais encontradas. Tal missão seria contínua, revelando o homem/jogador e suas relações em diversos níveis. No entanto, a eminência desse profissional (sociólogo do esporte) é possível quando o futebol apresentar característica/estrutura profissional.

A cultura dos “coronéis”, - aqui traduzindo para presidentes e dirigentes dos clubes de futebol - foi uma das faces tradicionais identificadas que recebeu uma atenção menor neste estudo. Essa “cultura” é semelhante à política típica dos provedores de Instituições Sociais, nas quais uma *personalidade* abonada financeiramente tudo “banca” e aqui, transferindo-se para clube de futebol, os presidentes de clubes, pessoas ilustres, que, em seus *feudos*, manifestam um domínio carismático tão presente no futebol atual.

Essa característica encontrada nos clubes de origem popular é criticada pelos discursos modernos, pois o desenvolvimento do futebol extracampo reside e encalha justamente nos homens que dirigem as instituições e as instâncias burocráticas do futebol brasileiro. Na desapropriação dos espaços burocráticos, os discursos modernos se apóiam na legislação, no entanto, a força do tradicional prevalece: ora é Lei Zico, ora é Lei Pelé para consubstanciar a Lei anterior. Hoje é *Lei do Desporto Nacional*, logo é *Estatuto do Esporte*. Embora não tenhamos realizado incursões sobre essas Leis, elas e outras legislações vêm no sentido da moralização ou para dar nova face às estruturas do futebol, procurando maquiagem ou realizar uma cisão cirúrgica, na tentativa de extirpar os “nódulos ruins” do futebol brasileiro, conforme um informante.

A aceitação dos recursos modernos não ocorre pela organização administrativa e burocrática, mas pela personalidade do dirigente do clube. No Capítulo 1, recorreremos a M. Weber que nega a personalidade nas estruturas burocráticas, pois esta mantém todo dogma e resíduos da tradição. Os informantes forneceram elementos da permanência da personalidade, aqui referindo ao presidente do clube, para quem a “aceitação dos recursos modernos” está sujeita à vontade pessoal do dirigente máximo. Embora o futebol caracterizado como um produto típico da modernidade em todos os meios em que possa ser comercializado (imprensa, mídia, TV etc.) tem suas estruturas dirigidas por “vontades” tradicionais e pessoais, e a departamentalização dos clubes não se preenche pela fixação de objetivos contínuos, mas pelo carisma “alheio a todas as normas”. Entre conceitos como “vontades pessoais”, “falta de objetivos contínuos” e a permanência de resíduos da tradição, a figura do líder carismático negligencia a ordem racional institucionalizada na burocracia, e impõe aos seus seguidores a sua vontade e seus poderes são ativados para enfrentar a crescente burocratização. Isso não ocorre de forma gratuita, mas reside na desconfiança que na

ocupação dos espaços do futebol pelos “novos profissionais” implica na perda do controle e do poder que mantém o domínio sobre seus súditos.

Segundo os discursos colhidos na bibliografia, os novos recursos, instrumentos e equipamentos da ciência adentram ao contexto do futebol e na formulação de suas propostas promovem rupturas com os pressupostos adquiridos anteriormente agindo estrategicamente na possibilidade de conquistas de domínios e dos novos espaços.

O *tradicional* tem o seu poder de continuidade. É na figura do técnico e seu *saber*; do dirigente que como pai e líder dá motivação e dá proteção aos seus atores; dos conhecimentos e dos costumes resultantes do acúmulo de experiências que se encontram nos atores que vivenciaram múltiplas relações sociais. São elementos e faces culturais que não estão separados da vida cotidiana e no futebol se transfiguram. Aí despontam simbologias que são expostas e rituais que são cumpridos: a obediência às cartilhas, aos técnicos, o apoio aos companheiros líderes. Isso concorre para que cada ator seja um transmissor da continuidade dessa corrente que pretende continuar a ocupando os *espaços* do futebol.

Residem, ainda, nesses espaços permeados pelo tradicional, “os intocáveis”: os massagistas, conforme constatamos, cujo saber dentre os profissionais ainda não sofre oposição. O técnico é perseguido pela sombra do preparador físico que embora no campo de jogo não tenha acumulado conhecimentos poderá ocupar um *espaço* em nome do *saber* acadêmico. O dirigente tem em seu encalço o empreendedor, o economista ou os profissionais da administração aplicada, que desconhecendo os “subterrâneos” do mundo do futebol atraem para si a confiabilidade dos saberes constituídos nas ciências analíticas e burocráticas para dirigir um clube.

Se no *tradicional* a continuidade de seus saberes são expressos nos rituais dos atores que traduzem e sustentam “suas forças”, são estabelecidas práticas fortemente codificadas, que projetam em diversas configurações: religiosidade, comportamentos, hábitos, obediências. O moderno assim também se move nesse espaço. Os rituais se exprimem nas máquinas dos treinamentos, nas metodologias dos trabalhos de força, nas exposições das estéticas que independente da ética são manifestadas nas curvas dos corpos. O moderno

projeta e exalta um gigantesco espetáculo tendo o corpo, seus músculos e suas capacidades energéticas como palco para suas apresentações.

O espaço do futebol é um universo político. Aqui, convém lembrar que qualquer universo político é um cenário de dramas com sucessões de mudanças: de valores, simbólicas, políticas e de domínio de uma determinada figuração (cena). Genericamente, um cenário político é um lugar dramático onde são produzidos efeitos, onde corporalmente esses efeitos são traduzidos.

Passadas décadas, desde as lembranças áureas contadas nas crônicas de Nelson Rodrigues, o que mudou no futebol?

Substancialmente foram técnicas que podem ser usadas tanto pelos modelos *tradicional* e *moderno*, segundo suas necessidades, cujas forças de continuidade são teatralizadas individual e coletivamente e, sobretudo o que se percebe é que as cenas apresentadas pelos atores continuam *aparentemente* promovendo uma conformidade.

Em nossa problemática perguntamos se os *novos recursos* (saberes) conflitam com as *faces tradicionais* existentes no futebol. Os cenários apontam para uma resposta positiva, embora esses conflitos não sejam aparentes, mas promovem lutas tendo como campo de ação o próprio ator/corpo. Isso nos faz lembrar M. Foucault, mostrando que o conhecimento racional em vez de ser a expressão desinteressada da verdade é sempre a manifestação de uma vontade de dominar. *Poder* e *saber* constituem uma dicotomia que se reforça numa relação de convergências: o *poder* cria o *saber*, do mesmo modo que o *saber*, cada vez mais elaborado legitima o *poder*. E em que cenário isso apresenta? No corpo. Atribuindo a Foucault, - o corpo é local de resistência, de luta entre concepções diferentes, de comportamentos e de mundo. Aqui, não podemos entender o corpo como um local de reprodução absoluta, que só sirva de instrumentação do poder das instituições. Bem, sabemos que quanto mais o corpo é vigiado e controlado, a sua ação de revolta é maior contra essa vigilância. Foucault nos leva a este cenário, o qual para nós ficou explícito nas estratégias das novas metodologias modernas, no interior do futebol:

“O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: **a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular** (gn), a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um **trabalho insistente, obstinado, meticuloso** (gn) [...]” (Foucault, 1979, p. 147).

E como resgatá-lo?

Ora, - não é simplesmente uma posição acadêmica que consiste em metodologizar novas formas do trato com o corpo - e, voltando a Foucault, ele nos diz: “mas, a partir do momento em que o *poder* produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder” (ibid.)

E, perguntamos: há oportunidades que permitem um início de uma nova luta contra os domínios do corpo?

Esse início ocorre quando as manifestações culturais podem ser traduzidas como um ato de superação das causas objetivas e emocionais, nas quais há possibilidades de reorganização individual e coletiva. Essa oportunidade inicia quando aumentam os laços do coletivo, das equipes, dos grupos, onde os atores que os compõem possam entender que as causas materiais que ocorrem são produtos de sua própria prática, logo, possíveis de mudanças por quem as criou. Não cabe aqui construir fantasias e dar o grito de vitória. A *superação* resulta na interação do sujeito com as situações *dialógicas* na construção de um saber *epistêmico*, que possa criar rupturas com os pressupostos anteriores (práticas não-refletidas). A *superação* continua quando os profissionais que desempenham seus trabalhos se comprometerem primeiramente com o sujeito, com seus interesses emancipatórios.

E quais são as ações práticas? Quando os *valores* e *verdades* tidas como absolutas forem debatidas por todos os que compõem o cenário do futebol. Como? Respondemos perguntando: quais são os discursos que produzem e reproduzem os períodos de *concentrações* pré-jogo das equipes de futebol? Não seria essa *uma prática não refletida* em que os atores, a partir de um estado de reflexão, possam superar a continuidade deste *poder*? Que discursos estão contidos numa cartilha que proíbe devoções religiosas dos jogadores, seja

no clube ou nas concentrações? As respostas são similares mesmos que os recortes dos objetos sejam diferentes.

A reflexão, aqui, no caso, não são impressões diretas da fonte imediata separada do mundo material. Cairíamos no idealismo. Mas a superação que promove as *rupturas* com as *práticas não refletidas* pode ser encontrada nas ações aderentes ao mundo material. Poderíamos argumentar exemplificando que o período da “democracia corintiana” seja uma tentativa de superação, onde *valores e verdades absolutas*, foram contestadas e colocadas ao debate/a reflexão pelos atores que compunham o cenário do futebol, naquela oportunidade. Talvez outros momentos e fatos tenham suscitado no futebol, no entanto não foram revelados ou não tiveram a dimensão de constituir como informação.

Vamos dialogar com Balandier os últimos momentos da oposição do *tradicional e moderno*. Para Balandier, a expansão da técnica, da ciência, sempre foi uma ameaça à natureza das coisas, tornando cada vez menor a distância entre o natural e o artificial, portanto o que separa o vivo do “mecânico” e do “humano”, do organismo da máquina e do organismo do homem, é justamente nessa tentativa de aproximação que se cria a localização das incertezas. Balandier (1999), procurando traduzir os discursos da modernidade, argumenta que - a técnica, a ciência é uma forma de governar a sociedade, os homens, na tentativa de reduzir os desafios, os riscos e aperfeiçoar a gestão das estruturas e das coisas. Suas técnicas não são neutras, pois estão subjacentes a um determinado *poder*, no qual encontra institucionalizada a vida cotidiana, traduzindo-se na esfera política, na ação calculada e na atuação competente de seus representantes, - e que não se encontra visível, lembrando Foucault. A *racionalidade*, o fim de uma certeza acabada, é um mito que a ciência constrói sucessivamente, por meio de suas etapas; portanto, se, num determinado período, a aplicação de técnicas de profissionais constituídos no futebol não foram suficientes para ocuparem *espaços*, isso permite entender que o conhecimento aplicado não se encontrava em condições de se opor ao conhecimento *tradicional*, dentro dos objetivos propostos.

O *tradicional* parte de um conhecimento *totalizador* em suas explicações, tendo o sujeito/ator influenciador das motivações e resultados das ações em oposição às explicações do moderno que identifica não o sujeito/ator, mas as metodologias, as técnicas e projetos para

alcançar os objetivos. Se no futebol vemos a existência de *elementos tradicionais*, é devido às situações nas quais o ator não reúne condições de *manipular* as circunstâncias materiais; busca, portanto nas forças que transcendem a materialidade (encontra-se na cultura, religião, crenças) por meio da qual pode, mutuamente/coletivamente, alcançar seus objetivos.

Retornando a Balandier, o autor argumenta que - a *totalidade do tradicional*, - trata de um retorno à natureza, - onde a *cultura* se investe do poder de manter viva e ensinar antigas sabedorias e de revelar os *valores* desconhecidos ou esquecidos, nos quais a técnica e a ciência se tornaram ascéticas. Mas há de sermos cautelosos. É legítima a reação de buscarmos o “retorno à natureza”; é uma forma de opormos ao caráter instrumental e às idéias iluministas, mas ao mesmo tempo pode incorrer em simplificações na busca desse retorno. A nós parece ser perigoso esse resgate, pois estaríamos nos aproximando das posições típicas de poderes/correntes conservadoras, que rejeitam as teorias e conhecimentos da modernidade, que permitiram, um dia, superar as antinomias da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, J. Luiz dos. *O moderno e o tradicional no futebol: discursos de ex-jogadores de futebol*. In: *Anais do Congresso científico latino-americano, 1., 2000. SP: UNIMEP*, p. 461.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol na *Light & Power* de São Paulo. In: *Futebol: síntese da vida brasileira. Revista Pesquisa de Campo, UERJ, n. 3/4, 1996*.
- AVALLONE, Roberto. *As incríveis histórias do futebol*. São Paulo: Tipo Editora, 2001.
- BALANDIER, Georges. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____, *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.
- _____, *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: USP/Pioneira, 1960, 2º. v.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORDIEAU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- BROHM, Jean Marie. *Critiques du sport*. Paris: C. Bourgois Éditeur, 1976.
- BRUNHS, Heloísa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira*. Campinas: Papirus, 2000.
- BOUET, M. *Signification du sport*. Paris: Editons Universitaires, 1968.
- CAILLOIS, Roger. *Les jeux et les hommes*. Paris: Gallimard, 1958.
- _____. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- _____. *L'homme et le sacré*. Paris: Éditions Gallimard, 1950.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARDOSO, Maurício. *Cem anos de olimpíadas*. São Paulo: Scritta, 1996.
- CLEMENT, J. P. *Sport et pouvoirs au XXe siècle*. Grenoble: Presses Universitaires, 1994.
- CORRÊA, Norton F. O Batuque do Rio Grande do Sul: uma visão panorâmica. In: TRIUMPHO, Vera (org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. P. Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- CRATTY, Bryant J. *Psicologia do esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

- DaMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DaMATTA, Roberto. *Esportes na sociedade: futebol como drama nacional*. Rio de Janeiro: Vozes, In: *Revista Concillium*, 1989.
- DaMATTA, Roberto. *Os ritos de passagem de Arnold Van Gennep e o limiar da antropologia moderna* (prefácio à obra de A. Van Gennep). Petrópolis: Vozes, 1978.
- DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, jun./jul., 1994.
- DaMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar – os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. In: *Revista Motus Corporis*, vol. 5, n. 2, nov. 1998.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e futebol*. Campinas: Unicamp, 1997.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEFRANCE, Jacques. *Sociologie du sport*. Paris: La Découverte, 1995.
- _____. *Comment interpréter l'évolution des pratiques sportives?* Paris: Sprit, abril 1987, p. 139-147, número especial.
- DIEGUEZ, Gilda Korff. *Esporte e poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- EITZEN, D. Stanley; SAGE. George H. *Sociology of american sport*. Iowa: Brown Company Publishers, 1978.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Economica, 1994.
- ENDLER, Sérgio. *Tesourinha*. Porto Alegre: RBS/Tchê, 1984.
- FERRARINI, E. *A tribo do futebol*. Portugal: Europa-América, 1981.
- FLORENZANO, José Paulo. *Afonso & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1989.
- _____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1979.
- FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio, In: *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, 1947.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

- GORDON, César C. “Eu já fui preto e sei o que é isso: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. *In: Revista Pesquisa de campo* Rio de Janeiro: UERJ n. 3 e 4, 1996.
- _____. História Social dos negros no futebol brasileiro. *In: Revista Pesquisa de campo* Rio de Janeiro: UERJ n. 2, 1995.
- GOUSSINSKY, Eugenio; ASSUMPÇÃO, J. Carlos. Deuses da bola: histórias da seleção brasileira de futebol. São Paulo, Dórea Books, 1998.
- GUTTMANN, Allen. *Games & Empires: modern sports and cultural imperialism*. New York: Columbia University Press, 1994.
- _____. *From ritual to record.: nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1979.
- HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa (Capítulo V)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____. *Ciência y técnica como “ideologia”*. Madrid: Editorial Tecnos, 1989.
- HELAL, R. & LOVISOLO, H. & SOARES, Antonio J. *A invenção do País do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSBAWN, E. *A era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JESUS, G. Mascarenhas. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2001.
- _____. Gilmar M. Os esportes e a modernidade urbana: o Advento do futebol no Brasil. *In: Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- JOLIBOIS, R. P. *L’initiation sportive, de l’infance á l’adolescense*. Tournai: Casteman, 1992.
- LAZZAROTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- LOPEZ, E. Mira Y & SILVA, Athayde Ribeiro da. *Futebol e psicologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira SA 1964.
- LOVISOLO, Hugo e LACERDA, Yara. Reencantando as quadras: basquete e espiritualidade. *In: Revista Estudos históricos*, vol. 13, 23, p.73-86. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- LYRA F. João. *Introdução a sociologia dos desportos*. Brasília: Bloch Editores MEC, 1973.

- MAGNANI, José Guilherme C. Antropologia e Educação Física. In: *Educação Física e Ciências Humanas*, CARVALHO, Yara M. & RUBIO, Kátia (orgs.). São Paulo: Hucitec, 2001.
- MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, 1964.
- _____. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, 1947.
- _____. *O sapo de arubinha: os anos dourados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, s/d.
- MATOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia no futebol carioca*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre o dom. S. Paulo: EPU. In: *Sociologia e Antropologia*, 1992.
- _____. *Ensaio de sociologia* (Capítulo: Parentescos e gracejos). São Paulo: Perspectiva, 1999.
- MAZZONI, Thomas. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo: Olympicus, 1939.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de Sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- MYRA y LOPES. *Um psicólogo na seleção* (s/d), 1964.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Futebol: os santos guerreiros contra o dragão da maldade*. In: CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro; DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *Mauss*. Séries Grandes Cientistas Sociais. Campinas: Ática, 1992.
- PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
- _____. *Memórias de Porto Alegre: espaço e vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS e Pref. Municipal, 1991.
- PILATTI, Luiz A. *Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro*, Tese Doutorado em Educação Física. FACEF da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
- PRONI, Marcelo W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese Doutorado em Educação Física. FACEF da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O campesinato brasileiro*. S. Paulo: Vozes (EUSP), 1994.

- RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- RIGO, Luis C. *Memórias de um futebol de fronteiras*. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação. Campinas: UNICAMP, 2001.
- RIBEIRO, Alexandre D. *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*. São Paulo: Dórea Books, 2001.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. *Revista Argumento*, São Paulo, ano I, n. 4, fev. 1974.
- _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva EDUSP, 1993.
- SAHLINS.M. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I)*. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr.1997 (p. 41-71).
- SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- SANTOS. Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO. José Marcos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.
- SANTOS, Roberto. O negro no Rio Grande do Sul: uma realidade além do mito. In: TRIUMPHO, Vera (Org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991a.
- _____. Três pontos de reflexão sobre o negro no Brasil: resistência e luta. In: TRIUMPHO, Vera (Org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991b.
- SARNO. Francisco José. *Futebol: a dança do diabo*. São Paulo: Milesi, 1980.
- SILVA, Wagner Gonçalves da. As esquinas sagradas: o candomblé e o uso religioso da cidade. In: MAGNANI, J. Guilherme Cantor; TORRES, L. L (Orgs.). *Na Metrópole*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Malandragem e futebol*. Vitória: CEFD, 1995.
- _____, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: reeleitura da história oficial*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, PPGEF, Tese de doutorado, 1998.

- _____. *História e invenção de tradições no campo do futebol*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. In: Estudos Históricos – esporte e lazer (23), 1999.
- SOUZA. Kleber Mazziero de. *Divino: a vida e a arte de Ademir da Guia*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.
- STRAUSS. C. Lévi. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- TEIXEIRA. Maria Lina Leão. Re(in)venção das tradições. In: CAROSO. Carlos & BACELAR. Jéferson (orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Salvador, BA, 1999.
- TERRET, T. *Naissance e développement de la natation sportive*. Paris: L'Harmattan, 1994.
- TOLEDO. Luis Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado em Antropologia Social do Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- TRAGTENBERG. Mauricio. Apresentação/prefácio. In: *Weber*. São Paulo: Nova Cultural (Série Os Economistas), 1997.
- VALENTE. Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- VILAS BOAS. C. *Futebol na Bahia*. Salvador, 1973 (impressão própria).
- VINNAI. Gerard. *El fútbol como ideología*. Madrid: Siglo XXI, 1978.
- VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA, Roberto (Org.) Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- WEBER. Max . *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1988.
- _____. La ciência como vocación. In: GERTH, Hans; MILLS, Carl W. (Orgs.). *Ensayos de sociologia contemporánea*. Barcelona: Martínez Roca, 1975.
- WILLIAM, R. M. *Sport and culture: a psycho-sociological interpretation*. New York: Knoff, 1994.

Observação: todas as citações de GUTMANN. A. (1979 e 1994) e DEFRANCE, Jacques são traduções próprias.

BIBLIOGRAFIA

- ARNT, Hérís. Uma leitura simbólica do futebol. *Revista Pesquisa de Campo da UERJ. Futebol: síntese da vida brasileira*, n. 3/4, 1996.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.
- BARBANTI, Valdir. *Treinamento físico: bases científicas*. São Paulo: CLR Balieiro, 1996.
- BARDIN. Lawrence. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- BARROS, José M. Almeida. *Futebol: porque foi... porque não é mais*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- BIRLEY, Derek. *Sport and the making of Britain*. Manchester: University Press, 1993.
- BRANDÃO, Carlos. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CARVALHO, Edgar de Assis. Identidade étnico-cultural e questão nacional. In: *Encontro Interdisciplinar sobre Identidade*, 1, São Paulo: Anais PUC, 1981, p. 18-25.
- DIAS, José. *Futebol de craques... e dos cartolas pernas-de-pau*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Hachette Littératures, 1998.
- FERRETI, Sérgio F. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jéferson (org.): *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Salvador: CEAO/CNPq, 1999.
- FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- GREIMAS. A. J.; LANDOWSKI. E. *Análise do discurso em Ciências Sociais*. São Paulo: Global, 1986.
- HELAL. RONALDO. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOBBERMAN, John. M. *Sport and political ideology*. Texas: University of Texas Press, 1984.
- HOLT, RICHARD. *Sport and the British: a modern history*. Oxford, 1990.
- HUIZINGA. J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- KLOETZEL. K. *O que é superstição*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LAZARTE, Rolando. *Max Weber: ciência e valores*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LE BRETON, David. *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié, 2000.

- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5^a. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- LEPENIES, WOLF. *As três culturas*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MAGILL, Richard A. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.
- MOREIRA, Sérgio B & BITTENCOURT, Nelson. *Metas e mitos: o treinamento racional para corridas de longa distância*. Rio de Janeiro: Sprint, 1985.
- MORIN, E. *Enfrentar a incerteza (aprender a viver, continuação)*. São Paulo, 1998.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola. *Construindo a Nação: futebol nos anos trinta e quarenta*. Tese de Doutorado em História. Programa de Estudo Pós Graduados da PUC/SP, 1998.
- NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: Editora UnB, 1980.
- NUNES, Francisco José. Os “Atletas de Cristo” no país do futebol. *In: COSTA, Márcia Regina et al. Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- NUNES, Marcomede Rangel. *Esporte: instrumento de dominação pedagógica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões Afro-Brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *In: CAROSO, Carlos & BACELAR, Jéferson (org.): Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Salvador: CEAO/CNPq, 1999.
- SANTOS SILVA, A. J. *Coisas do nosso futebol*. Recife: (impressão própria), 1986.
- SIMONNOT, Philippe. *Homo sportivus*. Paris: Gallimard, 1988.
- THOMAS, A. *Esporte: introdução à psicologia*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- TYLOR, E. *Primitive Culture*. Londres: J. Murray & Co. 1958.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- WEBER, Max. *Fundamentos da sociologia*. 2. ed. Porto: Rés Editora, 1968.

Revistas:

- ARTE POPULAR. Capoeira e Jazz. Rio de Janeiro: Editora Três, 1987.
- CARTA CAPITAL. O futebol está sujo. São Paulo, n. 128, de 02.ago.2000
- CARTA CAPITAL. Você já sabia. São Paulo, 27.out.1999.
- PLACAR. Minha vida de boleiro. São Paulo, n. 1169, nov.2000

- PLACAR. Estrela cadente.* n. 58, out. 1999.
- PLACAR. Bira – o gol é minha benção!*, n. 461, p. 12, fev.1979.
- PLACAR. Silêncio o gladiador se defende.* n. 521. p. 26, abr.1980.
- PLACAR. Sai da frente: Serginho chutou o azar,* n. 521, p. 7, abr. 1980.
- REVUE QUEL CORPS?* Paris: François Maspero, 1978.
- MAG FARTLEK. New York, p. 113, vol. 4, 1992
- VEJA.* Chega de convulsão. *Veja*, p. 11-13, out. 1998.

Jornais:

- A GAZETA/ES.* Trinta anos da copa. Vila Velha, 17-6-1992.
- A GAZETA/ES.* Histórias do nosso futebol. Vila Velha, 18 out.1997.
- CORREIO BRASILIENSE,* 27-9-2001.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO.* Bastidores da bola. *Calote?* Recife Esportes, 18 fev.99.
- FOLHA SANTISTA,* 5-2-2000.
- JORNAL DA TARDE.* Scolari já pensa na repescagem. Esportes, 09.nov.2001.
- JORNAL DE PIRACICABA.* Amigos do XV apresentam propostas. Caderno de esportes, p.B1, de 14.ago.2001
- JORNAL DO COMÉRCIO,* 3-4-2002, p. 5.
- LANCE! Rio de Janeiro.* 23 out.2001.

Jornais com autores:

- ABREU, Dinoel Marcos. Pai Nilson vê dias sombrios e diz que clube precisa ser exorcizado. *O Estado de São Paulo*, 18, nov.2000. Esportes, p. 3.
- ABREU, Dinoel Marcos. Luizão não quer ser cortado da seleção. *O Estado de São Paulo.* de 02.nov.2001. Esportes, p. E1.
- ABREU, Dinoel Marcos de. Seleção busca a vitória para o bem da Nação. *O Estado de São Paulo*, de 06 out.2001. Esportes, p. E4.
- BARSETTI, Silvio. *Afonsinho, o pioneiro: ‘faltava a pá de cal’.* *O Estado de São Paulo*, 26 mar. 2001. Esportes.
- CHADE, Jamil. Milla, o craque camarones, exalta atual talento africano. *O Estado do de São Paulo.* Esportes, p. E3, de 02.nov.2001.

- EDSON, Luiz. *O Estado de São Paulo*. 6 out. 2000. “Para Nilton Santos, a seleção não mete medo”.
- DA IDADE DA PEDRA A MARADONA. *O Estado de São Paulo*, 26 mai.1990. Suplemento Especial.
- FOLHA DE SÃO PAULO, de 16.jan.1994. “Negros só foram aceitos em 1918”. Caderno especial.
- HECICO, Fábio. Corinthians festeja a vaga no dia de São Jorge. *O Estado de São Paulo*. 24.abr.2001. Esportes.
- HECICO, Fábio. Chineses na Lusa, atrás do bom futebol. *O Estado de São Paulo*. 27.ago.2001, p. E6, Esportes.
- “LEÃO AVISA: “Quem convoca é o técnico”. *O Estado de São Paulo*, E1, de 21.out.2000.
- MALUF, Eduardo. São Paulo antecipa viagem e leva Suzy Fleury. *O Estado de São Paulo*, p. E2, 18.nov.2000.
- PIZA, Daniel. *Sem o Brasil? Os japoneses nem querem imaginar*. *O Estado de São Paulo*, p. E4, de 12.ago.2001.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Zagalo, 70 anos – colecionador de vitórias: 13 títulos. Esportes, p. E5, 09.ago.2001.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Desempenho na Série A reacende velhas rivalidades. Esportes: futebol, p. E4, de 21.ago.2001.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Cafu, titular por mérito e falta de concorrente. Esportes: E4 de 04.out.2001.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Qualquer sacrifício vale a pena para ver à tarde time do coração. Esportes: 11.out.2001, E1.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Chão de estrelas. Seleção, 09.nov.2001.
- O ESTADO DE SÃO PAULO*. Djalma Santos, Nilton Santos: no tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça. *O Estado de São Paulo*: 28.out.2001, Esportes.
- PRATA, Mário. Futebol, teoria e prática. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, p. D10 de 15.ago.2001.
- PRÓSPERI, Luiz Antonio. Luxemburgo pede que respeitem a Seleção. *O Estado de São Paulo*, 24. jul. 2000. Esporte.
- _____. “Schumacher apresenta o seu lado místico”. *O Estado de São Paulo*, 11-10-2000 Caderno Página de esportes 4E.

NOGUEIRA, Armando. Uma noite deplorável. *O Estado de São Paulo*. Caderno de esportes: E2, 9-9-2001.

REALI JR. Sem drogas, campeões não vencem provas. *O Estado de São Paulo*, E5, 26-1--2000.

TAVARES, Márcio e GUEIROS, Pedro Motta. *Fla x Bota, ação entre amigos*. O Globo, 1-4-2001.

VILARON, Wagner. Futebol brasileiro tem hoje um dia histórico. *O Estado de São Paulo*. 26-3-2001. Esporte.

_____. Contra o Bahia, Picerni fala como Filipão. *O Estado de São Paulo*. 5-3-2001. Esporte E4.

VILARON, Wagner. Sem mandingas rezas... Palmeiras precisa só jogar. *O Estado de São Paulo*, 16-10-2001. Esportes, p. 3.

Internet:

www.starmedia.com/esportes.htm (disponível em 23.10.2001).

www.starmedia.com.es, de 12-10-2002

Programas de TV:

Programa Globo Repórter, exibido pela Rede Globo de TV, em 17-8-2001, 22h